

o  
PIMPINELA  
ESCARLATE

BARONESA ORCZY

 PEDRAZUL  
EDITORA

# DADOS DE ODINRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

## Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

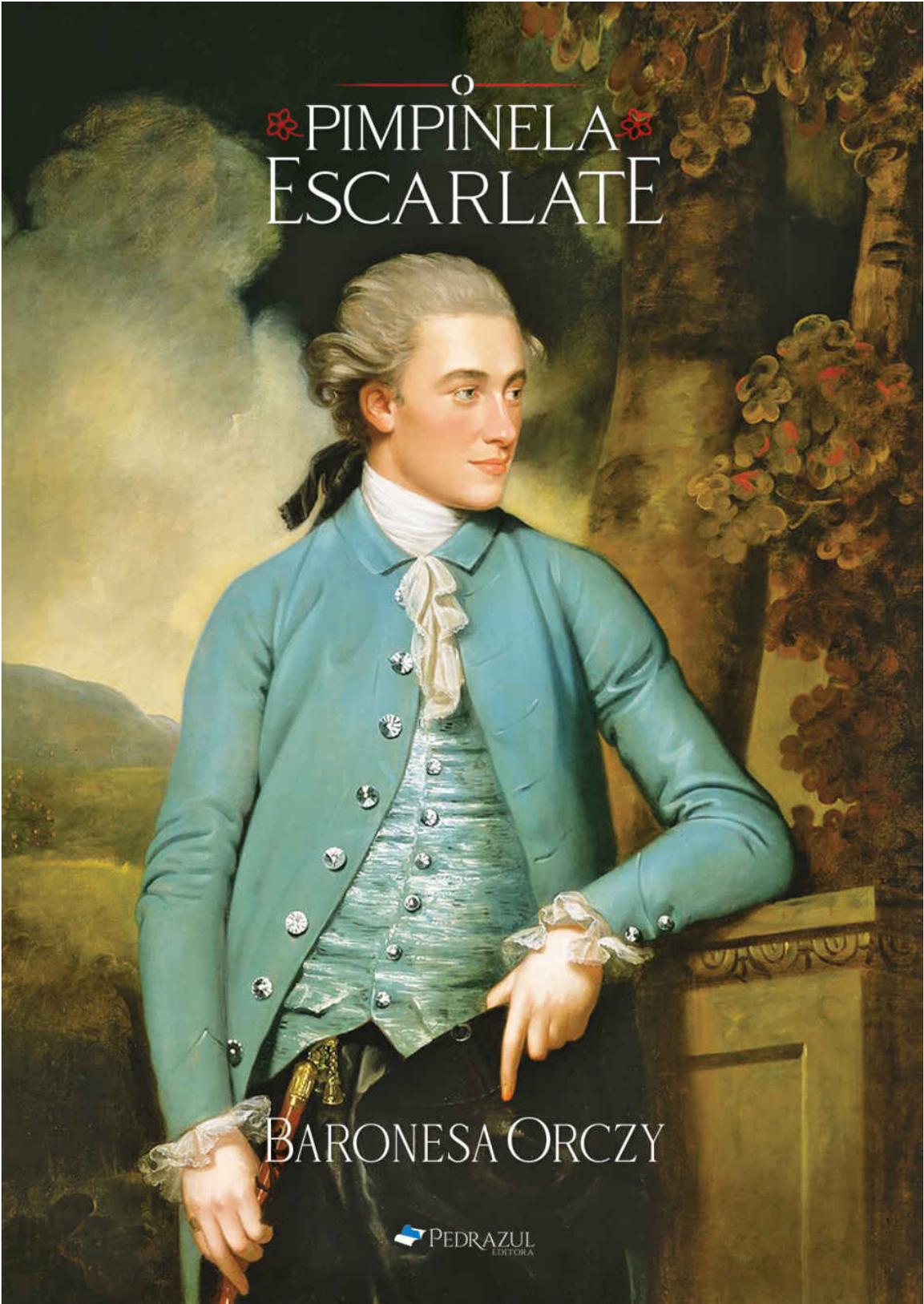
Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e***

***poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir  
a um novo nível."***

**eLivros**.love

Converted by [convertEPub](#)



o  
PIMPINELA  
ESCARLATE

BARONESA ORCZY

PEDRAZUL  
EDITORIA

— O —  
❁ PIMPINELA ❁  
ESCARLATE



BARONESA ORCZY

Tradução de Ricardo Maciel

  
PEDRAZUL  
EDITORA



INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I

PARIS, SETEMBRO DE 1792

CAPÍTULO II

DOVER

O DESCANSO DOS PESCADORES

CAPÍTULO III

OS REFUGIADOS

CAPÍTULO IV

A LIGA DO PIMPINELA ESCARLATE

CAPÍTULO V

MARGUERITE

CAPÍTULO VI

UM REQUINTADO EM '92

CAPÍTULO VII

O POMAR SECRETO

CAPÍTULO VIII

O AGENTE CREDENCIADO

CAPÍTULO IX

A INDIGNAÇÃO

CAPÍTULO X

NO CAMAROTE DA ÓPERA

CAPÍTULO XI

O BAILE DE LORDE GRENVILLE

CAPÍTULO XII

O PEDAÇO DE PAPEL

CAPÍTULO XIII

OU - OU?

CAPÍTULO XIV

PRECISAMENTE À UMA HORA!

CAPÍTULO XV

DÚVIDA

CAPÍTULO XVI

RICHMOND

CAPÍTULO XVII

ADEUS

CAPÍTULO XVIII

O SÍMBOLO MISTERIOSO

CAPÍTULO XIX

O PIMPINELA ESCARLATE

CAPÍTULO XX

O AMIGO

CAPÍTULO XXI

SUSPENSE

CAPÍTULO XXII

CALAIS

CAPÍTULO XXIII

ESPERANÇA

CAPÍTULO XXIV

A ARMADILHA MORTAL

CAPÍTULO XXV

A ÁGUIA E A RAPOSA

CAPÍTULO XXVI

O JUDEU

CAPÍTULO XXVII

NA PISTA

CAPÍTULO XXVIII

A CABANA DO PADRE BLANCHARD

CAPÍTULO XXIX

ENCURRALADA

CAPÍTULO XXX

A ESCUNA

CAPÍTULO XXXI

A FUGA

COLEÇÃO PIMPINELA ESCARLATE

ANEXO HISTÓRICO

BIBLIOGRAFIA DA INTRODUÇÃO

PEDRAZUL EDITORA, UMA HISTÓRIA QUE SE MISTURA  
AOS CLÁSSICOS!

FICHA CATALOGRÁFICA

# INTRODUÇÃO

## O PRIMEIRO DE TODOS OS HERÓIS

É um livro de capa e espada? Sim. Com aventuras? Muitas. Tem disfarces? Sim, vários. Uma irmandade secreta? Sim. Uma identidade secreta? Também. Parece familiar? Pois bem. Se pensarmos em heróis com identidades secretas, talvez lembremos de Batman e Bruce Wayne; de Zorro e Don Diego de la Vega; do Super Homem e Clark Kent ou mesmo de Homem Aranha e Peter Parker...

Antes de todos esses, porém, havia o Pimpinela Escarlata.

O livro que você, leitor, tem em mãos – escrito pela romancista e dramaturga britânica nascida na Hungria Emma Magdalena Rozália Mária Jozefa Borbála Orczy de Orzi (1865–1947), conhecida simplesmente como Baronesa Orczy – inaugura uma série de histórias com o personagem Pimpinela. Originalmente uma peça de teatro de muito sucesso em Londres, o romance se passa durante o chamado Reinado do Terror; este aconteceu após o início da Revolução Francesa, que durou de 5 de maio de 1789 a 9 de novembro de 1799.

Sabe-se que o Reinado do Terror foi um dos períodos mais sangrentos da história do país, mesmo que ainda se debata o que ele foi exatamente e qual sua duração certa. Convencionou-se marcar o período que vai da queda dos girondinos (representantes da alta burguesia e

defendiam posições moderadas e a monarquia constitucional), em 5 de setembro de 1793, à prisão de Maximilien de Robespierre, ex-líder dos jacobinos (representantes da média e da pequena burguesia, bem mais radicais), em 27 de julho de 1794. Estima-se que, entre junho de 1793 e julho de 1794, por volta de 16.590 pessoas tenham sido guilhotinadas, sendo 2.640 dessas mortes ocorridas em Paris. Acredita-se, porém, que o número tenha sido muito maior, devido às várias mortes sucedidas sem julgamentos ou nas prisões. No começo, o Terror voltava suas garras aos girondinos e aos realistas (defensores da monarquia), mas depois tornou-se uma perseguição a todos que eram considerados “inimigos” da Revolução, fazendo com que alguns jacobinos e revolucionários também fossem mortos pelo Comitê de Salvação Pública, órgão que conduzia as execuções. É nesse período que aparece Pimpinela, um cavalheiresco inglês que resgatava aristocratas antes que fossem enviados à guilhotina.

Quem foi Baronesa Orczy?

Chamada de “Emmuska” por sua família e amigos, ela nasceu na aristocracia húngara como filha única de Felix Orczy - Barão de Tarna-Ors - e da Condessa Emma Wass. Felix foi um cavalheiro fazendeiro e compositor musical de menor renome. Em 1868, em resposta a uma nova política agrícola nas terras que possuía, Félix foi alvo de uma revolta de arrendatários em Tarna-Ors, e a família

teve de fugir para a segurança da capital, Budapeste, depois Bruxelas e Paris, até se estabelecerem em Londres, quando Emma tinha catorze anos. O medo da ira dos camponeses se tornaria um elemento-chave nos contos posteriores de Pimpinela de sua filha, centrados no resgate de nobres inocentes da justiça da turba. Nessa cidade, no fim do século XIX, Emma cresceu um tanto sozinha e com um complexo de inferioridade alimentado por sua avó dominadora, que insistia que ela conversasse com as pessoas. Emma era uma menina muito calada, não achava que as pessoas eram interessantes o suficiente para que ela se dispusesse a conversar com elas. A avó insistia, para que não parecesse rude ou mal-educada. Ela, a despeito dessa “solidão”, era muito feliz de morar na Inglaterra, pois adorava os britânicos e os achava tremendamente acolhedores.

Baronesa Emmuska Orczy (1865-1947) tornou-se uma romancista britânica lembrada principalmente como autora pelo livro que o leitor tem em mãos, um dos maiores sucessos populares do século XX.

### O Pimpinela Escarlata

A inspiração da autora Emma Orczy, porém, chegou antes do seu título de nobreza. Em 1868, na Hungria rural, a menina Emma celebrava o quinto aniversário de sua irmã mais velha com uma festa de máscaras, com gêneros trocados, ou seja, homens vestiam-se de

mulheres e mulheres de homens. A festa ia bem e barulhenta, até que os pais das meninas, pouco à vontade, bastante nervosos, resolveram colocá-las na cama. As duas perceberam que algo estava errado e rastejaram até a janela, de onde viram parte da propriedade da família sendo incendiada por trabalhadores que temiam ser substituídos pela maquinaria da Revolução Industrial. Foi essa ameaça de intensa revolta que fez com que a família fugisse e buscasse asilo na capital do país.

#### Casou-se com um colega artista

Os Orczy viveram em Bruxelas, na Bélgica, e em Paris, na França, antes de se estabelecerem em Londres, na Inglaterra, em 1880. Foi nessa altura que a baronesa, com 15 anos, começou a aprender inglês, língua em que faria carreira. Inicialmente, contudo, ela se sentiu atraída pela música e sonhava em seguir os passos do pai como compositora. Depois de perceber que não tinha aptidão musical, ela mudou para a arte, tendo aulas de pintura na West London School of Art e na Heatherly's School of Art. Foi nesse último que ela conheceu um colega estudante, Montagu Barstow, com quem se casou em 1895. Seu único filho, John Montagu Orczy Barstow, nasceu quatro anos depois. Filha única, ela se tornou famosa em 1905 com a publicação de *O Pimpinela Escarlata*, o qual relata as aventuras de um "esquivo" cavalheiro, cuja missão era contrabandear aristocratas

franceses para fora do país em segurança. Orczy produziu muitas outras sequências: *O Esquivo Pimpinela* (1908), *O Caminho do Pimpinela Escarlata* (1933), que tiveram menos sucesso do que o original. Ela também escreveu várias histórias de detetive, incluindo *Lady Molly da Scotland Yard* (1910) e *Nós Desvendados* (1925).

### Nobreza sem dinheiro

Os Orczys eram uma família nobre, mas tinham pouca renda real, e esperava-se que Emma Orczy e seu marido se sustentassem financeiramente. Houve vários anos de vacas magras em que Barstow ganhou a vida como ilustrador e tradutor, e Orczy também se aventurou a publicar como tradutora e ilustradora de um volume de contos de fadas húngaros. Por um tempo, a família viveu como hóspedes pagantes em uma casa em Londres, com muita dificuldade. Foi aqui que Emma desistiu de ser uma artista plástica e resolveu tornar-se uma escritora, mas ainda não sabia exatamente qual seria seu tema. Ao visitar Paris, em 1901, ficou indignada com um sentimento antibritânico que encontrou por lá, causado principalmente pela segunda guerra dos Bôeres, na África do Sul. Decidiu por escrever uma defesa do país que tão bem a havia recebido. Diz ela, em sua autobiografia, “eu vi o Pimpinela Escarlata em suas roupas requintadas, suas mãos delgadas segurando sua luneta; ouvi seu discurso arrastado e preguiçoso, sua

risada estranha. Não posso contar em detalhes tudo o que vi e ouvi – foi uma visão mental, claro, e durou apenas alguns segundos –, mas foi toda a história da vida desse personagem”, que somado ao que ela vivera na infância, gerou aquele que seria o grande sucesso de sua carreira.

O manuscrito original foi finalizado em cinco semanas e, segundo a escritora, tratou-se do período mais feliz de sua vida. O livro, porém, foi rejeitado por diversas editoras londrinas, mesmo que Orczy, anteriormente, tivesse tido bastante sucesso em suas histórias de detetive. Um amigo a colocou em contato com um casal de atores que queria um novo drama romântico. A história do Pimpinela foi então produzida e adaptada pelos dois e estreou em 1903, no Theatre Royal de Nottingham, mas não foi um sucesso. O ator e diretor Fred Terry (1863–1933), no entanto, acreditava plenamente na história e, reescrevendo o último ato, levou-a para o West End de Londres, estreando em 5 de janeiro de 1905. Os críticos a acharam antiquada, mas o público adorou. O romance foi publicado dois anos após a estreia da peça, com grande sucesso. O grande Pimpinela Escarlata havia finalmente conquistado o mundo! A popularidade do personagem era tão grande, que a autora passou os próximos 35 anos de sua vida escrevendo mais de dez sequências para ele. A história foi transformada em musical, adaptada para a televisão e o cinema, além de outras mídias.

A autora e seu personagem principal – que retira seu nome de herói de uma flor, pequena e vermelha, comum na Inglaterra, chamada *anagallis arvensis* – estabelecem as regras que seriam muito usadas posteriormente para os super-heróis de hoje em dia: os disfarces, a arma característica (a espada), a capacidade de enganar os adversários e um símbolo específico (nesse caso, um cartão de visita com o desenho da pimpinela). Sem entrar em detalhes maiores do personagem principal, para não estragar a surpresa, podemos dizer que é um homem fino, de alta classe, que faz o que faz por diversão, nada mais.

O sucesso resultante de *O Pimpinela Escarlata* deu a Orczy e sua família liberdade financeira permanente. Eles se mudaram para uma vila em Monte Carlo, no principado mediterrâneo de Mônaco, após a Primeira Guerra Mundial, onde ela e Barstow defenderam sua propriedade literária em uma série de ações judiciais com os Terrys, principalmente sobre direitos cinematográficos e compensações. Na verdade, houve várias versões cinematográficas da história de Pimpinela, mas a mais conhecida continua sendo a produção de 1934, estrelada pelo ator britânico Leslie Howard (1893-1943) e Merle Oberon (1911-1979). A palavra “pimpinela” tornou-se sinônimo de pessoa hábil em disfarçar sua verdadeira identidade. Foi utilizado em dois casos famosos durante a Segunda Guerra Mundial, um envolvendo um homem americano e outro um ministro

escocês, cada um dos quais salvou civis e militares da ameaça representada pela Alemanha nazista e pelas suas políticas antissemitas. Mais tarde, o ativista sul-africano antiapartheid Nelson Mandela (1918-2013) foi apelidado de “Pimpinela Negra” quando vivia escondido.

O estadunidense Stan Lee (1922-2018), cocriador da Marvel Comics e de personagens como Homem-Aranha, Homem de Ferro, Hulk, Doutor Estranho, Quarteto Fantástico, Demolidor, Pantera Negra, X-Men e os Vingadores, declarou em sua conta no Twitter (hoje X), em setembro de 2018, poucos meses antes de sua morte, que o “‘Pimpinela Escarlata’ foi o primeiro super-herói sobre o qual li, o primeiro personagem que poderia ser chamado de super-herói. Ele era um homem que, sim, usava um disfarce, mas não era uma máscara nem nada parecido. Ele simplesmente não deixava as pessoas saberem quem ele realmente era.” Ele aproveita para elogiar o filme de 1934, em que o papel-título é interpretado pelo ator, diretor, produtor e escritor inglês, Leslie Howard (1893-1943), um dos maiores ídolos do cinema dos anos 30, tendo participado de *E o Vento Levou* (Gone With The Wind), de 1939; *Romance Antigo* (Berkeley Square), de 1933; *A Servidão Humana* (Of Human Bondage), de 1934 e *Pigmalião* (Pygmalion), de 1938, tendo sido indicado ao Oscar de Melhor Ator por *Romance Antigo* e *Pigmalião*.

Conexões a serem feitas com super-heróis podem ser, por exemplo, o fato do Homem-Aranha também deixar

bilhetes com uma assinatura “amigo da vizinhança, Homem-Aranha”, e o fato do Pimpinela ser um playboy, meio tolo, como Bruce Wayne.

O livro é extremamente divertido, contagiante, como as antigas histórias de capa e espada. Tenho certeza de que os leitores do clube irão se apaixonar por esse grande personagem! Preparem-se para muitas aventuras, decepções, enganos, mentiras e muita coragem!

Orczy ficou viúva durante a Segunda Guerra Mundial e, assim que as hostilidades terminaram, voltou para sua casa, na Inglaterra, em Henley-on-Thames, por volta de cinquenta quilômetros de Londres. Ela morreu em Londres em 12 de novembro de 1947, aos 82 anos.

Ricardo Maciel  
Tradutor

# CAPÍTULO I

## PARIS, SETEMBRO DE 1792

Uma multidão de seres - humanos apenas no nome, pois nos olhos e ouvidos pareciam nada mais do que selvagens criaturas, animadas por paixões vis, pelo desejo de vingança e pelo ódio - estava aglomerada, àquela hora, pouco antes do pôr do sol, na Barricada Oeste,<sup>[1]</sup> no mesmo local onde, uma década depois, um orgulhoso tirano ergueria um monumento eterno à glória da nação e à sua própria vaidade.

Durante a maior parte do dia, a guilhotina manteve-se ocupada com seu horrível trabalho: tudo de que a França se gabara nos séculos passados, como nomes antigos e sangue azul, agora pagava o preço pelo desejo da máquina por liberdade e fraternidade. A carnificina só havia cessado, nesta hora tardia, porque havia outros locais mais interessantes para o povo testemunhar, pouco antes do fechamento das barricadas, no decorrer da noite. E assim a multidão saiu correndo da Place de la Grève<sup>[2]</sup> e dirigiu-se às várias barricadas para assistir a outro espetáculo interessante e divertido.

Espetáculo esse que podia ser visto todos os dias, pois aqueles aristocratas eram uns tolos! Eram traidores do povo, é claro, todos eles, homens, mulheres e crianças, que, por acaso, eram descendentes dos grandes homens que desde as Cruzadas<sup>[3]</sup> haviam feito a glória da França:

a sua antiga noblesse<sup>[4]</sup>. Seus antepassados haviam oprimido o povo, tinham-no esmagado sob os saltos escarlates dos seus delicados sapatos de fivela, e agora o povo tinha se tornado governante da França e esmagado seus antigos senhores - não sob os seus calcanhares, pois andavam descalços, especialmente nestes dias - sob um peso mais eficaz: o gume da guilhotina.

Todos os dias, de hora em hora, o hediondo instrumento de tortura ceifava suas muitas vítimas - homens velhos, mulheres jovens, crianças pequenas, até o dia em que finalmente exigiria a cabeça de um rei e de uma bela e jovem rainha.

Mas era assim que deveria ser: não era o povo agora governante da França? Cada aristocrata era um traidor, tal como seus antepassados tinham sido antes dele. Por duzentos anos, o povo tinha suado, se esforçado e passado fome para manter uma corte lasciva em extravagância pródiga; agora, os descendentes daqueles que ajudaram a tornar brilhantes aquelas cortes tinham de se esconder para salvar suas vidas - fugir, se quisessem evitar essa vingança tardia.

E eles, de fato, tentaram se esconder e fugir: era isso que deixava tudo mais divertido. Todas as tardes, antes dos portões se fecharem e das carroças do mercado saírem em procissão pelas diversas barricadas, algum tolo aristocrata tentava escapar das garras do Comitê de Salvação Pública.<sup>[5]</sup> Sob vários disfarces, sob vários

pretextos, tentavam escapar pelas barreiras tão bem guardadas pelos cidadãos-soldados<sup>[6]</sup> da República. Homens em trajes de mulher, mulheres em trajes de homem, crianças disfarçadas em trapos de mendigo, tentativas de todo tipo: condes ci-devant<sup>[7]</sup>, marqueses e até duques, que queriam fugir da França, chegar à Inglaterra ou a algum outro país igualmente amaldiçoado, para ali tentar despertar sentimentos estrangeiros contra a gloriosa Revolução ou formar um exército para libertar os miseráveis prisioneiros do Templo,<sup>[8]</sup> que outrora se autodenominaram soberanos da França. Estes, porém, eram quase sempre apanhados nas barricadas.

O sargento Bibot, responsável pelo Portão Oeste, tinha um faro singular e maravilhoso para encontrar um aristocrata com perfeitos disfarces. Então, é claro, a diversão começava. Bibot olhava para sua presa como um gato olha para o rato, brincava com ela, às vezes por um bom quarto de hora, fingia ser enganado pelo disfarce, pelas perucas e outras peças de maquiagem teatral que escondiam a identidade de uma nobre marquesa ou conde ci-devant. Oh, Bibot tinha um apurado senso de humor e valia a pena ficar por perto daquela Barricada Oeste para vê-lo pegar um aristocrata tentando fugir da vingança do povo.

Às vezes, o sargento deixava sua presa sair pelos portões, permitindo-lhe pensar - por, pelo menos, dois minutos - que ela havia realmente escapado de Paris e

poderia até conseguir chegar à costa da Inglaterra em segurança. Bibot, porém, deixava a infeliz caminhar cerca de dez metros em direção ao campo aberto, depois mandava dois homens atrás dela e a trazia de volta, despojada do disfarce.

Oh! Isso era muito engraçado, pois, muitas vezes, o fugitivo se revelava uma mulher, alguma marquesa orgulhosa, que parecia terrivelmente cômica quando, afinal, se encontrava nas garras de Bibot e sabia que um julgamento sumário a aguardaria no dia seguinte e, depois disso, o abraço carinhoso de Madame la Guillotine.<sup>[9]</sup>

Não é de se admirar que, naquela bela tarde de setembro, a multidão em volta do portão de Bibot estivesse ansiosa e excitada. A sede de sangue crescia com a satisfação, não havia saciedade: a multidão, que tinha visto cem cabeças nobres caírem na guilhotina, queria ter a certeza de que veria outras cem caírem no dia seguinte.

Bibot estava sentado em um barril virado e vazio perto do portão da barricada; um pequeno destacamento de soldados estava sob seu comando. O trabalho estava muito intenso ultimamente. Aqueles malditos aristocratas ficavam cada vez mais aterrorizados e tentavam ao máximo escapar de Paris: homens, mulheres e crianças, cujos ancestrais, mesmo em épocas remotas, serviram aqueles bourbons<sup>[10]</sup> traidores ou eram eles próprios os traidores e comida certa para a

guilhotina. Todos os dias, Bibot tinha a satisfação de desmascarar alguns monarquistas fugitivos e mandá-los de volta para serem julgados pelo Comitê de Salvação Pública, presidido por aquele bom patriota, cidadão<sup>[11]</sup> Fouquier-Tinville.<sup>[12]</sup>

Robespierre<sup>[13]</sup> e Danton<sup>[14]</sup> elogiaram Bibot por seu zelo e ele estava orgulhoso do fato de ter, por sua própria iniciativa, enviado, pelo menos, cinquenta aristocratas para a guilhotina.

Naquele dia, no entanto, todos os sargentos que comandavam as diversas barricadas tinham ordens especiais. Recentemente, muitos aristocratas haviam conseguido escapar da França e chegar à Inglaterra em segurança. Rumores curiosos sobre essas fugas circulavam, tornando-se muito frequentes e, especialmente, ousados. As mentes das pessoas estavam ficando estranhamente entusiasmadas com tudo isso. O sargento GrosPierre foi mandado para a guilhotina por permitir que uma família inteira de aristocratas escapasse do Portão Norte bem debaixo de seu nariz.

Afirmou-se que essas fugas foram organizadas por um bando de ingleses, cuja ousadia parecia sem precedentes e que, pelo puro desejo de se intrometerem no que não lhes dizia respeito, passavam o tempo livre arrebatando vítimas legítimas destinadas à Madame la Guillotine. Esses rumores logo se tornaram mais extravagantes, já não havia dúvida de que esse bando de ingleses

intrometidos existia. Além disso, parecia estar sob a liderança de um homem cuja coragem e audácia eram quase fabulosas. Circulavam histórias estranhas de como ele e os aristocratas que ele resgatou, de repente, se tornavam, por pura ação sobrenatural, invisíveis ao alcançarem as barricadas e escaparem pelos portões.

Ninguém tinha visto esses ingleses misteriosos. Nunca se falou de seu líder, salvo com um arrepio supersticioso. O cidadão Fouquier-Tinville receberia no decorrer do dia um pedaço de papel de alguma fonte misteriosa; às vezes, encontrava-o no bolso do casaco, outras vezes lhe era entregue por alguém da multidão, enquanto se dirigia para a sessão do Comitê de Salvação Pública. O papel sempre continha um breve aviso de que o bando de ingleses intrometidos estava trabalhando e era sempre assinado com um emblema desenhado em vermelho – uma pequena flor em forma de estrela, que nós, na Inglaterra, chamamos de “Pimpinela Escarlata”<sup>[15]</sup>. Poucas horas após a recepção desta atrevida notificação, os cidadãos do Comitê de Salvação Pública saberiam que muitos monarquistas e aristocratas tinham conseguido chegar à costa e estavam a caminho da Inglaterra e da segurança.

Os guardas nos portões haviam sido dobrados, os sargentos no comando foram ameaçados de morte, enquanto recompensas liberais foram oferecidas pela captura desses ingleses ousados e atrevidos. Havia uma quantia de cinco mil francos<sup>[16]</sup> prometida ao homem que

colocasse as mãos no misterioso e esquivo Pimpinela Escarlata.

Todos sentiram que Bibot seria esse homem e ele permitiu que essa crença se enraizasse firmemente na mente de todos. Assim, dia após dia, pessoas vinham observá-lo no Portão Oeste, desejando estar presentes quando ele colocasse as mãos em algum aristocrata fugitivo que talvez pudesse estar acompanhado do misterioso inglês.

— Ora! — disse ele ao seu cabo de confiança. — Cidadão GrosPierre era um tolo! Se eu estivesse naquele Portão Norte na semana passada...

O cidadão Bibot cuspiu no chão para expressar seu desprezo pela estupidez de seu camarada.

— Como aconteceu, cidadão? — perguntou o cabo.

— GrosPierre estava no portão, vigiando atentamente — começou Bibot, pomposamente, enquanto a multidão se aproximava dele, ouvindo ansiosamente sua narrativa. — Todos nós já ouvimos falar desse inglês intrometido, esse maldito Pimpinela Escarlata. Ele não vai passar pelo meu portão (morbleu!<sup>[17]</sup>), a menos que ele seja o próprio diabo. Mas GrosPierre era um tolo. As carroças do mercado passavam pelos portões; havia uma carregada de barris e conduzida por um velho, com um menino ao lado. GrosPierre estava um pouco bêbado, mas se considerava muito inteligente; olhou para dentro dos barris - para a maioria deles, pelo menos - e viu que estavam vazios e deixou a carroça passar.

Um murmúrio de ira e desprezo percorreu o grupo de infelizes malvestidos, que se aglomerava em torno do Cidadão Bibot.

— Meia hora depois — continuou o sargento — surgiu um capitão da guarda com um pelotão de algumas dezenas de soldados: “Passou uma carroça por aqui?”, pergunta ele a GrosPierre, sem fôlego. “Sim, nem meia hora atrás”. “E você os deixou escapar?”, gritou o capitão furiosamente. “Você vai para a guilhotina por isso, sargento-cidadão! Aquela carroça escondia o ci-devant duque de Chalis e toda sua família!”. “O quê?”, trovejou GrosPierre, horrorizado. “Sim! E o motorista não era outro senão aquele maldito inglês, Pimpinela Escarlata.”

Um uivo de execração saudou esta história. Cidadão GrosPierre pagou pelo seu erro na guilhotina, que idiota! Que tolo! Bibot estava rindo tanto de sua própria história que demorou algum tempo até que pudesse continuar:

— “Atrás deles, meus homens!”, gritou o capitão — disse ele, depois de um tempo. — “Lembrem-se da recompensa! Atrás deles, não podem ter ido longe!” E com isso, atravessou o portão, seguido por sua dúzia de soldados.

— Mas já era tarde! — gritou a multidão, animada.

— Eles nunca os pegaram!

— Amaldiçoe GrosPierre pela sua insensatez!

— Ele mereceu seu destino!

— Imagine não examinar aqueles barris direito!

Essas falas pareciam divertir excessivamente o cidadão Bibot; ele riu até sentir dores nas laterais do corpo e lágrimas escorrerem por seu rosto.

— Não, não! — disse finalmente. — Aqueles aristocratas não estavam na carroça e o motorista não era o Pimpinela Escarlata!

— O quê?

— Não! O capitão da guarda era o maldito inglês disfarçado e seus soldados eram os aristocratas!

A multidão desta vez não disse nada: a história certamente tinha sabor de sobrenatural e, embora a República tivesse abolido Deus,<sup>[18]</sup> não conseguiu matar o medo do sobrenatural no coração das pessoas. De fato, aquele inglês devia ser o próprio diabo.

O sol se punha no Oeste e Bibot preparava-se para fechar os portões.

— As carroças estão liberadas — disse ele.

Cerca de uma dúzia de carroças cobertas estava disposta em fila, pronta para sair da cidade, a fim de buscar os produtos no campo próximo para o mercado na manhã seguinte. Eram bem conhecidas por Bibot, pois passavam por seu portão duas vezes por dia no caminho de ida e volta para a cidade. Conversou com um ou dois dos motoristas - a maioria mulheres - e fez um grande esforço para examinar o interior das carroças.

— Nunca se sabe — dizia ele — e não serei pego como aquele idiota do GrosPierre.

As mulheres que conduziam as carroças costumavam passar o dia na Place de la Grève, sob a plataforma da guilhotina, tricotando e fofocando, enquanto observavam as fileiras de tumbris<sup>[19]</sup> chegando com as vítimas que o Reino do Terror<sup>[20]</sup> reivindicava todos os dias. Era muito divertido ver os aristocratas chegando para a recepção de Madame la Guillotine e os lugares próximos à plataforma eram muito procurados. Bibot, durante o dia, estava de serviço na Praça. Ele reconheceu a maioria das velhas “tricoteiras”, como eram chamadas, que ficavam lá sentadas e tricotavam, enquanto cabeça após cabeça caía sob o gume da máquina da morte, ficando elas mesmas bastante salpicadas com o sangue daqueles malditos aristocratas.

— Ei! Velha! — disse Bibot para uma daquelas bruxas horríveis. — O que você tem aí?

Ele a tinha visto mais cedo naquele dia, com o tricô e o chicote da carroça bem ao lado dela. Agora, ela prendera uma fileira de cachos encaracolados no cabo do chicote, de todas as cores, do dourado ao prateado, do louro ao escuro, e os acariciava com seus dedos enormes e ossudos enquanto ria de Bibot.

— Fiz amizade com o amante<sup>[21]</sup> de Madame Guillotine — disse ela com uma risada grosseira —, ele cortou esses cachos para mim das cabeças enquanto elas rolavam. Ele me prometeu mais um pouco amanhã, mas não sei se estarei no meu lugar habitual.

— Ah, é? E por quê, la mère? — perguntou Bibot, que, embora fosse um soldado endurecido, não pôde deixar de estremecer diante da terrível repugnância daquela ilusão de mulher, com seu horrível troféu no cabo do chicote.

— Meu neto pegou varíola — disse ela, apontando o polegar para dentro do carrinho —, alguns dizem que é a peste! Se for, não poderei entrar em Paris amanhã.

À primeira menção da palavra “varíola”, Bibot recuou apressadamente e, quando a velha bruxa falou da peste, recuou dela o mais rápido que pôde.

— Maldita seja! — murmurou ele, enquanto toda a multidão evitava apressadamente a carroça, deixando-a sozinha no meio do lugar.

A velha bruxa riu.

— Maldito seja, cidadão, por ser covarde — disse ela. — Ora! Que homem é esse que tem medo de doença?

— Morbleu! A praga!

Todos ficaram impressionados e em silêncio, cheios de horror pela doença repugnante, a única coisa que ainda tinha o poder de despertar terror e repulsa nessas criaturas selvagens e brutalizadas.

— Vá embora, você e sua ninhada pestilenta! — gritou Bibot, com voz rouca.

E, com outra risada áspera e um gesto grosseiro, a velha bruxa chicoteou seu cavalo magro e conduziu sua carroça para fora do portão.

Esse incidente estragou a tarde. O povo estava aterrorizado com aquelas duas maldições horríveis, as duas doenças que nada poderiam curar e que eram as precursoras de uma morte terrível e solitária. Ficaram em volta das barricadas, silenciosos e taciturnos por um tempo, olhando uns para os outros com desconfiança, evitando um ao outro como que por instinto, temendo que a peste já estivesse à espreita no meio deles. Naquele momento, como no caso de GrosPierre, um capitão da guarda apareceu de repente. Mas ele era um conhecido de Bibot e não havia medo de que se revelasse um inglês astuto disfarçado.

— Uma carroça... — gritou ele sem fôlego, antes mesmo de chegar aos portões.

— Que carroça? — perguntou Bibot, asperamente.

— Conduzido por uma velha bruxa... Um carrinho coberto...

— Passou uma dúzia de velhas por aqui... Uma velha bruxa que disse que seu filho estava com a peste?

— Sim...

— Você os deixou ir?

— Morbleu! — exclamou Bibot, cujas bochechas roxas, de repente, ficaram brancas de medo.

— A carroça continha a ci-devant condessa de Tournay e seus dois filhos, todos traidores e condenados à morte.

— E o motorista deles? — murmurou Bibot, enquanto um arrepio supersticioso percorria sua espinha.

— Sacré tonnerre<sup>[22]</sup> — disse o capitão —, acredito que tenha sido aquele maldito inglês, Pimpinela Escarlata.

## CAPÍTULO II

### DOVER<sup>[23]</sup>

## O DESCANSO DOS PESCADORES

Na cozinha, Sally estava extremamente ocupada - panelas e frigideiras estavam enfileiradas no gigantesco fogão à lenha, o enorme caldeirão ficava em um canto e o rolete virava, com lenta deliberação, e apresentava alternadamente ao fogo cada lado de um nobre lombo de vaca. As duas pequenas ajudantes de cozinha andavam de um lado para o outro, ansiosas por fazer algo, com calor e ofegantes, com mangas de algodão bem arregaçadas acima dos cotovelos cheios de covinhas, e rindo de algumas de suas piadas, sempre que Miss Sally virava as costas por um momento. A velha Jemima, de temperamento forte e sólida corpulência, resmungava longa e moderadamente, enquanto, metódica, mexia a panela no fogo.

Os “vamos, Sally!” vinham em alegres inflexões, embora não muito melodiosas, da cafeteria<sup>[24]</sup> ali perto.

— Lud<sup>[25]</sup> abençoe minha alma! — exclamou Sally, com uma risada bem-humorada. — Eu me pergunto o que querem agora!

— Cerveja, é claro — resmungou Jemima —, você não espera que Jimmy Pitkin fique satisfeito com apenas uma caneca, não é?

— Mr. Arry também parecia incomumente sedento — disse Martha, uma das ajudantes, e seus pequenos olhos negros brilharam ao encontrar os de sua companheira, causando uma rodada de risadas curtas e reprimidas.

Sally pareceu zangada por um momento e esfregou pensativamente as mãos nos quadris bem torneados; suas palmas estavam, evidentemente, coçando para entrar em contato com as bochechas rosadas de Martha, mas o bom humor inerente prevaleceu, e com um beicinho e um encolher de ombros, ela voltou sua atenção para as batatas fritas.

— Mas que raios! Sally! Ei, Sally!

E um coro de canecas de estanho, batidas com mãos impacientes nas mesas de carvalho, acompanhava os gritos que clamavam pela rechonchuda filha do taberneiro.

— Sally! — gritou uma voz mais persistente. — Você vai ficar por toda a noite com essa cerveja aí?

— Acho que papai pode pegar a cerveja para eles — murmurou Sally, enquanto Jemima, impassível e sem fazer mais comentários, pegava duas jarras com coroa de espuma da prateleira e começava a encher uma série de canecas de estanho com um pouco daquela cerveja caseira pela qual a estalagem, “O Descanso dos Pescadores”, era famosa desde os tempos do Rei Charles.<sup>[26]</sup> — Ele sabe o quanto estamos ocupadas aqui.

— Seu pai está muito ocupado discutindo política com Mr. Hempseed para se preocupar com você e a cozinha

— resmungou Jemima baixinho.

Sally tinha ido até o pequeno espelho pendurado em um canto da cozinha e estava alisando apressadamente o cabelo e arrumando a touca de babados no ângulo mais adequado sobre os cachos escuros; depois, pegou as canecas pelas alças, três em cada uma das mãos fortes e morenas, e rindo, resmungando, corando, levou-as para a cafeteria.

Lá, certamente não havia nenhum sinal daquela agitação e atividade que mantinha as quatro mulheres ocupadas e com calor na cozinha do outro lado.

A cafeteria Descanso dos Pescadores é, agora no início do século XX, uma atração turística. No final do século XVIII, porém, no ano de graça de 1792, ainda não tinha ganhado a notoriedade e importância que cem anos mais e a loucura da época lhe conferiram desde então. No entanto, já naquele período, era um lugar antigo, pois os caibros e as vigas de carvalho já estavam pretos pelo tempo - assim como os assentos apainelados, com encosto alto, e as longas mesas polidas entre eles, sobre as quais inúmeras canecas haviam deixado desenhos fantásticos com anéis de vários tamanhos. Na janela de chumbo, no alto, uma fileira de vasos de gerânios escarlates e esporas azuis dava um toque de cor brilhante ao fundo fosco do carvalho.

Que Mr. Jellyband, proprietário da cafeteria Descanso dos Pescadores, em Dover, era um homem próspero, isso era claro para o observador mais casual. O estanho nas

belas e antigas cômodas e o latão acima do gigantesco fogão à lenha brilhavam como prata e ouro – o piso de azulejos vermelhos era tão brilhante quanto o gerânio escarlata no parapeito da janela. Significava que seus empregados eram bons e abundantes, que a clientela era constante e daquele tipo que exigia a manutenção da cafeteria com um alto padrão de elegância e ordem.

Quando Sally entrou, rindo através da testa franzida e exibindo uma fileira de dentes brancos e deslumbrantes, foi saudada com gritos e aplausos.

— Ora, aí está Sally! Oi, Sally! Viva a linda Sally!

— Achei que você tivesse ficado surda naquela sua cozinha — murmurou Jimmy Pitkin, passando as costas da mão pelos lábios muito secos.

— Está bem, está bem! — riu Sally, enquanto depositava as canecas recém-cheias sobre as mesas. — Ora, mas que pressa é essa? Sua avó está morrendo e você quer ver a pobre alma antes que ela vá embora? Nunca vi uma pessoa tão apressada!

Um coro de risadas bem-humoradas saudou essa espirituosidade, o que deu à companhia presente motivo para muitas piadas por um tempo considerável. Sally, então, parecia menos apressada em voltar para seus potes e panelas. Um jovem de cabelos louros encaracolados e olhos azuis brilhantes e ansiosos ocupava a maior parte de sua atenção e de todo o seu tempo, enquanto amplas piadas sobre a avó fictícia de

Jimmy Pitkin voavam de boca em boca, misturadas com fortes e pungentes baforadas de tabaco.

De frente para a lareira, com as pernas bem abertas, um longo cachimbo de barro na boca, estava o taberneiro, o digno Mr. Jellyband, proprietário da Descanso dos Pescadores - como seu pai havia sido antes dele, sim, e seu avô e bisavô também, aliás. De constituição corpulenta, semblante jovial e um tanto careca, Mr. Jellyband era, de fato, um típico John Bull<sup>[27]</sup> rural daqueles dias - os dias em que nossa insularidade preconceituosa estava no auge, quando, para um inglês, fosse ele um lorde, proprietário rural ou camponês,<sup>[28]</sup> todo o continente europeu era um antro de imoralidade e o resto do mundo, uma terra inexplorada de selvagens e canibais.

Lá estava ele, o digno taberneiro, firme e bem constituído, fumando seu longo churchwarden<sup>[29]</sup>, não se importando com ninguém em casa e desprezando todos no exterior. Usava o típico colete escarlate, com botões de latão brilhantes, calças de veludo cotelê, meias de lã cinza e elegantes sapatos de fivela, que caracterizavam todo estalajadeiro que se prezasse na Grã-Bretanha naqueles dias - e, embora a bonita e órfã de mãe, Sally, precisasse de quatro pares de mãos morenas para fazer todo o trabalho que caía sobre seus ombros bem torneados, o digno Jellyband discutia os assuntos das nações com seus convidados mais privilegiados.

A cafeteria, iluminada por duas luminárias bem polidas, penduradas nas vigas do teto, parecia extremamente alegre e aconchegante. Através das densas nuvens de fumaça que pairavam em todos os cantos, os rostos dos clientes de Mr. Jellyband pareciam vermelhos e agradáveis de se olhar, e em boas relações consigo mesmos, com seu anfitrião e com todo o mundo; de todos os lados da sala, gargalhadas altas acompanhavam uma conversa agradável, se não altamente intelectual – enquanto as risadas repetidas de Sally mostravam o bom uso que Mr. Harry Waite estava fazendo do pouco tempo que ela parecia disposta a oferecer-lhe.

A maioria dos que frequentavam a cafeteria de Mr. Jellyband era de pescadores, conhecidos por serem pessoas com muita sede; o sal que respiravam quando estavam no mar era responsável pela garganta seca quando estavam em terra. Mas “O Descanso dos Pescadores” era algo mais do que um lugar de encontros para essa gente humilde. A carruagem de Londres para Dover partia diariamente daquela estalagem e os passageiros que cruzavam o Canal da Mancha<sup>[30]</sup> e aqueles que partiam para o grand tour,<sup>[31]</sup> todos conheciam Mr. Jellyband, seus vinhos franceses e suas cervejas caseiras.

Era perto do final de setembro de 1792, e o clima, que tinha sido iluminado e quente durante todo o mês, havia mudado subitamente. Por dois dias, torrentes de chuva

inundaram o sul da Inglaterra, fazendo o possível para arruinar as chances que as maçãs, peras e ameixas tardias tinham de se tornarem frutas realmente excelentes. Mesmo agora, a chuva batia nas janelas de chumbo e caía pela chaminé, fazendo o alegre fogo de lenha chiar na lareira.

— Lud! O senhor já viu um setembro tão chuvoso, Mr. Jellyband? — perguntou Mr. Hempseed.

Ele sentou-se em um dos assentos próximos à lareira, pois era uma autoridade e um personagem importante não apenas na Descanso dos Pescadores, onde Mr. Jellyband sempre fazia uma seleção especial como um contraponto às discussões políticas, mas em toda a vizinhança, onde seu conhecimento, principalmente das Escrituras, era tido com o mais profundo respeito e admiração. Com uma das mãos enterrada nos bolsos espaçosos de sua calça de veludo cotelê, por baixo do avental bem trabalhado e elaborado, e a outra segurando seu longo cachimbo de barro, Mr. Hempseed estava ali sentado, olhando desanimado para o outro lado da sala, para os riachinhos de umidade que escorriam pela janela.

— Não — respondeu Mr. Jellyband, taxativamente. — Não, Mr. Hempseed, nunca. E estou nesta região há quase 60 anos.

— Pois é! O senhor não se lembraria dos primeiros 3 anos desses 60, Mr. Jellyband — interveio calmamente Mr. Hempseed. — Não sei se alguma vez vi uma criança

prestar atenção ao clima, pelo menos não por aqui, e eu já vivi quase 75 anos, Mr. Jellyband.

A superioridade desta sabedoria era tão incontestável que, por um momento, Mr. Jellyband não estava preparado para seu fluxo habitual de argumentação.

— Parece mais abril do que setembro, não é? — continuou Mr. Hempseed, tristemente, enquanto gotas de chuva caíam com chiado sobre o fogo.

— Sim! Isso parece — concordou o digno taberneiro —, mas então o que se pode esperar, Mr. Hempseed, eu digo, com um governo como o que temos?

Hempseed abanou a cabeça com uma sabedoria infinita, temperada por uma desconfiança profundamente enraizada tanto no clima quanto no governo britânico.

— Não espero nada, Mr. Jellyband — disse ele. — Pobres, como nós, não têm importância lá em Lunnon<sup>[32]</sup>, eu sei disso, e não é sempre que reclamo. Mas quando se fala desse clima chuvoso em setembro, e com todas as minhas frutas apodrecendo e morrendo como o primogênito da mãe Egípcia<sup>[33]</sup>, e não servindo para mais do que eles serviram, pobres coitadas, exceto para muitos judeus, mascates e outros, com suas laranjas e outras frutas estrangeiras e ímpias, que ninguém compraria se as maçãs e peras inglesas estivessem grandes. Como dizem as Escrituras...<sup>[34]</sup>

— Isso mesmo, Mr. Hempseed — retrucou Jellyband —, e, como eu disse, o que se pode esperar? Lá estão todos

aqueles demônios franceses do outro lado do Canal, assassinando seu rei e sua nobreza, e Mr. Pitt<sup>[35]</sup>, Mr. Fox<sup>[36]</sup> e Mr. Burke<sup>[37]</sup> brigando e discutindo entre si, como se nós, ingleses, devêssemos impedi-los de seguir em seu ímpio caminho. “Deixe-os assassinar!”, diz o Mr. Pitt. “Pare-os!”, diz o Mr. Burke.

— E “deixe-os assassinar”, digo eu, e que se danem todos! — exclamou Mr. Hempseed, enfaticamente, pois ele tinha pouca simpatia pelos argumentos políticos de seu amigo Jellyband, com os quais sempre acabava saindo de sua zona de conforto e tinha apenas poucas chances de exhibir aquelas pérolas de sabedoria que lhe renderam uma reputação tão elevada na vizinhança e tantas canecas de cerveja grátis na Descanso dos Pescadores.

— Deixe-os assassinar — ele repetiu —, mas que não tenhamos chuva forte em setembro, pois isso é contra a lei e as Escrituras, que dizem...

— Lud! Mr. Arry, o senhor me fez pular!

Foi lamentável para Sally e seu flerte que esse comentário dela tivesse ocorrido no exato momento em que Mr. Hempseed estava recuperando o fôlego, a fim de declamar uma daquelas declarações bíblicas que o tornaram famoso, pois isso fez com que fosse derrubada, sobre sua linda cabeça, toda a ira de seu pai.

— Ora, Sally, minha garota, pare agora! — ele disse, tentando forçar uma carranca em seu rosto bem-

humorado. — Pare de brincadeira com aqueles jovens idiotas e continue com o trabalho.

— O trabalho está indo bem, pai.

Mas Mr. Jellyband foi peremptório. Ele tinha outras ideias para sua filha rechonchuda, sua única filha, que, no devido tempo de Deus, se tornaria dona da Descanso dos Pescadores ao invés de casada com um desses jovens que ganhavam apenas um sustento precário com sua rede.

— Você me ouviu falar, garota? — ele disse naquele tom baixo, que ninguém dentro da pousada ousava desobedecer. — Continue com o jantar de lorde Tony, pois, se não for o melhor que podemos fazer, e ele não ficar satisfeito, você vai ver o que vai lhe acontecer, pode esperar.

Relutantemente, Sally obedeceu.

— Você está esperando convidados especiais esta noite, Mr. Jellyband? — perguntou Jimmy Pitkin, em uma tentativa leal de distrair a atenção do taberneiro das circunstâncias relacionadas com a saída de Sally da sala.

— Sim! Isso estou — respondeu Jellyband —, amigos do próprio lorde Tony. Duques e duquesas do além-mar, a quem o jovem lorde e seu amigo, Sir Andrew Ffoulkes, e outros jovens nobres ajudaram a tirar das garras daqueles demônios assassinos.

Mas isso foi demais para a queixosa filosofia do Mr. Hempseed.

— Lud! — ele disse. — Eu me pergunto por que eles fazem isso. Eu não gosto de interferir nas maneiras de outras pessoas. Como dizem as Escrituras...

— Talvez, Mr. Hempseed — interrompeu Jellyband, com sarcasmo mordaz —, seja pelo fato do senhor ser amigo do Mr. Pitt e concordar com Mr. Fox ao dizer “Deixe-os assassinar!”

— Perdoe-me, Mr. Jellyband — protestou debilmente Mr. Hempseed. — Nunca fiz isso.

Mas Mr. Jellyband, finalmente, conseguiu montar em seu cavalo de pau favorito e não tinha intenção de desmontar com pressa.

— Ou talvez o senhor tenha feito amizade com alguns dos camaradas franceses que dizem ter vindo aqui com o propósito de fazer com que nós, ingleses, concordemos com seus métodos de assassinato.

— Não sei o que quer dizer, Mr. Jellyband — sugeriu Mr. Hempseed —, tudo que sei é...

— Tudo o que eu sei é — afirmou em voz alta o taberneiro — que lá estava meu amigo Peppercorn, dono do “Javali-de-Cara-Azul”, um inglês tão verdadeiro e leal quanto você veria neste país. E agora olhe para ele! Ele fez amizade com alguns daqueles comedores de sapos, [\[38\]](#) os tratou como se fossem ingleses e não um bando de espões estrangeiros imorais e esquecidos por Deus. Muito bem! E o que aconteceu? Peppercorn agora fala sobre revoluções e liberdade, e “abaixo os aristocratas”, assim como o Mr. Hempseed aqui!

— Perdoe-me, Mr. Jellyband — novamente interveio Mr. Hempseed, fracamente. — Não sei se eu já...

Mr. Jellyband apelou para o grupo em geral, que ouvia maravilhado e boquiaberto a recitação dos desvios de Mr. Peppercorn. Em uma mesa, dois clientes - aparentemente cavalheiros, pelas roupas - deixaram de lado seu jogo de dominó pela metade e ficaram ouvindo por algum tempo, evidentemente muito entretidos, as opiniões internacionais de Mr. Jellyband. Um deles agora, com um sorriso calmo e sarcástico ainda espreitando nos cantos de sua boca, virou-se para o centro da sala onde Mr. Jellyband estava parado.

— Você parece pensar, meu honesto amigo — ele disse calmamente —, que esses franceses - “espiões”, acho que você os chamou - são sujeitos muito inteligentes por terem feito picadinho, por assim dizer, das opiniões do seu amigo, Mr. Peppercorn. Como acha que eles conseguiram isso?

— Lud! Sir, suponho que eles tenham conversado sobre isso. Esses franceses, eu ouvi dizer, têm o dom da palavra, e Mr. Hempseed aqui lhe dirá como é que eles simplesmente enrolam algumas pessoas em volta do dedo mindinho.

— É isso mesmo, Mr. Hempseed? — perguntou o estranho educadamente.

— Não, senhor! — respondeu Mr. Hempseed, muito irritado. — Não sei se posso lhe dar as informações de que precisa.

— Então — disse o estranho —, esperemos, meu digno taberneiro, que esses astutos espiões não consigam perturbar suas opiniões extremamente ardentes e patriotas.

Mas isso foi demais para a agradável serenidade de Mr. Jellyband. Ele caiu na gargalhada, logo ecoada por aqueles que talvez estivessem em dívida com ele.

— Hahaha! Hohoho! Hehehe! — ele riu em todos os tons, até sentir dores nas laterais do corpo e seus olhos lacrimejarem. — Eu? Ouça isso! Você ouviu? Eles perturbarem minhas opiniões? Hahaha! Lud ama o senhor, mas o senhor fala coisas muito estranhas.

— Bem, Mr. Jellyband — disse Mr. Hempseed, sentenciosamente —, sabe o que as Escrituras dizem: “Deixe-me ficar de pé, tome cuidado para que não caia”.

[39]

— Mas então, escute, Mr. Hempseed — retrucou Mr. Jellyband, ainda segurando o corpo de tanto rir —, as Escrituras não me conheciam. Ora, eu nem beberia um copo de cerveja com um daqueles franceses assassinos e nada me faria mudar de opinião, claro que não. Ouvi dizer que aqueles comedores de rãs nem falam o inglês do rei, então, é claro, se algum deles tentasse falar comigo com aquela linguagem esquecida por Deus, ora, eu os identificaria imediatamente, veja! E avisado vale por dois, como diz o ditado.

— Sim! Meu honesto amigo — concordou alegremente o estranho. — Vejo que é muito esperto e está à altura de

quaisquer 20 franceses. Um brinde à sua ótima saúde, meu digno taberneiro, se me der a honra de terminar esta minha garrafa comigo.

— O senhor é certamente muito educado — disse Mr. Jellyband, enxugando os olhos que ainda corriam com a abundância de suas risadas — e não me importo em acompanhá-lo.

O estranho serviu duas canecas cheias de vinho e, depois de oferecer uma ao taberneiro, pegou a outra.

— Sendo todos ingleses leais — disse ele, enquanto o mesmo sorriso bem-humorado brincava nos cantos de seus lábios finos —, por mais patriotas que sejamos, devemos admitir que esta é, pelo menos, uma coisa boa que nos vem da França.

— Sim! Nenhum de nós negará isso, senhor — concordou o taberneiro.

— E um brinde ao melhor proprietário da Inglaterra, nosso digno taberneiro, Mr. Jellyband — disse o estranho em voz alta.

— Viva! Viva! — retrucou toda a companhia presente.

Depois, houve fortes palmas e canecas fizeram uma música estridente sobre as mesas, acompanhadas de risadas altas de nada em particular e das exclamações murmuradas do Mr. Jellyband:

— Apenas me imagine sendo criticado por qualquer maldito estrangeiro esquecido por Deus! Lud ama o senhor, mas o senhor fala coisas muito estranhas.

O estranho concordou calorosamente com esse fato óbvio. Era certamente uma sugestão absurda que alguém pudesse perturbar as opiniões firmemente enraizadas do Mr. Jellyband sobre a total inutilidade dos habitantes de todo o continente europeu.

## CAPÍTULO III

### OS REFUGIADOS

O sentimento em todas as partes da Inglaterra certamente estava muito forte nesta época contra os franceses e seus feitos. Contrabandistas e comerciantes legítimos entre as costas francesa e inglesa traziam fragmentos de notícias do outro lado da água, o que fazia o sangue de todo inglês honesto ferver e o fazia desejar “ter uns minutos” com aqueles assassinos, que haviam aprisionado seu rei e toda a sua família, sujeitado a rainha e os filhos reais a todo tipo de indignidade e ainda estavam exigindo, ruidosamente, o sangue de toda a família Bourbon e de cada um de seus adeptos.

A execução da princesa de Lamballe<sup>[40]</sup>, a jovem e encantadora amiga de Maria Antonieta, enchera todos na Inglaterra de um horror indescritível, assim como a execução diária de dezenas de monarquistas de boa família, cujo único pecado era o nome aristocrático, parecia clamar por vingança a todos da Europa civilizada.

Mesmo assim, com tudo isso, ninguém se atreveu a interferir. Burke esgotara toda a sua eloquência ao tentar induzir o governo britânico a combater o governo revolucionário francês, mas Mr. Pitt, com sua prudência característica, não sentia que seu país estivesse em condições de embarcar noutra guerra árdua e dispendiosa. Coube à Áustria tomar a iniciativa; a

Áustria, cuja filha mais justa ainda era uma rainha destronada, aprisionada e insultada por uma multidão uivante; e certamente não para que – assim argumentou Mr. Fox – a Inglaterra pegasse em armas, porque um grupo de franceses decidiu assassinar outro.

Mr. Jellyband e seus colegas John Bulls, por sua vez, embora olhassem para todos os estrangeiros com um desprezo fulminante, eram monarquistas e antirrevolucionários, e, neste momento, estavam furiosos com Pitt por sua cautela e moderação, mesmo que eles, naturalmente, nada entendessem das razões diplomáticas que orientaram a política daquele grande homem.

Sally veio correndo, muito animada e ansiosa. A alegre companhia na cafeteria não ouviu nada do barulho lá fora, mas ela avistou um cavalo e um cavaleiro encharcados, que haviam parado na porta da Descanso dos Pescadores – e, enquanto o cavaleiro corria para cuidar do cavalo, a linda Miss Sally foi até a porta da frente para cumprimentar o esperado visitante.

— Acho que vi o cavalo de meu senhor lorde Antony no quintal, pai — disse ela, enquanto atravessava correndo a cafeteria.

A porta, entretanto, já havia sido aberta pelo lado de fora e, no momento seguinte, um braço, coberto com um pano desbotado e pingando chuva forte, envolveu a cintura da linda Sally, conforme uma voz calorosa ecoava pelas vigas polidas da cafeteria.

— Sim, abençoados sejam seus olhos castanhos por serem tão perspicazes, minha linda Sally — disse o homem que acabara de entrar, enquanto o digno Mr. Jellyband avançava apressado, ansioso, alerta e agitado, pois ali estava um dos hóspedes favoritos de seu albergue.

— Lud, eu afirmo, Sally — acrescentou lorde Antony, depositando um beijo nas bochechas floridas de Miss Sally —, que você está ficando cada vez mais bonita sempre que a vejo, e meu amigo aqui, o honesto Jellyband, deve ter um trabalho duro para manter os rapazes longe dessa sua cintura fina. O que me diz, Mr. Waite?

Mr. Waite, dividido entre o respeito pelo cavalheiro e a antipatia por esse tipo específico de piada, apenas respondeu com um grunhido duvidoso.

Lorde Antony Dewhurst, um dos filhos do duque de Exeter,<sup>[41]</sup> era, naquela época, um tipo muito perfeito de jovem cavalheiro inglês - alto, bem constituído, ombros largos e rosto alegre, cuja risada ressoava para onde quer que fosse. Bom desportista, animado companheiro, um homem mundano, cortês e bem-educado, sem muito cérebro para estragar seu temperamento, era um favorito de todos nas salas de estar de Londres ou nas cafeterias das estalagens das aldeias. Na Descanso dos Pescadores, todos o conheciam, pois ele gostava de viajar para a França e sempre passava uma noite sob o

teto do digno Mr. Jellyband no caminho de ida ou de volta.

Ele acenou com a cabeça para Waite, Pitkin e os outros quando finalmente soltou a cintura de Sally e foi até a lareira para se aquecer e se secar. Ao fazer isso, lançou um olhar rápido e um tanto desconfiado para os dois estranhos, que haviam silenciosamente voltado ao jogo de dominó e, por um momento, uma expressão de profunda seriedade, até mesmo de ansiedade, obscureceu seu rosto jovem e jovial.

Mas apenas por um momento. No seguinte, virou-se para o Mr. Hempseed, que respeitosa e arrumava seu topete.

— Bem, Mr. Hempseed, e como estão as frutas?

— Mal, meu senhor, muito mal — respondeu Mr. Hempseed, tristemente —, mas o que se pode esperar desse governo favorecendo aqueles patifes na França, que assassinariam seu rei e toda a sua nobreza.

— Que estranha nossa vida! — retrucou lorde Antony.  
— Sim, eles fariam isso, honesto Hempseed; pelo menos aqueles que eles conseguirem pegar, os de pior sorte! Mas temos alguns amigos que virão aqui esta noite e que, de qualquer forma, escaparam daquelas garras.

Quando o jovem disse essas palavras, quase pareceu que ele lançava um olhar desafiador para os estranhos quietos no canto.

— Graças ao senhor, lorde Antony, e aos seus amigos, pelo que ouvi dizer — disse Mr. Jellyband.

Em um segundo, a mão de lorde Antony estava no braço do taberneiro, em advertência.

— Silêncio! — ele disse peremptoriamente e, de maneira instintiva, olhou mais uma vez para os estranhos.

— Oh! Lud lhe ama, eles são boa gente, meu senhor! — retrucou Jellyband. — Não tenha medo. Eu não teria falado se não estivéssemos apenas entre amigos. Aquele cavalheiro ali é um súdito tão verdadeiro e leal do rei George<sup>[42]</sup> quanto o senhor, lorde Antony, resguardando sua presença. Ele chegou recentemente a Dover e está estabelecendo negócios por aqui.

— Negócios? Ora, então, deve ser um agente funerário, pois juro que nunca vi um semblante mais triste.

— Não, meu senhor, acredito que o cavalheiro é viúvo, o que, sem dúvida, explicaria a melancolia de sua postura - mas é um amigo, no entanto, posso garantir isso -, e deve reconhecer, meu senhor, que não há ninguém melhor para julgar um rosto do que o proprietário de uma pousada popular...

— Ah, tudo bem, então, se estivermos entre amigos — disse lorde Antony, que obviamente não se importou em discutir o assunto com o taberneiro. — Mas, diga-me, você não tem mais ninguém hospedado aqui, não é?

— Ninguém, meu senhor, e ninguém vindo, ao menos não...

— Não o quê?

— Ao menos ninguém a quem Vossa Senhoria se oporia, eu sei.

— E quem seria?

— Bem, meu senhor, Sir Percy Blakeney e sua senhora estarão aqui em breve, mas não vão ficar...

— Lady Blakeney? — perguntou lorde Antony, com certo espanto.

— Sim, meu senhor. O capitão<sup>[43]</sup> de Sir Percy esteve aqui agora há pouco. Ele disse que o irmão de Mrs. Blakeney está atravessando hoje para a França no Day Dream, que é o iate de Sir Percy, e Sir Percy e ela virão com ele até aqui para vê-lo pela última vez. Isso não o incomoda, não é, meu senhor?

— Não, não, isso não me incomoda, amigo; nada me desanimará, a menos que o jantar não seja o melhor que Miss Sally puder preparar, o melhor já servido na Descanso dos Pescadores.

— Não se preocupe com isso, meu senhor — disse Sally, que durante todo esse tempo estivera ocupada arrumando a mesa para o jantar, muito alegre e convidativa, com um grande ramo de dalias de cores brilhantes no centro, e taças de estanho brilhantes e porcelana azul ao redor.

— Quantos lugares devo colocar, meu senhor?

— Cinco lugares, linda Sally, mas deixe o jantar ser suficiente para, pelo menos, dez - nossos amigos estarão cansados e, espero, com fome. Quanto a mim, juro que

poderia estraçalhar uma quantidade enorme de carne hoje à noite.

— Aí estão eles, acredito — disse Sally, entusiasmada, enquanto um barulho distante de cavalos e rodas pôde ser ouvido claramente, aproximando-se rapidamente.

Houve uma comoção geral na cafeteria. Todos estavam curiosos para ver os amigos de lorde Antony que vinham do outro lado da água. Miss Sally lançou um ou dois olhares rápidos para o pequeno espelho pendurado na parede e o digno Mr. Jellyband saiu apressado para dar ele mesmo as primeiras boas-vindas aos seus ilustres convidados. Apenas os dois estranhos no canto não participaram da agitação geral. Terminavam calmamente o jogo de dominó e sequer olharam para a porta.

— Sempre em frente, condessa, é a porta à sua direita — disse uma voz agradável do lado de fora.

— Ora! Aí estão eles, sem dúvida — disse lorde Antony, alegremente. — Vá, minha linda Sally, e veja com que rapidez você consegue preparar a sopa.

A porta foi escancarada e, precedido pelo Mr. Jellyband, profuso em suas reverências e boas-vindas, um grupo de quatro pessoas - duas senhoras e dois cavalheiros - entrou na cafeteria.

— Bem-vindos! Bem-vindos à velha Inglaterra! — disse lorde Antony, efusivamente, enquanto avançava ansiosamente com as duas mãos estendidas para os recém-chegados.

— Ah, o senhor é lorde Antony Dewhurst, eu acho — disse uma das senhoras, com um forte sotaque estrangeiro.

— Ao seu serviço, madame — respondeu ele, beijando cerimoniosamente as mãos das damas, depois se virando para os homens e apertando calorosamente a mão de ambos.

Sally já estava ajudando as damas a tirarem as capas de viagem e ambas se viraram, com um arrepio, em direção à lareira acesa.

Houve um movimento geral entre a companhia na cafeteria. Sally foi para a cozinha, enquanto Jellyband, ainda cheio de cumprimentos respeitosos, arrumava uma ou duas cadeiras ao redor do fogo. Mr. Hempseed, ajeitando o topete, desocupava silenciosamente o assento na lareira. Todos olhavam com curiosidade, mas com deferência, para os estrangeiros.

— Ah, messieurs!<sup>[44]</sup> O que posso dizer? — falou a mais velha das duas senhoras, enquanto estendia um par de mãos finas e aristocráticas para o calor do fogo e olhava com indescritível gratidão, primeiro, para lorde Antony, depois, para um dos jovens que havia acompanhado seu grupo, ocupado, tirando seu pesado casaco.

— Só que está feliz por estar na Inglaterra, condessa — respondeu lorde Antony — e que não sofreu muito com sua difícil viagem.

— De fato, estamos felizes por estarmos na Inglaterra — disse ela, enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas

— e já esquecemos tudo o que sofremos.

Sua voz era musical e baixa, havia muita dignidade serena e muitos sofrimentos nobremente suportados, marcados no rosto bonito e aristocrático, com sua riqueza de cabelos brancos como a neve, penteados bem acima da testa, à moda da época.

— Espero que meu amigo, Sir Andrew Ffoulkes, tenha se mostrado um divertido companheiro de viagem, madame.

— Ah, de fato, Sir Andrew foi gentil. Como poderíamos, meus filhos e eu, demonstrar gratidão suficiente a todos vocês, messieurs?

Sua companheira, uma figura delicada e juvenil, infantil e patética em sua aparência de cansaço e tristeza, ainda não havia dito nada, mas seus olhos, grandes, castanhos e cheios de lágrimas, ergueram-se do fogo e procuraram os de Sir Andrew Ffoulkes, que se aproximara da lareira e dela. Logo, quando encontraram os dele, fixados com admiração evidente no doce rosto adiante, um pensamento de cor mais quente percorreu suas bochechas pálidas.

— Então, esta é a Inglaterra — disse ela, enquanto olhava em volta com curiosidade infantil para a grande lareira, para as vigas de carvalho e para os caipiras com seus aventais elaborados e semblantes ingleses joviais e afogueados.

— Uma parte dela, mademoiselle<sup>[45]</sup> — respondeu Sir Andrew, sorrindo —, mas tudo está ao seu dispor.

A jovem corou novamente, mas, desta vez, um sorriso brilhante, rápido e doce iluminou seu delicado rosto. Ela não disse nada, e Sir Andrew também ficou em silêncio, mas aqueles dois jovens se entendiam, como os jovens fazem em todos os lugares do mundo e têm feito desde o início do mundo.

— Mas eu digo: jantar! — aqui rompeu a voz jovial de lorde Antony. — Jantar, honesto Jellyband. Onde está aquela sua linda garota e os pratos de sopa? Vamos, homem, enquanto você fica aí olhando boquiaberto para as mulheres, elas vão desmaiar de fome.

— Um momento! Um momento, meu senhor — disse Jellyband, enquanto abria a porta que dava para a cozinha e gritava vigorosamente: — Sally! Ei, Sally, você está pronta, garota?

Sally estava pronta e, no momento seguinte, apareceu na porta carregando uma terrina gigante, da qual subia uma nuvem de vapor e um cheiro abundante e saboroso.

— Finalmente o jantar! — exclamou lorde Antony, alegremente, conforme oferecia galantemente o braço à condessa. — Posso ter a honra? — ele acrescentou cerimoniosamente, enquanto a conduzia em direção à mesa do jantar.

Houve uma agitação geral na cafeteria. Mr. Hempseed e a maioria dos caipiras e pescadores tinha aberto caminho para “a qualidade”<sup>[46]</sup> e foram terminar de fumar seus cachimbos em outro lugar. Apenas os dois estranhos permaneceram, em silêncio e despreocupadamente,

jogando dominó e bebendo vinho; enquanto, em outra mesa, Harry Waite, que estava perdendo rapidamente a paciência, observava a bela Sally movimentar-se em volta da mesa.

Ela parecia uma imagem muito delicada da vida rural inglesa e não é de se admirar que o suscetível jovem francês mal conseguisse tirar os olhos de seu lindo rosto. O visconde de Tournay tinha apenas 19 anos e era um rapaz imberbe, em quem as terríveis tragédias que se desenrolavam em seu próprio país causaram pouca impressão. Vestia-se com elegância e até afetação e, uma vez desembarcado em segurança na Inglaterra, estava evidentemente pronto para esquecer os horrores da Revolução nas delícias da vida inglesa.

— Pardón, se está é a Inglaterrá — disse ele, enquanto continuava a olhar para Sally com notável satisfação —, estou feliz.

Seria impossível, neste momento, registrar a exclamação exata que escapou dos dentes cerrados do Mr. Harry Waite. Somente o respeito pela “qualidade”, especialmente por lorde Antony, manteve sob controle sua marcante desaprovação do jovem estrangeiro.

— Sim, esta é a Inglaterra, seu patife jovem e abandonado — interveio lorde Antony com uma risada — e não traga, eu lhe peço, seus livres costumes estrangeiros para este país cheio de moral.

Lorde Antony já havia se sentado à cabeceira da mesa, com a condessa à sua direita. Jellyband estava se

movimentando, enchendo copos e arrumando cadeiras. Sally esperou, pronta para distribuir a sopa. Os amigos de Mr. Harry Waite finalmente conseguiram tirá-lo da sala, pois seu temperamento estava ficando cada vez mais violento sob a óbvia admiração do visconde por Sally.

— Suzanne... — chamou a rígida condessa, com um tom severo e dominante.

Suzanne corou novamente; ela havia perdido a conta do tempo e do lugar enquanto permanecia ao lado do fogo, permitindo que os olhos do belo jovem inglês se detivessem em seu doce rosto, e sua mão, como que inconscientemente, pousasse sobre a dela. A voz da mãe a trouxe de volta à realidade mais uma vez e, com um submisso “Sim, mamãe”, ela também ocupou seu lugar à mesa.

## CAPÍTULO IV

### A LIGA DO PIMPINELA ESCARLATE

Todos pareciam alegres, e até felizes, sentados em volta da mesa: Sir Andrew Ffoulkes e lorde Antony Dewhurst, dois ingleses típicos daquele ano de graça de 1792, bonitos, bem-nascidos e bem-educados; e a aristocrática condessa francesa com seus dois filhos, que tinham acabado de escapar de perigos tão terríveis e encontraram finalmente um retiro seguro nas margens da protetora Inglaterra.

No canto, os dois estranhos, aparentemente, haviam terminado o jogo; um deles levantou-se e, de costas para a alegre companhia à mesa, ajustou com muita deliberação seu grande casaco de capa tripla. Ao fazer isso, deu uma rápida olhada ao seu redor. Todos estavam ocupados, rindo e conversando, e ele murmurou as palavras: “tudo seguro”. Seu companheiro, então, com o estado de alerta nascido de uma longa prática, caiu de joelhos em um momento e no próximo rastejou silenciosamente sob o banco de carvalho. O estranho, com um sonoro “Boa noite”, saiu silenciosamente da cafeteria.

Nenhum dos presentes à mesa do jantar notou essa manobra curiosa e discreta, mas, quando o estranho fechou a porta da sala atrás de si, todos instintivamente suspiraram de alívio.

— Enfim, sós! — exclamou lorde Antony, jovialmente.

O jovem visconde de Tournay, então, levantou-se, com o copo na mão, e com a afetação graciosa peculiar à época, ergueu-o e disse em um inglês ruim:

— Para Sua Majestade George III da Inglaterra. Deus o abençoe pela sua hospitalidade para com todos nós, pobres e Livross da França.

— A Sua Majestade, o Rei! — ecoaram lorde Antony e Sir Andrew enquanto bebiam lealmente ao brinde.

— A Sua Majestade, o Rei Luís da França — acrescentou Sir Andrew, com solenidade. — Que Deus o proteja e lhe dê a vitória sobre seus inimigos.

Todos se levantaram e fizeram esse brinde em silêncio. O destino do infeliz rei da França, prisioneiro de seu próprio povo, parecia lançar uma tristeza até mesmo no semblante agradável do Mr. Jellyband.

— E para monsieur<sup>[47]</sup> le comte<sup>[48]</sup> de Tournay de Basserive — disse lorde Antony, alegremente. — Que possamos recebê-lo na Inglaterra antes que se passem muitos dias.

— Ah, monsieur — disse a condessa, enquanto com a mão ligeiramente trêmula levava o copo aos lábios —, mal me atrevo a ter esperanças.

Mas lorde Antony já havia servido a sopa e, nos momentos seguintes, toda a conversa cessou, enquanto Jellyband e Sally distribuíam os pratos e o grupo começava a comer.

— Tenha fé, senhora! — disse lorde Antony, depois de um tempo. — Meu brinde não foi leviano. Ao ver a senhora, mademoiselle Suzanne e meu amigo, o visconde, em segurança agora na Inglaterra, podemos certamente sentir-nos seguros quanto ao destino de monsieur le comte.

— Ah, senhor — respondeu a condessa, com um suspiro pesado —, eu confio em Deus, só posso orar e ter esperança...

— Sim, senhora! — aqui interveio Sir Andrew Ffoulkes — Confie em Deus, é claro, mas acredite também um pouco em seus amigos ingleses, que juraram trazer o conde em segurança através do Canal da Mancha, assim como a trouxeram hoje.

— De fato, monsieur — ela respondeu. — Tenho total confiança em você e em seus amigos. Sua fama, garanto-lhe, espalhou-se por toda a França. A maneira como alguns dos meus amigos escaparam das garras daquele terrível tribunal revolucionário<sup>[49]</sup> foi nada menos que um milagre - e tudo feito por você e seus amigos...

— Éramos apenas as mãos, senhora condessa...

— Mas meu marido, monsieur — disse a condessa, enquanto lágrimas não derramadas pareciam velar sua voz —, corre um perigo mortal. Eu nunca o teria deixado, apenas... mas eu tinha meus filhos... Eu estava dividida entre meu dever para com ele e para com eles. Eles se recusaram a vir sem mim... E você e seus amigos me garantiram tão solenemente que meu marido estaria

seguro. Mas, ah! Agora que estou aqui, entre todos vocês, nesta bela e livre Inglaterra, penso nele, fugindo para salvar a vida, caçado como um pobre animal... Em tamanho perigo... Ah! Eu não deveria tê-lo deixado... Eu não deveria tê-lo deixado!

A pobre mulher estava completamente desmoronada; o cansaço, a tristeza e a emoção dominaram sua postura rígida e aristocrática. Ela chorava baixinho para si mesma, enquanto Suzanne corria até ela e tentava beijá-la para que suas lágrimas cessassem.

Lorde Antony e Sir Andrew não interromperam a condessa enquanto ela falava. Não havia dúvida de que eles sentiam profundamente por ela; seu próprio silêncio expressava isso - mas em cada século, e desde que a Inglaterra é o que é, os ingleses sempre sentiram um pouco de vergonha de suas próprias emoções e da sua própria simpatia. E, assim, os dois jovens não disseram nada e ocuparam-se em tentar esconder seus sentimentos, apenas conseguindo parecer imensamente envergonhados.

— Quanto a mim, monsieur — disse Suzanne, de repente, enquanto olhava através de uma riqueza de cachos castanhos para Sir Andrew —, eu confio no senhor absolutamente e sei que trará meu querido pai em segurança para a Inglaterra, assim como nos trouxe hoje.

Isso foi dito com tanta confiança, com tanta esperança e crença não expressas, que parecia, por magia, secar os

olhos da mãe e trazer um sorriso aos lábios de todos.

— Ora, assim me deixa envergonhado, mademoiselle — respondeu Sir Andrew. — Embora minha vida esteja a seu serviço, tenho sido apenas uma humilde ferramenta nas mãos de nosso grande líder, que organizou e efetuou sua fuga.

Ele falara com tanto calor e veemência, que os olhos de Suzanne se fixaram nele com indisfarçável espanto.

— Seu líder, senhor? — disse a condessa, ansiosamente. — Ah! Claro, deve haver um líder. Como não pensei nisso antes! Mas, me diga, onde ele está? Devo ir até ele imediatamente, e eu e meus filhos devemos nos jogar aos seus pés e agradecer-lhe por tudo o que fez por nós.

— Infelizmente, senhora — disse lorde Antony —, isso é impossível.

— Impossível? Por quê?

— Porque Pimpinela Escarlata trabalha no escuro e sua identidade só é conhecida sob um solene juramento de sigilo por seus seguidores diretos.

— Pimpinela Escarlata? — disse Suzanne, com uma risada alegre. — Ora! Que nome engraçado! O que é Pimpinela Escarlata, senhor?

Ela olhou para Sir Andrew com grande curiosidade. O rosto do jovem ficou quase transfigurado. Seus olhos brilhavam de entusiasmo; a adoração do herói, o amor e a admiração por seu líder pareciam literalmente brilhar em seu rosto.

— Pimpinela Escarlata, mademoiselle — disse ele, por fim —, é o nome de uma humilde flor inglesa que cresce à beira da estrada, mas é também o nome escolhido para esconder a identidade do melhor e mais corajoso homem de todo o mundo, para que possa melhor conseguir cumprir a nobre tarefa que se propôs a realizar.

— Ah, sim — aqui interveio o jovem visconde. — Ouvi falar desse Pimpinela Escarlata. Uma florzinha vermelha? Sim! Dizem em Paris que toda vez que um monarquista foge para a Inglaterra, aquele demônio, Fouquier-Tinville, o promotor público, recebe um papel com essa florzinha desenhada em vermelho... Não é?

— Sim, é isso mesmo — concordou lorde Antony.

— Então, ele terá recebido um desses papéis hoje?

— Sem dúvida.

— Oh! Eu me pergunto o que dirá! — disse Suzanne, alegremente. — Ouvi dizer que a imagem daquela florzinha vermelha é a única coisa que o assusta.

— Então — disse Sir Andrew —, ele terá muito mais oportunidades de estudar a forma da pequena flor escarlata.

— Ah! Monsieur — suspirou a condessa —, tudo parece um romance e não consigo entender tudo.

— E por que deveria tentar, senhora?

— Mas, diga-me, por que o seu líder deveria - por que todos vocês deveriam - gastar seu dinheiro e arriscar suas vidas - pois são suas vidas que arriscam, senhores,

quando colocam os pés na França - e tudo por nós, homens e mulheres franceses, que não são nada para vocês?

— Por esporte, madame la comtesse, por diversão — afirmou lorde Antony, com sua voz jovial, alta e agradável. — Somos uma nação de esportistas, a senhora sabe, e agora está na moda puxar a lebre de dentro dos dentes do cão.

— Ah, não, não, não apenas esporte, senhor... Os senhores têm uma motivação mais nobre, tenho certeza, pelo bom trabalho que fazem.

— Honestamente, senhora, eu gostaria que a encontrasse, então... Quanto a mim, juro que adoro esse jogo, pois é o melhor esporte que já encontrei. Fugas da largura de um cabelo... Os próprios riscos do diabo! Eba! E, assim, fugimos!

Mas a condessa balançou a cabeça, ainda incrédula. Para ela, parecia absurdo que aqueles homens e seu grande líder, todos eles ricos, provavelmente bem-nascidos e jovens, por nenhuma outra motivação além do esporte, corressem os terríveis riscos que ela sabia estarem constantemente correndo. Sua nacionalidade, uma vez colocados os pés na França, não lhes seria uma salvaguarda. Qualquer pessoa encontrada abrigando ou ajudando monarquistas suspeitos seria cruelmente condenada e sumariamente executada, qualquer que fosse a nacionalidade. E esse bando de jovens ingleses tinha, tanto quanto ela sabia, enfrentado o implacável e

sanguinário tribunal da Revolução, dentro dos próprios muros de Paris, arrebatando vítimas condenadas, quase ao pé da guilhotina. Com um estremecimento, ela recordou os acontecimentos dos últimos dias, a fuga de Paris com os dois filhos, os três escondidos sob a cobertura de uma frágil carroça e deitados no meio de um monte de nabos e couves, sem ousar respirar, enquanto a multidão gritava “À la lanterne les aristos!”<sup>[50]</sup> naquela terrível Barricada Oeste.

Tudo aconteceu de uma forma milagrosa; ela e o marido compreenderam que tinham sido colocados na lista das “pessoas suspeitas”, o que significava que seu julgamento e morte aconteceriam em uma questão de dias, talvez horas.

Então, veio a esperança da salvação: a misteriosa epístola, assinada com o enigmático símbolo escarlate; as orientações claras e peremptórias; a despedida do conde de Tournay, que partira em dois o coração da pobre esposa; a esperança do reencontro; a fuga com os dois filhos; a carroça coberta; aquela bruxa horrível que o dirigia, que parecia um demônio, com o troféu medonho no cabo do chicote!

A condessa olhou em volta para a pitoresca e antiquada estalagem inglesa, a paz desta terra de liberdade civil e religiosa, e fechou os olhos para excluir a visão assustadora daquela Barricada Oeste e da multidão, recuando em pânico quando a velha bruxa falou da peste.

A cada momento sob aquela carroça, ela esperava ser reconhecida, presa, os três julgados e condenados, e esses jovens ingleses, sob a orientação de seu corajoso e misterioso líder, arriscaram suas vidas para salvá-los, como já haviam feito com dezenas de outras pessoas inocentes.

E tudo apenas por esporte? Impossível! Os olhos de Suzanne, ao procurar os de Sir Andrew, demonstravam claramente que ela pensava que ele, de alguma forma, resgatara seus semelhantes de uma morte terrível e imerecida, por um motivo mais elevado e mais nobre do que seu amigo a faria acreditar.

— Quantos há em sua corajosa liga, senhor? — ela perguntou timidamente.

— Vinte ao todo, mademoiselle — ele respondeu —, um para comandar e dezenove para obedecer. Todos ingleses e todos comprometidos com a mesma causa: obedecer ao nosso líder e resgatar os inocentes.

— Que Deus proteja a todos vocês, senhores — disse a condessa com fervor.

— Ele fez isso até agora, senhora.

— É maravilhoso para mim, maravilhoso! Que todos vocês sejam tão corajosos, tão dedicados aos seus semelhantes - e vocês são ingleses! Na França, a traição é abundante - tudo em nome da liberdade e da fraternidade.

— As mulheres, na França, têm sido até mais amargas contra nós, aristocratas, do que os homens — disse o

visconde, com um suspiro.

— Ah, sim — acrescentou a condessa, enquanto um olhar de altivo desdém e intensa amargura atravessava seus olhos melancólicos. — Havia aquela mulher, Marguerite St. Just, por exemplo. Ela denunciou o marquês de St. Cyr e toda a sua família ao terrível Tribunal do Terror.

— Marguerite St. Just? — disse lorde Antony, lançando um olhar rápido e apreensivo para Sir Andrew. — Marguerite St. Just? Certamente...

— Sim! — respondeu a condessa. — Certamente o senhor a conhece. Ela foi atriz principal da Comédie-Française<sup>[51]</sup> e casou-se recentemente com um inglês. Você deve conhecê-la...

— Conhecê-la? — repetiu lorde Antony. — Conhecer lady Blakeney, a mulher mais elegante de Londres, a esposa do homem mais rico do país? Sim, é claro que todos conhecemos lady Blakeney!

— Ela era minha colega de escola no convento em Paris — interveio Suzanne — e viemos juntas para a Inglaterra para aprender sua língua. Eu gostava muito de Marguerite e não posso acreditar que ela tenha feito algo tão perverso.

— Certamente parece incrível — disse Sir Andrew. — A senhora diz que ela, realmente, denunciou o marquês de St. Cyr? Por que teria feito tal coisa? Decerto que deve haver algum engano...

— Nenhum engano é possível, monsieur — respondeu a condessa, friamente. — O irmão de Marguerite St. Just é um famoso republicano. Houve rumores de uma briga de família entre ele e meu primo, o marquês de St. Cyr. Os St. Justs são bastante vulgares e o governo republicano emprega muitos espiões. Garanto que não há engano nenhum. Não ouviu essa história?

— Honestamente, senhora, ouvi alguns vagos rumores sobre isso, mas, na Inglaterra, ninguém daria crédito... Sir Percy Blakeney, seu marido, é um homem muito rico, de posição social elevada, amigo íntimo do Príncipe de Gales... E lady Blakeney lidera a moda e a sociedade em Londres.

— Pode ser, monsieur, e, é claro, levaremos uma vida muito tranquila na Inglaterra, mas oro a Deus para que, enquanto eu permanecer neste lindo país, nunca encontre Marguerite St. Just.

O proverbial cobertor molhado parecia ter caído sobre o alegre pequeno grupo reunido em volta da mesa. Suzanne parecia triste e silenciosa; Sir Andrew mexia inquieto no garfo, enquanto a condessa, envolta na armadura de seus preconceitos aristocráticos, permanecia sentada, rígida e inflexível, em sua cadeira de espaldar reto. Quanto a lorde Antony, ele parecia extremamente desconfortável e olhou uma ou duas vezes, apreensivo, para Jellyband, que parecia tão desconfortável quanto ele.

— A que horas você espera Sir Percy e lady Blakeney?  
— ele conseguiu sussurrar, sem ser observado, para o taberneiro.

— A qualquer momento, meu senhor — sussurrou Jellyband em resposta.

Enquanto ele falava, ouviu-se um barulho distante de uma carruagem se aproximando. O barulho ficava cada vez mais alto, um ou dois gritos distinguíveis, depois o barulho dos cascos dos cavalos nas pedras irregulares do calçamento e, no momento seguinte, um cavalariaço abriu a porta da cafeteria e entrou correndo, excitado.

— Sir Percy Blakeney e sua senhora — ele gritou com toda a força de sua voz — estão chegando.

E com mais gritos, tilintar de arreios e cascos de ferro nas pedras, uma carruagem magnífica, puxada por quatro soberbos baios, parou em frente à varanda da Descanso dos Pescadores.

## CAPÍTULO V

### MARGUERITE

Em um momento, a agradável cafeteria da estalagem, com vigas de carvalho, tornou-se o cenário de desesperada confusão e desconforto. Ao ouvir o cavaliço, lorde Antony, com um xingamento da moda, havia pulado de seu assento e agora dava muitas e confusas instruções ao pobre e desnordeado Jellyband, que parecia não saber mais o que fazer.

— Pelo amor de Deus, homem — advertiu Sua Senhoria —, tente manter lady Blakeney conversando lá fora por um momento, enquanto as damas se retiram. Que coisa — ele acrescentou, com outro palavrão mais enfático —, isso é muito lamentável!

— Rápido, Sally! As velas! — gritou Jellyband, enquanto pulava de uma perna para outra e corria de um lado para outro, aumentando o desconforto geral de todos.

A condessa também se levantou: rígida e ereta, tentando esconder sua excitação sob um sang-froid<sup>[52]</sup> cada vez maior, ela repetiu mecanicamente:

— Eu não vou vê-la! Eu não vou vê-la!

Lá fora, a excitação que aguardava a chegada de convidados muito importantes crescia rapidamente.

As frases “Bom dia, Sir Percy!”, “Bom dia, senhora!” e “Seu servo, Sir Percy!” foram ouvidas em um coro longo

e contínuo, com tons alternados mais fracos de “Lembre-se do pobre cego! Lembre-se de sua caridade, senhora e senhor!”.

Então, de repente, uma voz singularmente doce foi ouvida em meio a todo o barulho.

— Deixe o pobre homem em paz e dê-lhe um jantar às minhas custas.

A voz era baixa e musical, com um leve canto e uma leve soupçon<sup>[53]</sup> de estranha entonação na pronúncia das consoantes.

Todos na cafeteria pararam e ouviram instintivamente por um momento. Sally segurava as velas na porta oposta, que dava para os quartos do andar de cima, e a condessa estava prestes a bater em retirada diante daquele inimigo que possuía uma voz musical tão doce. Suzanne preparava-se relutantemente para seguir a mãe, enquanto lançava olhares arrependidos para a porta, onde ainda esperava ver sua querida ex-colega de escola.

Então, Jellyband abriu a porta, ainda na esperança estúpida e cega de evitar a catástrofe que ele sentia estar no ar, e a mesma voz baixa e musical disse, com uma risada alegre e uma falsa consternação:

— Brrr! Estou molhada como um arenque!<sup>[54]</sup> Dieu!<sup>[55]</sup> Alguém já viu um clima tão desprezível?

— Suzanne, venha comigo imediatamente, agora! — disse a condessa, peremptoriamente.

— Oh! Mamãe! — lamentou Suzanne.

— Minha senhora... Er... Eh! Minha senhora! — dizia Jellyband, com uma voz fraca, desajeitadamente tentando barrar o caminho.

— Pardieu,<sup>[56]</sup> meu bom homem — disse lady Blakeney, com alguma impaciência —, por que está no meu caminho, dançando como um peru com dor no pé? Deixe-me ir até o fogo, estou morrendo de frio.

E, no momento seguinte, lady Blakeney, empurrando gentilmente o taberneiro para o lado, entrou na cafeteria.

Existem muitos retratos de Marguerite St. Just - lady Blakeney como ela era conhecida - mas é duvidoso que algum deles realmente faça justiça à sua singular beleza. Alta, acima da média, com presença magnífica e figura régia, não é de se admirar que até a condessa tenha parado por um momento em admiração involuntária a uma aparição tão fascinante antes de virar as costas.

Marguerite Blakeney tinha 25 anos e sua beleza estava em seu estágio mais deslumbrante. O grande chapéu, com suas penas ondulantes, projetava uma sombra suave sobre a testa clássica com a auréola de cabelo ruivo - no momento, livre de qualquer pó; a boca doce, quase infantil, o nariz reto e esculpido, o queixo redondo e o pescoço delicado, tudo parecia realçado pelo traje pitoresco da época. O rico manto de veludo azul moldava em todas as suas linhas o contorno gracioso da figura, enquanto uma mãozinha segurava, com dignidade própria, o bastão alto, adornado com um grande molho

de fitas que as damas elegantes da época tinham, há pouco, começado a carregar.

Com uma rápida olhada ao redor da sala, Marguerite Blakeney fez um balanço de todos ali. Acenou agradavelmente para Sir Andrew Ffoulkes, enquanto estendia a mão para lorde Antony.

— Olá! Meu senhor lorde Tony, por quê? O que o senhor está fazendo aqui em Dover? — ela perguntou alegremente.

Então, sem esperar resposta, virou-se e encarou a condessa e Suzanne. Todo o seu rosto se iluminou com brilho adicional quando ela estendeu os dois braços em direção à jovem.

— Veja se não é minha pequena Suzanne ali. Pardieu, pequena cidadã, como veio parar na Inglaterra? E a senhora também!

Ela se aproximou efusivamente de ambas, sem um único toque de constrangimento em seus modos ou em seu sorriso. Lorde Tony e Sir Andrew observaram a cena com grande apreensão. Embora fossem ingleses, tinham estado muitas vezes em França e haviam se misturado o suficiente com os franceses para se aperceberem da altura inflexível e do ódio amargo com que a velha nobreza da França via todos aqueles que ajudaram a contribuir para a sua queda. Armand St. Just, irmão da bela lady Blakeney - embora conhecido por ter opiniões moderadas e conciliatórias - era um republicano fervoroso. Sua rivalidade com a antiga família de St. Cyr

- cujos acertos e erros ninguém fora da família sabia - culminou na queda, na extinção quase total, desta última. Na França, St. Just e seu grupo triunfaram, e aqui na Inglaterra, cara a cara com esses três refugiados expulsos de seu país, fugindo para salvar suas vidas, desprovidos de tudo o que séculos de luxo lhes deram, ali estava uma bela descendente daquelas mesmas famílias republicanas, que derrubaram um trono e desenraizaram uma aristocracia cuja origem se perdera na visão turva e distante dos séculos passados.

Ela ficou ali diante deles, com toda a insolência inconsciente da beleza, e estendeu-lhes a mão delicada, como se, com aquele único ato, pudesse superar o conflito e o derramamento de sangue da última década.

— Suzanne, proíbo-lhe de falar com aquela mulher — disse a condessa, severamente, colocando a mão no braço da filha para contê-la.

Ela falara em inglês, para que todos pudessem ouvir e compreender: todos sendo os dois jovens cavalheiros ingleses, bem como o plebeu estalajadeiro e sua filha. Esta última literalmente se engasgou de horror diante dessa insolência estrangeira, desse atrevimento diante de Sua Senhoria, que era inglesa, agora que era esposa de Sir Percy, e, ainda por cima, amiga da princesa de Gales.

Quanto a lorde Antony e Sir Andrew Ffoulkes, seus corações pareciam paralisar-se de horror perante este insulto gratuito. Um deles soltou uma exclamação de

apelo, o outro de advertência, e instintivamente ambos olharam apressadamente para a porta, de onde já se ouvira uma voz lenta, arrastada e nada desagradável.

Entre os presentes, somente Marguerite Blakeney e a condessa de Tournay permaneceram aparentemente impassíveis. Esta última, rígida, ereta e desafiadora, com uma das mãos ainda no braço da filha, parecia a própria personificação do orgulho inflexível. Naquele momento, o doce rosto de Marguerite tornou-se tão branco quanto o macio fichu<sup>[57]</sup> que envolvia sua garganta, e um observador mais atento poderia ter notado que a mão que segurava o bastão alto e enfeitado com fitas estava cerrada e tremia um pouco.

Mas isso foi algo apenas momentâneo; no momento seguinte, as delicadas sobrancelhas se ergueram ligeiramente, os lábios curvaram-se sarcasticamente para cima, os claros olhos azuis olharam diretamente para a rígida condessa e, com um leve encolher de ombros:

— Que arrogância, cidadã — ela disse alegremente —, que bicho lhe picou, me diga?

— Estamos na Inglaterra agora, madame — respondeu a condessa, friamente — e tenho a liberdade de proibir minha filha de tocar sua mão em sinal de amizade. Venha, Suzanne.

Ela acenou para a filha e, sem olhar mais uma vez para Marguerite Blakeney, mas com uma reverência

profunda e antiquada aos dois jovens, saiu majestosamente da sala.

Houve silêncio na antiga sala da estalagem por um momento, enquanto o farfalhar das saias da condessa diminuía no corredor. Marguerite, rígida como uma estátua, seguiu com olhos duros e firmes a figura ereta, enquanto ela desaparecia pela porta - mas quando a pequena Suzanne, humilde e obediente, estava prestes a seguir sua mãe, a expressão dura e rígida desapareceu de repente, e um olhar melancólico, quase patético e infantil, apareceu nos olhos de lady Blakeney.

A pequena Suzanne percebeu aquele olhar; a natureza doce da criança se estendeu para a bela mulher, pouco mais velha que ela; a obediência filial desapareceu diante da simpatia juvenil; na porta, ela se virou, correu de volta para Marguerite e, abraçando-a, beijou-a efusivamente; só então ela seguiu a mãe, Sally na retaguarda, com um sorriso agradável no rosto cheio de covinhas e uma última reverência à senhora.

O impulso doce e delicado de Suzanne aliviou a tensão desagradável. Os olhos de Sir Andrew seguiram a linda figura até que ela desapareceu completamente e, então, encontraram os de lady Blakeney com mérito despretensioso.

Marguerite, com delicada afetação, beijou sua própria mão, como se enviasse esses beijos para as damas quando elas desapareceram pela porta. Logo, um sorriso divertido começou a pairar nos cantos de sua boca.

— Então é isso, não é? — ela disse alegremente. — Ora! Sir Andrew, já viu uma pessoa tão desagradável? Espero que, quando eu envelhecer, não tenha essa aparência.

Ela levantou as saias e, assumindo um andar majestoso, caminhou em direção à lareira.

— Suzanne — disse ela, imitando a voz da condessa —, eu proíbo você de falar com aquela mulher!

A risada que acompanhou essa investida pareceu talvez um pouco forçada e dura, mas nem Sir Andrew, nem lorde Tony foram observadores muito atentos. A mímica era tão perfeita, o tom da voz reproduzido com tanta precisão, que os dois jovens se uniram em um caloroso e alegre “Bravo!”.

— Ah! Lady Blakeney! — acrescentou lorde Tony. — Como eles devem sentir sua falta na Comédie-Française e como os parisienses devem odiar Sir Percy por tê-la levado embora.

— Lud, homem — respondeu Marguerite, com um encolher de ombros, gracioso, —, é impossível odiar Sir Percy por qualquer coisa; seus rompantes espirituosos desarmariam até a própria madame la comtesse.

O jovem visconde, que não decidira seguir a mãe em sua saída digna, deu agora um passo à frente, pronto para defender a condessa caso lady Blakeney lhe apontasse mais flechas. Mas antes que ele pudesse pronunciar uma palavra preliminar de protesto, uma risada agradável, embora claramente fútil, foi ouvida do

lado de fora, e no momento seguinte uma figura incomumente alta e ricamente vestida apareceu na porta.

# CAPÍTULO VI

## UM REQUINTADO EM '92

Sir Percy Blakeney, como nos informam as crônicas da época, estava neste ano de graça de 1792, ainda um ou dois anos à direita dos 30. Alto, acima da média, mesmo para um inglês, de ombros largos e de constituição robusta, seria considerado extraordinariamente bonito, não fosse por certa expressão preguiçosa em seus profundos olhos azuis, e aquela risada perpétua e fútil que parecia desfigurar sua boca forte e bem definida.

Já fazia quase um ano que o baronete Sir Percy Blakeney, um dos homens mais ricos da Inglaterra, líder de todas as modas e amigo íntimo do Príncipe de Gales, surpreendera a sociedade elegante de Londres e Bath ao trazer para casa, de uma de suas viagens ao exterior, uma linda, fascinante e inteligente esposa francesa. Ele, o britânico mais entediante, mais enfadonho e mais britânico que já fez bocejar uma mulher bonita, garantiu um brilhante prêmio matrimonial para o qual, como afirmam todos os cronistas, houve muitos concorrentes.

Marguerite St. Just fez seu [début](#)<sup>[58]</sup> nos círculos artísticos parisienses, no exato momento em que a maior convulsão social que o mundo já conheceu ocorria dentro de seus próprios muros. Com apenas 18 anos, ricamente dotada de beleza e talento, acompanhada apenas por um irmão jovem e dedicado, ela logo reuniu ao seu redor, em

seu charmoso apartamento na Rue de Richelieu,<sup>[59]</sup> um círculo que era tão brilhante quanto exclusivo - exclusivo, isto é, apenas de um ponto de vista. Marguerite St. Just era, por princípio e por convicção, uma republicana; a igualdade de nascimento era seu lema e a desigualdade de fortuna era, aos seus olhos, um acidente materno desagradável, mas a única desigualdade que ela admitia era a do talento. “Dinheiro e títulos podem ser hereditários”, ela dizia, “mas o cérebro não é”, e assim seu encantador salão era reservado à originalidade e ao intelecto, ao brilho e à inteligência, a homens inteligentes e mulheres talentosas, e a entrada nele logo foi considerada no mundo do intelecto - que mesmo naquela época e naqueles tempos difíceis encontrava seu pivô em Paris - como a chancela para uma carreira artística.

Homens inteligentes, distintos e até de alta posição formaram uma corte perpétua e brilhante em torno da fascinante jovem atriz da Comédie-Française, e ela deslizou pela Paris republicana, revolucionária e sanguinária como um radiante cometa com um rastro atrás de si de tudo o que era mais distinto, mais interessante, na Europa intelectual.

Então, veio o clímax. Alguns sorriram indulgentemente e chamaram-no de excentricidade artística, outros consideraram-no uma medida sábia, tendo em conta os muitos acontecimentos que se aglomeravam em Paris naquele momento, mas para todos o verdadeiro motivo

desse clímax permaneceu um enigma e um mistério. Fosse como fosse, Marguerite St. Just casou-se com Sir Percy Blakeney em um belo dia, sem qualquer aviso aos amigos, sem soirée de contrat, dîner de fiançailles<sup>[60]</sup> ou outros acessórios de um casamento francês da moda.

Como aquele inglês estúpido e chato foi admitido no círculo intelectual que girava em torno “da mulher mais inteligente da Europa”, como seus amigos a chamavam unanimemente, ninguém se atreveu a imaginar - uma chave de ouro abre todas as portas, afirmou o mais inclinado para o mal.

De qualquer jeito, ela se casou com ele, e “a mulher mais inteligente da Europa” uniu seu destino àquele “maldito idiota” Blakeney, e nem mesmo seus amigos mais íntimos poderiam atribuir a esse estranho passo qualquer outro motivo que não o da excentricidade suprema. Aqueles amigos que sabiam, riam ao desprezar a ideia de que Marguerite St. Just tivesse se casado com um tolo por causa das vantagens mundanas com as quais ele poderia dotá-la. Sabiam, na verdade, que Marguerite St. Just não se importava com dinheiro e, tampouco, com um título; além disso, havia pelo menos meia dúzia de outros homens, no mundo cosmopolita, igualmente bem-nascidos, se não tão ricos como Blakeney, que teriam ficado muito felizes em dar a Marguerite St. qualquer posição que ela escolhesse.

Quanto ao próprio Sir Percy, ele foi universalmente tido como totalmente desqualificado para o difícil cargo

que assumira. Suas principais qualificações para isso pareciam consistir em sua adoração cega por ela, sua grande riqueza e o alto favor que gozava na corte inglesa; mas a sociedade londrina pensava que, tendo em conta as suas próprias limitações intelectuais, teria sido mais sensato de sua parte se tivesse concedido essas vantagens mundanas a uma esposa menos brilhante e espirituosa.

Embora nos tempos recentes tenha se tornado uma figura proeminente na elegante sociedade inglesa, ele passara a maior parte de sua infância no exterior. Seu pai, o falecido Sir Algernon Blakeney, teve a terrível infelicidade de ver uma jovem esposa idolatrada tornar-se irremediavelmente louca após dois anos de uma vida feliz de casado. Percy tinha acabado de nascer quando a falecida lady Blakeney foi vítima de uma terrível doença, que, naquela época, era considerada irremediavelmente incurável e nada menos que uma maldição de Deus sobre toda a família. Sir Algernon levou sua jovem esposa aflita para o exterior, e foi lá, provavelmente, que Percy foi educado e cresceu entre uma mãe imbecil<sup>[61]</sup> e um pai distraído, até atingir a maioridade. As mortes de seus pais, uma seguida da outra, tornaram-no um homem livre e, como Sir Algernon levara uma vida forçosamente simples e isolada, a grande fortuna dos Blakeney aumentara em dez vezes.

Sir Percy Blakeney havia viajado muito para o exterior, antes de trazer para casa sua bela e jovem esposa

francesa. Os círculos da moda da época estavam prontos para recebê-los de braços abertos. Sir Percy era rico, sua esposa era talentosa, o Príncipe de Gales gostava muito de ambos. Em seis meses, eles eram os líderes reconhecidos da moda e do estilo. Os casacos de Sir Percy eram o assunto da cidade, suas futilidades eram citadas, sua risada tola era copiada pela juventude dourada do Almack<sup>[62]</sup> ou da Mall.<sup>[63]</sup> Todos sabiam que ele era irremediavelmente estúpido, mas isso não era de admirar, visto que todos os Blakeney, durante gerações, tinham sido notoriamente estúpidos e que sua mãe morrera imbecil.

Assim, a sociedade o aceitava, acariciava-o, valorizava-o, pois seus cavalos eram os melhores do país, suas fêtes<sup>[64]</sup> e seus vinhos os mais procurados. Quanto ao seu casamento com “a mulher mais inteligente da Europa” – bem! O inevitável veio com passos seguros e rápidos. Ninguém teve pena dele, já que seu destino foi criado por ele mesmo. Havia muitas jovens na Inglaterra, de origem nobre e boa aparência, que estariam bastante dispostas a ajudá-lo a gastar a fortuna dos Blakeney, enquanto sorriam com indulgência para suas bobagens e sua tolice bem-humorada. Além disso, Sir Percy não recebia piedade, porque parecia não exigir nenhuma – parecia muito orgulhoso de sua inteligente esposa e pouco se importava com o fato de ela não se esforçar para disfarçar aquele desprezo bem-humorado que

evidentemente sentia por ele. Ela até se divertia, aguçando seu raciocínio às custas dele.

Mas então Blakeney era realmente estúpido demais para notar o ridículo com que sua inteligente esposa o cobria, e se suas relações matrimoniais com a fascinante parisiense não tivessem resultado tudo o que suas esperanças e sua devoção canina por ela havia imaginado, a sociedade não poderia fazer mais do que vagamente especular.

Em sua bela casa em Richmond,<sup>[65]</sup> ele ficava em segundo plano em relação à sua inteligente esposa, com uma imperturbável bonhomie<sup>[66]</sup>; ele lhe esbanjava joias e luxos de todos os tipos, que ela aceitava com graça inimitável, dispensando a hospitalidade de sua soberba mansão com a mesma graciosidade com que ela acolhera o círculo intelectual de Paris.

Fisicamente, Sir Percy Blakeney era negavelmente bonito - sempre com exceção da aparência preguiçosa e entediada que lhe era habitual. Estava sempre impecavelmente vestido e usava a exagerada moda incroyable,<sup>[67]</sup> que acabava de se espalhar de Paris para a Inglaterra, com o perfeito bom gosto inato em um cavalheiro inglês. Naquela tarde especial de setembro, apesar da longa viagem de carruagem, apesar da chuva e da lama, o casaco assentado irrepreensivelmente sobre os belos ombros, as mãos pareciam quase femininamente brancas, ao emergirem através de babados ondulados da mais fina renda mechlin.<sup>[68]</sup> O

casaco de cetim extravagantemente de cintura curta, o colete de lapela larga e as calças listradas justas realçavam sua figura maciça com perfeição, e, em repouso, alguém poderia admirar um exemplar tão belo da masculinidade inglesa, até que os modos e os movimentos afetados, o riso perpétuo e fútil, levassem a admiração por Sir Percy Blakeney a um fim abrupto.

Ele havia entrado no antiquado salão da estalagem, sacudindo a umidade do seu fino sobretudo; depois, colocando óculos de aros dourados em seu preguiçoso olho azul, examinou o grupo, sobre o qual um silêncio constrangedor caiu de repente.

— Como vai, Tony? Como vai, Ffoulkes? — ele disse, reconhecendo os dois jovens e apertando-lhes a mão. — Que coisa, meu caro amigo — acrescentou, abafando um leve bocejo —, você já viu um dia tão horrível? Que clima maldito!

Com uma risadinha estranha, meio embaraçada e meio sarcástica, Marguerite se virou para o marido, observando-o da cabeça aos pés, com um brilho divertido nos alegres olhos azuis.

— Ora! — disse Sir Percy, depois de um ou dois momentos de silêncio, enquanto ninguém fazia qualquer comentário. — Como vocês parecem tímidos... O que aconteceu?

— Oh, nada, Sir Percy — respondeu Marguerite, com certa alegria, que, no entanto, soou um tanto forçada —,

nada que perturbe seu ânimo, apenas um insulto à sua esposa.

A risada que acompanhou essa observação tinha obviamente a intenção de tranquilizar Sir Percy quanto à gravidade do incidente. Aparentemente, conseguiu isso, pois, ecoando a risada, ele respondeu placidamente:

— Ora, minha querida! Não diga. Muito bem! Quem foi o homem ousado que se atreveu a atacar você, hein?

Lorde Tony tentou intervir, mas não teve tempo para fazê-lo, pois o jovem visconde já havia avançado rapidamente.

— Monsieur — disse ele, precedendo seu pequeno discurso com uma mesura elaborada e falando em um inglês ruim —, minha mãe, a condessa de Tournay de Basserive, ofendeu a madame, que, pelo que vejo, é sua esposa. Não posso pedir perdão por minha mãe; o que ela faz é certo aos meus olhos. Mas estou pronto a oferecer-lhe a reparação habitual entre homens de honra.

O jovem elevou sua estatura esguia ao máximo e parecia muito entusiasmado, muito orgulhoso e muito caloroso enquanto olhava para o 1,80 m de beleza, representado por Sir Percy Blakeney, baronete.

— Lud, Sir Andrew — disse Marguerite, com uma de suas risadas alegres e contagiantes —, olhe essa linda imagem: “o peru inglês e o galinho francês”.

A comparação era perfeita, e o peru inglês olhou com total perplexidade para o delicado galinho francês, que pairava ameaçadoramente ao seu redor.

— Senhor — disse Sir Percy, finalmente, colocando os óculos e examinando o jovem francês com indisfarçável espanto —, onde diabos aprendeu a falar inglês?

— Ora, senhor! — protestou o visconde, um tanto envergonhado pela forma como sua atitude guerreira foi recebida pelo inglês de aparência pesada.

— Eu digo que é maravilhoso! — continuou Sir Percy, imperturbável. — Maravilhoso! Você não acha, Tony? Hein? Juro que não consigo falar a linguagem francesa assim. De jeito nenhum!

— Não, eu garanto isso! — disse Marguerite. — Sir Percy tem um sotaque britânico que você poderia cortar com uma faca.

— Monsieur — interveio o visconde com seriedade e em um inglês ainda pior —, temo que não tenha entendido. Ofereço-lhe a única reparação possível entre os cavalheiros.

— E o que diabo é isso? — perguntou Sir Percy, suavemente.

— Minha espada, monsieur — respondeu o visconde, que, embora ainda aturdido, estava começando a perder a paciência.

— Você é um esportista, lorde Tony — disse Marguerite, alegremente. — Dez para um no galinho.

Mas Sir Percy ficou olhando apático para o visconde por um ou dois momentos, através das pesadas pálpebras parcialmente fechadas, depois sufocou outro

bocejo, esticou os longos membros e virou-se vagarosamente.

— Lud lhe ama, senhor — ele murmurou bem-humorado. — Que droga, meu jovem, qual é a utilidade da sua espada para mim?

O que o visconde pensou e sentiu naquele momento, quando aquele inglês de membros longos o tratou com tão clara insolência, que poderia encher volumes de longas reflexões. O que ele disse se resolveu em uma única palavra articulada, pois todas as outras estavam sufocadas em sua garganta pela sua ira crescente.

— Um duelo, senhor — ele gaguejou.

Mais uma vez, Blakeney virou-se e, de sua grande altitude, olhou para o homenzinho colérico à sua frente, mas nem por um segundo pareceu perder seu imperturbável bom humor. Riu, agradável e fútil, e, enterrando as mãos longas e delgadas nos bolsos espaçosos do sobretudo, disse vagarosamente:

— Duelo? Ora! Foi isso que ele quis dizer? Mas que raios?<sup>[69]</sup> Você é um jovem rufião sanguinário. Quer fazer um buraco em um homem cumpridor da lei? Quanto a mim, senhor, nunca participo de duelos — acrescentou, enquanto se sentava placidamente e esticava à sua frente as pernas longas e preguiçosas. — Coisas desconfortáveis os duelos, não é, Tony?

O visconde, sem dúvida, tinha ouvido falar vagamente que na Inglaterra a moda dos duelos entre cavalheiros fora suprimida pela lei com mão muito severa; ainda

assim, para ele, um francês, cujas noções de bravura e honra se baseavam em um código que tinha séculos de tradição para apoiá-lo, a cena de um cavalheiro que realmente se recusava a travar um duelo era quase uma maldade. Em sua mente, ele ponderou vagamente se deveria bater no rosto daquele inglês de pernas compridas e chamá-lo de covarde ou se tal conduta poderia ser considerada pouco cavalheiresca na presença de uma dama, quando Marguerite interveio alegremente.

— Rogo-lhe, lorde Tony — ela disse com aquela voz gentil, doce e musical dela —, rogo-lhe que seja o pacificador. A criança está explodindo de raiva e — acrescentou ela, com um sarcasmo seco — pode causar algum dano a Sir Percy.

Ela deu uma risadinha zombeteira, que, no entanto, não perturbou em nada a serenidade plácida do marido.

— O peru britânico já teve seu dia — disse ela. — Sir Percy provocaria todos os santos do calendário e manteria a calma enquanto isso.

Mas Blakeney, bem-humorado como sempre, já havia se juntado à risada contra si mesmo.

— Pareceu inteligente isso agora, não foi? — disse ele, virando-se agradavelmente para o visconde. — Minha esposa é considerada uma mulher inteligente. Você descobrirá isso se viver bastante tempo na Inglaterra.

— Sir Percy está certo, visconde — aqui se interpôs lorde Antony, colocando uma mão amigável no ombro do

jovem francês. — Não seria apropriado que você começasse sua estadia na Inglaterra provocando-o para um duelo.

Por mais um momento, o visconde hesitou; depois, com um ligeiro encolher de ombros, dirigido contra o extraordinário código de honra que prevalecia nesta ilha enevoada, disse com dignidade apropriada:

— Ah, bem! Se monsieur estiver satisfeito, não tenho queixas. Você, meu senhor, é nosso protetor. Se fiz algo errado, eu me retiro.

— Sim, retire-se! — disse Blakeney, com um longo sinal de satisfação. — Vá mesmo embora daqui. Seu cachorrinho excitável — ele acrescentou baixinho. — Eu juro, Ffoulkes, se isso é um exemplar das mercadorias que você e seus amigos trazem da França, meu conselho para você é: deixe-os no meio do Canal, meu amigo, ou terei que falar com o velho Pitt sobre isso, fazê-lo aprovar uma tarifa proibitiva e colocá-lo no tronco.

— Ora, Sir Percy, seu cavalheirismo o desorienta — disse Marguerite, coquete. — Esquece que você mesmo importou um pacote de mercadorias da França.

Blakeney levantou-se lentamente e, fazendo uma reverência profunda e elaborada diante de sua esposa, disse com perfeita galanteria:

— Eu escolhi o mercado, senhora, e meu gosto é infalível.

— Acredito que mais do que seu cavalheirismo — ela retrucou sarcasticamente.

— Ora, minha querida! Seja razoável! Acha que vou permitir que meu corpo seja transformado em uma almofada de alfinetes por todo comedor de sapo que não gosta do formato do seu nariz?

— Lud, Mr. Percy! — riu lady Blakeney enquanto lhe fazia uma reverência pitoresca e bonita. — Não precisa ter medo! Não são os homens que não gostam do formato do meu nariz.

— É claro que não tenho medo! Você contesta minha bravura, senhora? Eu não tenho esse anel à toa, não é, Tony? Já enfrentei ativistas antes e... E eles também não conseguiram tudo o que queriam...

— Honestamente, Sir Percy — disse Marguerite, com uma risada longa e alegre, que ecoou pelas velhas vigas de carvalho da sala —, eu gostaria de tê-lo visto, então... Ha, ha, ha, ha... Que bela imagem deve ter sido essa... Aí, com medo de um garotinho francês... Ha, ha, ha, ha...

— Ha, ha, ha, ha... — repetiu Sir Percy, bem-humorado. — Senhora, você me honra! Nossa! Ffoulkes, lembre-se disso! Fiz minha esposa rir! “A mulher mais inteligente da Europa!” Minha nossa, precisamos beber a isso — e ele bateu vigorosamente na mesa perto dele. — Ei! Jelly! Rápido, homem! Aqui, Jelly!

A harmonia foi mais uma vez restaurada. Mr. Jellyband, com grande esforço, recuperou-se das muitas emoções que experimentara na última meia hora.

— Uma tigela de ponche, Jelly, quente e forte, hein? — disse Sir Percy. — A inteligência que acaba de fazer rir

uma mulher inteligente deve ser aguçada! Ha, ha, ha, ha... Apresse-se, meu bom Jelly!

— Não, não há tempo, Sir Percy — interpôs Marguerite. — O capitão chegará imediatamente e meu irmão deverá embarcar ou o Day Dream perderá a maré.

— Tempo, querida? Há muito tempo para qualquer cavalheiro ficar bêbado e embarcar antes da maré mudar.

— Acredito, Vossa Senhoria — disse Jellyband, respeitosamente —, que o jovem cavalheiro esteja vindo agora com o capitão de Sir Percy.

— Isso mesmo — disse Blakeney —, então Armand pode se juntar a nós em nossa bebida. Você acha, Tony — acrescentou, virando-se para o visconde —, que aquele seu idiota vai se juntar a nós em um copo? Diga a ele que bebemos em sinal de reconciliação.

— Na verdade, vocês são todos uma companhia tão alegre — disse Marguerite — que espero que me perdoem se eu me despedir de meu irmão em outro lugar.

Teria sido uma má educação protestar. Tanto lorde Antony como Sir Andrew sentiram que lady Blakeney não conseguia estar totalmente em sintonia com eles naquele momento. Seu amor por seu irmão, Armand St. Just, era profundo e comovente ao extremo. Ele acabara de passar algumas semanas com ela em sua casa inglesa e estava voltando para servir seu país, em um momento

em que a morte era a recompensa habitual pela devoção mais duradoura.

Sir Percy também não fez nenhuma tentativa de deter sua esposa. Com aquela galanteria perfeita e um tanto afetada que caracterizava todos os seus movimentos, ele abriu para ela a porta da cafeteria e fez-lhe a mais aceita e elaborada reverência que a moda da época ditava, enquanto ela saía da sala sem conceder a ele mais do que um olhar passageiro e ligeiramente desdenhoso. Apenas Sir Andrew Ffoulkes, cujos pensamentos desde que conhecera Suzanne de Tournay pareciam mais aguçados, mais gentis, mais simpáticos por natureza, notou o olhar curioso de desejo intenso, de paixão profunda e desesperada, com que o fútil e assustador Sir Percy seguia a retirada da figura de sua brilhante esposa.

## CAPÍTULO VII

### O POMAR SECRETO

Uma vez fora da barulhenta cafeteria, sozinha no corredor mal iluminado, Marguerite Blakeney pareceu respirar com mais liberdade. Soltou um suspiro profundo, como alguém oprimido há muito tempo pelo peso do autocontrole constante, e permitiu que algumas lágrimas caíssem despercebidas por seu rosto.

Lá fora, a chuva tinha cessado e, através das nuvens que passavam rapidamente, os raios pálidos de um sol pós-tempestade brilhavam sobre a bela costa branca de Kent<sup>[70]</sup> e as casas pitorescas e irregulares que se aglomeravam em torno do cais do Almirantado.<sup>[71]</sup> Marguerite Blakeney foi até a varanda e olhou para o mar. Em silhueta contra o céu em constante mudança, uma graciosa escuna, com velas brancas hasteadas, dançava suavemente na brisa. Era o Day Dream, o iate de Sir Percy Blakeney, pronto para levar Armand St. Just de volta à França, bem no meio daquela revolução fervilhante e sangrenta que derrubava uma monarquia, atacava uma religião, destruía uma sociedade, a fim de tentar reconstruir sobre as cinzas da tradição uma nova utopia, com a qual alguns homens sonharam, mas que ninguém teve o poder de estabelecer.

Ao longe, duas figuras aproximavam-se da Descanso dos Pescadores: uma, um homem idoso, com uma

curiosa franja de cabelos grisalhos em torno de um queixo redondo e maciço, a andar com aquele peculiar andar ondulante, que invariavelmente evidencia o marinheiro, e a outra, uma figura jovem e esbelta, vestida de maneira elegante, com um sobretudo escuro, bem barbeado e com seu cabelo escuro penteado para trás sobre uma testa clara e nobre.

— Armand! — disse Marguerite Blakeney, assim que o viu se aproximando à distância e um sorriso feliz brilhou em seu doce rosto, mesmo em meio às lágrimas.

Um ou dois minutos depois, irmão e irmã estavam abraçados, enquanto o velho capitão permanecia respeitosamente de lado.

— Quanto tempo temos, Briggs — perguntou Lady Blakeney —, antes de monsieur St. Just precisar embarcar?

— Deveríamos levantar âncora antes de meia hora, Vossa Senhoria — respondeu o velho, puxando o topete grisalho.

Entrelaçando o braço no dele, Marguerite conduziu o irmão em direção aos penhascos.

— Meia hora — disse ela, olhando melancolicamente para o mar. — Mais meia hora e você estará longe de mim, Armand! Oh! Não acredito que você está indo, querido! Esses últimos dias, enquanto Percy esteve fora e eu tive você só para mim, passaram como um sonho.

— Não vou muito longe, querida — disse o jovem gentilmente —, um canal estreito para atravessar -

alguns quilômetros de estrada – e posso voltar em breve.

— Não, não é a distância, Armand, e sim aquela terrível Paris...

Eles haviam chegado à beira do penhasco. A brisa suave do mar soprava os cabelos de Marguerite sobre seu rosto e fazia as pontas de seu macio fichu de renda balançarem ao seu redor, como uma cobra branca e flexível. Ela tentou imaginar a distância, além da qual ficavam as costas da França: aquela França implacável e severa, que exigia sua libra de carne, o imposto de sangue dos mais nobres de seus filhos.

— Nosso lindo país, Marguerite — disse Armand, que parecia ter adivinhado seus pensamentos.

— Estão indo longe demais, Armand — ela falou com veemência. — Você é um republicano, eu também... Temos os mesmos pensamentos, o mesmo entusiasmo pela liberdade e igualdade... Mas até mesmo você deve pensar que estão indo longe demais...

— Silêncio! — disse Armand, instintivamente, enquanto lançava um olhar rápido e apreensivo ao seu redor.

— Ah! Você mesmo não acha seguro sequer falar sobre essas coisas, mesmo aqui na Inglaterra — ela agarrou-se a ele de repente, com uma paixão forte, quase maternal. — Não vá, Armand! — ela implorou. — Não volte para lá! O que farei se... Se...

Sua voz estava intensamente embargada em soluços, seus olhos, ternos, azuis e amorosos, olhavam

suplicantes para o jovem, que, por sua vez, olhava firmemente para ela.

— De qualquer forma, você seria minha corajosa irmã — disse ele gentilmente —, que se lembrará de que, quando a França está em perigo, não cabe a seus filhos virar as costas para ela.

Enquanto ele falava, aquele sorriso doce e infantil voltou ao seu rosto, comovente ao extremo, pois parecia afogado em lágrimas.

— Oh! Armand! — ela disse curiosamente. — Às vezes, gostaria que você não tivesse tantas virtudes elevadas... Garanto que pequenos pecados são muito menos perigosos e desconfortáveis. Mas você terá cuidado? — ela acrescentou seriamente.

— Tanto quanto possível... Eu prometo.

— Lembre-se, querido, eu só tenho você... Para... Para cuidar de mim...

— Não, querida, você tem outros interesses agora. Percy se preocupa com você...

Uma expressão de estranha melancolia apareceu em seus olhos enquanto ela murmurava:

— Ele se preocupou... Uma vez...

— Mas seguramente...

— Pronto, querido, não se preocupe por minha causa. Percy é muito bom...

— Não — ele interrompeu energicamente. — Vou me angustiar por sua causa, minha Margot.<sup>[72]</sup> Ouça, querida, eu não falei sobre essas coisas com você antes; alguma

coisa sempre parecia me impedir quando eu queria questionar você. Mas, de alguma forma, sinto como se não pudesse ir embora e deixar você agora sem lhe fazer uma pergunta... Você não precisa responder se não quiser — acrescentou ele, ao notar um olhar súbito e duro, quase de apreensão, percorrer os olhos dela.

— O que é? — ela perguntou simplesmente.

— Sir Percy Blakeney sabe que... Quero dizer, ele sabe o papel que você desempenhou na prisão do marquês de St. Cyr?

Ela riu - uma risada triste, amarga e desdenhosa, que era como um acorde dissonante na música de sua voz.

— Que eu denunciei o marquês de St. Cyr, você quer dizer, ao tribunal que acabou mandando-o e toda a sua família para a guilhotina? Sim, ele sabe... Eu disse a ele depois que nos casamos...

— Você contou a ele todas as circunstâncias que a exoneraram completamente de qualquer culpa?

— Era tarde demais para falar de “circunstâncias”. Ele ouvira a história de outras fontes; minha confissão chegou tarde demais, ao que parece. Eu não poderia mais alegar circunstâncias atenuantes. Não poderia ser mesquinha ao tentar explicar...

— E?

— E agora tenho a satisfação, Armand, de saber que o maior tolo da Inglaterra sente o mais completo desprezo pela sua esposa.

Dessa vez, ela falou com veemente amargura e Armand St. Just, que a amava tanto, sentiu que havia colocado um dedo um tanto desajeitado em uma ferida dolorida.

— Mas Sir Percy amava você, Margot — ele repetiu gentilmente.

— Amava? Bem, Armand, certa vez pensei que sim ou não teria me casado com ele. Ouso dizer — acrescentou ela, falando muito rapidamente, como se estivesse feliz por finalmente abandonar um fardo pesado que a oprimira durante meses —, ousou dizer que até você pensou - como todo mundo pensou - que eu me casei com Sir Percy por causa de sua riqueza - mas garanto-lhe, querido, que não foi assim. Ele parecia me adorar com uma curiosa intensidade de paixão concentrada, que tocava direto no meu coração. Eu nunca tinha amado ninguém antes, como você sabe, e tinha 24 anos na época - então, naturalmente, pensei que não era da minha natureza amar. Mas sempre me pareceu que devia ser celestial ser amada cegamente, apaixonadamente, inteiramente... Adorada, na verdade - e o próprio fato de Percy ser lento e estúpido era uma atração para mim, pois pensei que ele me amaria ainda mais. Um homem inteligente teria naturalmente outros interesses, um homem ambicioso teria outras esperanças... Achei que um tolo adoraria e não pensaria em mais nada. E eu estava pronta para responder a isso, Armand. Eu teria

me permitido ser adorada e dar em troca uma ternura infinita...

Ela suspirou - e havia um mundo de desilusão naquele suspiro. Armand St. Just permitiu que ela falasse sem interrupção: ele a ouvia, enquanto permitia que seus próprios pensamentos corressem soltos. Foi terrível ver uma mulher jovem e bonita - uma menina em tudo, menos no nome - ainda parada quase no limiar de sua vida, mas desprovida de esperança, desprovida de ilusões, desprovida daqueles sonhos dourados e fantásticos, que deveriam ter tornado sua juventude um longo e perpétuo feriado.

No entanto, talvez - embora amasse profundamente a irmã -, talvez ele entendesse: ele havia estudado homens em muitos países, homens de todas as idades, homens de todos os níveis de status social e intelectual, e, internamente, ele entendia o que Marguerite havia deixado por dizer. É verdade que Percy Blakeney era estúpido, mas em sua lenta mente ainda haveria espaço para aquele orgulho intrínseco a um descendente de uma longa linhagem de cavalheiros ingleses. Um Blakeney morrera em Bosworth Field,<sup>[73]</sup> outro sacrificou a vida e a fortuna pelo bem de um Stuart traiçoeiro:<sup>[74]</sup> e esse mesmo orgulho - tolo e preconceituoso como o republicano Armand o chamaria - deve ter sido ferido profundamente ao ouvir sobre o pecado que causava culpa em lady Blakeney. Ela era jovem, mal-ensinada, talvez mal-aconselhada. Armand sabia disso e aqueles

que se aproveitaram da juventude de Marguerite, dos seus impulsos e imprudências, sabiam-no ainda melhor; mas Blakeney era tolo, não dava ouvidos às “circunstâncias” - ele apenas se apegava aos fatos e estes lhe mostraram lady Blakeney denunciando um igual a um tribunal que não conhecia perdão: e o desprezo que ele sentia pelo ato que ela tinha feito, ainda que involuntariamente, matara nele o mesmo amor, do qual a simpatia e a intelectualidade nunca poderiam ter participado.

No entanto, mesmo agora, sua própria irmã o intrigava. A vida e o amor têm caprichos tão estranhos. Será que, com o declínio do amor do marido, o coração de Marguerite despertou de amor por ele? Estranhos extremos encontram-se no caminho do amor: esta mulher, que tinha a seus pés metade da Europa intelectual, poderia talvez ter depositado seu afeto em um tolo. Marguerite olhava para o pôr do sol. Armand não conseguia ver o rosto dela, mas logo lhe pareceu que algo, que brilhou por um momento na luz dourada do entardecer, caiu dos olhos dela sobre o delicado fichu de renda.

Ele, contudo, não poderia abordar esse assunto com ela. Conhecia tão bem sua natureza estranha e apaixonada e aquela reserva que se escondia por trás de seus modos francos e abertos.

Os dois sempre estiveram juntos, pois os pais morreram quando Armand ainda era jovem e Marguerite,

ainda criança. Ele, cerca de oito anos mais velho que ela, cuidou dela até o casamento; acompanhou-a durante aqueles anos brilhantes passados no apartamento da Rue de Richelieu e viu-a iniciar esta sua nova vida, ali na Inglaterra, com muita tristeza e algum presságio.

Esta era a primeira visita dele à Inglaterra desde o casamento e os poucos meses de separação já pareciam ter criado uma divisão tênue entre irmão e irmã; o mesmo amor profundo e intenso ainda existia, de ambos os lados, mas cada um agora parecia ter um pomar secreto, no qual o outro não ousava penetrar.

Havia muita coisa que Armand St. Just não podia contar à irmã; o aspecto político da revolução em França mudava quase todos os dias; ela poderia não entender como suas próprias opiniões e simpatias poderiam ser modificadas, mesmo que os excessos cometidos por aqueles que haviam sido seus amigos crescessem em horror e intensidade. E Marguerite não podia falar com o irmão sobre os segredos do seu coração; ela mesma mal os entendia, só sabia que, em meio ao luxo, se sentia solitária e infeliz.

Agora, Armand estava indo embora; ela temia pela segurança dele, ansiava pela presença dele, não estragaria estes últimos momentos tristemente doces falando sobre si mesma. Ela o conduziu suavemente ao longo dos penhascos e depois até a praia; de braços dados um no outro, ainda tinham muito a dizer, o que estava de fora daqueles pomares secretos.

## CAPÍTULO VIII

### O AGENTE CREDENCIADO

A tarde terminava rapidamente e uma noite longa e fria de verão inglês lançava uma mortalha enevoadada sobre a paisagem verde de Kent.

O Day Dream havia zarpado e Marguerite Blakeney ficou sozinha na beira do penhasco por mais de uma hora, observando aquelas velas brancas, que levavam tão rapidamente para longe dela o único ser que realmente se importava com ela, a quem ela ousava amar, em quem sabia que podia confiar.

Ali perto, as luzes da cafeteria Descanso dos Pescadores brilhavam amarelas na névoa que se acumulava; de vez em quando parecia, aos seus nervos doloridos, que ela conseguia captar dali o som de conversas alegres e joviais, ou mesmo aquela risada perpétua e sem sentido do marido, que continuamente irritava seus ouvidos sensíveis.

Sir Percy tinha tido a delicadeza de deixá-la completamente sozinha. Ela supôs que, à sua maneira estúpida e bem-humorada, ele poderia ter entendido que ela desejaria permanecer sozinha, enquanto aquelas velas brancas desapareciam no vago horizonte, a tantos quilômetros de distância. Ele, cujas noções de decoro e propriedade eram supersensíveis, não sugeriu nem mesmo que um atendente permanecesse por perto.

Marguerite ficou grata ao marido por tudo isso; ela sempre tentava ser grata a ele por sua consideração, que era constante, e por sua generosidade, que realmente era ilimitada. Às vezes, até tentava conter os pensamentos sarcásticos e amargos sobre ele, o que a fazia - contra sua vontade - dizer coisas cruéis e insultuosas, que ela vagamente esperava que o magoassem.

Sim! Ela muitas vezes desejava feri-lo, fazê-lo sentir que ela também o desprezava, que ela também havia esquecido que uma vez quase o amou. Amou aquele fútil almofadinha, cujos pensamentos pareciam incapazes de ir além do amarrar de uma gravata ou do novo corte de um casaco! Bah! E, ainda assim... Vagas lembranças - doces, ardentes e sintonizadas com aquela calma noite de verão - voltaram à sua memória, nas asas invisíveis da leve brisa do mar: a época em que ele a adorara pela primeira vez. Parecia tão dedicado - um escravo praticamente - e havia certa intensidade latente naquele amor que a fascinara.

Então, de repente, aquele amor, aquela devoção, que durante todo o namoro ela encarara como a fidelidade servil de um cão, pareceu desaparecer completamente. Vinte e quatro horas depois da pequena cerimônia simples na velha São Roque,<sup>[75]</sup> ela lhe contou a história de como, inadvertidamente, falara de certos assuntos relacionados com o marquês de St. Cyr para alguns homens - seus amigos -, que usaram esta informação

contra o infeliz marquês, mandando a ele e à sua família para a guilhotina.

Ela odiava o marquês. Anos atrás, Armand, seu querido irmão, amava Angèle de St. Cyr, mas St. Just era um plebeu, e o marquês, cheio do orgulho e dos preconceitos arrogantes de sua casta. Um dia, Armand, o apaixonado respeitoso e tímido, aventurou-se a enviar um pequeno poema - entusiasmado, ardente, apaixonado - ao foco de seus sonhos. Na noite seguinte, ele foi emboscado nos arredores de Paris pelos criados do marquês e espancado vergonhosamente - como um cachorro quase morto - porque ousou erguer os olhos para a filha do aristocrata. O incidente era uma coisa que, naquela época, a cerca de dois anos antes da grande Revolução, ocorria quase diariamente na França; incidentes desse tipo, de fato, levaram a represálias sangrentas, que alguns anos depois enviaram a maior parte daquelas cabeças arrogantes para a guilhotina.

Marguerite lembrava-se de tudo: o que o irmão sofrera na sua masculinidade e em seu orgulho devia ter sido terrível; o que ela sofrera por ele e com ele, ela nunca tentou analisar.

Então, chegou o dia da retribuição. St. Cyr e sua espécie encontraram seus mestres nos mesmos plebeus que desprezavam. Armand e Marguerite, ambos seres intelectuais e pensantes, adotaram com o entusiasmo de seus anos as doutrinas utópicas da Revolução, enquanto o marquês de St. Cyr e sua família lutaram centímetro

por centímetro pela manutenção daqueles privilégios que os colocaram socialmente acima de seus semelhantes. Marguerite, impulsiva, sem pensar nem calcular o significado de suas palavras, ainda sofrendo com o terrível insulto que seu irmão sofrera nas mãos do marquês, ouviu por acaso - em seu próprio círculo - que os St. Cyrs mantinham correspondência traiçoeira com a Áustria, na esperança de obter o apoio do Imperador<sup>[76]</sup> para reprimir a revolução crescente no seu próprio país.

Naquela época, bastava uma denúncia: as poucas palavras impensadas de Marguerite faladas sobre o marquês de St. Cyr deram frutos em 24 horas. Ele foi preso. Seus papéis foram revistados e cartas do imperador austríaco, prometendo enviar tropas contra a população de Paris, foram encontradas em sua mesa. Ele acabou acusado de traição contra a nação e enviado para a guilhotina. Sua família - esposa e filhos - compartilharam desse terrível destino.

Marguerite, horrorizada com as terríveis consequências da sua própria negligência, não pôde salvar o marquês: em seu próprio círculo, líderes do movimento revolucionário, todos a proclamaram como uma heroína: e quando ela se casou com Sir Percy Blakeney, não percebeu o quão severamente ele encararia o pecado que ela havia cometido tão inadvertidamente e que ainda pesava sobre sua alma. Confessou-o plenamente ao marido, confiando no seu amor cego por ela, no seu poder ilimitado sobre ele, para

o fazer esquecer em breve o que poderia ter soado desagradável a um ouvido inglês.

Naquele momento, o marido certamente pareceu aceitar a situação com muita calma; na verdade, dificilmente ele pareceria compreender o significado de tudo o que ela dizia, mas o que era ainda mais certo é que depois disso nunca mais ela conseguiu detectar o menor sinal daquele amor, que antes acreditava ser inteiramente seu. Agora, eles haviam se afastado bastante e Sir Percy parecia ter deixado de lado seu amor por ela, como se ela fosse uma luva mal ajustada. Tentou despertá-lo, aguçando sua inteligência contra o intelecto embotado dele; esforçou-se por excitar seu ciúme, se não conseguisse despertar seu amor; tentou incitá-lo à autoafirmação, mas tudo em vão. Ele permaneceu o mesmo, sempre passivo, arrastado, entediante, cortês, invariavelmente um cavalheiro. Ela tinha tudo o que o mundo e um marido rico podiam dar a uma mulher bonita, mas naquela linda noite de verão, com as velas brancas do Day Dream finalmente escondidas pelas sombras da noite, sentia-se mais solitária do que aquele pobre vagabundo que caminhava, cansado, pelos penhascos escarpados.

Com outro suspiro pesado, Marguerite Blakeney deu as costas ao mar e aos penhascos e caminhou lentamente de volta à cafeteria Descanso dos Pescadores. À medida que ela se aproximava, o som da folia, do riso alegre e jovial, tornou-se mais alto e mais claro. Ela conseguia

distinguir a voz agradável de Sir Andrew Ffoulkes, as gargalhadas barulhentas de lorde Tony, os comentários ocasionais, arrastados e tediosos do marido; então, percebendo a solidão da estrada e a escuridão que se acumulava rapidamente ao seu redor, ela acelerou os passos... No momento seguinte, percebeu um estranho vindo rapidamente em sua direção. Não ergueu os olhos. Não estava nem um pouco nervosa e O Descanso dos Pescadores estava agora bem ao seu alcance.

O estranho fez uma pausa ao ver Marguerite vindo rapidamente em sua direção e, quando ela estava prestes a passar por ele, disse baixinho:

— Cidadã St. Just.

Marguerite soltou um gritinho de espanto ao ouvir assim seu familiar nome de solteira pronunciado tão perto dela. Olhou para o estranho e, desta vez, com um grito de prazer sincero, estendeu efusivamente as duas mãos na direção dele.

— Chauvelin! — ela exclamou.

— Ele mesmo, cidadã, ao seu serviço — disse o estranho, beijando-lhe galantemente as pontas dos dedos.

Marguerite não disse nada por um momento ou dois, enquanto observava com óbvio deleite a pequena figura não muito atraente diante dela. Chauvelin estava, então, mais perto dos 40 do que dos 30 - uma personalidade inteligente e de aparência astuta, com uma curiosa expressão de raposa nos olhos profundos. Era o mesmo

estranho que uma ou duas horas antes havia se juntado ao Mr. Jellyband para uma amigável taça de vinho.

— Chauvelin, meu amigo... — disse Marguerite, com um pequeno sinal de satisfação. — Estou muito satisfeita em vê-lo.

Sem dúvida, a pobre Marguerite St. Just, solitária no meio de sua grandeza e de seus amigos engomados, ficou feliz ao ver um rosto que trouxe de volta lembranças daquela época feliz em Paris, quando ela comandou - como uma rainha - o círculo intelectual da Rua de Richelieu. Não percebeu o sorrisinho sarcástico que pairava nos lábios finos de Chauvelin.

— Mas diga-me — acrescentou ela alegremente —, por que diabos, ou por quem diabos, você está na Inglaterra?

Ela havia retomado sua caminhada em direção à estalagem e Chauvelin se virou e caminhou ao lado dela.

— Eu poderia retribuir o elogio sutil, bela senhora — disse ele. — E a senhora?

— Ah, eu? — ela disse, encolhendo os ombros. — Je m'ennuie, mon ami, <sup>[77]</sup> isso é tudo.

Eles haviam chegado à varanda da Descanso dos Pescadores, mas Marguerite parecia relutante em entrar. O ar da noite estava agradável depois da tempestade e ela havia encontrado um amigo que exalava o ar de Paris, que conhecia bem Armand, que sabia falar de todos os amigos alegres e brilhantes que ela abandonara. Então, permaneceu sob a bonita varanda, enquanto através da claraboia bem iluminada da

cafeteria vinham sons de risos, de pedidos de “Sally” e de cerveja, de batidas de canecas e tilintar de dados, misturados com a risada fútil e triste de Sir Percy Blakeney. Chauvelin ficou ao lado dela, os olhos astutos, claros e amarelos fixos no rosto bonito, que parecia tão doce e infantil naquele suave crepúsculo do verão inglês.

— Você me surpreende, cidadã — disse ele baixinho, enquanto tomava uma pitada de rapé.<sup>[78]</sup>

— Eu? — ela respondeu alegremente. — Ora, meu pequeno Chauvelin, eu pensava que, com sua sabedoria, teria adivinhado que uma atmosfera composta de névoas e virtudes nunca serviria para Marguerite St. Just.

— Ora, veja! É tão ruim assim? — ele perguntou, fingindo consternação.

— Bastante — ela retrucou — e pior.

— Estranho! Ora, pensei que uma mulher bonita acharia a vida no campo inglês particularmente atraente.

— Sim! Eu também — ela disse com um suspiro. — Mulheres bonitas — acrescentou ela meditativamente — deveriam se divertir na Inglaterra, já que todas as coisas agradáveis são proibidas para elas - as exatas coisas que fazem todos os dias.

— É mesmo?

— Você dificilmente acreditará, meu pequeno Chauvelin — disse ela com seriedade —, mas, muitas vezes, passo um dia inteiro - um dia inteiro - sem encontrar uma única tentação.

— Não é de se admirar — retrucou Chauvelin, galantemente — que a mulher mais inteligente da Europa esteja perturbada pelo tédio.

Ela deu uma de suas risadas melodiosas, ondulantes e infantis.

— Deve ser muito ruim, não é? — ela disse maliciosamente. — Ou eu não teria ficado tão feliz em vê-lo.

— E isso dentro de um ano de um casamento romântico!

— Sim! Um ano de um casamento romântico... Essa é a dificuldade...

— Ah! Aquela loucura idílica — disse Chauvelin, com sarcasmo silencioso — não sobreviveu, então, ao lapso de... Semanas?

— As loucuras idílicas nunca duram, meu pequeno Chauvelin... Elas vêm sobre nós como o sarampo... E são facilmente curadas.

Chauvelin tomou outra pitada de rapé. Parecia muito viciado naquele hábito pernicioso, tão comum na época; talvez também ele considerasse o consumo de rapé um véu conveniente para disfarçar os olhares rápidos e astutos com os quais se esforçava para ler as próprias almas daqueles com quem entrava em contato.

— Não é de se admirar — repetiu ele, com a mesma galanteria — que o cérebro mais ativo da Europa esteja perturbado pelo tédio.

— Eu esperava que você tivesse uma receita contra essa doença, meu pequeno Chauvelin.

— Como posso esperar ter sucesso naquilo que Sir Percy Blakeney não conseguiu realizar?

— Podemos deixar Sir Percy fora disso por enquanto, meu querido amigo? — ela disse secamente.

— Ah, minha cara senhora, perdoe-me, mas é exatamente isso que não podemos fazer — disse Chauvelin, enquanto, mais uma vez, seus olhos, atentos como os de uma raposa em alerta, lançavam um rápido olhar para Marguerite. — Tenho uma receita perfeita contra a pior forma de tédio, que teria prazer em apresentar a você, mas...

— Mas o quê?

— Lá está Sir Percy.

— O que ele tem a ver com isso?

— Receio que seja um bom negócio. A receita que lhe ofereço, bela senhora, tem um nome muito plebeu: trabalho!

— Trabalho?

Chauvelin olhou longamente para Marguerite. Parecia que aqueles olhos claros e penetrantes dele estavam lendo cada um de seus pensamentos. Estavam sozinhos; o ar da noite estava bastante calmo e seus sussurros suaves eram abafados pelo barulho que vinha da cafeteria. Mesmo assim, Chauvelin deu um ou dois passos debaixo da varanda, olhou rápida e atentamente ao seu redor e depois, vendo que, de fato, não havia

ninguém ao alcance da voz, voltou mais uma vez para perto de Marguerite.

— Você prestará um pequeno serviço à França, cidadã? — ele perguntou, com uma súbita mudança de atitude, o que conferiu ao seu rosto magro e de raposa uma seriedade singular.

— Ora, homem! — ela respondeu levianamente. — Como parece sério de repente... Na verdade, não sei se prestaria um pequeno serviço à França. De qualquer forma, depende do tipo de serviço que ela - ou você - deseja.

— Já ouviu falar de Pimpinela Escarlata, cidadã St. Just? — perguntou Chauvelin, abruptamente.

— Se já ouviu falar de Pimpinela Escarlata? — ela retrucou com uma risada longa e alegre. — Ora, homem! Não falamos sobre mais nada... Temos chapéus à la Pimpinela Escarlata; nossos cavalos são chamados de Pimpinela Escarlata; no jantar do Príncipe de Gales, outra noite, comemos um “suflê Pimpinela Escarlata”. Lud! — ela acrescentou alegremente —, outro dia encomendei na minha modista um vestido azul enfeitado com verde e que um raio caia sobre mim se ela não chamou isso de “à la Pimpinela Escarlata”.

Chauvelin não se mexeu enquanto ela tagarelava alegremente; nem sequer tentou impedi-la quando sua voz musical e sua risada infantil ecoaram pelo ar calmo da noite, mas permaneceu sério e prudente conforme ela

ria, e sua voz, clara, incisiva e dura, não se elevava acima da respiração quando disse:

— Então, como já ouviu falar desse personagem enigmático, cidadã, também deve ter adivinhado e sabido que o homem que esconde sua identidade sob aquele estranho pseudônimo é o inimigo mais ferrenho de nossa república, da França... De homens como Armand St. Just.

— Ora! — ela disse, com um pequeno suspiro curioso. — Ouso jurar que sim... A França tem muitos inimigos ferrenhos atualmente.

— Mas você, cidadã, é filha da França e deveria estar pronta para ajudá-la em um momento de perigo mortal.

— Meu irmão Armand dedica sua vida à França — ela retrucou com orgulho. — Quanto a mim, não posso fazer nada estando aqui na Inglaterra...

— Você — ele insistiu com ainda mais seriedade, enquanto seu rosto magro de raposa parecia, de repente, ter ficado impressionante e cheio de dignidade — aqui, na Inglaterra, cidadã, só você pode nos ajudar. Ouça! Fui enviado aqui pelo governo republicano como seu representante, apresentarei minhas credenciais ao Mr. Pitt em Londres amanhã. Um dos meus deveres aqui é descobrir tudo sobre esta Liga do Pimpinela Escarlate, que se tornou uma ameaça permanente para a França, uma vez que está empenhada em ajudar os nossos malditos aristocratas - traidores do seu país e inimigos do povo - a escaparem do justo castigo que merecem.

Você sabe tão bem quanto eu, cidadã, que uma vez aqui, aqueles emigrados franceses tentam despertar o sentimento público contra a República. Estão prontos para se juntar a qualquer inimigo corajoso o suficiente para atacar a França... Agora, no último mês, muitos destes émigrés<sup>[79]</sup>, alguns apenas suspeitos de traição, outros efetivamente condenados pelo Tribunal de Segurança Pública, conseguiram atravessar o Canal da Mancha. A fuga em cada caso foi planejada, organizada e efetuada por esta sociedade de jovens malandros e ingleses, liderada por um homem cujo cérebro parece tão engenhoso quanto sua identidade é misteriosa. Todos os esforços mais extenuantes por parte de meus espiões não conseguiram descobrir quem ele é; enquanto os outros são as mãos, ele é o chefe, que, sob este estranho anonimato, trabalha calmamente para a destruição da França. Pretendo atacar essa cabeça e, para isso, quero sua ajuda - através dele, mais tarde, poderei alcançar o resto da gangue. Tenho certeza de que ele é um jovem fanfarrão da sociedade inglesa. Encontre esse homem para mim, cidadã! — ele insistiu. — Encontre-o para a França!

Marguerite ouvira o discurso ardente de Chauvelin sem pronunciar uma palavra, mal fazendo qualquer movimento, mal ousando respirar. Ela já lhe havia dito que esse misterioso herói de romance era o assunto do grupo elegante ao qual ela pertencia; já antes disso, seu coração e sua imaginação haviam sido agitados pelo

pensamento do homem corajoso, que, sem fama, resgatara centenas de vidas de um destino terrível, muitas vezes impiedoso. Ela tinha pouca simpatia real por aqueles arrogantes aristocratas franceses, insolentes no seu orgulho de casta, dos quais a condessa de Tournay de Basserive era um exemplo tão típico; mas, por mais republicana e liberal que fosse por princípio, ela odiava e detestava os métodos que a jovem República escolhera para se estabelecer. Não estava em Paris há alguns meses; os horrores e o derramamento de sangue do Reinado do Terror, que culminou nos massacres de setembro, só lhe tinham chegado através do Canal da Mancha como um eco fraco. Robespierre, Danton, Marat, [\[80\]](#) ela não conhecia em seus novos disfarces de juízes sangrentos, impiedosos manejadores da guilhotina. Sua própria alma recuava horrorizada diante desses excessos e ela temia que seu irmão Armand - republicano moderado como era - pudesse um dia se tornar o sacrifício.

Então, quando ouviu falar pela primeira vez deste grupo de jovens entusiastas ingleses, que, por puro amor aos seus semelhantes, salvaram mulheres e crianças, velhos e jovens, de uma morte horrível, seu coração brilhou de orgulho por eles, e agora, enquanto Chauvelin falava, sua alma se dirigia ao galante e misterioso líder do pequeno bando imprudente, que arriscava a vida diária, gratuitamente e sem ostentação, pelo bem da humanidade.

Seus olhos estavam úmidos quando Chauvelin terminou de falar, a renda do peito subia e descia com sua respiração rápida e excitada; não ouvia mais o barulho das bebidas da pousada, não ouvia a voz do marido ou sua risada fútil, seus pensamentos vagavam em busca do misterioso herói! Ah! Esse era um homem que ela poderia ter amado se ele tivesse aparecido em seu caminho: tudo nele apelava à sua imaginação romântica; sua personalidade, força, bravura, a lealdade daqueles que serviam sob ele na mesma causa nobre e, acima de tudo, aquele anonimato que o coroava, como que com uma auréola de glória romântica.

— Encontre-o para a França, cidadã!

A voz de Chauvelin perto do seu ouvido despertou-a dos seus sonhos. O misterioso herói havia desaparecido e, a menos de 20 metros dela, bebia e ria um homem a quem ela havia jurado fé e lealdade.

— Homem — ela disse com um retorno de sua assumida petulância —, você é surpreendente. Onde no mundo devo procurá-lo?

— A senhora vai a todos os lugares, cidadã — sussurrou Chauvelin, insinuante. — Lady Blakeney é o pivô da Londres social, pelo que me disseram... A senhora vê tudo, ouve tudo.

— Calma, meu amigo — retrucou Marguerite, erguendo-se em toda a sua altura e olhando para baixo, com um leve pensamento de desprezo pela figura pequena e magra diante dela. — Acalme-se! Você parece

se esquecer de que há um 1,80 m de Sir Percy Blakeney e uma longa linhagem de ancestrais entre lady Blakeney e isso que você propõe.

— Pelo bem da França, cidadã! — reiterou Chauvelin, sinceramente.

— Ora, homem, você continua a falar bobagens, pois mesmo que você soubesse quem é esse Pimpinela Escarlata, não poderia fazer nada contra ele... É um inglês!

— Eu me arriscaria — disse Chauvelin, com uma risadinha seca e áspera. — De qualquer forma, poderíamos mandá-lo para a guilhotina primeiro para esfriar seu ardor, depois, quando houver um rebuliço diplomático sobre isso, podemos pedir desculpas - humildemente - ao governo britânico e, se necessário, pagar uma indenização à família enlutada.

— O que me propõe é horrível, Chauvelin — disse ela, afastando-se dele como se fosse um inseto nocivo. — Quem quer que seja o homem, é corajoso e nobre, e eu nunca... Você me ouviu? Eu nunca ajudaria em tal vilania.

— Prefere ser insultada por todos os aristocratas franceses que vêm a este país?

Chauvelin mirou com precisão quando disparou aquela pequena flecha. As jovens bochechas frescas de Marguerite tornaram-se um pouco mais pálidas e ela mordeu o lábio inferior, pois não o deixaria ver que a flecha havia atingido o alvo.

— Isso está fora de questão — disse ela, finalmente, com indiferença. — Posso me defender, mas me recuso a fazer qualquer trabalho sujo para você - ou para a França. Você tem outros meios à sua disposição; deve usá-los, meu amigo.

E sem olhar novamente para Chauvelin, Marguerite Blakeney lhe deu as costas e entrou direto na pousada.

— Esta não é a sua última palavra, cidadã — disse Chauvelin, enquanto uma luz vinda da passagem iluminava sua figura elegante e ricamente vestida —, encontrar-nos-emos em Londres, espero!

— Sim, nós nos encontraremos em Londres — disse ela, falando para ele por cima do ombro —, mas essa é minha última palavra.

Ela abriu a porta da cafeteria e desapareceu de sua vista, mas ele permaneceu sob a varanda por um momento ou dois, tomando uma pitada de rapé. Havia recebido uma repreensão e uma afronta, mas seu rosto astuto e de raposa não parecia envergonhado nem desapontado; pelo contrário, um sorriso curioso, meio sarcástico e inteiramente satisfeito, brincava nos cantos dos lábios finos.

## CAPÍTULO IX

### A INDIGNAÇÃO

Uma bela noite estrelada se seguiu ao dia de chuva incessante: uma noite fresca e amena de fim de verão, essencialmente inglesa em sua sugestão de umidade e cheiro de terra molhada e folhas pingando.

A magnífica carruagem, puxada por quatro dos melhores puros-sangues da Inglaterra, partiu pela estrada de Londres, com Sir Percy Blakeney na boleia, segurando as rédeas em suas mãos esbeltas e femininas, e, ao lado dele, lady Blakeney, envolta em peles caras. Uma viagem de 80 quilômetros em uma noite estrelada de verão! Marguerite havia saudado a ideia com prazer... Sir Percy usava o chicote de forma entusiasmada; seus quatro puros-sangues, que haviam sido enviados para Dover alguns dias antes, estavam suficientemente revigorados e inquietos para acrescentar prazer à expedição e Marguerite deleitava-se com a antecipação das poucas horas de solidão, com a suave brisa noturna soprando em seu rosto, seus pensamentos vagando quem sabe para onde. Ela tinha certeza, por experiência própria, de que Sir Percy falaria pouco, se é que falaria. Muitas vezes, ele a levava em sua linda carruagem durante horas à noite, de um ponto a outro, sem fazer mais do que uma ou duas observações casuais sobre o tempo, ou o estado das estradas. Ele gostava muito de

dirigir à noite e ela rapidamente adotou esse gosto, enquanto ficava sentada ao lado dele, hora após hora, admirando a maneira hábil e segura com que ele lidava com as rédeas. Muitas vezes, ela se perguntava o que se passava naquela cabeça lenta dele. Ele nunca contou a ela, que nunca se importou em perguntar.

Enquanto isso, Mr. Jellyband circulava pela Descanso dos Pescadores, apagando as luzes. Todos os clientes já tinham ido embora, mas, no andar de cima, nos pequenos quartos confortáveis, o estalajadeiro tinha alguns convidados importantes: a condessa de Tournay, com Suzanne e o visconde, e havia mais dois quartos prontos para Sir Andrew Ffoulkes e lorde Antony Dewhurst, se os dois jovens decidirem honrar a antiga hospedaria e lá passar a noite.

Por ora, os dois jovens galãs estavam confortavelmente instalados na cafeteria, diante da enorme lareira que, apesar da suavidade da noite, tinha sido deixada a arder alegremente.

— Todos já foram, Jelly? — perguntou lorde Tony, enquanto o digno senhorio ainda se ocupava em retirar copos e canecas.

— Todos, como vê, meu senhor...

— E todos os seus empregados foram para a cama?

— Todos, exceto o garoto de plantão no bar, e — acrescentou Mr. Jellyband com uma risada — espero que ele vá dormir em breve, aquele malandro.

— Então, podemos conversar aqui sem ser perturbados por meia hora?

— À vontade, meu senhor. Vou deixar suas velas na cômoda... E seus quartos estão prontos... Eu mesmo durmo no andar de cima da casa, mas se Vossa Senhoria chamar bem alto, acredito que o ouvirei.

— Tudo bem, Jelly... E... Apague o lampião. O fogo da lareira nos dará toda a luz de que precisamos - e não queremos atrair a atenção dos transeuntes.

— Tudo bem, meu senhor.

Mr. Jellyband fez o que lhe foi ordenado: apagou o antigo lampião que pendia das vigas do teto e todas as velas.

— Queremos uma garrafa de vinho, Jelly — sugeriu Sir Andrew.

— Sim, senhor!

Jellyband saiu para buscar o vinho. A sala agora estava bastante escura, exceto pelo círculo de luz avermelhada e intermitente, formado pelas lenhas brilhantes da lareira.

— Isso é tudo, senhores? — perguntou Jellyband, ao retornar com uma garrafa de vinho e algumas taças, que colocou sobre a mesa.

— Isso vai servir muito bem, obrigado, Jelly! — disse lorde Tony.

— Boa noite, meu senhor! Boa noite, senhor!

— Boa noite, Jelly!

Os dois jovens escutaram enquanto os passos pesados de Mr. Jellyband ecoavam pelo corredor e pela escada. Pouco depois, até aquele som desapareceu e toda a cafeteria Descanso dos Pescadores parecia envolta em sonolência, exceto pelos dois jovens que bebiam em silêncio ao lado da lareira.

Durante algum tempo, não se ouviu nenhum som, mesmo na cafeteria, com exceção do tique-taque do velho relógio do avô e do crepitar da lenha acesa.

— Tudo bem de novo desta vez, Ffoulkes? — perguntou finalmente lorde Antony.

Sir Andrew estava evidentemente distraído, olhando o fogo e vendo ali, sem dúvida, um rosto bonito e mordaz, com grandes olhos castanhos e uma riqueza de cachos escuros em volta de uma testa infantil.

— Sim! — ele disse, ainda pensando — Tudo bem!

— Sem problemas?

— Nenhum.

Lorde Antony riu agradavelmente enquanto servia outra taça de vinho.

— Suponho que não precise perguntar se você achou a viagem agradável desta vez?

— Não, amigo, não precisa perguntar — respondeu Sir Andrew, alegremente. — Foi tudo bem.

— Então, um brinde à sua excelente saúde — disse o jovial lorde Tony. — Ela é uma moça bonita, embora seja francesa. E um brinde ao seu namoro - que ele floresça e prospere extraordinariamente.

Esvaziou o copo até a última gota e depois juntou-se ao amigo ao lado da lareira.

— Bem! Espero que você faça a próxima viagem, Tony — disse Sir Andrew, despertando de suas meditações —, você e Hastings, certamente; e espero que tenha uma tarefa tão agradável quanto a minha e um companheiro de viagem tão encantador. Você não tem ideia, Tony...

— Não, não tenho — interrompeu o amigo agradavelmente —, mas vou acreditar na sua palavra. E agora — acrescentou, enquanto uma súbita seriedade tomava conta de seu rosto —, que tal falarmos sobre isso?

Os dois jovens aproximaram as cadeiras e, instintivamente, embora estivessem sozinhos, suas vozes reduziram-se a um sussurro.

— Eu vi Pimpinela Escarlata sozinho, por alguns momentos, em Calais<sup>[81]</sup> — disse Sir Andrew —, um ou dois dias atrás. Ele cruzou para a Inglaterra dois dias antes de nós. Ele acompanhou o grupo desde Paris, vestido - você não vai acreditar - como uma velha do mercado e dirigindo - até que estivessem em segurança fora da cidade - a carroça coberta, sob a qual a condessa de Tournay, Miss Suzanne e o visconde jaziam escondidos entre os nabos e as couves. Eles mesmos, é claro, nunca suspeitaram quem era seu motorista. Ele os conduziu através de uma fila de soldados e de uma multidão gritando: "Abaixo os aristocratas!". Mas o carrinho do mercado passou com alguns outros, e o Pimpinela

Escarlate, de xale, anágua e capuz, gritou “Abaixo os aristocratas!” mais alto do que qualquer um. Eu juro! — acrescentou o jovem, enquanto seus olhos brilhavam de entusiasmo pelo amado líder. — Aquele homem é uma maravilha! Seu atrevimento é absurdo! E é isso que o faz seguir em frente.

Lorde Antony, cujo vocabulário era mais limitado do que o de seu amigo, só conseguiu encontrar um ou dois xingamentos para demonstrar sua admiração por seu líder.

— Ele quer que você e Hastings o encontrem em Calais — disse Sir Andrew, mais calmamente —, no dia 2 do próximo mês. Deixe-me ver! Isso será na próxima quarta-feira.

— Sim.

— É, é claro, o caso do conde de Tournay, desta vez. Uma tarefa perigosa, pois o conde, cuja fuga do seu castelo, depois de ter sido declarado “suspeito” pelo Comitê de Salvação Pública, foi uma obra-prima da engenhosidade do Pimpinela Escarlate, está agora sob sentença de morte. Será um esporte raro tirar a ele da França e você escapará por um triz, se conseguir passar. St. Just foi encontrá-lo — é claro, ninguém suspeita de St. Just ainda, mas depois disso... Tirar os dois do país... Tenho fé de que será um trabalho difícil e que sobrecarregará até mesmo a engenhosidade de nosso chefe. Espero ainda ter ordens para fazer parte desse grupo.

— Você tem alguma instrução especial para mim?

— Sim! Um pouco mais precisas do que as habituais. Parece que o Governo Republicano enviou um agente credenciado para Inglaterra, um homem chamado Chauvelin, que se diz ser terrivelmente amargo contra a nossa liga, determinado a descobrir a identidade do nosso líder, para que possa raptá-lo da próxima vez que ele tentar pisar na França. Esse Chauvelin trouxe consigo todo um exército de espões e, até que o chefe tenha mais informações sobre eles, acha que deveríamos nos encontrar tão raramente quanto possível para tratar de assuntos da liga, e em hipótese alguma deveríamos conversar uns com os outros em locais públicos por um tempo. Quando ele quiser falar conosco, dará um jeito de nos avisar.

Os dois jovens estavam curvados sobre o fogo, pois a chama havia se extinguido e apenas o brilho vermelho das brasas apagadas lançava uma luz sinistra sobre um semicírculo estreito em frente à lareira. O resto da sala estava enterrado em completa escuridão. Sir Andrew tirou uma carteira do bolso e dela tirou um papel, que desdobrou, e, juntos, tentaram lê-lo à luz fraca e vermelha. Estavam tão empenhados nisso, tão envolvidos na causa, no assunto em que tanto pensavam, tão precioso era este documento que veio das próprias mãos de seu adorado líder, que tinham olhos e ouvidos apenas para isso. Perderam a conta dos sons ao seu redor, das cinzas caindo da lareira, do tique-

taque monótono do relógio, do farfalhar suave e quase imperceptível de algo no chão perto deles. Uma figura emergiu debaixo de um dos bancos; com movimentos silenciosos como uma cobra, aproximou-se cada vez mais dos dois jovens, sem respirar, apenas deslizando pelo chão, na escuridão do quarto.

— Você deve ler estas instruções e memorizá-las — disse Sir Andrew —, depois destruí-las.

Ele estava prestes a recolocar a carteira no bolso quando um pequeno pedaço de papel voou dela e caiu no chão. Lorde Antony inclinou-se e o pegou.

— O que é isso? — ele perguntou.

— Não sei — respondeu Sir Andrew.

— Caiu do seu bolso agora há pouco. Certamente, não parecia estar com o outro papel.

— Estranho! Eu me pergunto quando isso chegou lá? É do chefe — acrescentou, olhando o papel.

Ambos se abaixaram para tentar decifrar esse último pedacinho de papel no qual algumas palavras haviam sido rabiscadas às pressas, quando, de repente, um leve ruído atraiu sua atenção, que parecia vir do outro lado do corredor.

— O que é isso? — disseram ambos instintivamente. Lorde Antony atravessou a sala em direção à porta, que abriu rápida e repentinamente; naquele exato momento, recebeu um golpe estonteante entre os olhos, que o jogou violentamente para dentro da sala. Simultaneamente, a figura agachada, semelhante a uma

cobra na escuridão, deu um pulo e gritou por trás sobre o desavisado Sir Andrew, derrubando-o no chão.

Tudo isso ocorreu no curto espaço de dois ou três segundos, e antes que lorde Antony ou Sir Andrew tivessem tempo ou chance de soltar um grito, ou de lutar. Cada um deles foi agarrado por dois homens, um cachecol foi rapidamente amarrado na boca de cada um, e eles foram presos um ao outro, costas com costas, com braços, mãos e pernas firmemente atados.

Nesse ínterim, um homem fechou a porta silenciosamente; ele usava uma máscara e agora permanecia imóvel enquanto os outros completavam seu trabalho.

— Tudo bem, cidadão! — disse um dos homens, enquanto fazia uma avaliação final dos laços que prendiam os dois jovens.

— Ótimo! — respondeu o homem na porta. — Agora, procurem nos bolsos deles e me deem todos os papéis que encontrarem.

Isso foi feito de forma rápida e silenciosa. O mascarado, tendo tomado posse de todos os papéis, ouviu por um momento ou dois se havia algum som dentro da Descanso dos Pescadores. Evidentemente satisfeito por esse ultraje covarde não ter sido ouvido, abriu mais uma vez a porta e apontou peremptoriamente para o corredor. Os quatro homens ergueram Sir Andrew e lorde Antony do chão e, tão silenciosamente como tinham vindo, carregaram os dois jovens galantes, presos

em imobilizadores, para fora da estalagem e ao longo da Dover Road para a escuridão.

Na cafeteria, o líder mascarado desta ousada tentativa examinou rapidamente os papéis roubados.

— No geral, não foi um dia ruim de trabalho — ele murmurou, enquanto tirava silenciosamente a máscara, e seus olhos pálidos de raposa brilhavam no vermelho do fogo. — Não foi um dia ruim de trabalho.

Abriu mais uma ou duas cartas da carteira de Sir Andrew Ffoulkes e notou o minúsculo pedaço de papel que os dois jovens mal tiveram tempo de ler. Uma carta, em especial, porém, assinada por Armand St. Just, pareceu dar-lhe uma estranha satisfação.

— Armand St. Just é apenas um traidor, afinal — ele murmurou. — Agora, bela Marguerite Blakeney — ele acrescentou cruelmente entre os dentes cerrados —, acho que você vai me ajudar a encontrar esse Pimpinela Escarlata.

# CAPÍTULO X

## NO CAMAROTE DA ÓPERA

Foi uma das noites de gala no Teatro do Covent Garden,<sup>[82]</sup> a primeira da temporada de outono deste memorável ano da graça de 1792.

A casa estava lotada, tanto nos elegantes camarotes da orquestra e no fosso quanto nas varandas e galerias mais plebeias acima. O Orfeu<sup>[83]</sup>, de Gluck, tinha um forte apelo às partes mais intelectuais da casa, enquanto as mulheres elegantes, a multidão brilhante e vestida de maneira alegre, chamavam a atenção daqueles que pouco se importavam com esta “última importação da Alemanha”.

Selina Storace<sup>[84]</sup> foi devidamente aplaudida após sua grande ária<sup>[85]</sup> por seus numerosos admiradores; Benjamin Incledon,<sup>[86]</sup> o reconhecido favorito das damas, recebeu uma congratulação especial e graciosa do camarote real; e agora a cortina havia descido após o glorioso final do segundo ato, e o público, encantado com os acordes mágicos do grande maestro, parecia dar coletivamente um longo suspiro de satisfação, antes de soltar suas centenas de línguas brincalhonas e frívolas.

Nos elegantes camarotes da orquestra podiam ser vistos muitos rostos conhecidos. Mr. Pitt, obeso e com preocupações de Estado, encontrava um breve relaxamento no deleite musical desta noite; o Príncipe de

Gales, jovial, rotundo, de aparência um tanto grosseira e comum, ia de camarote em camarote, passando breves quartos de hora com seus amigos mais íntimos.

No camarote de lorde Grenville, uma personalidade curiosa e interessante atraiu a atenção de todos; uma figura magra e pequena, com rosto astuto e sarcástico e olhos profundos, atento à música, crítico aguçado do público, vestido de preto imaculado, com cabelos escuros sem pó. Lorde Grenville - Secretário de Estado das Relações Exteriores - prestou-lhe uma deferência acentuada, embora frígida.

Aqui e ali, espalhados entre tipos de beleza distintamente ingleses, um ou dois rostos estrangeiros se destacavam em marcante contraste: o semblante altivo e aristocrático de muitos emigrados monarquistas franceses que, perseguidos pela implacável facção revolucionária de seu país, tinham encontrado um refúgio pacífico na Inglaterra. Nesses rostos estavam profundamente escritos a tristeza e o cuidado; as mulheres, especialmente, prestavam pouca atenção, quer à música, quer ao fino público; sem dúvida seus pensamentos estavam longe, no marido, irmão, filho, talvez, ainda em perigo ou recentemente sucumbidos a um destino cruel.

Entre estes, a condessa de Tournay de Basserive, recém-chegada da França, era uma figura das mais notáveis: vestida com uma seda preta profunda e pesada, com apenas um lenço de renda branca para

aliviar o aspecto de luto sobre sua pessoa, estava sentada ao lado de lady Portarles, que tentava em vão, com piadas espirituosas e um tanto óbvias, trazer um sorriso à boca triste de sua companheira. Atrás dela estavam sentados a pequena Suzanne e o visconde, ambos silenciosos e um tanto tímidos entre estranhos. Os olhos de Suzanne pareciam melancólicos; quando entrou pela primeira vez na casa lotada, olhou ansiosamente ao redor, examinou cada rosto, perscrutou cada camarote. Evidentemente, o único rosto que desejava ver não estava ali, então ela se acomodou calmamente atrás da mãe, ouviu apaticamente a música e não teve mais interesse no público.

— Ah, lorde Grenville — disse lady Portarles, quando, após uma batida discreta, o inteligente e interessante chefe da Secretaria de Estado apareceu na porta do camarote —, sua chegada não poderia ser mais conveniente. Aqui está madame la comtesse de Tournay morrendo de vontade de ouvir as últimas notícias da França.

O ilustre diplomata avançou e apertou a mão das senhoras.

— Infelizmente — ele disse com tristeza —, são as piores. Os massacres continuam. Paris cheira literalmente a sangue e a guilhotina faz cem vítimas por dia.

Pálida e chorosa, a condessa, recostada na cadeira, ouvia horrorizada aquele breve e gráfico relato do que

acontecera em seu próprio país mal guiado.

— Ah, monsieur! — ela disse em um inglês ruim. — É terrível ouvir tudo isso - e meu pobre marido ainda está naquele país horrível. É péssimo para mim estar sentada aqui, em um teatro, segura e em paz, enquanto ele corre tamanho perigo.

— Lud, senhora! — disse a honesta e abrupta lady Portarles. — A senhora ficar sentada em um convento não deixará seu marido seguro; precisa pensar em seus filhos. Eles são muito jovens para serem tratados com ansiedade e luto prematuro.

A condessa sorriu em meio às lágrimas diante da veemência da amiga. Lady Portarles, cuja voz e maneiras serviriam a um jóquei, tinha um coração de ouro e escondia a mais genuína simpatia e a maior das gentilezas sob os modos um tanto grosseiros de algumas damas da época.

— Além disso, madame — acrescentou lorde Grenville —, não me disse ontem que a Liga do Pimpinela Escarlata havia prometido trazer o monsieur le comte em segurança através do Canal da Mancha?

— Ah, sim! — respondeu a condessa — E essa é minha única esperança. Eu vi lorde Hastings ontem... Ele me tranquilizou novamente.

— Então, tenho certeza de que a senhora não precisa ter medo. O que a liga jurou, isso certamente cumprirá. Ah! — acrescentou o velho diplomata com um suspiro. — Se eu fosse apenas alguns anos mais jovem...

— Ora, homem! — interrompeu a honesta lady Portarles. — Você ainda é jovem o suficiente para virar as costas para aquele espantalho francês que está ali, glorioso, em seu camarote esta noite.

— Eu queria poder, mas Vossa Senhoria deve lembrar-se de que, ao servir nosso país, devemos pôr de lado os preconceitos. Mr. Chauvelin é o agente credenciado do seu governo...

— Por Deus, homem! — ela retrucou. — Não chama aqueles rufiões sedentos de sangue de governantes, não é?

— Ainda não foi considerado aconselhável — disse o ministro, cautelosamente — que a Inglaterra rompa relações diplomáticas com a França e não podemos, portanto, recusar-nos a receber com cortesia o agente que ela desejar enviar-nos.

— Danem-se as relações diplomáticas, meu senhor! Aquela raposinha astuta ali não passa de um espião, eu garanto, e você descobrirá - ou estou muito enganada, ou ele pouco se preocupará com a diplomacia e só tentará causar danos aos refugiados monarquistas, ao nosso heroico Pimpinela Escarlata e aos membros dessa liga, pequena, mas corajosa.

— Tenho certeza — disse a condessa, franzindo os lábios finos — de que, se esse Chauvelin quiser nos fazer mal, encontrará em lady Blakeney um aliado fiel.

— Deus que a livre! — exclamou lady Portarles. — Será que alguém já viu tamanha perversidade? Meu lorde

Grenville, o senhor tem o dom da palavra, por favor, explique à madame la comtesse que ela está agindo como uma tola. Em sua posição aqui na Inglaterra, madame — acrescentou ela, virando um rosto irado e decidido para a condessa —, não pode se dar ao luxo de assumir o ar presunçoso de que vocês, aristocratas franceses, tanto gostam. Lady Blakeney pode ou não simpatizar com aqueles rufiões da França; pode ou não ter tido alguma coisa a ver com a prisão e condenação de St. Cyr, ou qualquer que seja o nome do homem, mas ela é a líder da moda neste país; Sir Percy Blakeney tem mais dinheiro do que qualquer meia dúzia de outros homens juntos, ele é mão e luva da realeza, e sua tentativa de desprezar lady Blakeney não irá prejudicar a ela, e sim fará a senhora parecer estúpida. Não é verdade, meu senhor?

O que lorde Grenville pensava sobre este assunto, ou a que reflexões esta fala grosseira de lady Portarles levou à condessa de Tournay, permaneceu não dito, pois a cortina acabara de subir no terceiro ato de Orfeu, e pedidos de silêncio vieram de todas as partes da casa.

Lorde Grenville despediu-se apressadamente das damas e voltou para seu camarote, onde monsieur Chauvelin estivera sentado durante todo esse entreato, com sua sempre presente caixa de rapé na mão e com seus olhos claros e penetrantes fixos em um camarote à sua frente, onde, com muito frufu de saias de seda, muitas risadas e agitação geral de curiosidade entre o

público, Marguerite Blakeney acabara de entrar, acompanhada do marido, e divinamente bela sob a riqueza de seus cachos dourados e avermelhados, com uma leve camada de pó e com um gigantesco laço preto amarrado na nuca graciosa. Sempre vestida segundo os últimos caprichos da moda, Marguerite, única entre as damas daquela noite, havia descartado o fichu cruzado e o vestido de lapela larga, que estavam na moda há dois ou três anos. Usava o vestido clássico de cintura curta, que logo se tornaria a moda aprovada em todos os países da Europa. Combinava perfeitamente com sua figura graciosa e majestosa, composto como era de um material brilhante que parecia uma massa de ricos bordados de ouro.

Ao entrar, ela se inclinou por um momento para fora do camarote, avaliando todos os presentes que ela conhecia. Muitos se curvaram diante dela enquanto fazia isso e do camarote real veio também uma saudação rápida e graciosa.

Chauvelin observou-a atentamente durante todo o início do terceiro ato, à medida que ficava encantada com a música, sua mãozinha requintada brincando com um pequeno leque de joias, sua cabeça majestosa, sua garganta, braços e pescoço cobertos com magníficos diamantes e pedras preciosas raras, presentes do marido que a adorava e que se esparramava ao seu lado.

Marguerite gostava muito de música. Orfeu a encantava naquela noite. A própria alegria de viver

estava claramente escrita no doce rosto jovem, brilhava nos alegres olhos azuis e iluminava o sorriso que espreitava em torno dos lábios. Afinal, ela tinha apenas 25 anos, estava no auge da juventude, era a queridinha de uma multidão brilhante, adorada, celebrada, acariciada. Dois dias antes, o Day Dream regressara de Calais, trazendo-lhe a notícia de que seu idolatrado irmão tinha desembarcado em segurança, que pensava nela e que seria prudente por ela.

Não é de se admirar que naquele momento, ouvindo os acordes apaixonados de Gluck, ela tivesse esquecido suas desilusões, seus sonhos de amor, até mesmo a nulidade preguiçosa e bem-humorada que compensava sua falta de realizações espirituais, esbanjando vantagens mundanas sobre ela.

Sir Percy permanecera ao lado dela no camarote o tempo que a convenção exigia, abrindo caminho para Sua Alteza Real e para a multidão de admiradores que, em contínua procissão, vinham prestar homenagem à rainha da moda. Mas agora havia se afastado, provavelmente para conversar com amigos mais agradáveis. Marguerite nem sequer se perguntou para onde ele tinha ido, tão pouco ela se importava; ela tinha uma pequena corte ao seu redor, composta pela *jeunesse dorée*<sup>[87]</sup> de Londres, e acabara de dispensar todos eles, desejando ficar a sós com Gluck por um breve período. Uma batida discreta na porta a despertou de seu prazer.

— Entre — disse ela com certa impaciência, sem se virar para olhar o intruso.

Chauvelin, esperando sua oportunidade, notou que estava sozinha, e agora, sem parar para aquele impaciente “Entre”, entrou silenciosamente no camarote e, no momento seguinte, estava atrás da cadeira de Marguerite.

— Uma palavrinha com você, cidadã — disse ele, baixinho.

Marguerite virou-se rapidamente, alarmada, o que não era de todo fingimento.

— Lud, homem! Você me assustou — disse ela com uma risadinha forçada —, sua presença é totalmente inoportuna. Quero ouvir Gluck e não tenho vontade de falar.

— Mas esta é a minha única oportunidade — disse ele, calmamente, e sem esperar permissão, puxou uma cadeira para perto dela - tão perto que ele poderia sussurrar em seu ouvido, sem perturbar o público, e sem ser visto, no fundo escuro do camarote. — Esta é minha única oportunidade — ele repetiu, enquanto ela não lhe respondia. — Lady Blakeney está sempre tão cercada, tão celebrada por sua corte, que um mero velho amigo tem poucas chances.

— Ora, homem! — ela disse impientemente. — Deve procurar outra oportunidade, então. Vou ao baile de lorde Grenville esta noite, depois da ópera. Você também, provavelmente. Lá, eu lhe darei cinco minutos...

— Três minutos na privacidade deste camarote são suficientes para mim — ele respondeu placidamente — e acho que seria sensato me ouvir, cidadã St. Just.

Marguerite estremeceu instintivamente. Chauvelin não levantou a voz acima de um sussurro; agora, tomava calmamente uma pitada de rapé, mas havia algo em sua atitude, algo naqueles olhos claros e de raposa, que parecia congelar o sangue em suas veias, assim como a visão de algum perigo mortal até então não imaginado.

— Isso é uma ameaça, cidadão? — ela perguntou finalmente.

— Não, bela senhora — ele disse galantemente —, apenas uma flecha lançada no ar.

Ele parou por um momento, como um gato que vê um rato correndo desatento, pronto para saltar, mas esperando, com aquela sensação felina de prazer, pela travessura prestes a ser cometida. Então, disse calmamente:

— Seu irmão, St. Just, está em perigo.

Nenhum músculo se moveu no lindo rosto diante dele. Ele só conseguia vê-lo de perfil, pois Marguerite parecia fitar atentamente o palco, mas Chauvelin era um observador atento; notou a súbita rigidez dos olhos, o endurecimento da boca, a tensão aguda, quase paralisada, da figura bela e graciosa.

— Então — ela disse, com alegria afetada —, já que este é um de seus enredos imaginários, é melhor você voltar para seu lugar e me deixar apreciar a música.

E com a mão, ela começou a marcar o compasso nervosamente contra a almofada do camarote. Selina Storace cantava o Che Farò<sup>[88]</sup> para um público que pairava fascinado sobre os lábios da prima donna.<sup>[89]</sup> Chauvelin não se mexeu; observou calmamente aquela pequena mão nervosa, a única indicação de que sua flecha havia realmente atingido o alvo.

— Bem, e daí? — ela disse de repente e de forma irrelevante, e com a mesma fingida despreocupação.

— E daí, cidadã? — ele respondeu placidamente.

— Sobre meu irmão?

— Tenho notícias dele para a senhora que, creio, irão lhe interessar, mas primeiro deixe-me explicar... Posso?

A pergunta era desnecessária. Ele sentiu, embora Marguerite ainda mantivesse a cabeça continuamente afastada dele, que todos os seus nervos estavam tensos para ouvir o que ele tinha a dizer.

— Outro dia, cidadã — ele disse —, pedi sua ajuda... A França precisava disso e pensei que poderia contar com você, mas obtive sua resposta... Desde então, as exigências dos meus próprios assuntos e dos seus deveres sociais mantiveram-nos separados, embora muitas coisas tenham acontecido...

— Vá direto ao ponto, eu peço, cidadão — disse ela com leveza. — A música é fascinante e o público ficará impaciente com essa sua palestra.

— Um momento, cidadã. No dia em que tive a honra de encontrá-la em Dover, e menos de uma hora depois

de receber sua resposta, obtive posse de alguns papéis que revelavam outro daqueles esquemas sutis para a fuga de um grupo de aristocratas franceses - o traidor Tournay, entre outros -, tudo organizado por aquele aqui-intrometido, Pimpinela Escarlata. Alguns dos fios desta organização misteriosa também caíram em minhas mãos, mas não todos, e eu quero que você... Não! Você irá me ajudar a reuni-los.

Marguerite parecia tê-lo ouvido com acentuada impaciência. Ela agora encolhera os ombros e disse alegremente:

— Ora, homem. Já não lhe disse que não me importo com seus esquemas ou com Pimpinela Escarlata. E se você não tivesse falado do meu irmão...

— Um pouco de paciência, por favor, cidadã — continuou ele, imperturbável. — Dois cavalheiros, lorde Antony Dewhurst e Sir Andrew Ffoulkes estavam na Descanso dos Pescadores, em Dover, naquela mesma noite.

— Eu sei. Eu os vi lá.

— Eles já eram conhecidos pelos meus espiões como membros da maldita liga. Foi Sir Andrew Ffoulkes quem acompanhou a condessa de Tournay e seus filhos através do Canal da Mancha. Quando os dois jovens ficaram sozinhos, meus espiões forçaram a entrada na cafeteria da estalagem, amordaçaram e imobilizaram os dois galãs, apreenderam seus papéis e os trouxeram para mim.

Ela, então, percebera o perigo. Papéis? Teria Armand sido imprudente? Este pensamento a atingiu com um terror indescritível. Mesmo assim, ela não deixaria esse homem ver que ela temia. Riu, alegre e leve.

— Ora, seu atrevimento é inacreditável! — ela disse. — Assalto e violência! Na Inglaterra! Em uma pousada lotada! Seus homens poderiam ter sido pegos em flagrante!

— E se tivessem? São filhos da França e foram treinados por este seu humilde servo. Se tivessem sido apanhados, teriam ido para a prisão, ou mesmo para a forca, sem uma palavra de protesto ou indiscrição; de qualquer forma, valeu a pena o risco. Uma estalagem lotada é mais segura para essas pequenas operações do que você imagina e meus homens têm experiência.

— Certo. Bem, e esses papéis? — ela perguntou descuidadamente.

— Infelizmente, embora eles tenham me dado conhecimento de certos nomes, certos movimentos, o suficiente, eu acho, para frustrar o golpe projetado por enquanto, apenas por enquanto, mas ainda me deixam na ignorância da identidade de Pimpinela Escarlata.

— Ora, meu amigo — disse ela, com a mesma irreverência assumida —, então você está onde estava antes, não está? E pode me deixar aproveitar o último verso da ária. Por Deus! — ela acrescentou, sufocando ostensivamente um bocejo imaginário. — Se não tivesse falado sobre meu irmão...

— Estou indo até ele agora, cidadã. Entre os papéis havia uma carta para Sir Andrew Ffoulkes, escrita por seu irmão, St. Just.

— É mesmo? E?

— Essa carta mostra que ele não apenas simpatiza com os inimigos da França, mas, na verdade, é um ajudante, se não um membro da Liga do Pimpinela Escarlate.

O golpe foi finalmente desferido. O tempo todo, Marguerite esperava por isso; não demonstraria medo, determinada que estava a parecer despreocupada, até assustadora. Desejava, quando o choque chegasse, estar preparada para isso, ter toda a sua inteligência - aquela que fora chamada de “a mais aguçada da Europa”. Mesmo agora, ela não vacilou. Sabia que Chauvelin falava a verdade; o homem era demasiado sério, demasiado cegamente dedicado à causa equivocada que tinha no coração, demasiado orgulhoso dos seus compatriotas, daqueles criadores de revoluções, para se rebaixar a falsidades baixas e sem propósito.

Aquela carta de Armand - o tolo e imprudente Armand - estava nas mãos de Chauvelin. Marguerite sabia disso como se tivesse visto a carta com seus próprios olhos e Chauvelin a guardaria para seus próprios fins, até que lhe conviesse destruí-la ou utilizá-la contra Armand. Tudo isso ela sabia, mas, ainda assim, continuou a rir com mais alegria e mais alto do que antes.

— Ora, homem! — ela disse, falando por cima do ombro e olhando para ele de frente. — Eu não disse que era uma trama imaginária... Armand aliado ao enigmático Pimpinela Escarlate? Armand ocupado ajudando aqueles aristocratas franceses que ele despreza? A história dá um crédito infinito à sua imaginação!

— Deixe-me esclarecer o que quero dizer, cidadã — disse Chauvelin, com a mesma calma imperturbável. — Devo assegurar-lhe que St. Just está comprometido além da menor esperança de perdão.

Dentro do camarote da orquestra, tudo ficou em silêncio por um momento ou dois. Marguerite sentou-se, ereta, rígida e inerte, tentando pensar, tentando encarar a situação, saber o que era melhor fazer.

No palco, Storace havia terminado a ária e naquele momento estava se curvando em seu traje clássico, no estilo do século XVIII, para o público entusiasmado, que a aplaudia fervorosamente.

— Chauvelin — disse finalmente Marguerite Blakeney, calmamente e sem aquele toque de bravata que sempre caracterizou sua atitude —, Chauvelin, meu amigo, vamos tentar nos entender. Parece que minha inteligência ficou enferrujada pelo contato com esse clima úmido. Agora, diga-me, você está muito ansioso para descobrir a identidade do Pimpinela Escarlate, não é?

— O inimigo mais ferrenho da França, cidadã... Ainda mais perigoso, pois trabalha no escuro.

— Ainda mais nobre, você quer dizer... Ora! E agora, você me forçaria a fazer algum trabalho de espionagem para você em troca da segurança de meu irmão Armand? É isso?

— Duas palavras muito feias, bela senhora — protestou Chauvelin, educadamente. — Não pode haver questão de força, e o serviço que eu lhe pediria, em nome da França, nunca poderia ser chamado pelo nome chocante de “espionagem”.

— De qualquer forma, é assim que se chama aqui — ela disse secamente. — Essa é sua intenção, não é?

— Minha intenção é que você mesma ganhe um perdão gratuito para Armand St. Just, me prestando um pequeno serviço.

— O que é?

— Apenas fique de olho por mim esta noite, cidadã St. Just — ele disse ansiosamente. — Escute: entre os papéis encontrados com Sir Andrew Ffoulkes havia uma pequena nota. Veja! — acrescentou ele, tirando um pedacinho de papel da carteira e entregando-o a ela.

Era o mesmo pedaço de papel que, há quatro dias, os dois jovens estavam lendo, no exato momento em que foram atacados pelos asseclas de Chauvelin. Marguerite pegou-o mecanicamente e abaixou-se para lê-lo. Havia apenas duas linhas, escritas com uma caligrafia

distorcida e obviamente disfarçada; ela leu-os meio em voz alta:

“Lembre-se de que não devemos nos reunir com mais frequência do que o estritamente necessário. Você tem todas as instruções para a segunda. Se quiserem falar comigo novamente, estarei no baile de G.”

— O que isso significa? — ela perguntou.

— Olhe de novo, cidadã e entenderá.

— Tem algo aqui no canto, uma pequena flor vermelha...

— Sim.

— Pimpinela Escarlata — ela disse ansiosamente — e o “baile de G” significa o baile de Grenville... Ele estará no baile de lorde Grenville esta noite.

— É assim que interpreto a nota, cidadã — concluiu Chauvelin, brandamente. — Lorde Antony Dewhurst e Sir Andrew Ffoulkes, depois de terem sido imobilizados e revistados por meus espiões, foram carregados por ordem minha para uma casa solitária em Dover Road, que eu aluguei para esse propósito; lá, permaneceram prisioneiros até esta manhã. Tendo, porém, encontrado este pequeno pedaço de papel, minha intenção era que eles estivessem em Londres, a tempo de ir ao baile de lorde Grenville. Você percebe, não é? Eles devem ter muito a dizer ao seu chefe... Dessa forma, terão a oportunidade de falar com ele esta noite, assim como ele

os orientou a fazer. Portanto, esta manhã, aqueles dois jovens galãs encontraram todas as barras e ferrolhos naquela casa solitária em Dover Road abertas, seus carcereiros desaparecidos e dois bons cavalos prontos, selados e amarrados no pátio. Ainda não os vi, mas penso que podemos concluir com segurança que não soltarão as rédeas até chegarem a Londres. Agora, vê como tudo é simples, cidadã!

— Parece simples, não é? — ela disse, com uma última e amarga tentativa de irreverência. — Quando se quer matar uma galinha, devemos segurá-la e torcer o pescoço dela. A galinha é que não acha isso tão simples. Agora, você segura uma faca na minha garganta e sequestra minha obediência. Você acha isso simples. Eu não.

— Não, cidadã, ofereço-lhe uma chance de salvar o irmão que você ama das consequências da loucura dele.

O rosto de Marguerite suavizou-se, seus olhos finalmente ficaram úmidos, enquanto ela murmurava, meio para si mesma:

— O único ser no mundo que me amou verdadeira e constantemente... O que quer que eu faça, então, Chauvelin? — ela indagou, com um mundo de desespero em sua voz embargada pelas lágrimas. — Na minha posição atual, é quase impossível!

— Não, cidadã — disse ele seca e implacavelmente, sem dar atenção àquele apelo desesperado e infantil, que teria derretido um coração de pedra —, sendo lady

Blakeney, ninguém suspeita de você, e com sua ajuda, esta noite, eu posso – quem sabe? – conseguir finalmente estabelecer a identidade do Pimpinela Escarlata... Você irá para o baile em breve... Preste atenção a tudo por lá, cidadã, observe e ouça... Diga-me se ouvir alguma coisa. Pode anotar todos com quem Sir Andrew Ffoulkes ou lorde Antony Dewhurst falarão. A senhora está absolutamente fora de qualquer suspeita agora. Pimpinela Escarlata estará no baile de lorde Grenville esta noite. Descubra quem ele é e prometo, em nome da França, que seu irmão ficará seguro.

Chauvelin estava colocando a faca em sua garganta. Marguerite sentiu-se enredada em uma daquelas teias, das quais não esperava escapar. Sua obediência era mantida como uma preciosa refém, pois ela sabia que aquele homem nunca faria ameaças vazias. Sem dúvida, Armand já fora denunciado ao Comitê de Salvação Pública como um dos “suspeitos”; ele não teria permissão para deixar a França novamente e seria cruelmente atingido se ela se recusasse a obedecer a Chauvelin. Por um momento – como fazem as mulheres –, ainda teve esperança de procrastinar. Estendeu a mão para esse homem, a quem agora temia e odiava.

— Se eu prometer ajudá-lo neste assunto, Chauvelin — ela disse agradavelmente —, você me entregaria a carta de St. Just?

— Se me der uma assistência útil esta noite, cidadã — ele respondeu com um sorriso sarcástico —, eu lhe darei

essa carta... Amanhã.

— Não confia em mim?

— Eu confio completamente na senhora, cara, mas a vida de St. Just está perdida para seu país... Resta a você resgatá-lo.

— Pode ser que eu não consiga ajudá-lo — ela implorou —, mesmo que eu queira muito.

— Isso seria realmente terrível — disse ele calmamente — para você... e para St. Just.

Marguerite estremeceu. Sentiu que de tal homem não poderia esperar misericórdia. Todo-poderoso, ele segurava a vida amada na palma da mão. Ela o conhecia muito bem para saber que, se ele falhasse em conquistar seus próprios objetivos, seria impiedoso.

Ela sentiu frio, apesar do ar opressivo da ópera. Os acordes apelativos da música pareciam alcançá-la, como se viessem de uma terra distante. Colocou seu caro lenço de renda sobre os ombros e ficou sentada, em silêncio, observando a bela cena, como se estivesse em um sonho.

Por um momento, seus pensamentos se afastaram do ente querido que estava em perigo para aquele outro homem que também tinha direito à sua confiança e ao seu afeto. Ela se sentia solitária e assustada por causa de Armand; ansiava por buscar conforto e conselho de alguém que soubesse como ajudar e consolar. Sir Percy Blakeney já a amara, era seu marido; por que ela deveria ficar sozinha durante essa terrível provação? Tinha muito

pouco cérebro, é verdade, mas tinha muitos músculos; certamente, se ela fornecesse o pensamento, ele forneceria a energia e a coragem viris, e, juntos, poderiam enganar o astuto diplomata e salvar o refém de suas mãos vingativas, sem pôr em perigo a vida do nobre líder daquele galante pequeno grupo de heróis. Sir Percy conhecia St. Just muito bem - parecia ligado a ele -, ela tinha certeza de que ele poderia ajudar.

Chauvelin não lhe deu mais atenção. Ele dissera seu cruel “Ou... Ou...” e a deixara decidir. Agora, parecia estar absorto nas melodias comoventes de Orfeu e estava marcando o ritmo da música com sua cabeça afiada, semelhante a um furão.

Uma batida discreta na porta despertou Marguerite de seus pensamentos. Era Sir Percy Blakeney, alto, tedioso, bem-humorado e com aquele sorriso meio tímido e meio fútil, que agora parecia irritar todos os seus nervos.

— Er... Sua carruagem está do lado de fora... Minha querida — disse ele, com sua fala mais exasperante. — Suponho que você vá querer ir àquele maldito baile... Desculpe-me, monsieur Chauvelin, não o havia visto aí.

Ele estendeu dois dedos finos e brancos na direção de Chauvelin, que havia se levantado quando Sir Percy entrou no camarote.

— Você vem, querida?

“Silêncio”, “silêncio” vieram em protestos furiosos de diferentes partes da casa.

— Maldita insolência — disse Sir Percy com um sorriso bem-humorado.

Marguerite suspirou impacientemente. Sua última esperança, de repente, parecia ter desaparecido. Ela envolveu-se no manto e, sem olhar para o marido, disse, pegando-o pelo braço:

— Estou pronta para ir.

Na porta do camarote, ela se virou e olhou diretamente para Chauvelin, que, com o chapeau-bras<sup>[90]</sup> debaixo do braço e um sorriso curioso nos lábios finos, se preparava para seguir o casal estranhamente desordenado.

— É apenas au revoir,<sup>[91]</sup> Chauvelin — disse ela agradavelmente —, encontrar-nos-emos no baile de lorde Grenville, em breve.

E nos olhos dela, o astuto francês leu, sem dúvida, algo que lhe causou profunda satisfação, pois, com um sorriso sarcástico, tomou uma delicada pitada de rapé e depois, depois de tirar o pó do delicado jabô<sup>[92]</sup> de renda, esfregou, contente, as mãos magras e ossudas.

## CAPÍTULO XI

### O BAILE DE LORDE GRENVILLE

O histórico baile oferecido pelo então Secretário de Estado das Relações Exteriores - lorde Grenville - era o evento mais deslumbrante do ano. Embora a temporada de outono estivesse apenas começando, todo mundo que era alguém tinha conseguido chegar a Londres a tempo de estar presente e brilhar naquela festa da melhor maneira possível.

Sua Alteza, o príncipe de Gales, havia prometido estar presente após a ópera. O próprio lorde Grenville tinha ouvido os dois primeiros atos de Orfeu, antes de se preparar para receber seus convidados. Às 10h - uma hora incomumente tardia naquela época -, as grandes salas do Ministério das Relações Exteriores, primorosamente decoradas com palmeiras e flores exóticas, já estavam lotadas. Uma sala fora reservada para dança e os delicados acordes do minueto<sup>[93]</sup> faziam um acompanhamento suave à conversa feliz e às risadas alegres da numerosa e importante companhia.

Em uma câmara menor, de frente para o topo da bela escadaria, o célebre anfitrião recebia seus convidados. Homens ilustres, belas mulheres notáveis de todos os países europeus já haviam passado por ele e ali trocado as elaboradas reverências e cortesias que a moda extravagante da época exigia, e então, rindo e

conversando, se dispersavam no baile, recepção e salas de jogos.

Não muito longe do cotovelo de lorde Grenville, encostado a uma das mesas, Chauvelin, no seu irrepreensível traje preto, examinava silenciosamente a resplandecente multidão. Notou que Sir Percy e lady Blakeney ainda não haviam chegado e seus olhos claros e penetrantes olhavam rapidamente para a porta toda vez que um recém-chegado aparecia. Ela permanecia um tanto isolado: o enviado do Governo Revolucionário da França provavelmente não seria muito popular na Inglaterra, em uma época em que as notícias dos terríveis massacres de setembro e do Reinado do Terror e da Anarquia haviam recém-começado a atravessar o canal. Na sua qualidade oficial, fora recebido com cortesia pelos seus colegas ingleses: Mr. Pitt apertara-lhe a mão e lorde Grenville o recebera mais de uma vez, mas os círculos mais íntimos da sociedade londrina o ignoraram completamente. As mulheres lhe viraram abertamente as costas e os homens que não ocupavam cargos oficiais recusaram-se a apertar-lhe a mão.

Chauvelin, porém, não era homem de se preocupar com essas comodidades sociais, que chamava de meros incidentes em sua carreira diplomática. Era cegamente entusiasmado pela causa revolucionária, desprezava todas as desigualdades sociais e tinha um amor ardente por seu próprio país: esses três sentimentos o tornavam extremamente indiferente às críticas que recebia nesta

Inglaterra nebulosa, legalista e antiquada. Acima de tudo, Chauvelin tinha um propósito no coração: acreditava firmemente que o aristocrata francês era o inimigo mais ferrenho da França e teria desejado ver a todos aniquilados. Chauvelin era um daqueles que, durante o terrível reinado de terror, fora o primeiro a expressar o desejo histórico e feroz de que “as cabeças dos aristocratas deveriam ser cortadas com um único golpe da guilhotina”. Dessa forma, considerava cada aristocrata francês que conseguisse escapar da França como uma presa que havia injustificadamente enganado a guilhotina. Não havia dúvida de que aqueles emigrados monarquistas, depois de terem conseguido atravessar a fronteira, faziam seu melhor para embutir nos outros um sentimento de indignação estrangeira contra a França. Planos sem fim eram criados na Inglaterra, na Bélgica, na Holanda, para induzir alguma grande potência a enviar tropas para a Paris revolucionária, com o intuito de libertar o Rei Luís e enforcar sumariamente os líderes sanguinários daquela república monstruosa.

Não é de se admirar, portanto, que a personalidade romântica e misteriosa do Pimpinela Escarlata fosse uma fonte de ódio amargo para Chauvelin. Ele e os poucos jovens atrevidos sob seu comando, bem munidos de dinheiro, armados com uma ousadia sem limites e aguda astúcia, conseguiram resgatar centenas de aristocratas da França. Nove décimos dos emigrados, celebrados na

corte inglesa, deviam sua segurança a esse homem e à sua liga.

Chauvelin, portanto, jurara aos seus colegas em Paris que descobriria a identidade daquele inglês intrometido, atraí-lo-ia para a França e depois... Chauvelin suspirou de satisfação só de pensar em ver aquela enigmática cabeça cair sob o corte da guilhotina, tão facilmente quanto a de qualquer outro homem.

De repente, houve uma grande agitação na bela escadaria e toda a conversa parou por um momento quando a voz do mordomo lá fora anunciou:

— Sua Alteza Real, o príncipe de Gales, e sua comitiva, Sir Percy Blakeney e lady Blakeney.

Lorde Grenville foi rapidamente até a porta para receber seu ilustre convidado. O príncipe de Gales, vestido com um magnífico terno de veludo cor de salmão ricamente bordado em ouro, entrou com Marguerite Blakeney apoiada em seu braço, e, à sua esquerda, Sir Percy, em um lindo cetim creme cintilante, cortado no extravagante estilo incroyable, o cabelo louro sem tinta, rendas de valor inestimável no pescoço e nos pulsos e o chapeau-bras sob o braço.

Após algumas palavras convencionais de saudação respeitosa, lorde Grenville disse ao seu convidado real:

— Vossa Alteza permite que eu o apresente Mr. Chauvelin, agente credenciado do governo francês.

Chauvelin, assim que o príncipe entrou, deu um passo à frente, esperando esta apresentação. Curvou-se

bastante, enquanto o príncipe retribuiu sua saudação com um breve aceno de cabeça.

— Monsieur — disse Sua Alteza, friamente —, tentaremos esquecer o governo que o enviou e considerá-lo apenas como nosso convidado - um cavalheiro francês. Como tal, o senhor é bem-vindo.

— Monsieur — respondeu Chauvelin, curvando-se mais uma vez. — Madame — acrescentou ele, curvando-se cerimoniosamente diante de Marguerite.

— Ah! Meu pequeno Chauvelin! — ela disse com uma alegria despreocupada e estendeu a mãozinha para ele. — Este senhor e eu somos velhos amigos, Vossa Alteza.

— Ah, é mesmo? — disse o príncipe, desta vez muito gentilmente. — Então, o senhor é duplamente bem-vindo, monsieur.

— Há mais alguém que eu gostaria de ter a permissão de apresentar para Vossa Alteza — aqui se interpôs lorde Grenville.

— E quem seria? — perguntou o príncipe.

— Madame la comtesse de Tournay de Basserive e sua família, que vieram recentemente da França.

— Com certeza! Eles estão entre os sortudos, então!

Lorde Grenville virou-se em busca da condessa, que estava sentada no outro extremo da sala.

— Lud me ama! — sussurrou Sua Alteza Real a Marguerite, assim que avistou a figura rígida da velha senhora. — Pelo amor de Deus! Ela parece muito virtuosa e muito melancólica.

— Acredite, Vossa Alteza — Marguerite respondeu com um sorriso —, a virtude é como odores preciosos, mais perfumados quando esmagados.

— A virtude, infelizmente — suspirou o príncipe —, é bastante imprópria para o seu sexo encantador, madame.

— Madame la comtesse de Tournay de Basserive — disse lord Grenville, apresentando a senhora.

— É um prazer, senhora; meu pai, como sabe, fica sempre feliz em receber aqueles de seus compatriotas que a França expulsou de suas margens.

— Vossa Alteza é sempre gentil — respondeu a condessa com dignidade. Depois, indicando a filha, que estava timidamente ao seu lado: — Minha filha, Suzanne, monsieur.

— Ah! Encantadora, encantadora! — exclamou o príncipe. — E agora permita-me, condessa, apresentá-lhe lady Blakeney, que nos honra com sua amizade. Garanto que terão muito a dizer uma à outra. Cada compatriota de lady Blakeney é duplamente bem-vindo por causa dela e os amigos dela são nossos amigos... Seus inimigos são inimigos da Inglaterra.

Os olhos azuis de Marguerite brilharam de alegria com esse discurso gracioso de seu amigo tão importante. A condessa de Tournay, que a insultara publicamente, recebia aqui uma lição também pública, com a qual Marguerite não pôde deixar de se alegrar. A condessa, entretanto, para quem o respeito pela realeza equivalia

quase a uma religião, era demasiada instruída na etiqueta cortês para mostrar o menor sinal de embaraço, enquanto as duas senhoras faziam uma reverência cerimonial uma à outra.

— Sua Alteza é sempre gentil, madame — disse Marguerite, recatadamente, e com uma riqueza de malícia em seus olhos azuis cintilantes —, mas aqui não há necessidade de sua gentil mediação. Sua recepção amigável em nosso último encontro ainda permanece agradavelmente em minha memória.

— Nós, pobres e Livross, madame — respondeu a condessa, friamente —, mostramos nossa gratidão à Inglaterra pela devoção aos desejos do monseigneur<sup>[94]</sup>.

— Madame — disse Marguerite, com outra reverência cerimoniosa.

— Madame — respondeu a condessa com igual dignidade.

Enquanto isso, o príncipe dizia algumas palavras gentis ao jovem visconde.

— Estou feliz em conhecê-lo, monsieur le vicomte — disse ele. — Eu conheci bem seu pai quando ele era embaixador em Londres.

— Ah, meu senhor! — respondeu o visconde. — Eu era um menino pequeno nessa época... E agora devo a honra deste encontro ao nosso protetor, Pimpinela Escarlata.

— Silêncio! — disse o príncipe, sério e rápido, enquanto indicava Chauvelin, que ficara um pouco afastado durante toda essa cena, observando Marguerite

e a condessa com um sorrisinho divertido e sarcástico nos lábios finos.

— Não, monseigneur — disse Chauvelin, como se em resposta direta ao desafio do príncipe —, por favor, não reprima a demonstração de gratidão do cavalheiro; o nome dessa interessante flor vermelha é bem conhecido por mim - e pela França.

O príncipe olhou para ele atentamente por um momento ou dois.

— Ora, então, monsieur — disse ele —, talvez saiba mais sobre nosso herói nacional do que nós mesmos... Talvez saiba quem ele é... Veja! — ele acrescentou, virando-se para os grupos ao redor da sala —, as senhoras estão que não se aguentam... O senhor se tornaria muito popular entre o belo sexo se satisfizesse a curiosidade delas.

— Ah, monseigneur — disse Chauvelin, expressivamente —, há rumores na França de que Vossa Alteza poderia - e faria - o relato mais verdadeiro sobre essa enigmática flor de beira da estrada.

Ele olhou rápida e atentamente para Marguerite enquanto falava, mas ela não demonstrou nenhuma emoção e seus olhos encontraram os dele com bastante coragem.

— Não, homem — respondeu o príncipe —, meus lábios estão selados! E os membros da liga guardam zelosamente o segredo do seu chefe... Portanto, seus justos adoradores têm de se contentar em adorar uma

sombra. Aqui na Inglaterra, monsieur — acrescentou, com maravilhoso charme e dignidade —, nós apenas chamamos de Pimpinela Escarlata e cada rosto fica repleto de um rubor de entusiasmo. Ninguém o viu, exceto seus fiéis apoiadores. Não sabemos se ele é alto ou baixo, louro ou moreno, bonito ou malformado, mas sabemos que é o cavalheiro mais corajoso do mundo, e todos nos sentimos um pouco orgulhosos, senhor, quando lembramos de que é inglês.

— Ah, monsieur Chauvelin — acrescentou Marguerite, olhando quase com desafio para o rosto, plácido como o de uma esfinge, do francês —, Sua Alteza deveria acrescentar que nós, mulheres, pensamos nele como um herói de antigamente... Nós o adoramos, usamos seu símbolo, trememos por ele quando está em perigo e exultamos com ele na hora de sua vitória.

Chauvelin limitou-se a curvar-se placidamente ao príncipe e a Marguerite; sentiu que ambos os discursos pretendiam - cada um à sua maneira - transmitir desprezo ou desafio. Ele desprezava o príncipe preguiçoso e amante dos prazeres; a bela mulher, que em seus cabelos dourados usava um ramo de pequenas flores vermelhas compostas de rubis e diamantes, ele tinha na palma da mão. Podia se dar ao luxo de permanecer em silêncio e aguardar os acontecimentos.

Uma risada longa, jovial e fútil quebrou o silêncio repentino que se abateu sobre todos.

— E nós, pobres maridos — com o sotaque lento e afetado do belo Sir Percy —, temos que aguardar, enquanto elas adoram uma maldita sombra.

Todos riram - o príncipe mais alto do que qualquer um. A tensão da excitação contida foi aliviada e, no momento seguinte, todos estavam rindo e conversando alegremente enquanto a multidão se dispersava nas salas contíguas.

## CAPÍTULO XII

### O PEDAÇO DE PAPEL

Marguerite sofria intensamente. Embora risse e conversasse, embora fosse mais admirada, cercada e celebrada do que qualquer mulher ali, sentia-se como alguém condenado à morte, vivendo seu último dia nesta terra.

Seus nervos estavam em um estado de dolorosa tensão, que aumentara 100 vezes durante aquela breve hora em que passara na companhia do marido, entre a ópera e o baile. O breve raio de esperança - de que ela pudesse encontrar neste indivíduo bem-humorado e preguiçoso um valioso amigo e conselheiro - desapareceu tão rapidamente quanto surgiu assim que se viu sozinha com ele. O mesmo sentimento de desprezo bem-humorado que se sente por um animal ou por um servo fiel, fez com que ela se afastasse com um sorriso do homem que deveria ter sido seu apoio moral nesta dilacerante crise pela qual ela passava, do homem que deveria ter sido seu frio conselheiro, quando a simpatia e o sentimento feminino a jogavam de um lado para outro, entre o amor pelo irmão, que estava longe e em perigo mortal, e o horror pelo terrível serviço que Chauvelin lhe exigira, em troca da segurança de Armand.

Lá estava ele, o apoio moral, o conselheiro de cabeça fria, cercado por uma multidão de jovens almofadinhas

desmiolados e de cabeça vazia, que, naquele momento, repetiam de boca em boca, e com todos os sinais do mais agudo prazer, uma quadra<sup>[95]</sup> cantada que ele tinha acabado de começar.

Por toda parte, as palavras absurdas e tolas a encontravam: as pessoas pareciam não ter muito mais o que falar, até o príncipe lhe perguntara, rindo, se ela apreciava os últimos esforços poéticos do marido.

— Tudo feito amarrando uma gravata — declarou Sir Percy ao seu grupo de admiradores.

Nós o procuramos aqui, nós o procuramos ali,  
os francesinhos o procuram em todos os lugares.  
Está ele no céu? Está ele no inferno?  
Aquele maldito e indescritível Pimpinela?

As palavras certeiras de Sir Percy percorreram as brilhantes salas de recepção. O príncipe estava encantado. Jurou que a vida sem Blakeney seria apenas um deserto sombrio. Depois, pegando-o pelo braço, levou-o à sala de jogos e envolveu-o em um longo jogo de azar.

Sir Percy, cujo principal interesse na maioria das reuniões sociais parecia centrar-se na mesa de jogo, geralmente permitia que sua esposa flertasse, dançasse, se divertisse ou se aborrecesse tanto quanto quisesse. E naquela noite, depois de se entregar às suas quadras, deixara Marguerite cercada por uma multidão de

admiradores de todas as idades, todos ansiosos e dispostos a ajudá-la a esquecer que em algum lugar das espaçosas salas de recepção havia um ser comprido e preguiçoso, tolo o suficiente para supor que a mulher mais inteligente da Europa se acomodaria aos laços prosaicos do matrimônio inglês. Os nervos esgotados, sua excitação e agitação emprestavam à bela Marguerite Blakeney mais charme adicional: escoltada por um verdadeiro bando de homens de todas as idades e da maioria das nacionalidades, ela suscitou muitas exclamações de admiração de todos ao passar.

Quanto a ela, não se permitiria mais tempo para pensar. Sua educação, um tanto boêmia, fez dela uma espécie de fatalista. Sentia que os acontecimentos se moldariam por si mesmos, que a direção deles não estava em suas mãos. De Chauvelin sabia que não poderia esperar piedade. Havia estabelecido um preço pela cabeça de Armand e deixado que ela pagasse ou não, conforme quisesse.

Mais tarde, naquela noite, avistou Sir Andrew Ffoulkes e lorde Antony Dewhurst, que aparentemente acabavam de chegar. Ela notou imediatamente que Sir Andrew se dirigiu até a pequena Suzanne de Tournay e que os dois jovens logo conseguiram isolar-se em uma das frestas profundas das janelas gradeadas, para ali manterem uma longa conversa, que parecia muito séria e agradável para ambos.

Os dois jovens pareciam um pouco abatidos e ansiosos, mas, fora isso, estavam impecavelmente vestidos e não havia o menor sinal, em seu comportamento cortês, da terrível catástrofe que deviam ter sentido pairando ao redor deles e ao redor de seu chefe.

Que a Liga do Pimpinela Escarlate não tinha intenção de abandonar sua causa, ela deduziu através da própria pequena Suzanne, que falou abertamente da garantia que ela e sua mãe tinham tido de que o conde de Tournay seria resgatado da França pela liga nos próximos dias. Vagamente, ela começou a se perguntar, enquanto olhava para a multidão vistosa e elegante no salão de baile alegremente iluminado, qual desses homens mundanos ao seu redor seria o misterioso “Pimpinela Escarlate”, que controlava tramas tão ousadas e o destino de vidas valiosas em suas mãos.

Uma curiosidade ardente em conhecê-lo apoderou-se dela, embora durante meses tivesse ouvido falar dele e aceitasse seu anonimato, como todos os outros membros da sociedade haviam feito. Agora, porém, ela ansiava por saber - de forma bastante impessoal, totalmente separada de Armand, e, oh, totalmente à parte de Chauvelin - apenas por causa dela mesma, por causa da admiração entusiástica que ela sempre concedeu à sua bravura e astúcia.

Ele estava no baile, é claro, em algum lugar, já que Sir Andrew Ffoulkes e lorde Antony Dewhurst também

estavam evidentemente esperando encontrar seu chefe – e talvez obter dele uma nova ordem.

Marguerite olhou para todos, para os rostos normandos aristocráticos e de tipo alto, o saxão de constituição quadrada e cabelos louros, a casta mais gentil e bem-humorada dos celtas,<sup>[96]</sup> perguntando-se qual deles denunciaria o poder, a energia, a astúcia que havia imposto sua vontade e liderança a vários cavalheiros ingleses de bom nascimento, entre os quais, segundo rumores, estava o próprio príncipe.

Sir Andrew Ffoulkes? Certamente que não, com seus gentis olhos azuis, que olhavam com tanta ternura e saudade para a pequena Suzanne, afastada do agradável tête-à-tête<sup>[97]</sup> por sua severa mãe. Marguerite observou-o do outro lado da sala, quando ele finalmente se virou com um suspiro, e parecia estar ali, sem rumo e solitário, agora que a pequena e delicada figura de Suzanne havia desaparecido na multidão. Ela o observou enquanto ele caminhava em direção à porta, que levava a um pequeno boudoir<sup>[98]</sup> além; então, parou e encostou-se na estrutura, olhando ainda ansiosamente ao seu redor.

Marguerite conseguiu, por um momento, escapar de seu atento cavalheiro e contornou a multidão elegante, aproximando-se da porta, na qual Sir Andrew estava encostado. Porque desejava aproximar-se dele, ela não saberia dizer, talvez tenha sido impelida por uma fatalidade todo-poderosa, que tantas vezes parece governar o destino dos homens.

De repente, ela parou: seu próprio coração pareceu parar, seus olhos, grandes e excitados, brilharam por um momento em direção àquela porta, e então, rapidamente, foram desviados novamente. Sir Andrew Ffoulkes ainda estava na mesma posição apática perto da porta, mas Marguerite tinha visto claramente que lorde Hastings - um jovem fanfarrão, amigo de seu marido e membro do círculo do príncipe - tinha, ao passar rapidamente por ele, colocado algo em sua mão. Por mais um momento - Ah! Um mero lampejo! -, Marguerite fez uma pausa. Então, com fingida despreocupação, retomou sua caminhada pela sala - mas, desta vez, mais rapidamente em direção àquela porta pela qual Sir Andrew havia agora desaparecido. Tudo isso, desde o momento em que Marguerite avistou Sir Andrew encostado na porta até ela o seguir ao pequeno boudoir, ocorreu em menos de um minuto. O destino geralmente é rápido quando desfere um golpe.

Lady Blakeney já não mais existia naquele momento. Era apenas Marguerite St. Just quem estava lá; a mesma Marguerite St. Just que havia passado sua infância, sua juventude, nos braços protetores de seu irmão Armand. Ela se esquecia agora de todo o resto - sua posição, sua dignidade, seu secreto entusiasmo - tudo, exceto que Armand corria perigo de vida, e que ali, a menos de seis metros dela, no pequeno boudoir, bastante deserto, nas mãos de Sir Andrew Ffoulkes, poderia estar o talismã que salvaria a vida de seu irmão.

Apenas 30 segundos se passaram entre o momento em que lorde Hastings colocou a misteriosa “coisa” na mão de Sir Andrew e aquele em que ela, por sua vez, chegou ao boudoir. Sir Andrew estava de costas para ela e perto de uma mesa sobre a qual havia um enorme candelabro de prata. Um pedaço de papel estava em sua mão e ele examinava seu conteúdo.

Sem que fosse percebida, com seu vestido macio e justo, não fazendo o menor som sobre o tapete pesado, sem ousar respirar até que tivesse cumprido seu propósito, Marguerite deslizou logo atrás dele. Naquele momento, ele olhou em volta e a viu. Ela soltou um gemido, passou a mão pela testa e murmurou baixinho:

— O calor na sala era terrível... Eu me senti tão fraca... Ah!

Ela cambaleou quase como se fosse cair, e Sir Andrew, recuperando-se rapidamente e amassando na mão o pequeno bilhete que lia, chegou, aparentemente, bem a tempo de apoiá-la.

— Está doente, lady Blakeney? — ele perguntou com muita preocupação. — Deixe-me...

— Não, não, nada... — ela interrompeu rapidamente. — Uma cadeira... Rápido.

Ela afundou em uma cadeira perto da mesa, jogou a cabeça para trás e fechou os olhos.

— Pronto! — ela murmurou, ainda fracamente. — A vertigem está passando... Não me dê ouvidos, Sir Andrew. Garanto que já me sinto melhor.

Em momentos como estes, não há dúvida - e os estudiosos da mente realmente afirmam isso - de que existe em nós um sentido que não tem absolutamente nada a ver com os outros cinco. Não é o que vemos, nem o que ouvimos ou tocamos, mas quando parecemos fazer todos os três ao mesmo tempo. Marguerite ficou ali sentada com os olhos aparentemente fechados. Sir Andrew estava logo atrás dela, e à sua direita estava a mesa com o candelabro de cinco braços. Diante de sua visão mental, não havia absolutamente nada além do rosto de Armand. Armand, cuja vida corria o perigo mais iminente, e que parecia estar olhando para ela de um plano de fundo sobre o qual estavam vagamente pintadas a multidão observadora de Paris, as paredes nuas do Tribunal de Segurança Pública, com Fouquier-Tinville, o Promotor Público, exigindo a vida de Armand em nome do povo da França, e a sinistra guilhotina com sua lâmina manchada, esperando por outra vítima... Armand!

Por um momento, houve um silêncio mortal no pequeno boudoir. Do salão de baile, as notas doces da gavota<sup>[99]</sup>, o frufu dos ricos vestidos, a conversa e as risadas de uma grande e alegre multidão vieram como um estranho e esquisito acompanhamento ao drama que estava sendo encenado aqui.

Sir Andrew não disse nada. Foi então que esse sentido extra se tornou potente em Marguerite Blakeney. Ela não conseguia ver, pois seus olhos estavam fechados; nem

ouvir, pois o barulho do salão de baile abafava o suave farfalhar daquele importante pedaço de papel; no entanto, ela sabia – como se tivesse visto e ouvido – que Sir Andrew estava, naquele momento, segurando o papel contra a chama de uma das velas.

No exato momento em que começou a pegar fogo, ela abriu os olhos, ergueu a mão e, com dois dedos delicados, tirou o pedaço de papel em chamas da mão do jovem. Então, ela apagou a chama e levou o papel à narina com total despreocupação.

— Quanta gentileza sua, Sir Andrew — disse ela alegremente —, certamente foi sua avó quem lhe ensinou que o cheiro de papel queimado era um remédio excelente contra a tontura.

Ela suspirou de satisfação, segurando o papel firmemente entre os dedos adornados com joias; aquele talismã que talvez salvasse a vida de seu irmão Armand. Sir Andrew olhava para ela, atordoado demais para perceber o que realmente acontecera. Ele fora pego tão completamente de surpresa que parecia incapaz de compreender o fato de que o pedaço de papel que ela segurava em sua delicada mão talvez fosse aquele do qual a vida de seu camarada dependesse.

Marguerite explodiu em uma gargalhada longa e alegre.

— Por que me olha desse jeito? — ela disse brincando. — Garanto que me sinto muito melhor; seu remédio provou ser muito eficaz. Esta sala é deliciosamente

fresca — acrescentou ela, com a mesma composição perfeita — e o som da gavota vinda do salão de baile é fascinante e reconfortante.

Ela tagarelava da maneira mais despreocupada e agradável, enquanto Sir Andrew, em agonia, quebrava a cabeça sobre o método mais rápido que poderia empregar para tirar aquele pedaço de papel da mão daquela linda mulher. Instintivamente, pensamentos vagos e tumultuosos passaram por sua mente: de repente, ele se lembrou da nacionalidade dela e, o pior de tudo, lembrou-se daquela história horrível sobre o marquês de St. Cyr, que na Inglaterra ninguém havia acreditado, pelo bem de Sir Percy e pelo bem dela mesma.

— O quê? Ainda sonhando e olhando? — ela disse, com uma risada alegre. — O senhor é muito deselegante, Sir Andrew; e agora que penso nisso, parece-me mais surpreso do que satisfeito quando me viu agora há pouco. Acredito, afinal, que não foi uma preocupação para a minha saúde, nem tampouco um remédio que sua avó lhe ensinou que fez com que o senhor queimasse este pedacinho de papel. Deve ter sido, então, a última epístola cruel de sua amada que tentava destruir. Confesse agora! — ela acrescentou, segurando alegremente o pedaço de papel. — Isso contém sua última congé<sup>[100]</sup> ou apelo para beijá-lo ou se tornarem apenas amigos?

— Seja o que for, lady Blakeney — disse Sir Andrew, que, aos poucos, recuperava o autocontrole —, esta pequena nota é, sem dúvida, minha, e...

Não se importando se sua ação seria considerada mal-educada para com uma dama, o jovem fez uma corrida ousada para pegar o bilhete, mas os pensamentos de Marguerite voaram mais rápido que os seus; suas ações, sob a pressão dessa intensa excitação, foram mais rápidas e seguras. Ela era alta e forte e deu um passo rápido para trás, derrubando a pesada mesinha Sheraton,<sup>[101]</sup> que caiu com estrondo, junto ao enorme candelabro que estava sobre ela. Ela deu um grito de alarme:

— As velas, Sir Andrew, rápido!

Não houve muitos danos; uma ou duas velas se apagaram quando o candelabro caiu; outras apenas deixaram o cheiro de graxa no valioso carpete; uma queimou alguns papéis que estavam sobre a mesa. Sir Andrew apagou as chamas com rapidez e habilidade e recolocou os candelabros sobre a mesa, mas isso levou alguns segundos, tudo o que Marguerite precisou para dar uma rápida olhada no papel e anotar seu conteúdo - uma dúzia de palavras na mesma caligrafia distorcida que ela tinha visto antes e o mesmo símbolo - uma flor em forma de estrela desenhada com tinta vermelha.

Quando Sir Andrew olhou para ela mais uma vez, apenas viu em seu rosto o alarme diante do acidente desagradável e o alívio pelo feliz resultado, enquanto a

nota minúscula e importante aparentemente caíra no chão. Ansiosamente, o jovem pegou-a e seu rosto pareceu muito aliviado, conforme seus dedos se fechavam com força sobre ela.

— Que vergonha, Sir Andrew — disse ela, balançando a cabeça com um suspiro brincalhão —, causando estragos no coração de alguma duquesa impressionável, enquanto conquistava o afeto de minha doce e pequena Suzanne. Ora, ora! Acredito que foi o próprio Cupido quem esteve ao seu lado e ameaçou todo o Ministério das Relações Exteriores com destruição pelo fogo, apenas para me fazer deixar cair a mensagem de amor, antes que ela fosse conspurcada pelos meus olhos indiscretos. E pensar que, com mais um momento, eu poderia ter conhecido os segredos de uma duquesa errante.

— Vai me perdoar, lady Blakeney — disse Sir Andrew, agora tão calmo quanto ela mesma —, se eu retomar à interessante ocupação que a senhora interrompeu?

— É claro, Sir Andrew! Como devo me aventurar a frustrar o deus do Amor novamente? Talvez ele aplicasse algum castigo terrível contra minha presunção. Queime seu símbolo de amor, por favor!

Sir Andrew já havia torcido o papel e, mais uma vez, o segurava contra a chama da vela, ainda acesa. Ele não percebeu o estranho sorriso no rosto da moça, tão concentrado estava no trabalho de destruição; talvez, se tivesse feito isso, a expressão de alívio teria

desaparecido de seu rosto. Ele observou a nota fatídica, enquanto ela se curvava sob a chama. Logo, o último fragmento caiu no chão e ele colocou o calcanhar sobre as cinzas.

— E agora, Sir Andrew — disse Marguerite Blakeney, com a bela indiferença que lhe era peculiar e com o mais cativante dos sorrisos —, o senhor se atreveria a despertar o ciúme de sua bela dama, convidando-me para dançar o minueto?

## CAPÍTULO XIII

### OU – OU?

As poucas palavras que Marguerite Blakeney conseguiu ler no pedaço de papel meio chamuscado pareciam literais palavras do destino. Começo amanhã... Isso ela leu com bastante clareza; depois, surgiu um borrão causado pela fumaça da vela, que apagou as palavras seguintes; mas, bem no final, havia outra frase, que agora estava clara e distinta, como letras de fogo, em sua mente. Se quiser falar comigo novamente, estarei na sala de jantar exatamente à uma hora. O papel estava assinado com um pequeno símbolo rabiscado às pressas: uma pequena flor em forma de estrela, já tão familiar para ela.

Precisamente uma hora! Já eram quase 11h e as pessoas dançavam o último minueto, com Sir Andrew Ffoulkes e a bela lady Blakeney conduzindo os casais pelas figuras delicadas e intrincadas daquela dança.

Os ponteiros do belo relógio Louis XV, em seu suporte de ormolu<sup>[102]</sup>, pareciam mover-se com uma rapidez enlouquecedora. Mais duas horas e o destino dela e de Armand estariam selados. Em duas horas, ela deveria decidir se manteria para si o conhecimento tão astuciosamente adquirido e deixaria seu irmão entregue ao destino ou se trairia voluntariamente um homem corajoso, cuja vida fora dedicada a seus semelhantes,

tendo sido nobre, generoso e, acima de tudo, justo. Parecia uma coisa horrível de se fazer. Mas, então, havia Armand! Armand também era nobre e corajoso, também era justo. E Armand a amava, teria confiado de bom grado sua vida nas mãos dela, e agora, quando ela podia salvá-lo da morte, ela hesitava. Oh! Era monstruoso! O rosto bondoso e gentil de seu irmão, tão cheio de amor por ela, parecia olhar para ela com reprovação: “Você poderia ter me salvado, Margot”, ele parecia dizer a ela, “mas escolheu a vida de um estranho, um homem que não conhece, nem nunca viu, e preferiu que ele estivesse seguro, enquanto você me mandou para a guilhotina!”.

Todos esses pensamentos conflitantes assolavam o cérebro de Marguerite, enquanto, com um sorriso nos lábios, ela deslizava pelos graciosos labirintos do minueto. Ela notou – com aquele seu senso aguçado – que conseguira acalmar completamente os temores de Sir Andrew. Seu autocontrole era absolutamente perfeito – ela era uma excelente atriz naquele momento e durante todo o minueto, mais do que jamais fora quando da Comédie-Française, mas a vida de um querido irmão não dependia dos seus poderes histriônicos?<sup>[103]</sup>

Ela era esperta demais para exagerar e não fez mais alusões ao suposto billet-doux,<sup>[104]</sup> que havia causado cinco minutos tão angustiantes para Sir Andrew Ffoulkes. Ela observou sua ansiedade se dissipar sob seu sorriso radiante e logo percebeu que, qualquer dúvida que pudesse ter passado por sua mente naquele momento,

ela havia conseguido, no momento em que os últimos compassos do minueto foram tocados, dissipá-la completamente; ele nunca percebeu a febre de excitação em que ela estava, o esforço que lhe custava manter uma onda constante de conversas banais.

Quando o minueto terminou, ela pediu a Sir Andrew que a levasse para a sala ao lado.

— Prometi descer para jantar com Sua Alteza — disse ela —, mas antes de partirmos, diga-me: estou perdoada?

— Perdoada?

— Sim! Confesse, eu lhe dei um susto agora há pouco... Mas, lembre-se, não sou inglesa e não considero a troca de billet-doux um crime e juro que não contarei à minha pequena Suzanne. Mas agora, diga-me, posso recebê-lo em minha festa na água<sup>[105]</sup> na quarta-feira?

— Não tenho certeza, lady Blakeney — ele respondeu evasivamente. — Talvez eu tenha que sair de Londres amanhã.

— Eu não faria isso, se fosse você — ela disse com seriedade. Então, vendo o olhar ansioso reaparecer, mais uma vez, em seus olhos, ela acrescentou alegremente: — Ninguém consegue lançar uma bola melhor do que o senhor, Sir Andrew; sentiremos sua falta no boliche.

Ele a conduziu através do aposento, até uma sala mais adiante, onde Sua Alteza já esperava pela bela lady Blakeney.

— Senhora, o jantar nos espera — disse o príncipe, oferecendo o braço a Marguerite — e estou cheio de esperança. A deusa da Fortuna franziu a testa tão persistentemente para mim, que procuro com confiança os sorrisos da deusa da Beleza.

— Vossa Alteza tem sido infeliz nas mesas de jogo? — perguntou Marguerite, pegando no braço do príncipe.

— Sim! Muito infeliz. Blakeney, não contente em ser o mais rico entre os súditos de meu pai, também tem a sorte mais escandalosa. A propósito, onde está essa inteligência inimitável? Juro, senhora, que essa vida seria apenas um deserto sombrio sem os sorrisos da senhora e os gracejos de seu marido.

## CAPÍTULO XIV

### PRECISAMENTE À UMA HORA!

O jantar foi extremamente alegre. Todos os presentes declararam que lady Blakeney nunca estivera tão adorável, nem aquele “tolo” do Sir Percy mais divertido.

Sua Alteza riu até as lágrimas escorrerem por seu rosto com as respostas tolas, mas engraçadas, de Blakeney. Sua quadrinha – Nós o procuramos aqui, nós o procuramos ali... – foi cantada com a melodia de Ho! Felizes britânicos! – e acompanhado de copos batendo com força na mesa. Além disso, lorde Grenville tinha um cozinheiro perfeito – alguns brincalhões afirmavam que ele era um descendente da antiga noblesse<sup>[106]</sup> francesa, que, tendo perdido sua fortuna, passou a procurá-la na cuisine<sup>[107]</sup> do Ministério das Relações Exteriores.

Marguerite Blakeney estava em seu melhor humor e certamente nenhuma alma naquela sala de jantar lotada tinha a menor ideia da terrível luta que travava em seu coração.

O relógio corria impiedosamente. Já passava da meia-noite e até o príncipe de Gales pensava em sair da mesa do jantar. Na meia hora seguinte, os destinos de dois homens corajosos seriam colocados um contra o outro – o irmão muito amado e o herói desconhecido.

Marguerite nem sequer tentou ver Chauvelin durante esta última hora; ela sabia que seus olhos penetrantes

de raposa a aterrorizariam imediatamente e inclinariam o equilíbrio de sua decisão para Armand. Embora não o visse, ainda permanecia no fundo de seu coração uma esperança vaga e indefinida de que “algo” aconteceria, algo grande, enorme, que marcaria época, que tiraria de seus ombros jovens e fracos esse terrível fardo de responsabilidade de ter que escolher entre duas alternativas tão cruéis.

Mas os minutos passavam com aquela aborrecida monotonia que invariavelmente parecem assumir quando nossos nervos doem com seu tique-taque incessante.

Depois do jantar, a dança foi retomada. Sua Alteza tinha ido embora e os convidados mais velhos pensavam em fazer o mesmo; os jovens eram incansáveis e iniciaram uma nova gavota, que ocuparia o quarto de hora seguinte.

Marguerite não se sentia à altura de outra dança; há um limite até mesmo para o autocontrole mais duradouro. Acompanhada por um Ministro de Gabinete, [\[108\]](#) ela encontrou mais uma vez o caminho para o pequeno boudoir, ainda o mais deserto de todos os quartos. Ela sabia que Chauvelin devia estar à sua espera em algum lugar, pronto para aproveitar a primeira oportunidade para um tête-à-tête. Seus olhos encontraram os dela por um momento após o minueto antes do jantar e ela sabia que o diplomata perspicaz,

com aqueles olhos claros e penetrantes, adivinhara que o trabalho dela havia sido feito.

O destino assim quis. Marguerite, dilacerada pelo conflito mais terrível que o coração de uma mulher pode conhecer, resignou-se aos seus decretos, pois Armand devia ser salvo a qualquer custo; ele, antes de mais nada, era seu irmão e havia sido mãe, pai e amigo dela desde que ela, um bebezinho, perdera os pais. Armand morrendo como um traidor na guilhotina era horrível demais até para se pensar - impossível, na verdade. Isso nunca poderia acontecer, nunca... Quanto ao estranho, o herói? Bem! Aí, deixe o destino decidir. Marguerite redimiria a vida de seu irmão nas mãos do inimigo implacável e, então, deixaria aquele astuto Pimpinela Escarlata se libertar depois disso.

Talvez - vagamente - Marguerite esperasse que o ousado conspirador, que durante tantos meses enganara um exército de espiões, ainda conseguisse escapar de Chauvelin e permanecesse imune até o fim.

Pensou em tudo isso enquanto ouvia o discurso espirituoso do Ministro de Gabinete, que, sem dúvida, sentia ter encontrado em lady Blakeney uma ouvinte perfeita. De repente, ela viu o rosto perspicaz e de raposa de Chauvelin espiando pela porta com cortinas.

— Lorde Fancourt — ela disse ao ministro —, o senhor poderia me prestar um serviço?

— Estou inteiramente ao serviço de Vossa Senhoria — respondeu ele galantemente.

— Poderia ver se meu marido ainda está na sala de jogos? E, se estiver, diga-lhe que estou muito cansada e que ficaria feliz em voltar logo para casa.

Os comandos de uma bela mulher são obrigatórios para toda a humanidade, até mesmo para os Ministros de Gabinete. Lorde Fancourt preparou-se para obedecer imediatamente.

— Não gosto da ideia de deixar Vossa Senhoria sozinha — disse ele.

— Não se preocupe. Estarei bastante segura aqui, creio que não serei perturbada... Mas estou muito cansada. O senhor sabe que Sir Percy voltará para Richmond. O caminho é longo e não chegaremos — pois não corremos — em casa antes do amanhecer.

Lorde Fancourt teve forçosamente de ir. Quando desapareceu, Chauvelin entrou na sala e, no momento seguinte, ficou calmo e impassível ao seu lado.

— A senhora tem novidades para mim? — ele disse.

Um manto de gelo parecia ter subitamente caído sobre os ombros de Marguerite; embora suas bochechas brilhassem com fogo, ela se sentia gelada e entorpecida. Ah, Armand! Você algum dia conhecerá o terrível sacrifício de orgulho, dignidade e feminilidade que uma irmã devotada está fazendo por sua causa?

— Nada de importante — disse ela, olhando mecanicamente para a frente —, mas pode ser uma pista. Eu consegui — não importa como — ver Sir Andrew Ffoulkes no ato de queimar um papel em uma dessas

velas, nesta mesma sala. Esse papel consegui segurar entre os dedos por dois minutos e fitá-lo por dez segundos.

— Tempo suficiente para ler seu conteúdo? — perguntou Chauvelin, calmamente.

Ela assentiu e, então, continuou no mesmo tom de voz uniforme e mecânico:

— No canto do papel havia o habitual desenho áspero de uma pequena flor em forma de estrela. Acima dela, li duas linhas, todo o resto estava chamuscado e enegrecido pela chama.

— E quais eram essas duas linhas?

Sua garganta pareceu subitamente ter se contraído. Por um instante, ela sentiu que não conseguiria pronunciar as palavras que poderiam levar um homem corajoso à morte.

— Foi uma sorte que o papel inteiro não tenha sido queimado — acrescentou Chauvelin, com sarcasmo seco —, pois isso poderia ser ruim para Armand St. Just. Quais eram as duas linhas, cidadã?

— Uma delas era: “Começo amanhã” — disse ela calmamente. — A outra era “Se você quiser falar comigo, estarei na sala de jantar exatamente à uma hora.”

Chauvelin olhou para o relógio logo acima da lareira.

— Então, tenho muito tempo — disse ele placidamente.

— O que vai fazer? — ela perguntou.

Ela estava pálida como uma estátua, suas mãos estavam geladas, sua cabeça e seu coração latejavam com a terrível pressão sobre seus nervos. Ah, isso foi cruel! Cruel! O que ela fez para merecer tudo isso? Sua escolha estava feita: ela havia cometido uma ação vil ou sublime? Somente o anjo relator, que escreve no livro de ouro, poderia dar uma resposta.<sup>[109]</sup>

— O que vai fazer? — ela repetiu mecanicamente.

— Oh, nada por enquanto. Depois disso, vai depender.

— De quê?

— De quem irei ver na sala de jantar exatamente à uma hora.

— Verá o Pimpinela Escarlata, é claro. Mas você não o conhece.

— Não. Mas o farei em breve.

— Sir Andrew o terá avisado.

— Eu acho que não. Quando vocês se separaram depois do minueto, ele se levantou e a observou, por um ou dois momentos, com um olhar que me deu a entender que algo havia acontecido entre vocês. Era natural (não era?) que eu apenas tivesse um palpite perspicaz sobre a natureza desse “algo”. Em seguida, envolvi o jovem galante em uma longa e animada conversa – discutimos o sucesso singular de Herr<sup>[110]</sup> Gluck em Londres – até que uma senhora pediu seu apoio para irem jantar.

— E depois?

— Não o perdi de vista durante o jantar. Quando todos subimos novamente, lady Portarles o cercou e começou a

falar da bela mademoiselle Suzanne de Tournay. Eu sabia que ele não se moveria até que lady Portarles tivesse esgotado o assunto, o que só acontecerá dentro de um quarto de hora, pelo menos, e agora faltam cinco minutos para uma.

Ele foi até a porta, onde, além de fechar a cortina, parou por um momento, apontando para Marguerite a figura distante de Sir Andrew Ffoulkes em estreita conversa com lady Portarles.

— Acho — disse ele, com um sorriso triunfante — que posso esperar encontrar com segurança a pessoa que procuro na sala de jantar, bela senhora.

— Pode haver mais de um.

— Quem estiver lá, quando o relógio bater uma, será seguido por um dos meus homens; destes, um, ou talvez dois, ou mesmo três, partirão amanhã para a França. Um deles será o “Pimpinela Escarlate”.

— Sim, e depois?

— Eu também, bela senhora, partirei para a França amanhã. Os documentos encontrados em Dover com Sir Andrew Ffoulkes falam de Calais, de uma estalagem que conheço bem, chamada Le Chat Gris,<sup>[111]</sup> e de um lugar solitário em algum lugar da costa - a cabana do Padre Blanchard - que eu me esforçarei para encontrar. Todos esses lugares são apontados como o ponto onde esse inglês intrometido convidou o traidor Tournay e outros a se encontrarem com seus emissários. Mas parece que ele decidiu não enviar os seus emissários e que “ele

começará amanhã”. Agora, uma daquelas pessoas que verei em breve na sala de jantar viajará para Calais e eu seguirei essa pessoa, até que eu localize onde aqueles aristocratas fugitivos o aguardam; pois essa pessoa, bela senhora, será o homem que procurei durante quase um ano, o homem cuja energia me superou, cuja engenhosidade me desconcertou, cuja audácia me fez caçar - Sim! Logo eu que vi um ou dois truques em minha época -, o misterioso e esquivo Pimpinela Escarlata.

— E Armand? — ela implorou.

— Alguma vez faltei com minha palavra? Prometo-lhe que, no dia em que o Pimpinela Escarlata e eu partirmos para a França, enviar-lhe-ei aquela carta imprudente dele por correio especial. Mais do que isso, prometo-lhe a palavra da França de que, no dia em que eu colocar as mãos naquele inglês intrometido, St. Just estará aqui na Inglaterra, seguro nos braços de sua encantadora irmã.

E com uma reverência profunda e elaborada e outra olhada no relógio, Chauvelin saiu da sala.

Parecia a Marguerite que, através de todo o barulho, da música, das danças e das risadas, ela podia ouvir seus passos de gato, deslizando pelas vastas salas de recepção, que ela podia ouvi-lo descer a enorme escadaria, chegar à sala de jantar e abrir a porta. O destino tinha decidido, fizera-a falar, obrigara-a a fazer uma coisa vil e abominável, pelo bem do irmão que ela amava. Recostou-se na cadeira, passiva e imóvel, vendo

a figura de seu inimigo implacável sempre presente diante de seus olhos doloridos.

A sala do jantar estava bastante deserta quando Chauvelin chegou lá. Tinha aquela aparência desolada, abandonada e espalhafatosa, que tanto lembra um vestido de baile na manhã seguinte. Copos meio vazios cobriam a mesa, guardanapos desdobrados estavam espalhados, as cadeiras - viradas uma para a outra em grupos de dois ou três - pareciam assentos de fantasmas, em estreita conversa entre si. Havia conjuntos de duas cadeiras - muito próximas uma da outra - nos cantos mais distantes da sala, que demonstravam recentes flertes sussurrados, acompanhados de torta fria e champanhe; havia conjuntos de três e quatro cadeiras, que lembravam discussões agradáveis e animadas sobre os últimos escândalos; havia cadeiras enfileiradas que ainda pareciam engomadas, críticas, ácidas, como velhas viúvas; havia algumas cadeiras isoladas, perto da mesa, certamente de gourmets<sup>[112]</sup> atentos aos pratos mais procurados e outras derrubadas no chão, que lembravam as adegas de lorde Grenville.

Na verdade, era uma réplica fantasmagórica daquela elegante reunião no andar de cima; um fantasma que assombra todas as casas onde se oferecem bailes e bons jantares; um desenho feito com giz branco sobre papelão cinza, opaco e sem cor, agora que os vestidos de seda brilhante e os casacos lindamente bordados não estavam

mais ali para preencher o primeiro plano e as velas tremeluziam sonolentas em suas bases.

Chauvelin sorriu com benevolência e, esfregando as mãos compridas e magras, olhou ao redor da sala deserta, de onde até o último laçao se retirara para se juntar aos amigos no salão de baixo. Tudo era silêncio na sala mal iluminada, enquanto o som da gavota, o zumbido de conversas e risadas distantes e o barulho de uma carruagem ocasional lá fora só pareciam alcançar este palácio da Bela Adormecida como o murmúrio de algum esvoaçante e distante fantasma.

Tudo parecia tão pacífico, tão luxuoso e tão calmo, que o observador mais atento - um verdadeiro profeta - nunca poderia imaginar que, neste momento, aquela sala de jantar deserta não passava de uma armadilha preparada para a captura do mais astuto e audacioso conspirador que aqueles tempos agitados já haviam visto.

Chauvelin ponderou e tentou analisar o futuro imediato. Como seria este homem, a quem ele e os líderes de toda uma revolução juraram levar à morte? Tudo nele era estranho e misterioso; sua personalidade, que ele tão astuciosamente escondia, o poder que exercia sobre 19 cavalheiros ingleses que pareciam obedecer cega e entusiasticamente a todas as suas ordens, o amor apaixonado e a submissão que ele havia despertado em seu pequeno e treinado bando e, acima de tudo, sua incrível audácia, a impudência sem limites

que o levava a enfrentar seus inimigos mais implacáveis, dentro dos muros de Paris.

Não admira que na França o sobriquet<sup>[113]</sup> do misterioso inglês tenha despertado no povo um arrepio supersticioso. O próprio Chauvelin, enquanto percorria a sala deserta, onde o estranho herói apareceria, sentiu uma estranha sensação de espanto percorrer sua espinha.

Seus planos, no entanto, haviam sido muito bem traçados. Ele tinha certeza de que o Pimpinela Escarlata não fora avisado e tinha igual certeza de que Marguerite Blakeney não o havia enganado. Se ela o tivesse enganado... Um olhar cruel, que a teria feito estremecer, brilhou nos olhos claros e penetrantes de Chauvelin. Se ela tivesse pregado uma peça nele, Armand St. Just sofreria a pena extrema.

Mas não, não! É claro que ela não o havia enganado!

Felizmente, a sala de jantar estava deserta: isso facilitaria ainda mais a tarefa de Chauvelin, quando, naquele momento, aquele enigma insuspeito entraria sozinho. Ninguém estava ali, exceto o próprio Chauvelin.

Ao examinar com um sorriso satisfeito a solidão da sala, o astuto agente do governo francês percebeu a respiração pacífica e monótona de algum dos convidados de lorde Grenville, que, sem dúvida, haviam jantado bem e com sabedoria e agora desfrutavam de um sono tranquilo, longe do barulho da dança.

Chauvelin olhou em volta mais uma vez, e ali, no canto de um sofá, no canto escuro da sala, com a boca aberta, os olhos fechados, os sons doces de um sono tranquilo saindo de suas narinas, reclinava-se o esplendidamente bem-vestido e comprido marido da mulher mais inteligente da Europa.

Chauvelin olhou para ele ali deitado, plácido, inconsciente, em paz com todo o mundo e consigo mesmo, depois do melhor dos jantares, e um sorriso, que era quase de piedade, suavizou por um momento as linhas duras do rosto do francês e o brilho sarcástico de seus olhos claros.

Evidentemente, o dorminhoco, mergulhado em um sono profundo e sem sonhos, não interferiria na armadilha de Chauvelin para capturar aquele astuto Pimpinela Escarlata. Novamente, ele esfregou as mãos e, seguindo o exemplo de Sir Percy Blakeney, também se esticou no canto de outro sofá, fechou os olhos, abriu a boca, emitiu sons de respiração pacífica e... Esperou!

## CAPÍTULO XV

### DÚVIDA

Marguerite Blakeney observou a figura esbelta de Chauvelin, vestido de zibelina<sup>[114]</sup>, enquanto ele avançava pelo salão de baile. Teve, então, de esperar, à medida que seus nervos vibravam de excitação. Apaticamente, sentou-se no pequeno boudoir ainda deserto, olhando através da porta acortinada para os casais dançando. Olhando para eles, mas não vendo nada, ouvindo a música, mas consciente de nada, exceto de um sentimento de expectativa, de espera ansiosa e cansada. Sua mente conjurou diante dela a visão do que estava, talvez, neste exato momento, se passando lá embaixo. A sala de jantar meio deserta, a hora fatídica – Chauvelin de guarda –, então, no momento certo, a entrada de um homem, ele, o Pimpinela Escarlata, o líder misterioso, que, para Marguerite, havia se tornado quase irreal, tão estranha, tão esquisita era essa identidade secreta.

Ela desejou estar também na sala de jantar naquele momento, observando-o entrar; sabia que seu discernimento feminino reconheceria imediatamente no rosto do estranho – quem quer que ele fosse – aquela forte individualidade que pertence a um líder de homens, a um herói, à poderosa águia que voa alto, cujas ousadas asas estavam se enredando na armadilha do furão.

De forma feminina, ela pensava nele com pura tristeza; a ironia do destino parecia tão cruel que permitia que o destemido leão sucumbisse às mordidas de um rato! Ah! Se a vida de Armand não estivesse em jogo!

— Ora! Vossa Senhoria deve ter me achado muito desleixado — disse uma voz de repente, perto de seu cotovelo. — Tive muita dificuldade em transmitir sua mensagem, pois, a princípio, não consegui encontrar Blakeney em lugar nenhum...

Marguerite tinha esquecido completamente o marido e a mensagem que lhe enviara; seu próprio nome, pronunciado por lorde Fancourt, soava-lhe estranho e desconhecido, tão completamente ela vivera, nos últimos cinco minutos, sua antiga vida na Rue de Richelieu, com Armand sempre perto dela para amá-la e protegê-la, para salvaguardá-la das muitas intrigas sutis que sempre assolavam Paris naquela época.

— Finalmente o encontrei — continuou lorde Fancourt — e transmiti-lhe sua mensagem. Ele disse que daria ordens para que os cavalos fossem imediatamente aprontados.

— Ah! — ela disse, ainda muito distraidamente. — Encontrou meu marido e deu-lhe minha mensagem?

— Sim; ele estava na sala de jantar dormindo profundamente. Não consegui acordá-lo a princípio.

— Muito obrigada — ela disse mecanicamente, tentando organizar seus pensamentos.

— Vossa Senhoria me honrará com a contradança até que sua carruagem esteja pronta? — perguntou lorde Fancourt.

— Não, obrigada, meu senhor, mas - o senhor há de me perdoar - estou realmente muito cansada e o calor no salão de baile tornou-se opressivo.

— O conservatório está deliciosamente fresco; deixe-me levá-la até lá e depois pegarei algo para a senhora. Parece doente, lady Blakeney.

— Só estou muito cansada — ela repetiu exausta, enquanto permitia que lorde Fancourt a conduzisse, onde luzes suaves e plantas verdes retardavam o frescor do ar. Ele deu a ela uma cadeira, na qual a mulher afundou. Este longo intervalo de espera foi intolerável. Por que Chauvelin não veio contar a ela o resultado de sua vigília?

Lorde Fancourt foi muito atencioso. Ela mal ouviu o que ele disse e, de repente, o assustou, perguntando abruptamente:

— Lorde Fancourt, o senhor notou quem mais estava na sala de jantar agora há pouco além de Sir Percy Blakeney?

— Apenas o agente do governo francês, monsieur Chauvelin, igualmente dormindo em outro canto — disse ele. — Por que Vossa Senhoria pergunta?

— Eu não sei... Eu... O senhor notou a hora em que estive lá?

— Talvez cinco ou dez minutos depois da uma... Eu me pergunto o que Vossa Senhoria está pensando — acrescentou, pois evidentemente os pensamentos da bela dama estavam muito distantes e ela não estava ouvindo sua conversa intelectual.

Mas, na verdade, seus pensamentos não estavam muito longe: apenas um andar abaixo, nesta mesma casa, na sala de jantar onde Chauvelin estava sentado ainda de guarda. Teria ele falhado? Por um momento, essa possibilidade surgiu diante dela como uma esperança - a esperança de que o Pimpinela Escarlata tivesse sido avisado por Sir Andrew e que a armadilha de Chauvelin não tivesse conseguido capturar seu pássaro. Essa esperança, porém, logo deu lugar ao medo. Ele falhara? Mas então... Armand!

Lorde Fancourt desistiu de falar porque descobriu que não tinha ouvinte. Ele queria uma oportunidade para escapar: sentar-se em frente a uma senhora, por mais bela que fosse, que obviamente não prestava atenção aos mais vigorosos esforços feitos para o seu entretenimento, não era estimulante, nem mesmo para um Ministro do Gabinete.

— Devo tentar descobrir se a carruagem de Vossa Senhoria está pronta? — ele disse, finalmente, hesitante.

— Ah, obrigada... Obrigada... Seria muito gentil de sua parte... Receio ser uma companhia horrível... Mas estou muito cansada e talvez fique melhor sozinha.

Ela ansiava por se livrar dele, pois esperava que, como a raposa com quem ele tanto se parecia, Chauvelin estivesse rondando, pensando em encontrá-la sozinha.

Lorde Fancourt se foi e mesmo assim Chauvelin não apareceu. Oh! O que teria acontecido? Ela sentiu o destino de Armand tremendo na balança... Ela temia - agora com um medo mortal - que Chauvelin tivesse, sim, falhado e que o misterioso Pimpinela Escarlata tivesse se mostrado esquivo mais uma vez. Ela soube então que não poderia esperar nem piedade, nem misericórdia, vindas dele.

Ele havia pronunciado seu “ou... ou...” e nada menos o deixaria satisfeito: ele era muito rancoroso e fingiria a crença de que ela o havia enganado deliberadamente e, tendo falhado em capturar a águia mais uma vez, sua mente vingativa ficaria contente com uma humilde presa - Armand!

No entanto, ela fez o melhor que pôde; havia levado seus nervos ao extremo por causa de Armand. Não suportava pensar que tudo havia dado errado. Não conseguia ficar parada; queria ir até ele e ouvir o pior imediatamente. Perguntava-se por que Chauvelin ainda não tinha vindo para destilar sua ira e sarcasmo sobre ela.

O próprio lorde Grenville veio logo dizer-lhe que a carruagem estava pronta e que Sir Percy já a esperava com as rédeas nas mãos. Marguerite despediu-se de seu ilustre anfitrião; muitos de seus amigos a detiveram

enquanto ela atravessava as salas para conversar e trocar agradáveis au revoirs. [\[115\]](#)

O ministro apenas se despediu da bela lady Blakeney no topo da escada; abaixo, no patamar, um verdadeiro exército de galantes cavalheiros esperava para dizer “adeus” à rainha da beleza e da moda, enquanto lá fora, sob o enorme pórtico, os magníficos baios de Sir Percy escavavam impacientemente o chão.

No topo da escada, logo depois de se despedir do anfitrião, ela viu, de repente, Chauvelin, que subia as escadas lentamente e esfregava suavemente as mãos finas.

Havia uma expressão curiosa em seu rosto, em parte divertida e totalmente perplexa, e quando seus olhos penetrantes encontraram os de Marguerite, tornaram-se estranhamente sarcásticos.

— Monsieur Chauvelin — disse ela, quando ele parou no topo da escada, curvando-se diante dela —, minha carruagem está lá fora. Posso reivindicar seu apoio?

Tão galante como sempre, ele lhe ofereceu o braço e a conduziu escada abaixo. A multidão era muito grande, alguns convidados do ministro partiam, outros estavam encostados no corrimão, observando a multidão subir e descer a larga escadaria.

— Chauvelin — ela disse, finalmente, desesperada —, preciso saber o que aconteceu.

— O que aconteceu, querida senhora? — ele disse, com surpresa afetada. — Onde? Quando?

— Você está me torturando, Chauvelin. Eu ajudei você esta noite... Certamente tenho o direito de saber. O que aconteceu na sala de jantar à uma hora agora há pouco?

Ela falou em um sussurro, confiando que, no tumulto geral da multidão, suas palavras não seriam ouvidas por todos, exceto pelo homem ao seu lado.

— O silêncio e a paz reinavam supremos, bela senhora. Essa hora, eu estava dormindo no canto de um sofá e Sir Percy Blakeney em outro.

— Ninguém entrou na sala?

— Ninguém.

— Então, falhamos, você e eu?

— Sim! Falhamos - talvez...

— Mas e Armand? — ela implorou.

— Ah! As chances de Armand St. Just estão por um fio... Reze aos céus, querida senhora, para que esse fio não se rompa.

— Chauvelin, trabalhei para você com sinceridade e zelo... Lembre-se de...

— Lembro-me da minha promessa — ele disse calmamente. — No dia em que o Pimpinela Escarlata e eu nos encontrarmos em solo francês, St. Just estará nos braços de sua encantadora irmã.

— O que significa que o sangue de um homem corajoso estará em minhas mãos — disse ela, estremeecendo.

— O sangue dele ou o de seu irmão. É certo que, no momento, a senhora deva esperar, como eu, que o

enigmático Pimpinela Escarlata parta hoje para Calais...

— Só tenho consciência de uma esperança, cidadão.

— E qual é?

— Que Satanás, seu mestre, precisará de você em outro lugar, antes do sol nascer hoje.

— A senhora me elogia, cidadã.

Ela o deteve por um tempo, no meio da escada, tentando chegar aos pensamentos que estavam além daquela máscara fina de raposa. Mas Chauvelin permaneceu cortês, sarcástico, misterioso; nem uma linha à pobre e ansiosa mulher, quer ela precisasse ter medo ou ousasse ter esperança.

No andar de baixo, no patamar, ela logo foi cercada. Lady Blakeney nunca saía de casa alguma para entrar em sua carruagem sem uma escolta de mariposas humanas esvoaçantes em torno da luz ofuscante de sua beleza. Antes, porém, de finalmente se afastar de Chauvelin, ela estendeu-lhe a mãozinha, com aquele lindo gesto de apelo infantil que era tão essencialmente seu.

— Dê-me um pouco de esperança, meu pequeno Chauvelin — ela implorou.

Com perfeita galanteria, ele curvou-se sobre aquela mãozinha, que parecia tão suave e branca através da luva de renda preta delicadamente transparente, e beijou as pontas dos dedos rosados:

— Reze aos céus para que o fio não se rompa — repetiu ele, com seu sorriso enigmático.

E, afastando-se, ele permitiu que as mariposas voassem mais perto da vela e a multidão brilhante da jeunesse dorée, ansiosamente atenta a cada movimento de lady Blakeney, e escondeu de sua vista o rosto aguçado de raposa.

## CAPÍTULO XVI

### RICHMOND

Poucos minutos depois, ela estava sentada, envolta em peles caras, perto de Sir Percy Blakeney, no camarote de sua magnífica carruagem, com os quatro esplêndidos baios trovejando pela rua tranquila.

A noite estava quente, apesar da brisa suave que soprava nas bochechas ardentes de Marguerite. Logo, as casas de Londres foram deixadas para trás e, chacoalhando sobre a velha ponte Hammersmith, Sir Percy dirigia rapidamente seus baios em direção a Richmond.

O rio serpenteava em curvas delicadas, parecendo uma cobra prateada sob os raios brilhantes da lua. Longas sombras de árvores pendentes espalhavam sombras profundas e ocasionais do outro lado da estrada. Os baios avançavam a uma velocidade vertiginosa, detidos ligeiramente para trás pelas mãos fortes e infalíveis de Sir Percy.

Esses passeios noturnos, depois dos bailes e jantares em Londres, eram uma fonte de alegria perpétua para Marguerite e ela apreciava profundamente a excentricidade do marido, o que o levou a adotar esse modo de levá-la para casa todas as noites, para sua bela casa à beira do rio, ao invés de morar em uma casa abafada em Londres. Ele adorava conduzir seus

vigorosos cavalos pelas estradas solitárias e enluaradas, e ela adorava sentar-se no camarote, com o ar suave de uma noite inglesa de fim de verão abanando seu rosto depois da atmosfera quente de um baile ou de um jantar. A viagem não era longa - menos de uma hora, às vezes, quando os baios estavam bem descansados e Sir Percy lhes dava rédea solta.

Esta noite, ele parecia ter um demônio nas mãos e a carruagem parecia voar ao longo da estrada, ao lado do rio. Como sempre, ele não falou com ela, olhando diretamente para frente; as rédeas pareciam estar quase soltas em suas mãos brancas e delgadas. Marguerite olhou para ele uma ou duas vezes; podia ver seu belo perfil e um olho preguiçoso, com a testa reta e fina e a pálpebra pesada e caída.

O rosto ao luar parecia particularmente sério e fazia com que seu dolorido coração lembrasse daqueles dias felizes de namoro, antes de ele se tornar o idiota preguiçoso, o verdadeiro almofadinha, cuja vida parecia passada em salas de jogo e de jantar.

Mas agora, ao luar, ela não conseguia captar a expressão dos preguiçosos olhos azuis; só conseguia ver o contorno do queixo firme, o canto da boca forte, o formato maciço e bem recortado da testa; na verdade, a natureza tinha boas intenções com Sir Percy; suas falhas deveriam ser todas atribuídas àquela pobre mãe meio louca e ao pai distraído e com o coração partido, nenhum dos quais se importava com a jovem vida que brotava

entre eles, e que, talvez, seu descuido já o tivesse estragado.

Marguerite, de repente, sentiu intensa simpatia pelo marido. A crise moral pela qual acabava de passar fazia com que ela se sentisse indulgente com as faltas e as delinquências dos outros.

Quão completamente um ser humano pode ser golpeado e dominado pelo destino; isso foi transmitido a ela com uma força terrível. Se alguém lhe tivesse dito há uma semana que ela iria espionar seus amigos, que trairia um homem corajoso e desavisado, entregando-o nas mãos de um inimigo implacável, ela teria rido da ideia com desprezo.

No entanto, ela havia feito essas coisas; em breve, talvez a morte daquele homem corajoso estivesse à sua porta, tal como há dois anos o marquês de St. Cyr perecera por causa de uma palavra impensada dela. Naquele caso, entretanto, ela era moralmente inocente - não pretendia causar nenhum dano sério -, o destino simplesmente interveio. Mas, desta vez, ela fizera algo que obviamente era vil e o fizera deliberadamente, por um motivo que, talvez, os altos moralistas nem sequer apreciassem.

E, ao sentir o braço forte do marido ao seu lado, ela também sentiu o quanto ele iria desgostar dela e desprezá-la, se soubesse o que havia feito naquela noite. Assim, os seres humanos julgam uns aos outros, superficial e casualmente, desprezando uns aos outros,

com pouca razão e sem caridade. Ela desprezava o marido por suas futilidades e ocupações vulgares e pouco intelectuais; e ele, ela sentia, iria desprezá-la ainda mais, porque ela não tinha sido forte o suficiente para fazer o que era certo e para sacrificar seu irmão aos ditames de sua consciência.

Enterrada em seus pensamentos, Marguerite achou a hora inteira na brisa da noite de verão muito breve e foi com um sentimento de grande decepção que ela percebeu, de repente, que os baios já adentravam os enormes portões de sua linda casa.

A casa de Sir Percy Blakeney às margens do rio havia se tornado histórica: palaciana em suas dimensões, ficava no meio de jardins primorosamente planejados, com um pitoresco terraço e de frente para o rio. Construída na época dos Tudor,<sup>[116]</sup> o velho tijolo vermelho das paredes parecia eminentemente interessante em meio a um bosque; o belo gramado, com seu antigo relógio de sol, acrescentava a verdadeira nota de harmonia. Grandes árvores seculares lançavam sombras frescas sobre o terreno, e agora, naquela noite quente de início de outono, com as folhas ligeiramente avermelhadas e douradas, o antigo jardim parecia singularmente poético e pacífico ao luar.

Com precisão infalível, Sir Percy parou os quatro cavalos imediatamente em frente ao charmoso saguão de entrada Elizabetano;<sup>[117]</sup> apesar do adiantado da hora, um exército de cavalaria parecia ter emergido do

próprio solo com o barulho da carruagem e estavam parados respeitosamente em volta.

Sir Percy saltou rapidamente e ajudou Marguerite a descer. Ela ficou do lado de fora por um momento, enquanto ele dava algumas ordens a um de seus homens. Ela contornou a casa e pisou no gramado, olhando de forma sonhadora para a paisagem prateada. A natureza parecia maravilhosamente em paz, em comparação com as emoções tumultuadas pelas quais ela havia passado: podia ouvir vagamente a ondulação do rio e a queda ocasional, suave e fantasmagórica, de uma folha morta de uma árvore.

Tudo estava quieto ao seu redor. Ela ouvira os cavalos empinarem enquanto eram levados para seus estábulos distantes, a pressa dos pés dos criados quando todos entravam para descansar: a casa também estava bastante silenciosa. Em duas suítes separadas de apartamentos, logo acima das magníficas salas de recepção, as luzes ainda estavam acesas; eram os quartos dela e os dele, bem separados um do outro por toda a largura da casa, tão distantes quanto suas próprias vidas se tornaram. Involuntariamente, ela suspirou - naquele momento, realmente não conseguiria dizer por que isso acontecera.

Estava sofrendo de uma dor de cabeça invencível. De forma profunda e dolorosa, sentia pena de si mesma. Nunca se sentira tão lamentavelmente sozinha, tão amargamente carente de conforto e de simpatia. Com

outro suspiro, ela se afastou do rio em direção à casa, perguntando-se vagamente se, depois de uma noite assim, conseguiria descansar e dormir.

De repente, antes de chegar ao terraço, ouviu passos firmes no cascalho e, no momento seguinte, a figura do marido emergiu da sombra. Ele também havia contornado a casa e vagava pelo gramado em direção ao rio. Ainda usava seu pesado casaco de cocheiro, com as numerosas lapelas e golas que ele mesmo havia colocado na moda, mas o havia jogado bem para trás, enterrando as mãos, como era seu costume, nos bolsos fundos de suas calças de cetim; o lindo traje que ele usara no baile de lordes Grenville, com seu babado de renda inestimável, parecia estranhamente fantasmagórico contra o fundo escuro da casa.

Aparentemente, ele não a notou, pois, depois de uma pausa de alguns instantes, voltou-se para a casa e foi direto para o terraço.

— Sir Percy!

Ele já estava com um pé no degrau mais baixo do terraço, mas, ao ouvir a voz dela, assustou-se e fez uma pausa, depois olhou atentamente para as sombras de onde ela o havia chamado.

Marguerite avançou rapidamente para o luar e, assim que ele a viu, disse, com aquele ar de galanteria meticulosa que sempre usava quando falava com ela:

— Ao seu serviço, senhora!

Mas o pé dele ainda estava no degrau e em toda a sua atitude havia uma sugestão remota, claramente visível para ela, de que ele desejava ir embora, sem nenhuma vontade de ter uma conversa à meia-noite.

— O ar está deliciosamente fresco — disse ela —, o luar está pacífico e poético e o jardim está convidativo. Não vai ficar nele por algum tempo? Ainda não é tarde ou minha companhia é tão terrível que tem pressa em se livrar dela?

— Não desejo me livrar da senhora, madame — ele respondeu placidamente —, mas do sapato que está apertando o meu pé, e garanto que achará o ar da meia-noite mais poético sem a minha companhia. Sem dúvida, quanto mais cedo eu remover a obstrução, mais Vossa Senhoria gostará.

Ele se virou mais uma vez para ir embora.

— O senhor está enganado, Sir Percy — disse ela apressadamente, aproximando-se um pouco mais dele. — Lembre-se de que essa estranheza que, infelizmente, surgiu entre nós não foi culpa minha.

— Não? Deve me perdoar, então, senhora! — ele protestou friamente. — Minha memória sempre foi das mais curtas.

Olhou-a diretamente nos olhos, com aquela indiferença preguiçosa que era parte de seu ser. Ela devolveu o olhar dele por um momento, depois seus olhos se suavizaram, quando ela chegou bem perto dele, ao pé dos degraus do terraço.

— Das mais curtas, Sir Percy? Ora! Como deve ter mudado! Foi há três ou quatro anos que você me viu por uma hora em Paris, estando você a caminho do Oriente? Quando voltou, dois anos depois, não tinha me esquecido.

Ela parecia divinamente bonita ali ao luar, com a capa de pele deslizando pelos lindos ombros, o bordado dourado do vestido brilhando ao seu redor, os olhos azuis infantis voltados totalmente para ele.

Ele ficou parado por um momento, rígido e imóvel, exceto pelo aperto da mão contra a balaustrada de pedra do terraço.

— A senhora queria minha presença, madame — ele disse, friamente. — Presumo que não era com o objetivo de entregar-se a ternas reminiscências.

Sua voz era certamente fria e intransigente; sua atitude diante dela era rígida e inflexível. O decoro feminino teria sugerido que Marguerite deveria retribuir frieza com frieza, e passar por ele sem dizer mais nada, apenas com um breve aceno de cabeça, mas o instinto feminino sugeria que ela deveria permanecer - aquele instinto aguçado, que torna uma mulher bonita consciente de seus poderes e a faz ansiar por colocar de joelhos o único homem que não lhe prestava homenagens. Ela estendeu a mão para ele.

— E por que não, Sir Percy, por que não? O presente não é tão glorioso a ponto de não querer me demorar um pouco no passado.

Ele inclinou sua alta figura e, segurando a ponta dos dedos que ela ainda estendia para ele, beijou-os cerimoniosamente.

— Madame — disse ele —, me perdoe se minha parca inteligência não puder acompanhá-la.

Mais uma vez, ele tentou ir, mais uma vez, a voz dela, doce, infantil, quase terna, o chamou de volta.

— Sir Percy.

— Seu servo, senhora.

— É possível que o amor morra? — ela disse com veemência repentina e irracional. — Pensei que a paixão que sentia por mim iria durar mais do que a vida humana. Não sobrou nada desse amor, Percy? O que pode ajudá-lo a superar essa triste estranheza?

Sua figura maciça parecia, enquanto ela falava assim com ele, enrijecer ainda mais, a boca forte endurecer, um olhar de obstinação implacável penetrar os olhos azuis habitualmente preguiçosos.

— E com que objetivo, senhora? — ele perguntou friamente.

— Não entendo você.

— E, no entanto, é bastante simples — disse ele com súbita amargura, que parecia literalmente surgir em suas palavras, embora estivesse fazendo esforços visíveis para suprimi-la. — Eu humildemente faço a pergunta para a senhora, pois meu raciocínio lento é incapaz de compreender a causa desse súbito novo humor de Vossa Senhoria. Será que tem o gosto de renovar o esporte

diabólico que praticou com tanto sucesso no ano passado? Deseja me ver mais uma vez como um suplicante apaixonado aos seus pés, para que possa novamente ter o prazer de me chutar para o lado, como um cachorrinho problemático?

Ela conseguiu despertá-lo por um momento e, novamente, olhou diretamente para ele, pois era assim que ela se lembrava dele há um ano.

— Percy! Eu lhe suplico! — ela sussurrou. — Não podemos enterrar o passado?

— Perdoe-me, madame, mas entendi que a senhora queria se demorar nele.

— Não! Não falei desse passado, Percy! — ela disse, enquanto um tom de ternura penetrou sua voz. — Em vez disso, falei da época em que você ainda me amava. E eu... Oh! Fui vaidosa e frívola; sua riqueza e posição me atraíram; casei-me com você, esperando em meu coração que seu grande amor por mim gerasse em mim um amor por você... Mas, infelizmente...

A lua havia afundado atrás de um banco de nuvens. No leste, uma suave luz cinzenta começava a afastar o pesado manto da noite. Ele só conseguia ver seu contorno gracioso agora, a pequena cabeça de rainha, com sua riqueza de cachos dourado-avermelhados, e as pedras brilhantes formando a pequena flor vermelha em forma de estrela que ela usava como diadema no cabelo.

— Vinte e quatro horas depois de nosso casamento, madame, o marquês de St. Cyr e toda a sua família

morreram na guilhotina e chegou-me o popular boato de que foi a esposa de Sir Percy Blakeney quem ajudou a mandá-los para lá.

— Não! Eu mesma lhe contei a verdade sobre essa história odiosa.

— Só depois de ter sido contada a mim por estranhos, com todos os seus horríveis detalhes.

— E você acreditou neles imediatamente — ela disse com grande veemência —, sem nenhuma prova ou pergunta - acreditou que eu, a quem você jurou que amava mais do que a vida, a quem professou que adorava, que eu poderia fazer uma coisa tão vil como esses estranhos escolheram contar. Pensou que eu pretendia enganá-lo sobre tudo isso, que eu deveria ter falado antes de me casar com você. No entanto, se tivesse me ouvido, eu teria lhe dito que até a manhã em que St. Cyr foi para a guilhotina, eu estava forçando todos os nervos, usando toda a influência que possuía, para salvar a ele e sua família. Meu orgulho, entretanto, selou meus lábios, quando seu amor parecia perecer, como se estivesse sob a lâmina daquela mesma guilhotina. Contudo, eu teria lhe contado como fui enganada! Sim! Eu, a quem o mesmo boato popular endossava como a inteligência mais aguçada da França! Fui enganada a fazer isso por homens que sabiam como se aproveitar de meu amor por um único irmão e de meu desejo de vingança. Seria isso tão anormal assim?

Sua voz ficou embargada pelas lágrimas. Ela parou por um momento ou dois, tentando recuperar algum tipo de compostura, e olhou para ele de forma suplicante, quase como se fosse seu juiz. Ele permitiu que ela falasse em seu próprio modo veemente e ardente, sem oferecer nenhum comentário, nenhuma palavra de simpatia; e agora, enquanto ela fazia uma pausa, tentando engolir as lágrimas quentes que jorravam de seus olhos, ele esperou, impassível e imóvel. A luz fraca e cinzenta do amanhecer parecia fazer com que sua forma alta parecesse mais alta e mais rígida. O rosto preguiçoso e bem-humorado parecia estranhamente alterado. Marguerite, agitada como estava, percebeu que os olhos já não estavam lânguidos, a boca já não era bem-humorada e fútil. Um olhar curioso de intenso martírio parecia brilhar sob suas pálpebras caídas, a boca estava bem fechada, os lábios comprimidos, como se somente a vontade mantivesse aquela paixão crescente sob controle.

Marguerite Blakeney era, acima de tudo, uma mulher, com todas as fraquezas fascinantes de uma mulher, todos os pecados mais adoráveis de uma mulher. Ela soube em um momento que, nos últimos meses, estivera enganada, que aquele homem que estava ali diante dela, frio como uma estátua, quando a voz musical dela tocou seu ouvido, a amava, como a amara um ano atrás. Que a paixão dele poderia estar adormecida, mas estava lá, tão forte, tão intensa, tão avassaladora, como quando os

lábios dela encontraram os dele pela primeira vez em um beijo longo e enlouquecedor.

O orgulho o afastara dela e, sendo mulher, pretendia reconquistar o que já havia sido seu. De repente, pareceu-lhe que a única felicidade que a vida lhe poderia trazer seria sentir novamente o beijo daquele homem em seus lábios.

— Ouça a história, Sir Percy — ela disse e sua voz agora era baixa, doce, infinitamente terna. — Armand era tudo para mim! Não tínhamos pais e criamos um ao outro. Ele era meu paizinho e eu, sua mãezinha; nós nos amávamos tanto. Então, um dia, o marquês de St. Cyr mandou espancar meu irmão Armand — espancado por seus lacaios, aquele irmão que eu amava mais do que todo o mundo! E sua ofensa? Que ele, um plebeu, ousou amar a filha do aristocrata; por isso, ele foi emboscado e espancado... Espancado como um cachorro quase até a morte! Ah, como sofri! Sua humilhação havia corroído minha alma! Quando surgiu a oportunidade e pude me vingar, aproveitei. Mas só pensei em trazer problemas e humilhações para aquele orgulhoso marquês. Ele havia conspirado com a Áustria contra o seu próprio país. O acaso me deu conhecimento disso. Falei sobre isso, mas não sabia — como poderia adivinhar? — que eles me encurralariam e me enganariam. Quando percebi o que tinha feito, já era tarde demais.

— Talvez seja um pouco difícil, senhora — disse Sir Percy, após um momento de silêncio entre eles —, voltar

ao passado. Disse-lhe que minha memória é curta, mas certamente me lembro de que, no momento da morte do marquês, eu lhe supliquei por uma explicação para esses mesmos malditos boatos. Se essa mesma lembrança, mesmo agora, não me prega uma peça, lembro-me de que a senhora me recusou qualquer explicação e exigiu do meu amor uma lealdade humilhante a qual ele não estava preparado para dar.

— Eu queria testar seu amor por mim e ele não resistiu a isso. Você costumava me dizer que respirava somente por mim e por meu amor.

— E para provar esse amor, você exige que eu perca minha honra — disse ele, enquanto gradualmente sua impassibilidade parecia abandoná-lo e sua rigidez relaxava —, que eu deva aceitar sem murmúrios ou questionamentos, como um escravo mudo e submisso, todas as ações de minha senhora? Com o coração transbordando de amor e paixão, não pedi nenhuma explicação, esperei por uma, não duvide, apenas esperei. Se tivesse falado apenas uma palavra, eu teria aceitado qualquer explicação e acreditado. A senhora, no entanto, me deixou sem dizer uma palavra, nada além de uma confissão direta dos fatos horríveis e reais; orgulhosamente voltou para a casa do seu irmão e me deixou sozinho... Por semanas... Sem saber, agora, em quem acreditar, já que o santuário, que continha minha única ilusão, estava despedaçado aos meus pés.

Ela agora não diria que ele estava frio e impassível; sua voz tremia com uma intensidade de paixão que ele fazia esforços sobre-humanos para manter sob controle.

— Sim! A loucura do meu orgulho! — ela disse tristemente. — Mal eu tinha ido, já estava arrependida. Mas quando voltei, encontrei você - ah, tão alterado - já usando aquela máscara de indiferença monótona que nunca deixou de lado até... agora.

Ela estava tão perto dele que seu cabelo macio e solto flutuava em seu rosto; os olhos dela, brilhando com lágrimas, o enlouqueceram, a música em sua voz enviou fogo em suas veias. Mas ele não cederia ao encanto mágico da mulher que ele amara tão profundamente e em cujas mãos seu orgulho sofrera tão amargamente. Fechou os olhos para impedir a visão delicada daquele rosto doce, daquele pescoço branco como a neve e daquela figura graciosa, em torno da qual a tênue luz rosada do amanhecer estava apenas começando a pairar divertidamente.

— Não, madame, não é uma máscara — ele disse friamente. — Eu jurei a você... uma vez, que minha vida era sua. Há meses, ela tem sido seu brinquedo... Tem servido ao seu propósito.

Agora ela sabia que aquela frieza era uma máscara. O problema, a tristeza pela qual passara na noite anterior, de repente, voltou à sua mente, não mais com amargura, mas com a sensação de que este homem que a amava a ajudaria a suportar o fardo.

— Sir Percy — ela disse impulsivamente —, Deus sabe que você se esforçou para tornar a tarefa, que eu havia definido para mim mesma, terrivelmente difícil de realizar. Falou do meu humor agora há pouco, bem! Nós o chamaremos assim, se quiser. Eu queria falar com você... Porque... Porque eu estava com problemas... E tenho necessidade... Da sua simpatia.

— Ela está a seu comando, senhora.

— Como você está frio — ela suspirou. — Juro que mal posso acreditar que há alguns meses uma única lágrima em meus olhos o deixaria completamente maluco. Agora, eu venho até você... Com o coração partido... E...

— Diga-me, madame — disse ele, enquanto sua voz tremia quase tanto quanto a dela —, de que maneira posso servi-la?

— Percy! Armand está em perigo mortal. Uma carta dele... Precipitada, impetuosa, como todas as suas ações, escrita para Sir Andrew Ffoulkes, caiu nas mãos de um fanático. Armand está irremediavelmente comprometido... Ele talvez seja preso amanhã... Depois disso, a guilhotina... A menos que... A menos que... Oh! É horrível! — ela disse, com um súbito gemido de angústia, enquanto todos os acontecimentos da noite passada voltavam à sua mente. — Horrível! E você não entende... Você não pode... E não tenho ninguém a quem recorrer... Para ajuda... Ou mesmo por simpatia...

As lágrimas agora se recusavam a ser contidas. Todos os seus problemas, suas lutas, a terrível incerteza do

destino de Armand a dominaram. Ela cambaleou, prestes a cair, e encostada na balaustrada de pedra, enterrou o rosto nas mãos e soluçou amargamente.

À primeira menção do nome de Armand St. Just e do perigo que ele corria, o rosto de Sir Percy ficou um pouco mais pálido; e o olhar de determinação e obstinação apareceu mais marcado do que nunca entre seus olhos. No entanto, ele não disse nada no momento, mas observou-a, enquanto seu corpo delicado era abalado pelos soluços, observou-a até que inconscientemente seu rosto se suavizou e o que pareciam quase lágrimas brilharam em seus olhos.

— E então — disse ele com amargo sarcasmo —, o cão assassino da revolução está se voltando contra as mesmas mãos que o alimentaram? Muito bem, madame — acrescentou ele com muita delicadeza, à medida que Marguerite continuava a soluçar histericamente —, quer enxugar as lágrimas? Eu nunca suportaria ver uma mulher bonita chorar, e eu...

Instintivamente, com uma paixão súbita e avassaladora, ao ver o desamparo e o sofrimento dela, ele estendeu os braços e depois a teria agarrado e mantido junto a ele, protegida de todo mal com sua própria vida, com o sangue de seu próprio coração. Mas o orgulho levou a melhor nesta luta mais uma vez; ele se conteve com uma tremenda força de vontade e disse friamente, mesmo que muito gentilmente:

— Poderia virar-se para mim, madame, e me dizer de que maneira posso ter a honra de servi-la?

Ela fez um esforço violento para se controlar e, virando para ele o rosto manchado de lágrimas, estendeu mais uma vez a mão, que ele beijou com a mesma galanteria meticulosa; mas os dedos de Marguerite, desta vez, permaneceram em sua mão por um ou dois segundos a mais do que o absolutamente necessário, e isso porque ela sentiu que a mão dele tremia perceptivelmente e estava ardendo, enquanto seus lábios pareciam frios como mármore.

— Você pode fazer alguma coisa por Armand? — ela disse doce e simplesmente. — Você tem muita influência na corte... Tantos amigos...

— Não, madame, não deveria antes buscar a influência de seu amigo francês, monsieur Chauvelin? Sua influência, se não me engano, estende-se até o Governo Republicano da França.

— Eu não posso perguntar a ele, Percy.. Oh! Eu gostaria de ter ousado contar a você... Mas, mas... Ele colocou um preço pela cabeça do meu irmão, o que...

Ela teria dado mundos se tivesse tido coragem de contar tudo a ele, tudo o que ela fizera naquela noite - como sofrera e como sua mão fora forçada, mas não ousou ceder a esse impulso... Não agora, quando ela estava começando a sentir que ele ainda a amava, quando ela esperava poder reconquistá-lo. Não ousou fazer outra confissão a ele. Afinal, ele poderia não

entender ou não simpatizar com suas lutas e tentações. Seu amor ainda adormecido poderia dormir o sono da morte.

Mas, talvez ele tivesse adivinhado o que se passava em sua mente. Toda sua atitude era de intenso desejo – uma verdadeira oração por aquela confiança que o tolo orgulho dela lhe negava. Quando ela permaneceu em silêncio, ele suspirou e disse com acentuada frieza:

— Ora, senhora, já que isso a aflige, não falaremos sobre isso... Quanto a Armand, peço para que não tenha medo. Dou-lhe a minha palavra de que ele estará seguro. Agora, tenho sua permissão para ir? Está ficando tarde, e...

— Você, pelo menos, aceitará minha gratidão? — ela disse, aproximando-se dele e falando com verdadeira ternura.

Com um esforço rápido, quase involuntário, ele a teria tomado nos braços, pois seus olhos estavam banhados em lágrimas, que ele desejava beijar; mas ela o atraiu uma vez, assim mesmo, e depois o jogou de lado como uma luva mal-ajustada. Ele achava que isso era apenas um estado de espírito, um capricho, e era orgulhoso demais para se entregar a isso mais uma vez.

— É muito cedo, senhora — ele disse calmamente. — Ainda não fiz nada. Já é tarde e deve estar cansada. Sua criada está esperando pela senhora lá em cima.

Sir Percy ficou de lado para permitir que ela passasse. Ela suspirou, um rápido sinal de decepção. O orgulho

dele e a beleza dela estiveram em conflito direto, e o orgulho dele permaneceu o conquistador. Talvez, afinal, ela tivesse ficado desapontada agora há pouco; o que ela considerou ser a luz do amor nos olhos dele só poderia ter sido a ardência do orgulho ou, quem sabe, do ódio em vez do amor. Ela ficou olhando para ele por mais um momento ou dois. Novamente tão rígido, tão impassível quanto antes. O orgulho havia vencido e ele não se importava com ela.

O cinza do amanhecer cedeu gradualmente à luz rosada do sol nascente. Os pássaros começavam a gorjear, a natureza despertava, sorrindo em feliz resposta ao calor desta gloriosa manhã de outubro. Só entre estes dois corações existia uma barreira forte e intransponível, construída pelo orgulho de ambos os lados, que nenhum deles se preocupou em ser o primeiro a demolir. Ele havia curvado sua figura alta em uma reverência cerimoniosa quando ela finalmente, com outro pequeno suspiro amargo, começou a subir os degraus do terraço.

A longa cauda de seu vestido bordado a ouro varria as folhas mortas dos degraus, fazendo um leve e harmonioso sh - sh - sh enquanto ela deslizava para cima, com uma mão apoiada na balaustrada, a luz rosada do amanhecer formando uma auréola dourada e redonda em seu cabelo e fazendo com que os rubis em sua cabeça e braços brilhassem. Ela alcançou as altas portas de vidro que davam para dentro da casa. Antes de

entrar, parou mais uma vez para olhar para ele, esperando ver seus braços estendidos para ela e ouvir sua voz chamando-a de volta. Mas ele não se mexeu; sua figura maciça parecia a própria personificação do orgulho inflexível, da obstinação feroz.

Lágrimas quentes surgiram novamente em seus olhos e, como ela não queria deixá-lo vê-las, virou-se rapidamente para dentro e correu o mais rápido que pôde para seus próprios aposentos.

Se ela tivesse se voltado e olhado mais uma vez para o jardim iluminado por rosas, teria visto aquilo que faria seus sofrimentos parecerem leves e fáceis de suportar – um homem forte, dominado por sua própria paixão e seu próprio desespero. O orgulho havia finalmente cedido e a obstinação desaparecera: a vontade estava impotente. Ele era apenas um homem louco, cego e intensamente apaixonado e, assim que os passos leves dela cessaram dentro de casa, ele se ajoelhou nos degraus do terraço e, na própria loucura de seu amor, beijou um por um os lugares por onde seu pezinho havia pisado, e a balaustrada de pedra, onde sua mãozinha havia permanecido por último.

## CAPÍTULO XVII

### ADEUS

Quando Marguerite chegou ao seu quarto, encontrou a criada terrivelmente preocupada com ela.

— Vossa Senhoria está tão cansada — disse a pobre mulher, cujos olhos estavam semicerrados de sono. — Já passa das 5h.

— Ah, sim, Louise, ousei dizer que estarei cansada em breve — falou Marguerite, gentilmente —, mas você está muito cansada agora, então vá para a cama imediatamente. Vou para a cama sozinha.

— Mas, minha senhora...

— Não discuta, Louise, apenas vá para a cama. Dê-me um cobertor e deixe-me sozinha.

Louise ficou muito feliz em obedecer. Tirou o lindo vestido de baile de sua patroa e envolveu-a em um roupão macio e esvoaçante.

— Vossa Senhoria deseja mais alguma coisa? — ela perguntou, quando isso foi feito.

— Não, nada mais. Apague as luzes ao sair.

— Sim, senhora. Boa noite, senhora.

— Boa noite, Louise.

Quando a criada saiu, Marguerite abriu as cortinas e as janelas. O jardim e o rio estavam inundados por uma luz rosada. Muito longe, a leste, os raios do sol nascente transformavam o rosa em um ouro vívido. O gramado

estava deserto agora e Marguerite olhou para o terraço onde pouco tempo antes havia tentado, em vão, reconquistar o amor de um homem que já fora inteiramente seu.

Era estranho que, apesar de todos os seus problemas, de toda sua ansiedade por Armand, ela estivesse consciente, no presente momento, de uma mágoa aguda e amarga. Seus próprios membros pareciam doer de desejo pelo amor de um homem que a rejeitara, que resistira à sua ternura, que permanecera frio aos seus apelos e que não respondera ao brilho da paixão, o que a fazia esperar que aqueles velhos e felizes tempos em Paris não estivessem todos mortos e esquecidos.

Como tudo foi estranho! Ela ainda o amava. E agora que recordava os últimos meses de mal-entendidos e de solidão, percebia que nunca deixara de amá-lo; que no fundo de seu coração, ela sempre sentira que suas tolas frivolidades, sua risada vazia, sua preguiçosa indiferença, não passavam de uma máscara; que o homem verdadeiro, forte, apaixonado, obstinado, ainda estava lá – o homem que ela amava, cuja intensidade a fascinara, cuja personalidade a atraía, pois ela sempre sentira que, por trás de sua inteligência aparentemente lenta, havia algo que ele mantinha escondido de todos, mais especialmente dela.

O coração de uma mulher é um problema tão complexo – a dona dele é muitas vezes bastante

incompetente para encontrar a solução deste quebra-cabeça.

Marguerite Blakeney, “a mulher mais inteligente da Europa”, realmente amava um tolo? Seria amor o que ela sentira por ele há um ano, quando se casaram? Seria amor o que ela sentia por ele agora que percebia que ele ainda a amava, mas que não se tornaria seu escravo, seu amante apaixonado e ardente mais uma vez? Não! A própria Marguerite não teria dito isso. Pelo menos, não neste momento; talvez seu orgulho tivesse selado sua mente para uma melhor compreensão de seu próprio coração. Mas isso ela sabia; sabia que pretendia capturar novamente aquele coração obstinado, que o conquistaria mais uma vez e que ela, então, nunca mais o perderia... Ela iria mantê-lo, manter seu amor, merecê-lo e apreciá-lo, pois uma coisa era certa: não havia mais felicidade possível para ela sem o amor daquele homem.

Assim, os pensamentos e as emoções mais contraditórios transitaram loucamente por sua mente. Absorta neles, ela permitiu que o tempo passasse; talvez, cansada de uma longa excitação, tivesse realmente fechado os olhos e mergulhado em um sono agitado, no qual sonhos fugazes pareciam apenas a continuação de seus pensamentos ansiosos – quando, de repente, foi despertada, do sonho ou da meditação, pelo barulho de passos do lado de fora da porta.

Nervosa, ela deu um pulo e ouviu; a casa em si estava tão silenciosa como sempre; os passos recuaram. Através

das janelas abertas, os raios brilhantes do sol da manhã inundavam seu quarto de luz. Olhou para o relógio; eram seis e meia - cedo demais para que alguém da casa já estivesse se mexendo. Ela certamente devia ter adormecido, de forma bastante inconsciente. O barulho dos passos e de vozes abafadas a acordara - o que poderiam ser?

Suavemente, na ponta dos pés, atravessou o quarto e abriu a porta para ouvir, mas nada, nem um som - apenas aquela quietude peculiar do início da manhã, quando o sono de toda a humanidade é mais pesado. O barulho, porém, a deixara nervosa, e quando, de repente, aos seus pés, bem na soleira da porta, ela viu algo branco ali caído - uma carta, obviamente - mal ousou tocá-la. Parecia tão fantasmagórica. Certamente não estava lá quando ela subiu; teria Louise a deixado cair? Ou estaria algum fantasma tentador em jogo, mostrando-lhe cartas arrebatadoras onde não existiam?

Por fim, ela se abaixou para pegá-la e, espantada e extremamente intrigada, viu que a carta estava endereçada a ela, com a caligrafia grande e de aparência profissional do marido. O que poderia ter a dizer a ela, quase de madrugada, que não pudesse ser adiado até mais tarde? Ela rasgou o envelope e leu:

“Uma circunstância muito imprevista me obriga a partir imediatamente para o Norte, por isso peço perdão a Vossa Senhoria por não me aproveitar da honra de

despedir-me. Meu negócio pode me manter ocupado por cerca de uma semana, então não terei o privilégio de estar presente na festa na água de Vossa Senhoria na quarta-feira. Continuo sendo seu servo mais humilde e obediente, PERCY BLAKENEY”.

Marguerite deve ter subitamente ficado imbuída da lentidão intelectual do marido, pois teve forçosamente de ler as poucas e simples linhas repetidas vezes, antes de poder compreender plenamente o seu significado.

Ficou parada no patamar, revirando na mão aquela epístola curta e misteriosa, com a mente em branco, os nervos tensos pela agitação e por um pressentimento que ela não poderia explicar muito bem.

Era verdade que Sir Percy possuía várias propriedades no Norte e, muitas vezes, já tinha ido para lá sozinho e ficado fora uma semana de cada vez, mas parecia muito estranho que, entre 5h e 6h da manhã, tivessem surgido circunstâncias que o obrigassem a partir com tanta pressa.

Em vão, tentou se livrar de uma sensação incomum de nervosismo: tremia da cabeça aos pés. Um desejo selvagem e invencível apoderou-se dela de ver o marido novamente, imediatamente, caso ele ainda não tivesse partido.

Esquecendo-se do fato de que estava apenas levemente vestida com um xale matinal e que seu cabelo estava solto sobre os ombros, desceu as escadas

correndo, atravessando o corredor em direção à porta da frente, que estava, como sempre, fechada e trancada, pois os criados de dentro da casa ainda não haviam acordado, mas seus ouvidos aguçados detectaram o som de vozes e o bater de cascos de um cavalo nas lajes.

Com dedos nervosos e trêmulos, Marguerite abriu os ferrolhos um por um, machucando as mãos, machucando as unhas, pois as fechaduras eram pesadas e rígidas. Ela, contudo, não se importou; todo o seu corpo tremia de ansiedade só de pensar que poderia ser tarde demais; que ele poderia ter ido embora sem que ela o visse e lhe desejasse boa viagem.

Por fim, ela virou a chave e abriu a porta. Seus ouvidos não a decepcionaram. Um cavaleriço estava parado ali perto, segurando dois cavalos; um deles era Sultan, o cavalo favorito e mais rápido de Sir Percy, selado e pronto para a viagem.

No momento seguinte, o próprio Sir Percy apareceu no outro canto da casa e veio rapidamente em direção aos cavalos. Ele havia tirado seu lindo traje de baile, mas estava, como sempre, irrepreensível e ricamente vestido com um traje de tecido fino, com jabôs de renda e babados, botas de cano alto e calças de montaria.

Marguerite deu alguns passos à frente. Ele olhou para cima e a viu. Uma leve carranca apareceu entre seus olhos.

— Você está saindo? — ela disse rápida e febrilmente.  
— Para onde vai?

— Como tive a honra de informar a Vossa Senhoria, negócios urgentes e inesperados me chamam para o Norte esta manhã — disse ele, com sua habitual maneira fria e tensa.

— Mas... Seus convidados amanhã...

— Peço que Vossa Senhoria ofereça minhas humildes desculpas a Sua Alteza. Vossa Senhoria é uma anfitriã perfeita, acho que não sentirão minha falta.

— Mas você certamente poderia ter esperado para viajar depois de nossa festa na água — ela disse, ainda falando rápida e nervosamente. — Certamente o assunto não é tão urgente... Você não disse nada sobre isso... Agora mesmo...

— Meu negócio, como tive a honra de lhe dizer, madame, é tão inesperado quanto urgente... Peço, portanto, sua permissão para ir... Posso fazer alguma coisa pela senhora na cidade? No meu caminho de volta?

— Não, não... Obrigada. Nada. Mas voltará logo?

— Muito em breve.

— Antes do final da semana?

— Não saberia dizer.

Ele estava obviamente tentando fugir, enquanto ela se esforçava ao máximo para segurá-lo por um momento ou dois.

— Percy — ela disse —, não vai me dizer por que vai hoje? Certamente eu, como sua esposa, tenho o direito de saber. Você não foi chamado para o Norte. Eu sei disso. Não havia nenhuma carta, nenhum mensageiro

antes de partirmos para a ópera ontem à noite e nada esperava por você quando voltamos do baile... Estou convencida de que você não vai para o Norte... Existe algum mistério e...

— Não, não há mistério, madame — respondeu ele, com um leve tom de impaciência. — Meu negócio tem a ver com Armand... Sim! Agora, me deixa ir?

— Com Armand? Mas você não correrá perigo?

— Perigo? Eu? Não, senhora, sua solicitude me honra. Como disse, tenho alguma influência. Minha intenção é exercê-la antes que seja tarde demais.

— Permite-me ao menos agradecer-lo?

— Não, senhora — ele disse friamente —, não há necessidade disso. Minha vida está ao seu serviço e já estou mais do que recompensado.

— E a minha estará a seu serviço, Sir Percy, se você aceitar, em troca do que fizer por Armand — ela disse, enquanto, impulsivamente, estendia ambas as mãos para ele. — Pronto! Eu não vou detê-lo... Meus pensamentos vão com você... Até logo!

Como ela estava adorável sob o sol da manhã, com seus fogosos cabelos caindo sobre os ombros. Ele se curvou e beijou a mão dela; ela sentiu o beijo ardente e seu coração vibrou de alegria e esperança.

— Você vai voltar? — ela disse com ternura.

— Muito em breve! — ele respondeu, olhando ansiosamente em seus olhos azuis.

— E... Você se lembrará? — ela perguntou enquanto seus olhos, em resposta ao olhar dele, lhe davam uma infinidade de promessas.

— Sempre me lembrarei, senhora, que me honrou ao comandar meus serviços.

As palavras eram frias e formais, mas, desta vez, não a arrepiaram. O coração de mulher dela leu o dele, sob a máscara impassível que seu orgulho ainda o obrigava a usar.

Ele curvou-se para ela novamente e pediu permissão para partir. Ela ficou de lado enquanto ele saltava para a sela de Sultan, e, enquanto galopava para fora dos portões, ela acenou para ele um último adeus.

Uma curva na estrada logo o escondeu da vista; seu cavaliário teve alguma dificuldade em acompanhá-lo, pois Sultan voava em resposta ao humor excitado de seu amo. Marguerite, quase feliz, virou-se, entrou e voltou para seu quarto, pois, de repente, como uma criança cansada, sentiu-se bastante sonolenta. Seu coração pareceu estar em completa paz e, embora ainda doesse com um desejo indefinido, uma vaga e deliciosa esperança o acalmou como um bálsamo.

Ela não se sentia mais ansiosa por Armand. O homem que acabara de partir, decidido a ajudar seu irmão, inspirava-lhe total confiança em sua força e em seu poder. Espantou-se consigo mesma por tê-lo considerado um tolo; claro, essa foi uma máscara usada para esconder a amarga ferida que ela causara à fé e ao amor

dele. Sua paixão o teria dominado e ele não permitiria que ela visse o quanto ele ainda se importava e o quanto sofria profundamente.

Mas agora tudo ficaria bem: ela esmagaria seu próprio orgulho, humilhar-se-ia diante dele, contar-lhe-ia tudo, confiaria nele para tudo; e voltariam aqueles dias felizes, quando vagavam juntos pelas florestas de Fontainebleau, [\[118\]](#) quando falavam pouco – pois ele sempre fora um homem silencioso –, mas quando ela sentia que naquele coração forte sempre encontraria descanso e felicidade.

Quanto mais pensava nos acontecimentos da noite anterior, menos medo tinha de Chauvelin e de seus planos. Ele não havia conseguido descobrir a identidade de Pimpinela Escarlata, disso tinha certeza. Tanto lord Fancourt como o próprio Chauvelin garantiram-lhe que ninguém estivera na sala de jantar à uma hora, exceto o próprio francês e Percy... Sim! Percy! Ela poderia ter perguntado a ele, se tivesse pensado nisso! De qualquer forma, não temia que o herói desconhecido e corajoso caísse na armadilha de Chauvelin; de qualquer forma, sua morte não aconteceria por sua culpa.

Armand certamente ainda estava em perigo, mas Percy havia dado sua palavra de que seu irmão estaria seguro e, de alguma forma, quando Marguerite o viu partir, a possibilidade de ele falhar em tudo o que empreendia nunca passou pela sua cabeça, nem remotamente. Quando Armand estivesse em segurança

na Inglaterra, ela não permitiria que ele voltasse para a França.

Sentia-se quase feliz agora e, fechando novamente as cortinas para bloquear o sol cortante, foi finalmente para a cama, deitou a cabeça no travesseiro e, como uma criança cansada, logo caiu em um estado de paz e tranquilidade, tendo um sono sem sonhos.

## CAPÍTULO XVIII

### O SÍMBOLO MISTERIOSO

O dia já estava adiantado quando Marguerite acordou, revigorada pelo longo sono. Louise trouxe-lhe um pouco de leite fresco e um prato de frutas e ela tomou esse café da manhã frugal com grande apetite.

Os pensamentos amontoavam-se em sua mente enquanto ela mastigava as uvas; a maioria deles saía galopando atrás da figura alta e ereta de seu marido, que ela vira cavalgando e desaparecendo de vista havia mais de cinco horas.

Em resposta às suas ansiosas perguntas, Louise trouxe a notícia de que o cavaliariço voltara para casa com Sultan, depois de deixar Sir Percy em Londres. Ele pensou que seu amo estivesse prestes a embarcar em sua escuna, parada logo abaixo da ponte de Londres. Sir Percy tinha cavalgado até aquele ponto, encontrara Briggs, o capitão do Day Dream, e mandara o cavaliariço de volta a Richmond com Sultan e a sela vazia.

Esta notícia intrigou Marguerite mais do que nunca. Para onde Sir Percy poderia estar indo agora no Day Dream? Em nome de Armand, ele dissera. Bem! Sir Percy tinha amigos influentes em todos os lugares. Talvez estivesse indo para Greenwich<sup>[119]</sup>, ou... Mas Marguerite deixou de conjecturar. Tudo seria explicado: ele dissera que voltaria.

Um dia longo e ocioso estava diante da moça. Ela esperava a visita de sua antiga colega de escola, a pequena Suzanne de Tournay. Com todas as alegres travessuras sob seu comando, ela apresentara seu pedido de companhia de Suzanne à condessa na presença do príncipe de Gales na noite anterior. Sua Alteza aplaudira ruidosamente a ideia e declarara que se daria ao prazer de visitar as duas damas no decorrer da tarde. A condessa não ousou recusar e, naquele momento, viu-se atraída pela promessa de enviar a pequena Suzanne para passar um dia longo e feliz em Richmond com a amiga.

Marguerite a esperava avidamente; ansiava por conversar sobre os velhos tempos de escola com a jovenzinha, sentia que preferiria a companhia de Suzanne à de qualquer outra pessoa e, juntas, elas passeariam pelo belo e antigo jardim e pelo rico parque com cervos ou ao longo do rio.

Mas Suzanne ainda não tinha chegado e Marguerite, vestida, preparou-se para descer. Parecia uma menina naquela manhã, com seu vestido simples de musselina, uma larga faixa azul em volta da cintura fina e o delicado fichu cruzado no peito no qual ela havia colocado algumas rosas vermelhas.

Atravessou o patamar em frente ao seu quarto e ficou parada por um momento no topo da bela escadaria de carvalho que levava ao andar inferior. À sua esquerda ficavam os aposentos do marido, um conjunto de quartos

onde ela praticamente nunca entrava. Consistiam em quarto de dormir, de vestir e uma sala de recepção e, na extremidade do patamar, um pequeno escritório que, quando Sir Percy não o utilizava, era sempre mantido trancado. Seu criado pessoal, especial e confidencial, Frank, era o encarregado deste quarto. Ninguém nunca fora autorizado a entrar. A senhora nunca se importou em fazer isso, e os outros criados, é claro, não ousariam quebrar essa regra tão rígida.

Marguerite, muitas vezes, com aquele desprezo bem-humorado que recentemente adotara para com o marido, zombava dele por causa do segredo que rodeava seu escritório privado. Rindo, ela sempre dizia que ele excluía estritamente todos os olhares indiscretos de seu santuário, por medo de que detectassem quão pouco “estudo” acontecia dentro de suas quatro paredes: uma poltrona confortável para o doce sono de Sir Percy era, sem dúvida, a melhor mobília de lá.

Marguerite pensou em tudo isso nesta manhã ensolarada de outubro enquanto olhava ao longo do corredor. Frank estava obviamente ocupado com os aposentos de seu mestre, pois a maioria das portas estava aberta, entre elas, a do escritório.

Uma súbita e ardente curiosidade infantil tomou conta dela para dar uma espiada no santuário de Sir Percy. A restrição, é claro, não se aplicava a ela, e Frank, é claro, não ousaria se opor. Ainda assim, ela esperava que o empregado estivesse ocupado em um dos outros quartos

para que ela pudesse dar uma espiada em segredo, sem ser molestada.

Calmamente, na ponta dos pés, ela atravessou o patamar e, como a esposa do Barba Azul,<sup>[120]</sup> tremendo de excitação e admiração, parou por um momento na soleira, estranhamente perturbada e indecisa. A porta estava entreaberta e ela não conseguia ver nada lá dentro. Empurrou-a hesitantemente e não houve nenhum som: Frank obviamente não estava lá e ela entrou, corajosa. Ficou imediatamente impressionada com a firme simplicidade de tudo ao seu redor: cortinas escuras e pesadas, móveis maciços de carvalho, um ou dois mapas na parede, de forma alguma lembravam o homem preguiçoso da cidade, o amante de hipódromos<sup>[121]</sup>, o elegante líder da moda, representação externa de Sir Percy Blakeney.

De qualquer forma, não havia ali nenhum sinal de partida apressada. Tudo estava em seu lugar, nenhum pedaço de papel jogado no chão, nenhum armário ou gaveta abertos. As cortinas estavam abertas e o ar fresco da manhã entrava pela janela.

De frente para a janela e bem no centro da sala, havia uma pesada mesa de escritório, que parecia ter sido muito usada. Na parede à esquerda da escrivaninha, quase do chão ao teto, havia um grande retrato de corpo inteiro de uma mulher, magnificamente emoldurado, primorosamente pintado e assinado com o nome de Boucher<sup>[122]</sup>. Era a mãe de Percy.

Marguerite sabia muito pouco sobre ela, exceto que havia morrido no exterior, doente de corpo e mente, quando Percy ainda era um menino. Era provavelmente uma mulher muito bonita quando Boucher a pintou, e quando Marguerite olhou para o retrato, não pôde deixar de ficar impressionada com a extraordinária semelhança que existia entre mãe e filho. Havia a mesma testa baixa e quadrada, coroada por cabelos louros e grossos, lisos e pesados; os mesmos olhos azuis profundos e um tanto preguiçosos sob sobancelhas retas e firmemente marcadas; e, naqueles olhos, havia a mesma intensidade por trás daquela aparente preguiça, a mesma paixão latente que iluminava o rosto de Percy nos velhos tempos antes de seu casamento, e que Marguerite havia notado novamente, na noite anterior, quando ela chegou bastante perto dele, e permitiu que uma nota de ternura se insinuasse em sua voz.

Marguerite estudou o retrato, pois lhe interessava, depois virou-se e olhou novamente para a pesada escrivaninha. Estava coberto por uma massa de papéis, todos cuidadosamente amarrados e arquivados, que pareciam contas e recibos organizados com método perfeito. Marguerite nunca pensara, sequer indagara (infelizmente!) como Sir Percy, a quem todos atribuíam uma total falta de inteligência, administrava a vasta fortuna que seu pai lhe deixara.

Tendo sido pega completamente de surpresa, desde que entrara naquela sala arrumada e limpa, esta prova

óbvia da forte capacidade comercial de seu marido não lhe causou mais do que um pensamento passageiro de admiração. Mas também a fortaleceu na ideia, agora certa, de que, com as suas futilidades mundanas, os seus modos atrevidos e a sua conversa tola, ele não só usava uma máscara, como também desempenhava um papel deliberado e estudado.

Marguerite se perguntou novamente: por que ele se dava a esse trabalho todo? Por que ele - obviamente um homem sério e prudente - desejaria aparecer diante de seus semelhantes como um idiota de cabeça vazia?

Ele pode ter desejado esconder seu amor por uma esposa que o desprezava, mas certamente tal objetivo poderia ter sido alcançado com menos sacrifício e com muito menos incômodo do que a atuação constante e incessante de um papel nada natural.

Ela agora olhava ao redor, sem rumo: estava terrivelmente confusa e um pavor inominável, diante de todo esse mistério estranho e inexplicável, começou a tomar conta dela. Sentiu-se, de repente, fria e desconfortável neste quarto severo e escuro. Não havia quadros na parede, exceto o belo retrato de Boucher, e alguns mapas, ambos de partes da França, um da costa norte e outro dos arredores de Paris. Ela se perguntou o que Sir Percy queria com isso.

Sua cabeça começou a doer e ela se afastou daquele estranho quarto do Barba Azul, onde havia entrado e que não entendia. Não queria que Frank a encontrasse ali e,

com uma última olhada ao redor, voltou-se mais uma vez para a porta. Ao fazer isso, seu pé bateu em um pequeno objeto, que aparentemente estava caído perto da escrivaninha, no tapete, e que agora rolava pelo quarto. Ela se abaixou para pegá-lo. Era um anel de ouro maciço, com escudo plano, no qual estava gravado um pequeno símbolo.

Marguerite virou-o entre os dedos e depois estudou a gravura no escudo. Representa uma pequena flor em forma de estrela, de um formato que ela já vira tão distintamente duas vezes antes: uma vez na ópera e outra no baile de lorde Grenville.

## CAPÍTULO XIX

### O PIMPINELA ESCARLATE

Em que momento específico a estranha dúvida surgiu pela primeira vez na mente de Marguerite, ela mesma não saberia dizer. Segurando o anel com força, saiu correndo do quarto, desceu as escadas e foi para o jardim, onde, em completo isolamento, sozinha com as flores, o rio e os pássaros, ela poderia olhar novamente para o anel e estudar o símbolo mais de perto.

Estupidamente, sem sentido, agora, sentada sob a sombra de um sicômoro<sup>[123]</sup> pendente, ela olhava para o escudo simples de ouro, com a pequena flor em forma de estrela gravada nele.

Era ridículo! Ela só podia estar sonhando! Seus nervos estavam à flor da pele e ela via sinais e mistérios nas coincidências mais triviais. Não tinha todo mundo na cidade recentemente feito questão de assumir o símbolo daquele misterioso e heroico Pimpinela Escarlata?

Ela mesma não o usava bordado em seus vestidos? Incrustado com pedras preciosas no laquê do cabelo? O que havia de estranho no fato de Sir Percy ter escolhido usar aquele símbolo como sinete?<sup>[124]</sup> Ele poderia ter facilmente feito isso... Sim... Com bastante facilidade... E, além disso, que ligação poderia haver entre seu marido - requintado e elegante, de roupas finas e modos refinados e preguiçosos - e o ousado conspirador que resgatara

vítimas francesas sob os olhares dos líderes de uma revolução sanguinária?

Era um turbilhão de emoções e sua mente não conseguia focar em nada e ficou bastante assustada quando uma voz jovem e agradável a chamou do outro lado do jardim.

— Chérie! Chérie!<sup>[125]</sup> Onde você está? — e a pequena Suzanne, fresca como um botão de rosa, com os olhos dançando de alegria e os cachos castanhos esvoaçando na suave brisa da manhã, veio correndo pelo gramado. — Disseram-me que você estava no jardim — tagarelou ela alegremente, jogando-se com um impulso bonito e infantil nos braços de Marguerite —, então corri para lhe fazer uma surpresa. Não esperava que eu viesse tão cedo, não é, minha querida Margot?

Marguerite, que escondera às pressas o anel nas dobras do lenço, tentou responder com alegria e despreocupação à impulsividade da jovem.

— É verdade, querida — ela disse com um sorriso —, é um prazer ter você só para mim e para um longo e agradável dia... Não vai ficar entediada?

— Oh! Entediada? Margot, como pode dizer uma coisa tão perversa. Ora! Quando estávamos juntas no querido e velho convento, sempre ficávamos felizes quando podíamos ficar a sós.

— Para contarmos segredos.

As duas moças deram os braços uma à outra e começaram a passear pelo jardim.

— Oh! Como é linda a sua casa, Margot, chérie — disse a pequena Suzanne, com entusiasmo —, e como você deve estar feliz!

— Sim, de fato! Eu deveria estar feliz, não deveria, querida? — disse Marguerite, com um suspiro melancólico.

— Como você diz isso com tristeza, querida... Ah, bem, suponho que agora que você é uma mulher casada, não vai dividir segredos comigo. Oh! Quantos segredos tínhamos na escola! Você se lembra? Alguns nem mesmo confiávamos à Irmã Theresa dos Santos Anjos, embora ela fosse muito querida.

— E agora você tem segredos muito importantes, é, pequenina? — disse Marguerite, alegremente. — Você vai me contar tudo imediatamente. Não, não precisa corar, chérie — acrescentou ela, ao ver o lindo rostinho de Suzanne vermelho de rubor. — Garanto que não há nada do que se envergonhar! Ele é um homem nobre e verdadeiro, e alguém de quem você se orgulhará de ter como namorado e como marido.

— Na verdade, chérie, não tenho vergonha — respondeu Suzanne, suavemente. — E fico muito, muito, orgulhosa de ouvir você falar tão bem dele. Acho que a mamãe vai consentir — acrescentou ela, pensativa — e eu ficarei... Ah! Tão feliz... Mas, é claro, não há nada em que pensar até que papai esteja seguro...

Marguerite lembrou-se: o pai de Suzanne, o conde de Tournay, um daqueles cuja vida estaria em perigo se

Chauvelin conseguisse descobrir a identidade do Pimpinela Escarlata.

Ela soube pela condessa e por um ou dois membros da liga que seu misterioso líder havia dado sua palavra de que tiraria o conde fugitivo da França em segurança. Enquanto a pequena Suzanne - inconsciente de tudo que não fosse seu segredinho tão importante - continuava tagarelando, os pensamentos de Marguerite voltaram aos acontecimentos da noite anterior.

O perigo de Armand, a ameaça de Chauvelin, seu cruel “ou... ou...” que ela aceitara. E depois o seu próprio trabalho no assunto, que deveria ter culminado à uma hora na sala de jantar de lorde Grenville, quando o incansável agente do governo francês finalmente descobriria quem era esse misterioso Pimpinela Escarlata, que tão abertamente desafiou um exército de espiões e colocou-se tão ousadamente, por mero esporte, ao lado dos inimigos da França.

Desde então, ela não teve mais notícias de Chauvelin. Concluiu que ele havia falhado e, ainda assim, não se sentiu preocupada com Armand, porque seu marido lhe prometeu que seu irmão estaria seguro.

Mas agora, de repente, enquanto Suzanne tagarelava alegremente, um terrível horror tomou conta dela pelo que havia feito. Chauvelin não lhe contara nada, era verdade; mas ela se lembrou de como parecia sarcástico e malvado quando se despediu dele depois do baile. Havia ele descoberto alguma coisa? Teria ele já traçado

seus planos para capturar o ousado conspirador, em flagrante, na França, e mandá-lo para a guilhotina sem remorso ou demora?

Marguerite adoeceu de horror e sua mão agarrou convulsivamente o anel do vestido.

— Você não está ouvindo, chérie — disse Suzanne, em tom de censura, ao fazer uma pausa em sua longa e altamente interessante narrativa.

— Sim, sim, querida, estou, sim — disse Marguerite com esforço, obrigando-se a sorrir. — Adoro ouvir você falando e sua felicidade me deixa muito contente. Não tenha medo, conseguiremos agradar sua mãe. Sir Andrew Ffoulkes é um nobre cavalheiro inglês; ele tem dinheiro e posição, a condessa não recusará seu consentimento... Agora, pequena... Diga-me... Quais são as últimas notícias sobre seu pai?

— Oh! — disse Suzanne, com alegria louca. — As melhores possíveis. Lorde Hastings veio ver minha mãe esta manhã. Ele disse que agora está tudo bem com o querido papai e podemos esperá-lo com segurança aqui na Inglaterra em menos de quatro dias.

— Certo? — disse Marguerite, cujos olhos brilhantes estavam fixos nos lábios de Suzanne, enquanto ela continuava alegremente.

— Oh, não temos medo agora! Você não sabe, querida, que o próprio grande e nobre Pimpinela Escarlata foi salvar papai. Ele foi, realmente foi! — acrescentou Suzanne com entusiasmo. — Ele estava em

Londres esta manhã; estará em Calais, talvez amanhã... Onde ele encontrará papai... E então... Então...

Aí estava a resposta. Ela esperara por isso o tempo todo, embora tivesse tentado, durante a última meia hora, iludir-se e abrandar seus medos. Ele tinha ido para Calais, estivera em Londres naquela manhã... Ele... Pimpinela Escarlata... Percy Blakeney... Seu marido... Fora seu marido que ela entregara para Chauvelin na noite passada!

Percy... Percy... Seu marido... Pimpinela Escarlata... Oh! Como ela podia ter sido tão cega? Agora entendia tudo, tudo de uma vez. Aquele papel que ele desempenhava, a máscara que usava, era para enganar a todos.

E tudo por pura diversão e diabrura, é claro! Salvando homens, mulheres e crianças da morte, assim como outros homens destroem e matam animais pela excitação, pelo amor à coisa. O homem rico e ocioso queria algum objetivo na vida - ele e os poucos jovens que alistou sob sua bandeira se divertiram durante meses arriscando suas vidas pelo bem de alguns inocentes.

Talvez, ele quisesse contar a ela quando se casaram; e então a história do marquês de St. Cyr chegou aos seus ouvidos, e ele, de repente, se afastou dela, pensando, sem dúvida, que algum dia ela poderia traí-lo e a seus camaradas, que juraram segui-lo; e, assim, ele a enganou, como enganou a todos, enquanto centenas de

peessoas agora deviam suas vidas a ele, e muitas famílias lhe deviam tanto a vida quanto a felicidade.

A máscara do almofadinha fútil era boa e o papel perfeitamente desempenhado. Não era de se admirar que os homens de Chauvelin não tivessem conseguido detectar, no idiota aparentemente desmiolado, o homem cuja ousadia imprudente e vasta engenhosidade ludibriaram os mais perspicazes espiões franceses, tanto na França como na Inglaterra. Mesmo ontem à noite, quando Chauvelin foi à sala de jantar de lorde Grenville em busca daquele ousado Pimpinela Escarlata, ele apenas viu aquele estúpido Sir Percy Blakeney dormindo profundamente em um canto do sofá.

Teria sua mente astuta adivinhado o segredo? Ali estava todo o quebra-cabeça horrível e incrível. Ao entregar um estranho sem nome ao seu destino, a fim de salvar seu irmão, teria Marguerite Blakeney enviado seu marido para a morte?

Não, não, não, não! Mil vezes não! Certamente o destino não poderia desferir um golpe como este, a própria natureza se revoltaria! Sua mão, quando segurou aquele minúsculo pedaço de papel na noite passada, certamente, teria ficado entorpecida antes de cometer um ato tão terrível e desgraçado.

— Mas o que está acontecendo, chérie? — perguntou a pequena Suzanne, agora genuinamente alarmada, pois a cor de Marguerite tornara-se opaca e pálida. — Você está doente, Marguerite? O que é?

— Nada, nada, criança — murmurou ela, como em um sonho. — Espere um momento... Deixe-me pensar... Você disse que... O Pimpinela Escarlata tinha ido embora hoje?

— Marguerite, chérie, o que foi? Você está me assustando...

— Não é nada, criança, eu garanto... Não é nada... Preciso ficar sozinha por um minuto e... Querida... Talvez eu tenha que reduzir nosso tempo juntas hoje... Pode ser que eu precise sair, você entende?

— Eu entendo que algo aconteceu, chérie, e que você quer ficar sozinha. Não serei um obstáculo. Não se preocupe comigo. Minha empregada, Lucile, ainda não foi embora... Voltaremos juntas... Não se preocupe.

Ela lançou os braços impulsivamente em volta de Marguerite. Jovem como era, ela sentiu a pungência da dor da amiga e, com o tato infinito de sua ternura infantil, não tentou intrometer-se, mas estava pronta para sumir. Beijou Marguerite repetidas vezes e depois voltou tristemente pelo gramado. Marguerite não se mexeu, ficou ali, pensando, imaginando o que deveria ser feito.

Quando a pequena Suzanne estava prestes a subir os degraus do terraço, um cavaliariço apareceu correndo pela casa em direção à sua patroa. Ele carregava uma carta lacrada na mão. Suzanne voltou-se instintivamente; seu coração lhe dizia que talvez houvesse mais más notícias para sua amiga, e ela sentiu que sua pobre Margot não estava em condições de suportar mais nada.

O homem ficou respeitosamente ao lado de sua patroa e, depois, entregou-lhe a carta lacrada.

— O que é isso? — perguntou Marguerite.

— Acabou de chegar, senhora.

Marguerite pegou a carta mecanicamente e a virou entre os seus dedos trêmulos.

— Quem a enviou? — ela perguntou.

— O mensageiro disse, minha senhora — respondeu o empregado —, que suas ordens eram para entregar isto e que Vossa Senhoria entenderia de quem veio.

Marguerite rasgou o envelope. Seu instinto já lhe havia dito o que continha e ela apenas a olhava mecanicamente.

Era uma carta escrita por Armand St. Just para Sir Andrew Ffoulkes - a carta que os espões de Chauvelin roubaram na cafeteria “Descanso dos Pescadores” e que Chauvelin segurou como uma vara sobre ela para impor sua obediência.

Ele mantivera sua palavra: devolvera a carta comprometedor de St. Just, pois estava na pista do Pimpinela Escarlata.

Os sentidos de Marguerite vacilaram, sua alma parecia estar deixando seu corpo; ela cambaleou e teria caído se não fosse o braço de Suzanne em volta de sua cintura. Com um esforço sobre-humano, ela recuperou seu autocontrole - ainda havia muito a ser feito.

— Traga esse mensageiro até mim — disse ela ao criado, com muita calma. — Ele ainda está aqui?

— Sim, minha senhora.

O empregado foi e Marguerite voltou-se para Suzanne.

— E você, criança, corra para dentro. Diga a Lucile para se preparar. Receio ter de mandá-la para casa, criança. E... espere, diga a uma das criadas para preparar um vestido de viagem e uma capa para mim.

Suzanne não respondeu. Ela beijou Marguerite com ternura e obedeceu sem dizer uma palavra; a criança ficou impressionada com a miséria terrível e sem nome no rosto da amiga.

Um minuto depois, o cavalariaço voltou, seguido pelo mensageiro que trouxera a carta.

— Quem lhe deu este pacote? — perguntou Marguerite.

— Um cavalheiro, minha senhora — respondeu o homem — na pousada “A Rosa e o Cardo”, em frente à Charing Cross.<sup>[126]</sup> Ele disse que a senhora entenderia.

— Na “Rosa e o Cardo”? O que ele estava fazendo?

— Estava esperando a carruagem, Vossa Senhoria, que havia encomendado.

— Carruagem?

— Sim, minha senhora. Uma carruagem especial que ele havia encomendado. Eu entendi, falando com o empregado dele, que iria direto para Dover.

— É o bastante. Você pode ir.

Depois, ela se virou para o cavalariaço:

— Preciso de minha carruagem e dos quatro cavalos mais velozes dos estábulos prontos imediatamente.

O cavaliço e o mensageiro saíram rapidamente para obedecer. Marguerite ficou um momento parada no gramado, sozinha. Sua figura graciosa estava rígida como uma estátua, seus olhos fixos, suas mãos firmemente cruzadas sobre o peito; os lábios se moviam enquanto murmuravam com persistência melancólica e de partir o coração:

— O que deve ser feito? O que deve ser feito? Onde encontrá-lo? Oh, Deus, dê-me alguma luz.

Mas este não era o momento para remorso e desespero. Ela havia cometido - involuntariamente - uma coisa horrível, terrível; o pior crime, aos seus olhos, que uma mulher poderia cometer; estava horrorizada. Sua própria cegueira por não ter adivinhado o segredo do marido parecia-lhe agora outro pecado mortal. Ela deveria saber! Ela deveria saber!

Como poderia imaginar que um homem que poderia amar com tanta intensidade como Percy Blakeney a amara desde o início - como poderia um homem assim ser o idiota desmiolado que ele escolhia parecer? Ela, pelo menos, deveria saber que ele usava uma máscara e, ao descobrir isso, deveria tê-la arrancado do rosto dele, sempre que estivessem a sós.

O amor dela por ele era insignificante e fraco, facilmente esmagado pelo seu próprio orgulho; e ela também usava uma máscara ao assumir o desprezo por ele, embora, na verdade, o entendesse completamente mal.

Mas agora não havia tempo para relembrar o passado. Por sua própria cegueira, ela havia pecado e, agora, deveria reparar as coisas, não com remorsos vazios, mas com ações rápidas e úteis.

Percy havia partido para Calais, totalmente inconsciente do fato de que seu inimigo mais implacável estava em seu encalço. Ele partira naquela manhã cedo da Ponte de Londres. Desde que tivesse vento favorável, sem dúvida, chegaria à França dentro de 24 horas; ele havia, obviamente, contado com o vento ao escolher aquela rota.

Chauvelin, por outro lado, iria para Dover, fretaria um navio lá e, sem dúvida, chegaria a Calais quase no mesmo tempo. Uma vez em Calais, Percy encontraria todos aqueles que esperavam ansiosamente pelo nobre e corajoso Pimpinela Escarlata, que vinha para resgatá-los de uma morte horrível e imerecida. Com os olhos de Chauvelin agora fixos em cada movimento seu, Percy estaria, portanto, não apenas colocando em risco sua própria vida, mas a do pai de Suzanne, o velho conde de Tournay, e daqueles outros fugitivos que o esperavam e confiavam nele. Havia também Armand, que tinha ido ao encontro de Tournay, seguro de que o Pimpinela Escarlata estava zelando por sua segurança.

Todas essas vidas, e a de seu marido, estavam nas mãos de Marguerite; estas ela deveria salvar, se a coragem e a engenhosidade humanas estivessem à altura da tarefa.

Infelizmente, ela não poderia fazer tudo isso sozinha. Uma vez em Calais, ela não saberia onde encontrar o marido, enquanto Chauvelin, ao roubar os papéis em Dover, obtivera todo o itinerário. Mais do que tudo, ela queria avisar Percy.

Ela já sabia o suficiente sobre ele para compreender que ele nunca abandonaria aqueles que nele confiavam, que não voltaria atrás diante do perigo e deixaria o conde de Tournay cair nas mãos sedentas de sangue que não conheciam piedade. Mas se fosse avisado, poderia traçar novos planos, ser mais cauteloso, mais prudente. Inconscientemente, ele poderia cair em uma astuta armadilha, mas - uma vez avisado - ainda poderia ter sucesso.

E se ele falhasse - se, de fato, o destino, e Chauvelin, com todos os recursos sob seu comando, se mostrassem fortes demais para o ousado conspirador no fim das contas - então, pelo menos ela estaria ao seu lado, para confortar, amar e cuidar, para enganar a morte talvez, fazendo-a parecer doce, se ambos morressem juntos, abraçados um ao outro, com a felicidade suprema de saber que o amor havia respondido ao amor e todos os mal-entendidos haviam terminado.

Todo o seu corpo enrijeceu com uma resolução grande e firme. Isso ela pretendia fazer, se Deus lhe desse inteligência e força. Seus olhos perderam a aparência fixa; brilhavam com fogo interior com a ideia de encontrá-lo novamente tão cedo, no meio dos perigos

mais mortais; brilhavam com a alegria de compartilhar esses perigos com ele – de ajudá-lo, talvez de estar com ele no final, se ela falhasse.

O rosto doce e infantil tornou-se duro e rígido, a boca curva estava firmemente fechada sobre os dentes cerrados. Ela pretendia salvá-lo ou morrer, com ele e por ele. Uma carranca, que demonstrava uma vontade de ferro e uma resolução inflexível, apareceu entre as duas sobancelhas retas; seus planos já estavam formados. Ela iria primeiro procurar Sir Andrew Ffoulkes, o melhor amigo de Percy, e Marguerite lembrava com emoção o entusiasmo cego com que o jovem sempre falava de seu misterioso líder.

Ele a ajudaria onde ela precisasse; sua carruagem estava pronta. Uma troca de roupa e uma despedida da pequena Suzanne e ela poderia seguir seu caminho.

Sem pressa, mas sem hesitação, ela entrou silenciosamente em casa.

## CAPÍTULO XX

### O AMIGO

Menos de meia hora depois, Marguerite, mergulhada em pensamentos, estava sentada em sua carruagem, que a levava rapidamente para Londres.

Ela se despedira afetuosamente da pequena Suzanne e vira a criança partir em segurança com sua criada e em sua própria carruagem de volta à cidade. Ela havia enviado um mensageiro com uma carta respeitosa de desculpas a Sua Alteza Real, implorando um adiamento da visita da tarde por causa de assuntos urgentes e outra para avisar da necessidade de um novo grupo de cavalos em Faversham. [\[127\]](#)

Depois ela trocou o vestido de musselina por um traje de viagem escuro e um manto, munuiu-se de dinheiro – que a prodigalidade do marido sempre colocou totalmente à sua disposição – e partiu.

Ela não tentou se iludir com esperanças vãs e fúteis; a segurança de seu irmão Armand deveria estar condicionada à captura iminente do Pimpinela Escarlate. Como Chauvelin lhe devolveu a carta comprometedor de Armand, não havia dúvida de que ele estava bastante satisfeito com o fato de Percy Blakeney ser o homem cuja morte ele jurara provocar.

Não! Não havia espaço para quaisquer delírios afetuosos! Percy, o marido que ela amava com todo o

ardor que sua admiração por sua bravura havia despertado, corria perigo imediato e mortal, pelas mãos dela. Ela o entregara ao seu inimigo - involuntariamente, é verdade -, mas ela o traíra, e se Chauvelin conseguisse prendê-lo, ele que, até então, não tinha consciência do perigo, portanto, a morte dele seria sua culpa. Sua morte! Quando, com todo o sangue de seu coração, ela o teria defendido e voluntariamente dado sua vida pela dele.

Ela havia ordenado que sua carruagem a levasse até a pousada Crown; uma vez lá, disse ao cocheiro para dar comida e descanso aos cavalos. Depois, encomendou uma cadeira<sup>[128]</sup> e foi levada para a casa em Pall Mall, onde morava Sir Andrew Ffoulkes.

Entre todos os amigos de Percy inscritos sob sua ousada bandeira, ela sentiu que preferiria confiar em Sir Andrew Ffoulkes. Ele sempre fora seu amigo e, agora, seu amor pela pequena Suzanne os aproximava ainda mais. Se estivesse longe de casa ou talvez tivesse ido fazer uma missão maluca com Percy, ela procuraria lorde Hastings ou lorde Tony - pois ela precisaria da ajuda de um desses jovens, ou seria, de fato, impotente para salvar seu marido.

Sir Andrew Ffoulkes, porém, estava em casa e seu criado apresentou-a imediatamente. Ela subiu para os confortáveis aposentos de solteiro do jovem e foi conduzida a uma pequena, embora luxuosamente

mobiliada, sala de jantar. Um ou dois momentos depois, o próprio Sir Andrew apareceu.

Evidentemente, ele ficou muito surpreso quando soube quem era sua visitante, pois olhava ansiosamente – até mesmo com desconfiança – para Marguerite, enquanto fazia as elaboradas reverências diante dela, algo que a rígida etiqueta da época exigia.

Marguerite havia deixado de lado qualquer vestígio de nervosismo; estava perfeitamente calma e, depois de retribuir a elaborada saudação do jovem, disse, lentamente:

— Sir Andrew, não desejo perder tempo valioso com muita conversa. Você deve considerar algumas das coisas que vou lhe contar como certas. Isso não terá importância. O importante é que seu líder e camarada, o Pimpinela Escarlata... Meu marido... Percy Blakeney... Está em perigo mortal.

Se ela tivesse a mais remota dúvida sobre a exatidão de suas deduções, as teria confirmado agora, pois Sir Andrew, pego completamente de surpresa, havia ficado muito pálido e incapaz de negar a informação de forma inteligente.

— Não importa como eu soube disso, Sir Andrew — ela continuou calmamente —, graças a Deus que sei e que talvez não seja tarde demais para salvá-lo. Infelizmente, não posso fazer isso sozinha e, portanto, vim até você em busca de ajuda.

— Lady Blakeney — disse o jovem, tentando se recuperar —, eu...

— Poderia me ouvir primeiro? — ela interrompeu. — É assim que o assunto está: quando o agente do governo francês roubou os seus documentos naquela noite em Dover, encontrou entre eles certos planos que você ou seu líder pretendiam executar para o resgate do conde de Tournay e outros. Pimpinela Escarlata - Percy, meu marido - saiu pessoalmente nesta missão hoje. Chauvelin sabe que Pimpinela Escarlata e Percy Blakeney são a mesma pessoa. Ele o seguirá até Calais e lá colocará suas mãos nele. Você conhece tão bem quanto eu o destino que o aguarda nas mãos do Governo Revolucionário da França. Nenhuma interferência da Inglaterra - do próprio Rei George - o salvaria. Robespierre e sua gangue cuidariam para que tal interferência chegasse tarde demais. Mas não só isso, o líder tão confiável também será, inconscientemente, a forma de descobrir o esconderijo do conde de Tournay e de todos aqueles que, ainda agora, depositam nele as suas esperanças.

Ela havia falado calma e atentamente, com uma resolução firme e inflexível. Seu propósito era fazer com que aquele jovem confiasse nela e a ajudasse, pois não poderia fazer nada sem ele.

— Não entendo — ele disse tentando ganhar tempo, para pensar o que era melhor fazer.

— Ora! Acredito que entenda, sim, Sir Andrew. Deve saber que estou falando a verdade. Atenha-se aos fatos. Percy foi de barco para Calais, presumo que para alguma parte solitária da costa, e Chauvelin está no seu encaixo. Ele está indo para Dover e, provavelmente, cruzará o Canal esta noite. O que acha que acontecerá?

O jovem ficou em silêncio.

— Percy chegará ao seu destino e, inconsciente de estar sendo seguido, procurará Tournay e os outros - entre eles, Armand St. Just, meu irmão. Ele os procurará, um após o outro, provavelmente, sem saber que os olhos mais perspicazes do mundo estão observando cada movimento seu. Quando tiver traído inconscientemente aqueles que confiam cegamente nele, quando nada puder ser ganho com ele, e ele estiver pronto para voltar para a Inglaterra, com aqueles a quem tão corajosamente fora tentar salvar, as portas da armadilha se fecharão sobre eles e ele será enviado para acabar sua nobre vida na guilhotina.

Mesmo assim, Sir Andrew permaneceu em silêncio.

— Você não confia em mim — ela disse veementemente. — Oh, Deus! Não consegue ver que estou falando sério? Homem, homem! — acrescentou ela, enquanto, com suas mãozinhas, agarrava subitamente o jovem pelos ombros, forçando-o a olhar diretamente para ela. — Diga-me, eu pareço com a coisa mais vil do mundo: uma mulher que trairia seu próprio marido?

— Deus me livre, lady Blakeney — disse o jovem finalmente —, atribuir à senhora tais motivos malignos, mas...

— Mas o quê? Diga-me! E diga-me rápido que os segundos são preciosos!

— Poderia me dizer — ele perguntou resolutamente e olhando penetrantemente nos olhos azuis da moça — que mão ajudou a guiar Mr. Chauvelin para as informações que a senhora diz que ele possui?

— A minha — ela disse calmamente. — Eu reconheço, não vou mentir para você, pois desejo que confie totalmente em mim. Mas eu não tinha ideia - como poderia? - da identidade do Pimpinela Escarlata. A segurança do meu irmão seria meu prêmio se eu conseguisse!

— Ajudando Chauvelin a rastrear o Pimpinela Escarlata?

Ela assentiu.

— Não adianta contar como ele forçou minha mão. Armand é mais que um irmão para mim e... Como eu poderia adivinhar? Mas estamos perdendo tempo, Sir Andrew, cada segundo é precioso, em nome de Deus! Meu marido está em perigo, seu amigo! Seu camarada! Ajude-me a salvá-lo!

Sir Andrew sentiu que sua posição era muito estranha. O juramento que ele havia feito diante de seu líder e camarada fora de obediência e sigilo; e, no entanto, a bela mulher, que lhe pedia que confiasse nela, estava

certamente falando sério; seu amigo e líder estava, igualmente, sem dúvida, em perigo iminente e...

— Lady Blakeney — ele disse finalmente. — Deus sabe que a senhora me deixou perplexo, de modo que não sei onde está meu dever. Diga-me o que deseja que eu faça. Somos 19 prontos para dar nossas vidas pelo Pimpinela Escarlata se ele estiver em perigo.

— Não há necessidade de vidas agora, meu amigo — ela disse secamente. — Minha inteligência e quatro cavalos velozes servirão ao propósito necessário. Mas preciso saber onde encontrá-lo. Veja — ela acrescentou, enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas —, eu me humilhei diante de você, confessei minha culpa; devo também confessar minha fraqueza? Meu marido e eu nos afastamos porque ele não confiava em mim e porque eu era cega demais para entender. Você há de convir que a venda que ele colocou em meus olhos era muito grossa. Não é se de admirar que eu não soubesse de nada? Mas ontem à noite, depois que eu o levei involuntariamente a um perigo tão mortal, eu me dei conta de tudo. Se você não me ajudar, Sir Andrew, ainda assim, eu me esforçaria para salvar meu marido. Eu ainda exerceria todas as faculdades que possuo por ele, mas eu poderia ser impotente, pois poderia chegar tarde demais, e nada restaria para você além do remorso vitalício e, para mim, um coração partido.

— Mas, lady Blakeney — disse o jovem, tocado pela gentil seriedade daquela mulher extraordinariamente

bela —, sabe que o que propõe fazer é trabalho para homens? A senhora não pode viajar sozinha para Calais. Estaria correndo os maiores riscos possíveis e suas chances de encontrar seu marido agora, caso eu a orientasse com cuidado, são infinitamente remotas.

— Oh, espero que haja riscos! — ela murmurou suavemente. — Espero que também haja perigos! Tenho tanto a expiar. Mas temo que você esteja enganado. Os olhos de Chauvelin estão fixos em todos vocês, ele mal me notará. Rápido, Sir Andrew, a carruagem está pronta e não há um momento a perder... Eu preciso chegar até ele! Eu devo! — ela repetiu com uma energia quase selvagem. — Devo avisá-lo de que aquele homem está em seu encalço. Não consegue ver, você não entende que preciso chegar até ele? Mesmo que seja tarde demais para salvá-lo... Pelo menos... Estar ao seu lado... No fim.

— Sim, senhora, vou seguir suas ordens. De bom grado, eu ou qualquer um dos meus camaradas daríamos nossas vidas pela de seu marido. Mas a senhora não pode ir...

— Não, amigo, não vê que eu ficaria louca se deixasse você ir sem mim? — ela estendeu a mão para ele. — Vai confiar em mim?

— Aguardo suas ordens — ele disse simplesmente.

— Ouça, então: minha carruagem está pronta para me levar para Dover. Você deve me seguir, tão rapidamente quanto os cavalos o levarem. Encontrar-nos-emos ao

anoitecer na “Descanso dos Pescadores”. Chauvelin evitaria isso, já que é conhecido por lá, acho que seria o mais seguro. Terei prazer em aceitar sua escolta até Calais. Como você mesmo disse, eu não poderia encontrar Sir Percy sem sua ajuda. Alugaremos uma escuna em Dover e faremos a travessia durante a noite. Disfarçado, se concordar com isso, como meu laçao, você irá, eu acho, escapar da detecção.

— Estou inteiramente ao seu serviço, madame — respondeu o jovem sinceramente. — Confio em Deus que você verá o Day Dream antes de chegarmos a Calais. Com Chauvelin em seu encalço, cada passo que o Pimpinela Escarlata dá em solo francês é repleto de perigos.

— Deus permita isso, Sir Andrew. Mas agora, adeus. Encontrar-nos-emos hoje à noite em Dover! Será uma corrida entre mim e Chauvelin através do Canal da Mancha, e o prêmio será a vida do Pimpinela Escarlata.

Ele beijou a mão dela e a acompanhou até sua cadeira. Quinze minutos depois, estava de volta à pousada Crown, onde sua carruagem e seus cavalos estavam prontos e esperando por ela. No momento seguinte, percorreram as ruas de Londres e depois seguiram direto para a estrada de Dover, a uma velocidade enlouquecedora.

Ela não tinha tempo para desespero. Estava acordada, ocupada e não tinha tempo para pensar. Com Sir Andrew Ffoulkes como seu companheiro e aliado, reviveu a

esperança mais uma vez em seu coração. Deus seria misericordioso; não permitiria que um crime tão terrível fosse cometido, como a morte de um homem corajoso, pelas mãos de uma mulher que o amava e o adorava, e que teria morrido de bom grado por sua causa.

Os pensamentos de Marguerite voaram de volta para ele, o herói misterioso, a quem ela sempre amou inconscientemente, quando sua identidade ainda era desconhecida para ela. Rindo, antigamente, ela costumava chamá-lo de “o rei sombrio de seu coração”, e agora ela, de repente, descobriu que essa personalidade enigmática que ela adorava, e o homem que a amava tão apaixonadamente, eram a mesma coisa: não era de se admirar que uma ou duas visões mais felizes tivessem começado a abrir caminho diante de sua mente? Ela se perguntou vagamente o que diria a ele quando ficassem cara a cara.

Ela tinha tido tantas ansiedades, tanta excitação durante as últimas horas, que se permitiu o luxo de nutrir mais alguns pensamentos esperançosos e brilhantes. Aos poucos, o barulho das rodas da carruagem, sua incessante monotonia, agiu calmamente sobre os seus nervos. Seus olhos, doloridos de fadiga e de muitas lágrimas derramadas e não derramadas, fecharam-se involuntariamente e ela caiu em um sono agitado.

# CAPÍTULO XXI

## SUSPENSE

Já era tarde da noite quando ela finalmente chegou à Descanso dos Pescadores. Havia feito toda a viagem em menos de oito horas, graças a inúmeras trocas de cavalos nas diversas estações, pelas quais sempre pagava generosamente, obtendo assim o melhor e mais rápido que podia.

Seu cocheiro também foi infatigável; a promessa de uma recompensa especial, sem dúvida, ajudou a mantê-lo de pé e ele, literalmente, queimou o chão sob as rodas da carruagem de sua patroa.

A chegada de lady Blakeney no meio da noite causou uma agitação considerável na Descanso dos Pescadores. Sally pulou da cama apressadamente e Mr. Jellyband se esforçou muito para deixar sua importante convidada confortável.

Ambas essas boas pessoas eram muito bem treinadas nas boas maneiras dos estalajadeiros para exibirem a menor surpresa com a chegada de lady Blakeney, sozinha, naquele horário fora do comum. Com certeza, eles pensaram muitas coisas sobre isso, mas Marguerite estava demasiado absorta na importância - na seriedade mortal - da sua viagem, para parar e refletir em ninharias desse tipo.

A cafeteria - palco do terrível ultraje cometido contra dois cavalheiros ingleses - estava bastante deserta. Mr. Jellyband reacendeu apressadamente a lamparina e também um alegre fogo na grande lareira; depois, empurrou uma cadeira confortável para perto dela, na qual Marguerite afundou agradecida.

— Vossa Senhoria passará a noite? — perguntou a bela Miss Sally, que já estava ocupada, colocando uma toalha branca como a neve sobre a mesa, movendo-se para preparar um jantar simples para Sua Senhoria.

— Não! Não a noite inteira — respondeu Marguerite. — De qualquer forma, não vou querer nenhum aposento além deste, se puder tê-lo só para mim por uma ou duas horas.

— Está ao serviço de Vossa Senhoria — disse o honesto Jellyband, cujo rosto rubicundo estava fechado nas dobras mais apertadas, para não demonstrar diante “da qualidade” aquele espanto sem limites que o digno sujeito começara a sentir.

— Farei a travessia na primeira virada da maré — disse Marguerite — e na primeira escuna que conseguir. Mas meu cocheiro e meus homens passarão a noite aqui, e provavelmente vários dias a mais, então espero que você os deixe confortáveis.

— Sim, minha senhora. Eu cuidarei deles. Sally deve trazer o jantar para Sua Senhoria?

— Sim, por favor. Coloque algo frio na mesa e, assim que Sir Andrew Ffoulkes chegar, traga-o aqui.

— Sim, minha senhora.

O honesto Jellyband, agora, não conseguia conter sua angústia. Tinha grande consideração por Sir Percy Blakeney e não gostaria de ver sua senhora fugindo com o jovem Sir Andrew. É claro que isso não era de sua conta e Mr. Jellyband não era fofoqueiro. Ainda assim, em seu coração, ele lembrava que Sua Senhoria era, afinal de contas, apenas uma daquelas “estrangeiras”. Seria surpreendente que fosse imoral como todos os outros?

— Não fique sentado, meu bom Jellyband — disse Marguerite, gentilmente —, nem você também, Miss Sally. Sir Andrew pode estar atrasado.

Jellyband queria que Sally fosse para a cama. Ele começava a não gostar nem um pouco desses acontecimentos. Ainda assim, lady Blakeney pagaria generosamente pela acomodação, e isso certamente não era da conta dele.

Sally colocou um jantar simples de carnes frias, vinho e frutas na mesa, depois, com uma reverência respeitosa, retirou-se, perguntando-se em sua pequena mente por que Sua Senhoria parecia tão séria, quando estava prestes a fugir com seu galante cavalheiro?

Começou, então, um período de espera cansativa para Marguerite. Ela sabia que Sir Andrew - que teria de se munir de roupas dignas de um laçao - não conseguiria chegar a Dover durante, pelo menos, algumas horas. Ele era um cavaleiro esplêndido, é claro, e correria, em tal emergência, os cento e poucos quilômetros entre

Londres e Dover. Ele também literalmente queimaria o chão sob os cascos de seu cavalo, mas nem sempre conseguiria montarias muito boas e, de qualquer forma, não poderia ter partido de Londres antes de, mais ou menos, uma hora depois dela.

Ela não tinha visto Chauvelin na estrada. Seu cocheiro, a quem ela interrogou, não vira ninguém que correspondesse à descrição que sua senhora lhe fizera da figura sábia do pequeno francês.

Obviamente, portanto, ele estivera à frente dela o tempo todo. Ela não ousou questionar as pessoas nas diversas estalagens onde pararam para trocar de cavalos. Temia que Chauvelin tivesse espiões ao longo de todo o percurso, que poderiam ouvir suas perguntas, depois se distanciar dela e avisar seu inimigo de sua aproximação.

Ela agora se perguntava em que pousada ele estaria hospedado, ou se já tivera a sorte de fretar um navio e estava agora a caminho da França. Esse pensamento agarrou seu coração como se fosse um torno de ferro. Será que já seria tarde demais?

A solidão do aposento a dominou; tudo ali estava terrivelmente quieto. O tique-taque do antigo relógio - terrivelmente lento - era o único som a quebrar essa terrível solidão.

Marguerite precisava de toda a sua energia, de toda a sua firmeza de propósito, para manter a coragem durante aquela cansativa espera noturna.

Todos os outros na casa, menos ela, estavam provavelmente dormindo. Ela ouvira Sally subir as escadas. Mr. Jellyband tinha ido ver o cocheiro e os outros homens, e então retornou e se posicionou sob a varanda do lado de fora, exatamente onde Marguerite encontrara Chauvelin pela primeira vez, há cerca de uma semana. Ele obviamente pretendia esperar por Sir Andrew Ffoulkes, mas logo foi dominado por um sono agradável, pois, naquele momento – além do lento tique-taque do relógio –, Marguerite podia ouvir os tons monótonos e suaves da respiração do digno sujeito.

Já fazia algum tempo que ela percebia que o lindo e quente dia de outubro, tão felizmente iniciado, havia se transformado em uma noite áspera e fria. Sentia muito frio e estava feliz com o calor alegre em sua lareira, mas gradualmente, com o passar dos minutos, o clima tornou-se mais brusco e o som das grandes ondas contra o Píer do Almirantado, embora a alguma distância da pousada, chegou até ela como o barulho de um trovão abafado.

O vento estava cada vez mais forte, sacudindo as janelas de chumbo e as portas maciças da casa antiga: sacudia as árvores do lado de fora e rugia pela vasta chaminé. Marguerite questionou-se se o vento seria favorável para sua viagem. Ela não tinha medo da tempestade e teria enfrentado riscos piores antes de atrasar a travessia por uma hora.

Uma repentina comoção lá fora a despertou de suas meditações. Era evidentemente Sir Andrew Ffoulkes, que

acabara de chegar com uma pressa louca, pois ela ouviu os cascos de seu cavalo trovejando nas lajes do lado de fora, e depois o tom sonolento, mas alegre, de Mr. Jellyband dando-lhe as boas-vindas.

Por um momento, então, a estranheza de sua posição atingiu Marguerite; sozinha àquela hora, em um local onde era conhecida, em missão com um jovem cavaleiro igualmente conhecido, e que chegava disfarçado! Que alimento para a fofoca para aqueles com inclinações maliciosas.

A ideia atingiu Marguerite principalmente pelo seu lado humorístico: havia um contraste tão curioso entre a seriedade da sua missão e a construção que naturalmente seria dada às suas ações pelo honesto Mr. Jellyband, que, pela primeira vez desde muitas horas, um pequeno sorriso começou a aparecer nos cantos de sua boca infantil, e quando, então, Sir Andrew, quase irreconhecível em seu traje de lacaios, entrou na cafeteria, ela pôde cumprimentá-lo com uma risada bastante alegre.

— Ora! Monsieur, meu lacaios — ela disse. — Estou satisfeita com sua aparência!

Mr. Jellyband seguiu Sir Andrew, parecendo estranhamente perplexo. O disfarce do jovem galante confirmara suas piores suspeitas. Sem um sorriso no rosto jovial, tirou a rolha da garrafa de vinho, arrumou as cadeiras e preparou-se para esperar.

— Obrigada, caro amigo — disse Marguerite, que ainda sorria ao pensar no que o digno sujeito devia estar imaginando naquele exato momento —, não precisaremos de mais nada; e um brinde a todos os problemas que você teve por nossa causa.

Ela entregou duas ou três moedas de ouro para Jellyband, que as recebeu respeitosamente, grato.

— Lady Blakeney — interveio Sir Andrew, quando Jellyband estava prestes a se retirar —, receio que precisaremos de algo mais da hospitalidade de meu amigo Jelly. Lamento dizer que não podemos fazer a travessia esta noite.

— Não atravessaremos esta noite? — ela repetiu com espanto. — Mas devemos, Sir Andrew, devemos! Custe o que custar, temos de arranjar um navio esta noite.

Mas o jovem balançou a cabeça tristemente.

— Receio que não seja uma questão de custo, lady Blakeney. Há uma tempestade terrível soprando da França, o vento está forte contra nós, não podemos navegar até que isso mude.

Marguerite ficou mortalmente pálida. Ela não havia previsto isso. A própria natureza estava pregando-lhe uma peça horrível e cruel. Percy estava em perigo e ela não podia ir até ele, porque o vento soprava da costa da França.

— Mas devemos ir! Devemos! — ela repetiu com uma energia estranha e persistente. — Você sabe o quanto precisamos ir! Não consegue encontrar uma maneira?

— Já estive na costa — disse ele — e conversei com um ou dois capitães. É totalmente impossível zarpar esta noite, assim me garantiram todos os marinheiros. Ninguém — acrescentou, olhando significativamente para Marguerite —, ninguém poderá sair de Dover esta noite.

Marguerite entendeu imediatamente o que ele queria dizer. Ninguém incluía Chauvelin tanto quanto ela mesma. Ela acenou para Jellyband.

— Bem, então devo me resignar — disse ela. — Você tem um quarto para mim?

— Oh, sim, Vossa Senhoria. Um quarto agradável, claro e arejado. Cuidarei disso imediatamente... E há outro para Sir Andrew... Ambos já prontos.

— Isso é ótimo, meu honrado Jelly — disse Sir Andrew, alegremente, batendo vigorosamente nas costas de seu digno taberneiro. — Destranque os dois quartos e deixe nossas velas aqui na cômoda. Você está morrendo de sono e Sua Senhoria precisa jantar antes de se retirar. Ah, não tenha medo, meu amigo do semblante pesaroso, a visita de Sua Senhoria, embora nesta hora incomum, é uma grande honra para sua casa, e Sir Percy Blakeney irá recompensá-lo duplamente, se você cuidar da privacidade e conforto dela.

Sir Andrew, sem dúvida, havia adivinhado as muitas questões e medos conflitantes que assolavam a cabeça do digno Jellyband; e, como era um cavalheiro galante, tentou com essa insinuação corajosa acalmar algumas

das suspeitas do estalajadeiro. Teve a satisfação de ver que havia conseguido parcialmente. O semblante vermelho de Jellyband iluminou-se um pouco com a menção do nome de Sir Percy.

— Vou cuidar disso imediatamente, senhor — disse ele com entusiasmo e com menos frigidez em seus modos. — Vossa Senhoria tem tudo o que deseja para o jantar?

— Tudo, obrigada, honrado amigo, e como estou faminta e morta de cansaço, peço que você cuide dos quartos.

— Agora me conte — ela disse ansiosamente, assim que Jellyband saiu —, conte-me todas as novidades.

— Não há mais nada para lhe contar, lady Blakeney — respondeu o jovem. — A tempestade torna praticamente impossível para qualquer navio sair de Dover nesta maré. Mas o que inicialmente lhe pareceu uma terrível calamidade é, na verdade, uma bênção disfarçada. Se não pudermos cruzar para a França esta noite, Chauvelin também não poderá.

— Ele pode ter partido antes do início da tempestade.

— Deus permita que ele tenha mesmo partido — disse Sir Andrew, alegremente —, pois muito provavelmente ele terá sido desviado de seu curso! Quem sabe? Pode até estar agora deitado no fundo do mar, pois há uma tempestade furiosa que será ruim para todas as pequenas embarcações que, por acaso, estiverem lá fora. Temo, no entanto, que não possamos construir nossas esperanças sobre o naufrágio daquele demônio

astuto e de todos os seus planos assassinos. Os marinheiros com quem falei garantiram-me que nenhuma escuna saíra de Dover há várias horas. Por outro lado, verifiquei que um estranho tinha chegado de carruagem esta tarde e, tal como eu, tinha feito algumas perguntas sobre a travessia para França.

— Então, Chauvelin ainda está em Dover?

— Sem dúvida. Devo atacá-lo e enfiar minha espada nele? Essa seria, de fato, a maneira mais rápida de sair da dificuldade.

— Não! Mr. Andrew, não brinque! Ora! Muitas vezes, desde ontem à noite, me peguei desejando a morte daquele demônio. Mas o que você sugere é impossível! As leis deste país não permitem assassinato! É apenas na nossa bela França que o massacre em massa é feito legalmente, em nome da Liberdade e do amor fraternal.

Sir Andrew a convenceu a sentar-se à mesa, jantar e beber um pouco de vinho. Esse descanso forçado de, pelo menos, doze horas, até a próxima maré, certamente seria terrivelmente difícil de suportar no estado de intensa excitação em que ela se encontrava. Mas obediente nessas pequenas questões como uma criança, Marguerite procurava comer e beber.

Sir Andrew, com aquela profunda simpatia que nasce em todos os apaixonados, a deixou quase feliz ao falar-lhe do marido. Ele lhe contou algumas das fugas ousadas que o corajoso Pimpinela Escarlata havia planejado para os pobres fugitivos franceses que uma revolução

implacável e sangrenta estava expulsando de seu país. Ele fez os olhos dela brilharem de entusiasmo ao contar-lhe sobre sua bravura, sua engenhosidade, sua desenvoltura, quando isso significava arrebatando a vida de homens, mulheres e até crianças debaixo da borda daquela guilhotina assassina e sempre pronta.

Ele até a fez sorrir alegremente ao contar-lhe sobre os curiosos e muitos disfarces do Pimpinela Escarlata, através dos quais ele havia frustrado a mais rigorosa vigilância colocada contra ele nas barricadas de Paris. Desta última vez, a fuga da condessa de Tournay e dos seus filhos tinha sido uma verdadeira obra-prima - Blakeney disfarçado de uma velha e horrível feirante, com um chapéu imundo e cabelos grisalhos desgrenhados, era uma visão digna de fazer rir os deuses.

Marguerite riu muito enquanto Sir Andrew tentava descrever a aparência de Blakeney, cuja maior dificuldade consistia sempre na sua grande altura, o que na França tornava o disfarce duplamente difícil.

Assim, passou-se uma hora. Havia muito mais para gastar na inatividade forçada em Dover. Marguerite levantou-se da mesa com um suspiro impaciente. Ansiava com pavor pela noite na cama do andar de cima, com pensamentos terrivelmente ansiosos para lhe fazer companhia e com o uivo da tempestade para ajudar a afastar o sono.

Perguntou-se onde Percy estaria agora. O Day Dream era um iate forte e bem construído para navegar no mar. Sir Andrew expressou a opinião de que, sem dúvida, ele havia sido atingido pelo vento antes do início da tempestade ou, então, talvez não tivesse se aventurado em campo aberto e estivesse tranquilamente parado em Gravesend<sup>[129]</sup>.

Briggs era um capitão experiente e Sir Percy dirigia uma escuna tão bem quanto qualquer mestre marinheiro. Não havia perigo para eles por causa da tempestade.

Já passava da meia-noite quando, finalmente, Marguerite foi descansar. Como ela temia, o sono evitava diligentemente seus olhos. Seus pensamentos eram os mais sombrios durante essas horas longas e cansativas, enquanto a tempestade incessante assolava, o que a mantinha longe de Percy. O som das ondas distantes fez seu coração doer de melancolia. O mar tinha um efeito triste sobre os nervos. Somente quando estamos muito felizes é que podemos suportar olhar alegremente para a vasta e ilimitada extensão de água, rolando sem parar com uma monotonia tão persistente e irritante, ao acompanhamento de nossos pensamentos, sejam eles graves ou alegres. Quando são alegres, as ondas ecoam sua alegria; mas quando são tristes, cada quebra, ao rolar, parece trazer tristeza adicional e falar-nos da desesperança e da mesquinhez de todas as nossas alegrias.

## CAPÍTULO XXII

### CALAIS

As noites mais cansativas, os dias mais longos, mais cedo ou mais tarde, necessariamente terminarão.

Marguerite passou mais de 15 horas em uma tortura mental, tão aguda que quase a deixou louca. Depois de uma noite sem dormir, ela acordou cedo, excitadíssima, morrendo de vontade de começar sua jornada, com medo de que mais obstáculos estivessem em seu caminho. Levantou-se antes que qualquer outra pessoa na casa se levantasse, tão assustada que estava, com medo de perder a oportunidade de ouro.

Ao descer, encontrou Sir Andrew Ffoulkes sentado na cafeteria. Ele havia saído meia hora antes e foi ao cais do Almirantado, apenas para descobrir que nem o grupo francês, nem qualquer navio fretado particular poderia sair de Dover ainda. A tempestade estava, então, no seu auge e a maré estava mudando. Se o vento não diminuísse ou mudasse, teriam forçosamente de esperar mais 10 ou 12 horas até a próxima maré, antes de poder ir. E a tempestade não tinha diminuído, o vento não tinha mudado e a maré baixava rapidamente.

Marguerite sentiu o desespero ao ouvir essa notícia melancólica. Somente a mais firme resolução impediu-a de desmoronar totalmente, aumentando assim a ansiedade do jovem, que obviamente se tornara muito

intensa. Embora ele tentasse disfarçar, Marguerite percebeu que Sir Andrew estava tão ansioso quanto ela para falar com seu camarada e amigo. Essa inatividade forçada era terrível para ambos.

Como passaram aquele dia cansativo em Dover, Marguerite não soube dizer. Ela estava com medo de se mostrar, temendo que os espiões de Chauvelin estivessem por perto, então, ela tinha uma sala de estar privada e eles ficaram ali sentados, hora após hora, tentando fazer, em longos intervalos, algumas refeições superficiais, qualquer coisa que Sally lhes trouxesse, sem nada para fazer a não ser pensar, conjecturar e apenas, ocasionalmente, ter esperança. A tempestade parou tarde demais; a maré estava muito alta para permitir que um navio partisse para o mar.

E ali aqueles dois esperaram, imaginando se algum dia chegaria a hora em que poderiam finalmente partir. Houve um intervalo feliz naquele dia longo e cansativo, e foi então que Sir Andrew desceu mais uma vez ao cais e logo voltou para contar a Marguerite que havia fretado uma escuna rápida, cujo capitão estava pronto para colocar ao mar o navio quando a maré estivesse favorável.

A partir daquele momento, as horas pareceram menos cansativas; havia menos desesperança na espera; e, enfim, às 5h da tarde, o vento havia mudado e estava se estabelecendo em uma brisa confortável de noroeste – uma verdadeira dádiva de Deus para uma travessia

rápida até a França. Marguerite, disfarçada e seguida por Sir Andrew Ffoulkes, que, disfarçado de laçao, carregava várias bagagens, foi até o cais.

Uma vez a bordo, o ar fresco e intenso do mar a reanimou, a brisa era forte o suficiente para inflar as velas do Foam Crest, enquanto ele abria caminho alegremente em direção ao mar aberto.

O pôr do sol estava glorioso depois da tempestade, e Marguerite, ao observar os penhascos brancos de Dover desaparecendo gradualmente de vista, sentiu-se mais em paz e, mais uma vez, quase esperançosa.

Sir Andrew estava cheio de atenções gentis e ela sentiu o quão sortuda tinha sido por tê-lo ao seu lado neste seu grande problema.

Gradualmente, a costa cinzenta da França começou a emergir das brumas noturnas que se acumulavam rapidamente. Podia-se ver uma ou duas luzes tremeluzindo e as torres de diversas igrejas erguendo-se da neblina circundante.

Meia hora depois, Marguerite desembarcou na costa francesa. Ela estava de volta àquele país onde, neste exato momento, os homens massacravam centenas de seus semelhantes e enviavam mulheres e crianças inocentes aos milhares para a guilhotina.

O próprio aspecto do país e de seu povo, mesmo nesta remota cidade costeira, expressava a revolução, a 500 quilômetros de distância, na bela Paris, agora tornada hedionda pelo constante fluxo de sangue dos seus filhos

mais nobres, pelo pranto das viúvas e pelos gritos dos filhos órfãos.

Todos os homens usavam chapéus vermelhos, em vários estágios de limpeza, com um cocar<sup>[130]</sup> tricolor fixado no lado esquerdo. Marguerite notou com um estremecimento que, em vez do semblante risonho e alegre habitual dos seus compatriotas, seus rostos agora exibiam invariavelmente uma expressão de furtiva desconfiança.

Todo homem naquela época era um espião de seus semelhantes: a palavra mais inocente proferida em tom de brincadeira poderia a qualquer momento ser apresentada como prova de tendências aristocráticas ou de traição contra o povo; até as mulheres andavam por aí com uma curiosa expressão de medo e de ódio à espreita nos seus olhos castanhos. Todos observaram Marguerite quando ela desembarcou, seguida por Sir Andrew, e murmuraram enquanto ela passava: *Sacrés aristos!*<sup>[131]</sup> Ou, então, *Sacrés Anglais!*<sup>[132]</sup>

Fora isso, a presença deles não suscitou mais comentários. Calais, mesmo naquela época, estava em constante comunicação comercial com a Inglaterra e mercadores ingleses eram frequentemente vistos nesta costa. Era bem sabido que, em vista dos pesados impostos cobrados na Inglaterra, uma grande quantidade de vinhos e conhaques franceses eram contrabandeados. Isso agradava imensamente aos bourgeois<sup>[133]</sup> franceses; eles gostavam de ver o governo e o rei ingleses, a quem

eles odiavam, serem privados de seus lucros; e um contrabandista inglês era sempre um convidado bem-vindo nas tabernas em ruínas de Calais e Boulogne.

Assim, talvez, à medida que Sir Andrew conduzia gradualmente Marguerite pelas tortuosas ruas de Calais, muitos da população, que se voltaram com xingamentos para olhar para os estrangeiros vestidos à moda inglesa, pensaram que eles estavam empenhados em comprar artigos sujeitos a impostos para o seu próprio país cheio de nevoeiro e não lhes deram mais do que um pensamento passageiro.

Marguerite, porém, perguntava-se como é que a figura alta e maciça do marido podia ter passado por Calais sem ser observada: perguntava-se que disfarce ele usava para realizar seu nobre trabalho, sem despertar demasiada atenção.

Sem trocar mais do que algumas palavras, Sir Andrew conduzia-a através da cidade, para o outro lado daquele onde tinham desembarcado, e a caminho do Cabo Gris-Nez.<sup>[134]</sup> As ruas eram estreitas, tortuosas e, em sua maioria, malcheirosas, com uma mistura de peixe velho e odores úmidos de porões. Chovera forte ali durante a tempestade da noite passada e Marguerite, por vezes, afundava na lama até os tornozelos, pois as estradas não eram iluminadas, a não ser pelo brilho ocasional de uma lâmpada dentro de uma casa.

Ela, contudo, não deu atenção a nenhum desses pequenos desconfortos. Sir Andrew dissera, quando

desembarcaram, que poderiam encontrar Blakeney na Chat Gris e ela caminhava como se estivesse sobre um tapete de folhas de rosa, pois estava a ponto de o encontrar.

Finalmente chegaram ao seu destino. Sir Andrew, obviamente, conhecia o caminho, pois caminhara infalivelmente no breu e não perguntara a ninguém aonde ir. Estava muito escuro para Marguerite notar o aspecto externo desta casa. A Chat Gris, como Sir Andrew o chamava, era evidentemente uma pequena estalagem à beira da estrada nos arredores de Calais, no caminho para Gris-Nez. Ficava a pouca distância da costa, pois o som do mar parecia vir de longe.

Sir Andrew bateu na porta com sua bengala, e, de dentro, Marguerite ouviu um grunhido e o murmúrio de uma série de reclamações. Sir Andrew bateu novamente, desta vez de forma mais peremptória: mais reclamações foram ouvidas e então passos arrastados pareceram aproximar-se da porta. Logo, esta foi aberta e Marguerite se viu na soleira do aposento mais dilapidado e miserável que já tinha visto em toda a sua vida.

O papel, tal como se encontrava, estava pendurado nas paredes em tiras; não parecia haver uma única peça de mobília na sala que pudesse, pelo mais extremo esforço da imaginação, ser chamada de “inteira”. A maioria das cadeiras tinha o encosto quebrado, outras não tinham assento, um canto da mesa estava

sustentado por um feixe de lenha que ficava no lugar da perna quebrada.

Em um canto da sala, havia uma enorme lareira, sobre a qual pendia um caldeirão, do qual emanava um odor não de todo desagradável de sopa quente. De um lado da sala, no alto da parede, havia uma espécie de sótão, e diante dele pendia uma cortina esfarrapada de xadrez azul e branco. Uma escada frágil conduzia a este sótão. Nas grandes paredes nuas, com seu papel incolor, todo manchado de sujeira variada, estavam escritas a giz, em grandes e grossos caracteres, as palavras: Liberté - Egalité - Fraternité. [\[135\]](#)

Toda aquela sórdida morada era mal iluminada por uma malcheirosa lamparina a óleo pendurada nas frágeis vigas do teto. Tudo parecia tão horrivelmente sórdido, tão sujo e pouco convidativo, que Marguerite mal ousou cruzar a soleira. Sir Andrew, no entanto, deu um passo à frente sem hesitação.

— Viajantes ingleses, cidadão! — ele disse corajosamente e falando em francês.

O indivíduo que atendeu à porta em resposta à batida de Sir Andrew, e que, presumivelmente, era o proprietário daquela residência miserável, era um camponês idoso e corpulento, vestido com uma blusa azul suja, tamancos pesados, dos quais fiapos de palha projetavam-se por toda parte, calças azuis surradas e o inevitável chapéu vermelho com o cocar tricolor, que deixava clara sua opinião política do momento. Ele

carregava um cachimbo curto de madeira, do qual emanava o odor de tabaco rançoso. Olhou com alguma desconfiança e muito desprezo para os dois viajantes, murmurou “Sacréés Anglais!” e cuspiu no chão para mostrar ainda mais sua independência de espírito, mas, mesmo assim, afastou-se para deixá-los entrar, sem dúvida, bem ciente de que esses mesmos malditos ingleses sempre tinham bolsas bem cheias.

— Ah, meu Deus! — disse Marguerite, entrando na sala, levando o lenço ao nariz delicado. — Que buraco horrível! Tem certeza de que este é o lugar?

— Sim! Este é o lugar, com certeza — respondeu o jovem enquanto, com seu elegante lenço de borda rendada, tirava o pé de uma cadeira para Marguerite se sentar —, mas juro que nunca vi um lugar mais terrível.

— É verdade! — ela disse, olhando em volta com alguma curiosidade e muito horror para as paredes dilapidadas, as cadeiras quebradas, a mesa frágil. — Certamente não parece convidativo.

O proprietário da Chat Gris, de nome Brogard, não prestou mais atenção aos seus convidados. Concluiu que dali a pouco iriam pedir o jantar e, enquanto isso, não cabia a um cidadão livre mostrar deferência, ou mesmo cortesia, para com alguém, por mais elegante que estivesse vestido.

Junto à lareira estava sentada uma figura encolhida, aparentemente vestida, principalmente com trapos: essa figura era aparentemente uma mulher, embora mesmo

isso fosse difícil de distinguir, exceto pelo chapéu, que já fora branco, e pelo que parecia ser uma anágua. Ela estava sentada, resmungando consigo mesma, e de vez em quando mexia o líquido em sua panela.

— Ei, meu amigo! — disse Sir Andrew finalmente. — Gostaríamos de jantar... A cidadã ali — acrescentou, apontando para o monte de trapos amontoados perto da lareira — está preparando uma sopa deliciosa, garanto, e minha patroa não prova comida há várias horas.

Demorou alguns momentos para Brogard considerar a questão. Um cidadão livre não responde prontamente aos desejos daqueles que exigem algo dele.

— Sacrées aristos! — ele murmurou e, mais uma vez, cuspiu no chão.

Depois, dirigiu-se muito lentamente até uma cômoda que ficava em um canto do quarto; daí pegou uma velha sopeira de estanho e, lentamente e sem dizer uma palavra, entregou-a à sua cara-metade, que, no mesmo silêncio, começou a encher a terrina com a sopa do seu caldeirão.

Marguerite assistiu a todos esses preparativos com absoluto horror; se não fosse pela seriedade de seu propósito, teria fugido incontinentemente desta morada de sujeira e maus cheiros.

— Realmente, nossos anfitriões não são pessoas alegres — disse Sir Andrew, vendo a expressão de horror no rosto de Marguerite. — Gostaria de lhe oferecer uma refeição mais farta e apetitosa, mas acho que a senhora

achará a sopa comestível e o vinho bom; essas pessoas chafurdam na sujeira, mas geralmente vivem bem.

— Não! Rogo-lhe, Sir Andrew — disse ela gentilmente —, não fique preocupado comigo. Minha mente não está inclinada a pensar no jantar.

Brogard prosseguia lentamente com seus horríveis preparativos; ele havia colocado duas colheres e dois copos sobre a mesa, ambos os quais Sir Andrew teve o cuidado de limpar.

Brogard também trouxe uma garrafa de vinho e um pouco de pão, e Marguerite fez um esforço para puxar sua cadeira para a mesa e fingir comer. Sir Andrew, condizente com seu r<sup>ô</sup>le<sup>[136]</sup> de lacaio, ficou atrás da cadeira dela.

— Não, madame, eu lhe peço — disse ele, vendo que Marguerite parecia incapaz de comer —, eu imploro que tente engolir um pouco de comida - lembre-se de que precisará de todas as suas forças.

A sopa certamente não era ruim; cheirava e tinha um gosto bom. Marguerite poderia ter gostado, não fosse o ambiente horrível. Ela partiu o pão e bebeu um pouco do vinho.

— Sir Andrew — ela disse —, não gosto de vê-lo em pé. Você precisa de comida tanto quanto eu. Esta criatura apenas pensará que sou uma inglesa excêntrica fugindo com seu lacaio se você se sentar e participar desta espécie de ceia ao meu lado.

Na verdade, Brogard, tendo colocado o que era estritamente necessário sobre a mesa, parecia não se preocupar mais com seus clientes. A esposa dele havia saído silenciosamente da sala e o homem ficou parado e descansando, fumando seu cachimbo malcheiroso, às vezes bem debaixo do nariz de Marguerite, como qualquer cidadão nascido livre e igual a alguém deveria fazer.

— Mas que inferno! — disse Sir Andrew, com a ira britânica nativa, enquanto Brogard se inclinava contra a mesa, fumando e olhando arrogantemente para esses dois sacrées Anglais.

— Em nome de Deus, homem — advertiu Marguerite, apressadamente, vendo que Sir Andrew, com instinto de origem britânica, cerrava ameaçadoramente o punho —, lembre-se de que você está na França e que este é o temperamento das pessoas agora.

— Eu gostaria de dar um soco nele! — murmurou Sir Andrew, selvagememente.

Ele seguira o conselho de Marguerite e sentara-se ao lado dela à mesa, e ambos faziam nobres esforços para enganar um ao outro, fingindo comer e beber.

— Peço-lhe — disse Marguerite — que mantenha a criatura de bom humor, para que possa responder às perguntas que lhe devemos fazer.

— Farei o meu melhor, mas, ora! Eu preferiria esmurrá-lo do que questioná-lo. Ei! Meu amigo — ele disse agradavelmente em francês, batendo levemente no

ombro de Brogard —, você vê muitas pessoas como nós por aqui? Quero dizer, muitos viajantes ingleses?

Brogard olhou para ele, por cima do ombro, deu uma baforada em seu cachimbo por um momento ou dois, pois não estava com pressa, e então murmurou:

— Uh! Às vezes!

— Ah! — disse Sir Andrew, descuidadamente. — Os viajantes ingleses sempre sabem onde podem conseguir um bom vinho, hein, meu amigo? Agora, diga-me, minha patroa queria saber se, por acaso, você viu um grande amigo dela, um cavalheiro inglês, que vem frequentemente a Calais a negócios; ele é alto e, recentemente, estava a caminho de Paris. Minha senhora esperava tê-lo encontrado em Calais.

Marguerite tentou não olhar para Brogard para não deixar clara a ardente ansiedade com que esperava sua resposta. Um cidadão francês nascido livre, porém, nunca tem pressa em responder a perguntas. Brogard demorou, depois disse muito lentamente:

— Inglês alto? Hoje? Sim.

— Você o viu? — perguntou Sir Andrew, cuidadosamente.

— Sim, ho-je — murmurou Brogard, taciturno. Então, silenciosamente, pegou o chapéu de Sir Andrew de uma cadeira que estava próxima, colocou-o na cabeça, puxou a blusa suja e, geralmente, tentou expressar em pantomima que o indivíduo em questão usava roupas

muito finas. — “Sacrée aristo!” — ele murmurou —, aquele inglês alto!

Marguerite mal conseguiu reprimir um grito.

— É Sir Percy, com certeza — ela murmurou — e nem mesmo disfarçado!

Ela sorriu, em meio a toda a sua ansiedade e em meio às lágrimas, ao pensar na paixão dominante, forte na morte; em Percy correndo para os perigos mais selvagens e loucos, com o casaco de última geração nas costas e os cadarços de seu jabô intactos.

— Oh! A imprudência disso! — ela suspirou. — Rápido, Mr. Andrew! Pergunte ao homem para onde ele foi.

— Ah, sim, meu amigo — disse Sir Andrew, dirigindo-se a Brogard, com a mesma suposição de descuido —, meu senhor sempre usa roupas lindas; o inglês alto que você viu era certamente o amigo de minha senhora. E ele se foi, você disse?

— Ele foi... Sim... Mas ele volta... Aqui. Ele pediu o jantar...

Sir Andrew colocou a mão com um rápido gesto de advertência no braço de Marguerite; não foi a tempo, pois, no momento seguinte, sua alegria selvagem e louca a traía. Ele estava seguro e bem, voltaria para cá em breve, ela o veria em alguns momentos, talvez... Oh! A selvageria de sua alegria parecia quase maior do que ela podia suportar.

— Aqui! — ela disse a Brogard, que, de repente, parecia ter sido transformado aos seus olhos em algum

mensageiro de felicidade nascido no céu. — Aqui! Você disse que o cavalheiro inglês estava voltando para cá?

O mensageiro da felicidade nascido no céu cuspiu no chão para expressar seu desprezo por todos os aristos que escolheram assombrar a Chat Gris.

— Huh! — ele murmurou. — Ele pediu o jantar, vai voltar... Sacrré Anglais! — acrescentou, em jeito de protesto contra todo este rebuliço por um mero inglês.

— Mas onde ele está agora? Você sabe? — ela perguntou ansiosamente, colocando a delicada mão branca na manga suja de sua blusa azul.

— Ele foi buscar um cavalo e uma carroça — disse Brogard, laconicamente, enquanto, com um gesto rude, sacudia de seu braço aquela linda mão que os príncipes tinham orgulho de beijar.

— A que horas ele foi?

Mas Brogard estava obviamente farto desses questionamentos. Não achava apropriado que um cidadão - que fosse igual a qualquer pessoa - fosse assim catequizado por esses sacrrés aristos, embora fossem ingleses ricos. Era nitidamente mais adequado à sua dignidade de recém-nascido ser o mais rude possível; era um sinal claro de servilismo responder humildemente a questões civis.

— Eu não sei — ele disse, mal-humorado. — Já falei bastante, voyons, les aristos!<sup>[137]</sup> Ele veio hoje e pediu o jantar. Ele saiu e voltará. Voilà!<sup>[138]</sup>

E com essa afirmação de despedida de seus direitos como cidadão e homem livre, de ser tão rude quanto quisesse, Brogard saiu da sala, batendo a porta atrás dele.

## CAPÍTULO XXIII

### ESPERANÇA

— Honestamente, senhora — disse Sir Andrew, vendo que Marguerite parecia ansiosa para chamar seu anfitrião ranzinza de volta —, acho melhor deixá-lo em paz. Não conseguiremos mais nada dele e poderemos levantar suas suspeitas. Nunca se sabe que espiões podem estar à espreita nesses lugares abandonados por Deus.

— O que me importa? — ela respondeu levemente. — Agora sei que meu marido está seguro e que o verei logo, logo!

— Acalme-se, senhora! — ele disse com genuíno alarme, pois ela havia falado bem alto, na plenitude de sua alegria. — Até as paredes têm ouvidos na França de hoje.

Levantou-se rapidamente da mesa e caminhou pela sala vazia e miserável, escutando atentamente a porta, através da qual Brogard acabara de desaparecer, e de onde apenas palavrões murmurados e passos arrastados podiam ser ouvidos. Também subiu correndo os frágeis degraus que levavam ao sótão para se certificar de que não havia espiões de Chauvelin no local.

— Estamos sozinhos, senhor, meu lacaio? — perguntou Marguerite, alegremente, enquanto o jovem se sentava mais uma vez ao seu lado. — Podemos conversar?

— Tão cautelosamente quanto possível — ele respondeu.

— Ora, homem! Que cara taciturna! Eu poderia dançar de alegria! Certamente não há mais motivo para medo. Nosso barco, o Foam Crest, está na praia, a menos de três quilômetros no mar, e meu marido estará aqui, sob este mesmo teto, talvez na próxima meia hora. Não há nada que nos impeça. Chauvelin e sua gangue ainda não chegaram.

— Não, senhora! Temo que não saibamos.

— O que quer dizer?

— Ele estava em Dover ao mesmo tempo que nós estávamos.

— Retido pela mesma tempestade que nos impediu de partir.

— Exatamente. Mas, não falei sobre isso antes, pois temia alarmá-la, eu o vi na praia menos de cinco minutos antes de embarcarmos. Pelo menos, tive certeza de que era ele. Estava disfarçado de sacerdote, de forma que seu padrinho - o demônio - dificilmente o teria reconhecido. Depois, eu o ouvi, negociando um navio que o levasse rapidamente para Calais, que deve ter zarpado menos de uma hora depois de nós.

O rosto de Marguerite, rapidamente, perdeu a expressão de alegria. O terrível perigo que Percy corria, agora que ele estava realmente em solo francês, tornou-se repentino e terrivelmente claro para ela. Chauvelin estava logo atrás dele; aqui em Calais, o astuto

diplomata era todo-poderoso; uma palavra dele e Percy poderia ser caçado, preso e...

Cada gota de sangue parecia congelar em suas veias; nem mesmo durante os momentos de sua maior angústia na Inglaterra, ela soube tão completamente a iminência do perigo que seu marido corria. Chauvelin jurara levar o Pimpinela Escarlata para a guilhotina, e agora o ousado conspirador, cujo anonimato até então fora sua salvaguarda, era revelado por suas próprias mãos ao seu inimigo mais amargo e implacável.

Chauvelin - quando emboscara lorde Tony e Sir Andrew Ffoulkes na cafeteria da Descanso dos Pescadores - obtivera posse de todos os planos desta última expedição. Armand St. Just, o conde de Tournay e outros monarquistas fugitivos deveriam ter se encontrado com o Pimpinela Escarlata - na verdade, com dois de seus emissários, como havia sido originalmente combinado -, neste dia, 2 de outubro, em um local obviamente conhecido para a liga e vagamente referido como a "Cabana de Padre Blanchard".

Armand, cuja ligação com o Pimpinela Escarlata e o repúdio à política brutal do Reino do Terror ainda eram desconhecidos dos seus compatriotas, tinha deixado a Inglaterra há pouco mais de uma semana, trazendo consigo as instruções necessárias, que lhe permitiriam encontrar os outros fugitivos e transportá-los para este local seguro.

Isso Marguerite compreendeu perfeitamente desde o início e Sir Andrew Ffoulkes confirmou suas suposições. Ela sabia também que, quando Sir Percy percebeu que seus próprios planos e instruções para seus tenentes haviam sido roubados por Chauvelin, era tarde demais para se comunicar com Armand ou para enviar novas instruções aos fugitivos. Eles, certamente, estariam na hora e no local determinados, sem saber quão sério era o perigo que agora aguardava seu corajoso salvador.

Blakeney que, como sempre, planejou e organizou toda a expedição, não permitiria que nenhum de seus camaradas mais jovens corresse o risco de uma captura quase certa. Daí, seu bilhete apressado para eles no baile de lorde Grenville: “Irei amanhã, sozinho”.

E agora, com sua identidade conhecida pelo seu inimigo mais ferrenho, todos os seus passos seriam obstinados quando colocasse os pés na França. Ele seria procurado pelos emissários de Chauvelin, seguido até chegar àquela misteriosa cabana, onde os fugitivos o esperavam e ali a armadilha seria fechada contra ele e eles.

Havia apenas uma hora - apenas uma hora de distância que Marguerite e Sir Andrew tinham de seu inimigo - para avisar Percy da iminência do perigo e persuadi-lo a desistir da expedição imprudente, que só poderia terminar em sua própria morte.

Mas ainda havia essa hora.

— Chauvelin sabe desse lugar, pelos papéis que roubou — disse Sir Andrew, seriamente — e, ao desembarcar, irá direto para lá.

— Ele ainda não chegou — ela disse —, temos uma hora de vantagem sobre ele e Percy estará aqui logo. Estaremos no meio do Canal da Mancha antes que Chauvelin perceba que escapamos por entre seus dedos.

Ela falou com entusiasmo, desejando infundir em seu jovem amigo um pouco daquela alegre esperança que ainda pairava em seu coração. Ele, no entanto, balançou a cabeça tristemente.

— Silêncio de novo, Sir Andrew? — ela disse com alguma impaciência. — Por que balança a cabeça e parece tão triste?

— Ora, senhora — ele respondeu —, é apenas porque, ao fazer seus planos cor-de-rosa, esquece do fator mais importante.

— O que diabos você quer dizer? Não estou esquecendo nada... De que fator você diz? — ela acrescentou com mais impaciência.

— Tem 1,80 m de altura — respondeu Sir Andrew, calmamente — e se chama Percy Blakeney.

— Eu não entendo — ela murmurou.

— Acha que Blakeney deixaria Calais sem ter realizado o que se propôs a fazer?

— E o que quer dizer com isso?

— Bem, há o velho conde de Tournay...

— O conde? — ela murmurou.

— E St. Just... E outros...

— Meu irmão! — ela disse com um soluço de angústia e com o coração partido. — Deus me ajude, mas temo ter esquecido.

— Fugitivos como são, estes homens, neste momento, aguardam com perfeita confiança e fé inabalável a chegada do Pimpinela Escarlata, que jurou levá-los em segurança através do Canal da Mancha.

Ela havia realmente se esquecido. Com o egoísmo sublime de uma mulher que ama de todo o coração, nas últimas 24 horas ela não tinha pensado uma só vez em Armand. Sua vida preciosa e nobre, seu perigo — só ele, o ser amado, o herói corajoso, somente ele habitava sua mente.

— Meu irmão — ela murmurou, enquanto lágrimas pesadas se acumulavam em seus olhos, uma por uma, enquanto se lembrou de Armand, o querido companheiro de sua infância, o homem por quem ela havia cometido o pecado mortal, que havia colocado tão irremediavelmente em perigo a vida de seu corajoso marido.

— Sir Percy Blakeney não seria o líder honrado e confiável de uma vintena de cavalheiros ingleses — disse Sir Andrew, com orgulho — se abandonasse aqueles que depositaram sua confiança nele. É absurdo sequer pensar na possibilidade de Sir Percy faltar com sua palavra!

Houve silêncio por um momento ou dois. Marguerite havia enterrado o rosto nas mãos e deixava as lágrimas escorrerem lentamente pelos dedos trêmulos. O jovem não disse nada; seu coração se compadeceu daquela linda mulher em sua terrível mágoa. O tempo todo, ele sentira o terrível impasse que o próprio ato precipitado dela mergulhara a todos. Conhecia muito bem seu amigo e líder, sua ousadia imprudente, sua louca bravura, sua adoração à sua própria palavra de honra. Sir Andrew sabia que Blakeney enfrentaria qualquer perigo, correria os maiores riscos antes de ir contra sua palavra e, com Chauvelin em seu encalço, faria uma última tentativa, por mais desesperada que fosse, de resgatar aqueles que nele confiavam.

— Sir Andrew — disse Marguerite, finalmente, fazendo corajosos esforços para enxugar as lágrimas —, você está certo e eu não me envergonharia agora tentando dissuadi-lo de cumprir seu dever. Como você diz, seria implorar em vão. Deus lhe conceda força e habilidade — acrescentou ela com fervor e determinação — para enganar seus perseguidores. Ele não se recusará a levá-lo com ele, talvez, quando iniciar seu nobre trabalho; ambos serão astutos e terão valor! Deus proteja vocês dois! Enquanto isso, acho que não devemos perder tempo. Ainda acredito que a segurança dele depende de saber que Chauvelin está no seu encalço.

— Sem dúvida. Ele tem incríveis recursos ao seu dispor. Assim que tiver consciência do perigo, exercerá

mais cautela: sua engenhosidade é um verdadeiro milagre.

— Então, o que diria de uma viagem de reconhecimento pela aldeia enquanto eu espero aqui a vinda dele? Você talvez encontre o rastro de Percy e assim economizaríamos um tempo valioso. Se o encontrar, diga-lhe para tomar cuidado, pois seu maior inimigo está em seu encalço.

— Mas este é um buraco horrível para a senhora esperar.

— Ah, não me importo com isso! Você poderia, no entanto, perguntar ao nosso taberneiro ranzinza se ele poderia me deixar esperar em outro lugar onde eu possa estar mais protegida dos olhares indiscretos de qualquer viajante casual? Ofereça-lhe algum dinheiro para que ele não deixe de me avisar assim que o alto inglês retornar.

Ela falou com bastante calma, até mesmo com alegria, pensando em seus planos, pronta para o pior, se necessário; ela não demonstraria mais fraqueza, provaria ser digna dele, que estava prestes a dar a vida pelo bem de seus semelhantes.

Sir Andrew obedeceu-lhe sem mais comentários. Instintivamente, ele sentiu que a mente dela agora era mais forte; ele estava disposto a se entregar à orientação dela, tornando-se a mão, enquanto ela era a cabeça pensante.

Ele foi até a porta da sala interna, por onde Brogard e sua esposa haviam desaparecido antes, e bateu; como

sempre, ele foi respondido por uma salva de xingamentos murmurados.

— Ei! Amigo Brogard! — disse o jovem peremptoriamente. — Minha senhora gostaria de ficar aqui um pouco. Você poderia dar a ela o uso de outro aposento? Ela gostaria de ficar sozinha.

Ele tirou algum dinheiro do bolso e deixou-o tilintar significativamente em sua mão. Brogard abriu a porta e ouviu, com sua habitual apatia e ranzinze, o pedido do jovem. Ao ver o ouro, porém, sua atitude preguiçosa relaxou ligeiramente; ele tirou o cachimbo da boca e entrou na sala. Ele, então, apontou por cima do ombro para a entrada do sótão.

— Ela pode esperar lá em cima — ele disse com um grunhido. — É confortável; eu não tenho outro quarto.

— Nada poderia ser melhor — disse Marguerite em inglês; ela percebeu imediatamente as vantagens que tal posição escondida da vista lhe traria. — Dê-lhe o dinheiro, Sir Andrew; ficarei muito feliz lá em cima e poderei ver tudo sem ser vista.

Ela acenou com a cabeça para Brogard, que condescendeu em subir ao sótão e sacudir a palha que estava no chão.

— Posso pedir, senhora, que não faça nada precipitado — disse Sir Andrew, enquanto Marguerite se preparava para subir o frágil lance de escadas. — Lembre-se de que este lugar está infestado de espiões. Não se revele, eu

lhe peço, a Sir Percy, a menos que tenha certeza de que está sozinha com ele.

Enquanto falava, sentiu quão desnecessária era essa cautela: Marguerite estava tão calma, tão lúcida como qualquer homem. Não havia medo de que ela fizesse algo precipitado.

— Não — disse ela com uma ligeira tentativa de alegria —, isso posso lhe prometer fielmente. Eu não colocaria em risco a vida do meu marido, nem mesmo os seus planos, falando com ele na frente de estranhos. Não tenha medo, vou observar minha oportunidade e servi-lo da maneira que acho que ele mais precisa.

Brogard desceu as escadas novamente e Marguerite estava pronta para subir para seu retiro seguro.

— Não me atrevo a beijar sua mão, senhora — disse Sir Andrew, enquanto ela começava a subir os degraus —, já que sou seu laçao, mas oro para que tenha bom ânimo. Se não encontrar Blakeney em meia hora, voltarei, esperando encontrá-lo aqui.

— Sim, isso será o melhor. Podemos nos dar ao luxo de esperar meia hora. Chauvelin não pode estar aqui antes disso. Deus conceda que você ou eu já tenhamos visto Percy até lá. Boa sorte para você, amigo! Não tenha medo por mim.

Subiu com leveza os frágeis degraus de madeira que levavam ao sótão. Brogard não estava prestando mais atenção nela. Ela poderia ficar confortável lá ou não, conforme quisesse. Sir Andrew observou-a até ela chegar

ao sótão e sentar-se na palha. Ela puxou as cortinas esfarrapadas e o jovem notou que ela estava singularmente bem-posicionada ali, para ver e ouvir, enquanto permanecia despercebida.

Ele pagou bem a Brogard; o velho e ranzinza estalajadeiro não teria nenhum motivo para traí-la. Então, Sir Andrew se preparou para partir. Na porta, virou-se novamente e olhou para o sótão. Através das cortinas esfarrapadas, o rosto doce de Marguerite espiava o dele e o jovem alegrou-se ao ver que ele parecia sereno e até sorria gentilmente. Com um último aceno de despedida para ela, saiu noite adentro.

## CAPÍTULO XXIV

### A ARMADILHA MORTAL

O quarto de hora seguinte passou rápido e silencioso. Na sala do andar de baixo, Brogard ocupou-se por um tempo limpando a mesa e reorganizando-a para outro convidado.

Foi porque assistiu a esses preparativos que Marguerite achou que o tempo estava passando de forma mais agradável. Era para Percy que aquela espécie de ceia estava sendo preparada. Evidentemente, Brogard tinha certo respeito pelo inglês alto, já que ele parecia se esforçar para fazer o lugar parecer um pouco mais convidativo do que antes.

Ele até tirou, de algum lugar escondido na velha cômoda, o que parecia ser uma toalha de mesa; e quando a estendeu e viu que estava cheia de buracos, ele balançou a cabeça em dúvida por um tempo, depois se esforçou muito para espalhá-la sobre a mesa e para esconder a maior parte de suas manchas.

Logo, tirou um guardanapo, também velho e esfarrapado, mas um tanto lavado, e com ele limpou cuidadosamente os copos, as colheres e os pratos que colocou sobre a mesa.

Marguerite não pôde deixar de sorrir enquanto observava todos esses preparativos, que Brogard realizava com o acompanhamento de murmurados

xingamentos. É evidente que a grande altura e corpulência do inglês, ou talvez o peso do seu punho, tinham intimidado esse cidadão francês nascido livre ou ele nunca teria feito tanto por um sacré aristo qualquer.

Quando a mesa foi posta - tal como estava -, Brogard examinou-a com evidente satisfação. Ele, então, limpou uma das cadeiras com a ponta da blusa, mexeu no caldeirão, jogou um novo tanto de lenha no fogo e saiu da sala.

Marguerite ficou sozinha com suas reflexões. Havia estendido sua capa de viagem sobre a palha e estava sentada bastante confortavelmente, pois esta estava fresca e os maus odores vindos de baixo chegavam até ela apenas de uma forma modificada.

Mas, momentaneamente, ela ficou quase feliz; feliz porque, ao espiar pelas cortinas esfarrapadas, viu uma cadeira bamba, uma toalha de mesa rasgada, um copo, um prato e uma colher; isso foi tudo. Mas aquelas coisas mudas e feias pareciam dizer-lhe que estavam à espera de Percy; que em breve, muito em breve, ele estaria ali, no quarto miserável ainda vazio, e eles estariam sozinhos.

Esse pensamento foi tão celestial que Marguerite fechou os olhos para excluir tudo, menos ele. Dentro de alguns minutos, estaria sozinha com ele; desceria correndo a escada e deixaria que ele a visse; ele a tomaria nos braços e ela o deixaria ver que, depois disso,

morreria de bom grado por ele, e com ele, pois a terra não poderia conter felicidade maior do que essa.

E então, o que aconteceria? Ela não conseguia nem remotamente conjecturar. Sabia, é claro, que Sir Andrew estava certo e que Percy faria tudo o que se propusera a realizar; que ela - agora que estava aqui - não poderia fazer nada além de avisá-lo para ser cauteloso, já que o próprio Chauvelin estava em seu encalço. Depois de tê-lo advertido, ela teria forçosamente de vê-lo partir para sua terrível e ousada missão; ela não conseguiria, nem com uma palavra ou olhar, tentar mantê-lo afastado. Ela teria que obedecer, fosse o que fosse que ele lhe dissesse para fazer, até mesmo ter que se esconder, e esperar, em agonia indescritível, enquanto ele, talvez, morresse.

Mas mesmo isso parecia menos terrível de suportar do que a ideia de que ele nunca saberia o quanto ela o amava - de que, de qualquer forma, ela seria poupada; o próprio quarto miserável, que parecia estar esperando por ele, dizia-lhe que ele chegaria em breve.

De repente, seus ouvidos supersensíveis captaram o som de passos distantes se aproximando; seu coração deu um salto selvagem de alegria! Seria Percy, finalmente? Não! O passo não parecia tão longo nem tão firme quanto o dele; ela também pensou ter ouvido dois conjuntos distintos de passos. Sim! Era isso! Dois homens vinham na direção dela. Dois estranhos, talvez, para tomar uma bebida, ou...

Mas ela não teve tempo de conjeturar, pois logo houve uma chamada autoritária na porta, e, no momento seguinte, ela foi violentamente aberta pelo lado de fora, enquanto uma voz áspera e autoritária gritava:

— Ei! Cidadão Brogard! Olá!

Marguerite não conseguia ver os recém-chegados, mas, através de um buraco em uma das cortinas, foi capaz de observar uma parte do quarto abaixo.

Ouviu os passos arrastados de Brogard quando ele saiu da sala interna, murmurando sua série habitual de palavrões. Ao ver os estranhos, porém, parou no meio da sala, bem ao alcance da visão de Marguerite, olhou para eles, com ainda mais desprezo fulminante do que havia dispensado aos seus antigos convidados, e murmurou:

— Sacrée soutane!<sup>[139]</sup>

O coração de Marguerite pareceu parar de bater subitamente; seus olhos, grandes e dilatados, haviam se fixado em um dos recém-chegados, que, neste momento, dera um rápido passo à frente em direção a Brogard. Vestia a batina, o chapéu de abas largas e os sapatos de fivela habituais de um padre francês, mas, ao ficar em frente ao estalajadeiro, abriu por um momento a batina, exibindo o lenço tricolor do oficialismo, cuja visão teve imediatamente o efeito de transformar a atitude de desprezo de Brogard em uma de subserviência.

A visão deste curé<sup>[140]</sup> francês parecia congelar o sangue das veias de Marguerite. Ela não conseguia ver o rosto dele, sombreado pelo chapéu de abas largas, mas

reconheceu as mãos magras e ossudas, a leve curvatura, todo o andar do homem! Era Chauvelin!

O horror da situação atingiu-a como um golpe físico; a terrível enganação, o pavor do que estava por vir, tornaram seus sentidos reais, e ela precisou de um esforço quase sobre-humano para não cair inconsciente sob tudo isso.

— Um prato de sopa e uma garrafa de vinho — disse Chauvelin imperiosamente a Brogard. — Então, saia daqui, entendeu? Quero ficar sozinho.

Silenciosamente, e desta vez sem resmungar, Brogard obedeceu. Chauvelin sentou-se à mesa preparada para o alto inglês e o estalajadeiro ocupou-se obsequiosamente à sua volta, servindo a sopa e o vinho. O homem que havia entrado com Chauvelin, e que Marguerite não conseguia ver, esperava perto da porta.

A um sinal brusco de Chauvelin, Brogard correu de volta para a sala interna e o primeiro acenou para o homem que o acompanhava.

Nele, Marguerite reconheceu imediatamente Desgas, secretário, factótum<sup>[141]</sup> e confidente de Chauvelin, que ela vira muitas vezes em Paris, nos tempos passados. Ele atravessou a sala e, por um momento ou dois, ouviu atentamente à porta dos Brogard.

— Não está ouvindo? — perguntou Chauvelin, secamente.

— Não, cidadão.

Por um segundo, Marguerite temeu que Chauvelin ordenasse a Desgas que revistasse o local; mal ousava imaginar o que aconteceria se fosse descoberta. Felizmente, porém, Chauvelin parecia mais impaciente para falar com seu secretário do que com medo de espiões, pois chamou Desgas rapidamente de volta ao seu lado.

— E a escuna inglesa? — ele perguntou.

— Perdemos-la de vista no pôr do sol, cidadão — respondeu Desgas —, mas ele se dirigia para oeste naquele momento, em direção ao Cabo Gris-Nez.

— Ah! Que bom! — murmurou Chauvelin. — E o que disse o capitão Jutley?

— Ele me garantiu que todas as ordens que você lhe enviou na semana passada foram plenamente cumpridas. Todas as estradas que convergem para este local têm sido patrulhadas noite e dia desde então, e a praia e as falésias têm sido rigorosamente revistadas e vigiadas.

— Ele sabe onde fica essa “Cabana do Padre Blanchard”?

— Não, cidadão, ninguém parece saber de nada com esse nome. Existem inúmeras cabanas de pescadores ao longo de toda a costa, é claro, mas...

— Isso basta. Agora, sobre esta noite? — interrompeu Chauvelin, impacientemente.

— As estradas e a praia estão patrulhadas como sempre, cidadão, e o capitão Jutley aguarda novas

ordens.

— Vá até ele imediatamente, então. Diga-lhe para enviar reforços às diversas patrulhas, especialmente para aquelas que estão ao longo da praia, compreendeu?

Chauvelin falou de forma curta e direta, e cada palavra que pronunciou atingiu o coração de Marguerite como a sentença de morte de suas maiores esperanças.

— Os homens — continuou ele — devem manter a vigilância mais atenta possível a qualquer estranho que possa estar andando, cavalgando ou dirigindo, ao longo da estrada ou da praia, mais especialmente um estranho alto, que não preciso descrever mais detalhadamente, pois provavelmente estará disfarçado. Ele, porém, não consegue esconder muito bem sua altura, exceto curvando-se. Você entende?

— Perfeitamente, cidadão — respondeu Desgas.

— Assim que algum dos homens avistar um estranho, dois deles deverão mantê-lo à vista. O homem que perder de vista o estranho alto, depois de encontrado, pagará com a vida por sua negligência. Devo, mesmo assim, saber de tudo; reportem-se a mim. Está claro?

— Absolutamente, cidadão.

— Muito bem, então. Vá ver Jutley agora mesmo. Faça com que os reforços partam com a patrulha e depois peça ao capitão para deixar você ter mais meia dúzia de homens e traga-os aqui com você. Esteja de volta em dez minutos. Vá!

Desgas fez uma saudação e foi até a porta.

Enquanto Marguerite, doente de horror, ouvia as instruções de Chauvelin ao seu subordinado, todo o plano para a captura do Pimpinela Escarlata tornou-se terrivelmente claro para ela. Chauvelin queria que os fugitivos fossem deixados em falsa segurança, esperando em seu retiro secreto até que Percy se juntasse a eles. Então, o ousado conspirador seria cercado e pego em flagrante, no ato de ajudar e encorajar os monarquistas, que eram traidores da República. Assim, se a sua captura fosse ruidosa no estrangeiro, mesmo o governo britânico não poderia protestar legalmente a seu favor; por ter conspirado com os inimigos do governo francês, a França teria o direito de condená-lo à morte.

Fugir para ele e para eles seria impossível. Todas as estradas estavam sendo patrulhadas e vigiadas, a armadilha estava bem armada, a rede, larga no momento, mas apertando-se cada vez mais, até se fechar sobre o ousado conspirador, cuja astúcia sobre-humana nem sequer conseguia resgatá-lo das suas malhas.

Desgas estava prestes a partir, mas Chauvelin o chamou mais uma vez. Marguerite se perguntou vagamente que outros planos diabólicos ele poderia ter a fim de prender um homem corajoso, sozinho, por vintenas de outros. Ela olhou para ele quando ele se virou para falar com Desgas; podia ver o rosto dele sob o chapéu de aba larga de padre. Havia naquele momento

tanto ódio mortal, tanta maldade diabólica no rosto magro e nos olhos pequenos e pálidos, que a última esperança de Marguerite morreu em seu coração, pois ela sentiu que daquele homem não poderia esperar piedade.

— Eu tinha esquecido — repetiu Chauvelin, com uma risada estranha, enquanto esfregava as mãos ossudas, semelhantes a garras, uma contra a outra, com um gesto de satisfação diabólica. — O estranho alto pode tentar lutar. Em qualquer caso, lembrem-se de não atirar, exceto como último recurso. Quero aquele estranho alto vivo... Se possível.

Ele riu, como Dante<sup>[142]</sup> nos contou que os demônios riem ao verem a tortura dos condenados. Marguerite acreditava já ter vivido toda a gama de horrores e angústias que o coração humano poderia suportar, mas agora, quando Desgas saiu da casa e ela permaneceu sozinha naquele quarto solitário e miserável, com aquele demônio como companhia, sentiu como se tudo o que havia sofrido não fosse nada comparado a isso. Ele continuou a rir sozinho por um tempo, esfregando as mãos em antecipação ao seu triunfo.

Seus planos eram bons e ele poderia muito bem triunfar! Não sobrara nenhuma brecha pela qual o homem mais corajoso e astuto pudesse escapar. Cada estrada vigiada, cada canto vigiado, e naquela cabana solitária em algum lugar da costa, um pequeno grupo de fugitivos esperando por seu salvador e levando-o para a

morte... Não! Para algo pior do que a morte! Aquele demônio ali, em trajes de homem santo, era muito mau para permitir que um homem corajoso morresse a morte rápida e repentina de um soldado no posto de serviço.

Ele, acima de tudo, desejava ter o astuto inimigo, que por tanto tempo o enganara, indefeso e em seu poder; ele desejava vangloriar-se para ele, desfrutar de sua queda, infligir a ele aquela tortura moral e mental que só um ódio mortal pode conceber. A corajosa águia, capturada e com as nobres asas cortadas, estava condenada a suportar a mordida do rato. E ela, sua esposa, que o amava e que o levava a isso, nada podia fazer para ajudá-lo.

Nada, exceto esperar a morte ao seu lado e por um breve momento lhe dizer que o amor dela - inteiro, verdadeiro e apaixonado - era inteiramente dele.

Chauvelin estava agora sentado perto da mesa; havia tirado o chapéu e Marguerite podia ver apenas o contorno de seu perfil magro e do queixo pontudo, enquanto ele se curvava sobre seu parco jantar. Estava obviamente bastante contente e aguardava os acontecimentos com perfeita calma; até parecia gostar da comida desagradável de Brogard. Marguerite se perguntou como poderia existir tanto ódio em um ser humano contra outro.

De repente, enquanto observava Chauvelin, um som alcançou seus ouvidos e transformou seu coração em pedra. Aquele som, porém, não tinha a intenção de

inspirar horror a ninguém, pois era apenas o som de uma voz alegre e viçosa cantando vigorosamente “Deus salve o Rei![\[143\]](#)”.

## CAPÍTULO XXV

### A ÁGUIA E A RAPOSA

A respiração de Marguerite parou; ela parecia sentir sua própria vida parar momentaneamente enquanto ouvia aquela voz e aquela música. Reconheceu seu marido naquele cantor. Chauvelin também tinha ouvido, pois lançou um rápido olhar em direção à porta, depois pegou apressadamente o chapéu de abas largas e colocou-o na cabeça.

A voz se aproximou; por um breve segundo, Marguerite foi tomada por um desejo selvagem de descer correndo os degraus e voar pela sala, de parar aquela música a qualquer custo, de implorar ao alegre cantor que fugisse – fugisse por sua vida, antes que fosse tarde demais. Ela controlou o impulso bem a tempo. Chauvelin iria detê-la antes que chegasse à porta e, além disso, ela não fazia ideia se ele tinha algum soldado postado ao seu alcance. Seu ato impetuoso poderia ser o sinal de morte do homem pelo qual ela teria morrido para salvar.

“Por muito tempo para reinar sobre nós/Deus salve o Rei” cantou a voz com mais vigor do que nunca. No momento seguinte, a porta foi aberta e houve um silêncio mortal de, mais ou menos, um segundo. Marguerite não conseguia ver a porta; prendeu a respiração, tentando imaginar o que estava acontecendo.

Percy Blakeney, ao entrar, é claro, avistou imediatamente o padre à mesa; sua hesitação durou menos de cinco segundos. Em seguida, Marguerite viu sua figura alta atravessando a sala, enquanto ele chamava em voz alta e contente:

— Olá! Ninguém por perto? Onde está aquele tolo Brogard?

Ele vestia o magnífico casaco e o traje de montaria que usava quando Marguerite o viu pela última vez em Richmond, horas atrás. Como sempre, seu traje era absolutamente irrepreensível, a fina renda Mechlin em seu pescoço e pulsos estava imaculada em sua fina delicadeza, suas mãos pareciam esguias e brancas, seu cabelo louro estava cuidadosamente penteado e ele carregava seus óculos na mão, com seu gestual afetado de sempre. Na verdade, neste momento, o baronete Sir Percy Blakeney poderia estar a caminho de uma festa no jardim da casa do príncipe de Gales, em vez de, deliberadamente e a sangue-frio, correr para uma armadilha preparada para ele por seu inimigo mais mortal.

Ficou por um momento no meio da sala, enquanto Marguerite, absolutamente paralisada de horror, parecia incapaz até de respirar.

A cada momento, ela esperava que Chauvelin desse um sinal, que o lugar se enchesse de soldados, que ela descesse correndo e ajudasse Percy a negociar por sua vida. Enquanto ele estava ali, suavemente inconsciente,

ela quase gritou para ele: “Fuja, Percy! Este é seu inimigo mortal! Fuja antes que seja tarde demais!”, mas ela não teve tempo nem para fazer isso, pois, no momento seguinte, Blakeney caminhou silenciosamente até a mesa e, jovialmente dando um tapinha nas costas do curé, disse com seu próprio jeito arrastado e afetado:

— Oras bolas... Mr. Chauvelin... Posso garantir que nunca imaginei encontrá-lo por aqui.

Chauvelin, que estava no ato de levar a sopa à boca, quase se engasgou. Seu rosto magro ficou completamente roxo e um violento acesso de tosse evitou que esse astuto representante da França demonstrasse a maior surpresa que já havia experimentado. Não havia dúvida de que esse movimento ousado por parte do inimigo havia sido totalmente inesperado no que lhe dizia respeito, e aquele ousado descaramento o deixou completamente perplexo.

Era claro que ele não havia tomado o cuidado de ter a estalagem cercada de soldados. Blakeney obviamente sabia disso e, sem dúvida, seu cérebro engenhoso já havia formado algum plano pelo qual ele poderia tirar proveito dessa conversa inesperada.

Marguerite, no sótão, não se mexeu. Ela havia feito uma promessa solene a Sir Andrew de não falar com o marido na frente de estranhos e tinha autocontrole suficiente para não se lançar de maneira irracional e impulsiva nos planos dele. Ficar sentada quieta e observar aqueles dois homens juntos era uma prova

terrível de coragem. Marguerite havia ouvido Chauvelin dar ordens para patrulhar todas as estradas. Ela sabia que, se Percy deixasse a Chat Gris em qualquer direção que ele fosse, não poderia ir muito longe sem ser avistado por alguns dos homens do capitão Jutley em patrulha. Por outro lado, se ficasse, Desgas teria tempo de voltar com a meia dúzia de homens que Chauvelin encomendara especialmente.

A armadilha estava se aproximando e Marguerite não podia fazer nada além de observar e imaginar. Os dois homens pareciam um contraste tão estranho e era Chauvelin quem exibia um leve toque de medo. Marguerite o conhecia bem o suficiente para adivinhar o que se passava em sua mente. Ele não tinha medo por sua própria pessoa, embora certamente estivesse sozinho em uma estalagem solitária com um homem de constituição poderosa, ousado e imprudente além dos limites da probabilidade. Ela sabia que Chauvelin teria enfrentado de bom grado encontros perigosos em prol da causa que ele tinha no coração, mas o que ele temia era que esse inglês atrevido, ao derrubá-lo, duplicasse suas próprias chances de fuga; seus subordinados poderiam não ter sucesso em capturar o Pimpinela Escarlata, se não fossem dirigidos por sua mão e cérebro astutos, que tinham um ódio mortal como incentivo.

Obviamente, porém, o representante do governo francês não tinha nada a temer no momento, nas mãos do seu poderoso adversário. Blakeney, com sua risada

mais fútil e sua boa índole agradável, estava solenemente dando tapinhas nas costas dele.

— Eu sinto muito... — ele disse, alegremente. — Sinto muito... Parece que lhe perturbei... Tomar sopa é também uma coisa desagradável e estranha, sopa... Er... Juro! Um amigo meu morreu uma vez... er... sufocado... da mesma maneira em que você está... com uma colher de sopa na mão.

E ele sorriu timidamente, bem-humorado, para Chauvelin.

— Que coisa! — ele continuou, assim que este último se recuperou um pouco. — Que lugar horrórico, não é? O senhor se importa? — acrescentou, desculpando-se, sentando-se em uma cadeira perto da mesa e puxando a terrina de sopa para si. — Aquele idiota do Brogard parece estar dormindo ou algo assim.

Havia um segundo prato sobre a mesa e ele, calmamente, serviu-se de sopa e depois de uma taça de vinho.

Por um momento, Marguerite se perguntou o que Chauvelin faria. Seu disfarce era tão bom que talvez ele pretendesse, ao se recuperar, negar sua identidade, mas Chauvelin era muito astuto para fazer um movimento tão obviamente falso e infantil, e ele também já havia estendido a mão e dito agradavelmente:

— Estou realmente encantado em vê-lo, Sir Percy. O senhor deve me desculpar... Pensei que estivesse do

outro lado do Canal da Mancha. A surpresa repentina quase me tirou o fôlego.

— Ora! — disse Sir Percy, com um sorriso bem-humorado. — Foi exatamente isso que aconteceu, não foi, monsieur Chaubertin?

— É Chauvelin.

— Isso! Peço perdão... Sim, mil perdões. Sim, Chauvelin, claro. Nunca consegui ouvir nomes estrangeiros...

Tomava calmamente a sua sopa, ria com um agradável bom humor, como se tivesse vindo até Calais com o propósito expresso de jantar naquela estalagem imunda, na companhia do seu arqui-inimigo.

No momento, Marguerite se perguntou por que Percy não derrubou o pequeno francês naquele momento - e, sem dúvida, algo do tipo deve ter passado pela sua mente, pois, de vez em quando, seus olhos preguiçosos pareciam brilhar ameaçadoramente, enquanto permaneciam na figura esbelta de Chauvelin, que já se recuperara bastante e tomava calmamente sua sopa.

O cérebro aguçado, que planejou e realizou tantas conspirações ousadas, era, no entanto, previdente demais para assumir riscos desnecessários. Afinal, este lugar podia estar infestado de espiões; o estalajadeiro poderia estar sendo pago por Chauvelin. Um chamado da parte deste poderia trazer 20 homens aos ouvidos de Blakeney, de modo a ser capturado e encurralado antes que pudesse ajudar ou, pelo menos, alertar os fugitivos.

Isso ele não arriscaria; pretendia ajudar os outros, levar a eles em segurança, pois havia lhes dado sua palavra e ele a cumpriria. Enquanto ele comia e conversava, ele pensava e planejava, ao mesmo tempo que, no sótão, a pobre e ansiosa mulher quebrava a cabeça pensando no que deveria fazer e suportava a agonia do desejo de correr até ele, mas sem ousar se mover por medo de atrapalhar seus planos.

— Eu não sabia — Blakeney disse jovialmente — que você estava em ordens, hum, sagradas.

— Eu... er... hum... — gaguejou Chauvelin. A calma imprudência de seu antagonista obviamente o desequilibrou.

— Mas ora! Eu reconheceria o senhor em qualquer lugar — continuou Sir Percy, placidamente, servindo-se de outra taça de vinho —, embora a peruca e o chapéu o tenham mudado um pouco.

— Acha mesmo?

— Ah, sim! Eles alteram um homem, sim... Oras! Espero que não se importe que eu tenha feito esse comentário... É tido como falta de educação fazer comentários. Espero que não se importe.

— Não, não, de jeito nenhum... Espero que lady Blakeney esteja bem — disse Chauvelin, mudando apressadamente o assunto da conversa.

Blakeney, com muita deliberação, terminou seu prato de sopa, bebeu sua taça de vinho e, momentaneamente,

pareceu a Marguerite que ele olhava rapidamente ao redor da sala.

— Muito bem, obrigado — ele disse finalmente, de forma seca. Houve uma pausa, durante a qual Marguerite pôde observar esses dois antagonistas que, evidentemente, em suas mentes se comparavam. Ela podia ver Percy quase em frente de onde ele estava sentado à mesa, a menos de dez metros de onde ela mesma estava agachada, confusa, sem saber o que fazer ou o que deveria pensar. Ela já havia controlado bastante seu impulso de descer correndo e se revelar ao marido. Um homem capaz de agir à parte, como fazia no momento, não precisava da palavra de uma mulher para alertá-lo para ser cauteloso.

Marguerite entregou-se ao luxo, caro ao coração de toda mulher terna, de olhar para o homem que amava. Olhou através da cortina esfarrapada, para o rosto bonito de seu marido, em cujos preguiçosos olhos azuis e por trás de cujo sorriso fútil ela agora podia ver tão claramente a força, a energia e a desenvoltura que fizeram com que o Pimpinela Escarlata fosse reverenciado como confiável por seus seguidores. “Somos 19 dispostos a dar a vida por seu marido, lady Blakeney”, dissera-lhe Sir Andrew; e ao olhar para a testa, baixa, mas quadrada e larga, os olhos, azuis, mas profundos e intensos, todo o aspecto do homem, de energia indomável, escondendo, por trás de uma comédia perfeitamente encenada, sua força quase sobre-

humana de vontade e engenhosidade maravilhosa, ela compreendeu o fascínio que ele exercia sobre seus seguidores, pois não havia ele também lançado seus feitiços sobre seu coração e sua imaginação?

Chauvelin, que tentava esconder a sua impaciência sob os seus habituais modos educados, deu uma rápida olhada no relógio. Desgas não deveria demorar: mais dois ou três minutos, e aquele insolente inglês estaria preso, sob a guarda de meia dúzia dos homens de maior confiança do capitão Jutley.

— Está a caminho de Paris, Sir Percy? — ele perguntou descuidadamente.

— Ah, por favor, não! — respondeu Blakeney, rindo. — Só até Lille<sup>[144]</sup> - nada de Paris para mim... Um lugar terrivelmente desconfortável, Paris, agora... Ora, monsieur Chaubertin, peço desculpa... Chauvelin!

— Não para um cavalheiro inglês como o senhor, Sir Percy — respondeu Chauvelin, sarcasticamente —, que não tem interesse no conflito de lá.

— Ora! Não é da minha conta e nosso suposto governo está todo do seu lado nos negócios. O velho Pitt não disse nada. O senhor está com pressa — acrescentou, enquanto Chauvelin, mais uma vez, tirava o relógio —, um compromisso, talvez... Não me dê atenção... Meu tempo é meu.

Ele se levantou da mesa e arrastou uma cadeira para a lareira. Mais uma vez, Marguerite sentiu-se terrivelmente tentada a ir ter com ele, pois o tempo

estava a passar. Desgas poderia voltar a qualquer momento com seus homens. Percy não sabia disso e..... Oh! Como tudo era horrível! E como ela se sentia impotente.

— Não estou com pressa — continuou Percy, agradavelmente —, mas, que seja! Não quero gastar mais tempo do que o necessário neste buraco esquecido por Deus! Mas, por Deus, senhor — acrescentou, enquanto Chauvelin olhava sub-repticiamente para o relógio pela terceira vez —, esse seu relógio não andar­á mais rápido, apesar de toda a atenção que der a ele. Está esperando um amigo, talvez?

— Sim, um amigo!

— Não é uma dama, eu acredito, monsieur l'Abbé<sup>[145]</sup> — riu Blakeney —, a santa igreja certamente não permite. Permite? Mas venha para perto do fogo... Está ficando muito frio.

Chutou o fogo com o salto da bota, fazendo as lenhas arderem na velha lareira. Ele não parecia ter pressa de ir e, aparentemente, estava inconsciente do perigo imediato. Arrastou outra cadeira para perto do fogo, e Chauvelin, cuja impaciência já estava fora de controle, sentou-se ao lado da lareira, de modo a ter uma visão da porta. Desgas já havia partido há quase um quarto de hora. Estava bem claro para os sentidos doloridos de Marguerite que, assim que chegasse, Chauvelin abandonaria todos os seus outros planos em relação aos

fugitivos e capturaria imediatamente esse atrevido Pimpinela Escarlata.

— Ei, monsieur Chauvelin — este último dizia alegremente —, diga-me, peço-lhe, sua amiga é bonita? Ao inferno com essas mulherzinhas francesas, que se consideram espertas. Mas digo que não preciso perguntar — acrescentou ele, enquanto voltava descuidadamente para a mesa do jantar. — Em questões de gosto, a igreja nunca foi atrasada, não é?

Mas Chauvelin não estava ouvindo. Todas as suas faculdades estavam agora concentradas naquela porta pela qual Desgas entraria. Os pensamentos de Marguerite também estavam centrados ali, pois seus ouvidos captaram, de repente, através da quietude da noite, o som de passos numerosos e medidos a alguma distância.

Eram Desgas e seus homens. Mais três minutos e eles estariam aqui! Mais três minutos e o terrível aconteceria: a corajosa águia tinha caído na armadilha do furão! Ela teria se movido e gritado, mas não ousou; enquanto ouvia os soldados se aproximando, ela olhava para Percy e observava cada movimento dele. Sir Blakeney estava de pé junto à mesa, onde os restos da ceia, pratos, copos, colheres, saleiros e pimenteiros estavam espalhados desordenadamente. Ele estava de costas para Chauvelin e ainda tagarelava com seu jeito afetado e fútil, porém tirou do bolso a caixa de rapé e, rápida e repentinamente, esvaziou nela o conteúdo do pimenteiro.

Então, ele se virou novamente com uma risada fútil para Chauvelin:

— O que disse, senhor?

Chauvelin estava muito concentrado em ouvir o som daqueles passos que se aproximavam para perceber o que seu astuto adversário estava fazendo. Ele agora se recompusera, tentando parecer despreocupado em meio ao seu triunfo antecipado.

— Não — ele disse logo —, isto é... O que o senhor estava dizendo, Sir Percy?

— Eu estava dizendo — disse Blakeney, indo até Chauvelin, perto do fogo — que o judeu em Piccadilly<sup>[146]</sup> me vendeu desta vez o melhor rapé que eu já usei. Poderia me dar a honra, monsieur l'Abbé?

Ele ficou perto de Chauvelin com seu jeito descuidado e débonnaire,<sup>[147]</sup> estendendo sua caixa de rapé para seu aqui-inimigo.

Chauvelin, que, como disse uma vez a Marguerite, tinha visto um ou dois truques na sua época, sequer sonhava com este. Com um ouvido fixo naqueles passos que se aproximavam rapidamente, um olho voltado para aquela porta onde Desgas e seus homens apareceriam naquele momento, embalados em falsa segurança pelos modos arejados do atrevido inglês, ele nem, remotamente, adivinhou o truque que estava sendo pregado nele.

Ele tomou uma pitada de rapé.

Somente aquele que acidental e vigorosamente cheirou uma dose de pimenta pode ter a mais vaga ideia da condição desesperadora em que tal cheirada reduziria qualquer ser humano.

Chauvelin sentiu como se sua cabeça fosse explodir - um espirro após outro pareciam quase sufocá-lo; estava cego, surdo e mudo imediatamente, e, durante esse momento, Blakeney silenciosamente, sem a menor pressa, pegou o chapéu, tirou algum dinheiro do bolso, que deixou sobre a mesa, depois saiu calmamente da sala.

## CAPÍTULO XXVI

### O JUDEU

Levou algum tempo para Marguerite recuperar seus sentidos dispersos. Todo esse curto episódio durou menos de um minuto e Desgas e os soldados ainda estavam cerca de 200 metros da Chat Gris.

Quando ela entendeu o que havia acontecido, uma curiosa mistura de alegria e admiração encheu seu coração. Foi tudo tão bem-feito, tão engenhoso. Chauvelin ainda estava absolutamente indefeso, muito mais do que poderia estar sob um golpe de punho, pois agora não conseguia ver, nem ouvir, nem falar, enquanto seu astuto adversário lhe escapava silenciosamente por entre os dedos.

Blakeney tinha ido embora, obviamente para tentar se juntar aos fugitivos na cabana do Padre Blanchard. Por enquanto, é verdade, Chauvelin estava indefeso e, por enquanto, o ousado Pimpinela Escarlata não havia sido capturado por Desgas e seus homens. Todas as estradas e a praia, porém, estavam patrulhadas. Todos os lugares eram vigiados e todos os estranhos eram mantidos à vista. Até onde Percy poderia ir, assim vestido com suas lindas roupas, sem ser visto e seguido?

Ela agora se culpava terrivelmente por não ter ido até ele antes e lhe dado aquela palavra de advertência e de amor de que, afinal, ele talvez necessitasse. Ele não

podia saber das ordens que Chauvelin dera para sua captura, e mesmo agora, talvez...

Mas antes que todos esses pensamentos horríveis tomassem forma concreta em seu cérebro, ela ouviu passos do lado de fora, perto da porta, e a voz de Desgas gritando “Alto!” para seus homens.

Chauvelin havia se recuperado parcialmente; seus espirros tornaram-se menos violentos e ele lutou para ficar de pé. Conseguiu chegar à porta quando a batida de Desgas foi ouvida do lado de fora. Chauvelin abriu a porta e, antes que seu secretário pudesse dizer uma palavra, ele conseguiu gaguejar entre dois espirros:

— O estranho alto, rápido! Algum de vocês o viu?

— Onde, cidadão? — perguntou Desgas, surpreso.

— Aqui! Por aquela porta! Há menos de cinco minutos.

— Não vimos nada, cidadão! A lua ainda não apareceu e...

— E você está apenas cinco minutos atrasado, meu amigo — disse Chauvelin, com fúria concentrada.

— Cidadão, eu...

— Você fez o que eu ordenei que fizesse — disse Chauvelin, impaciente. — Eu sei disso, mas demorou muito tempo nisso. Felizmente, não houve muito dano, ou isso seria ruim para você, cidadão Desgas.

O secretário ficou um pouco pálido. Havia muita raiva e ódio em toda a atitude de seu superior.

— O estranho alto, cidadão... — ele gaguejou.

— Estava aqui, nesta sala, há cinco minutos, jantando naquela mesa. Maldito atrevimento! Por razões óbvias, não ousei enfrentá-lo sozinho. Brogard é um tolo e aquele maldito inglês parece ter a força de um boi, por isso escapou bem debaixo do seu nariz.

— Ele não pode ir longe sem ser avistado, cidadão.

— Como é?

— O capitão Jutley enviou 40 homens como reforço para a patrulha: 20 desceram para a praia. Ele novamente me garantiu que a vigilância permaneceu constante durante todo o dia e nenhum estranho poderia chegar à praia ou a um barco sem ser avistado.

— Isso é bom. Os homens sabem o que fazer?

— Eles tiveram ordens muito claras, cidadão, e eu mesmo falei com os novatos. Devem seguir - tão secretamente quanto possível - qualquer estranho que possam ver, especialmente se forem altos ou se estiverem curvados, como que querendo disfarçar a altura.

— Em nenhum caso deter tal pessoa, é claro — disse Chauvelin, ansiosamente. — Esse atrevido do Pimpinela Escarlata escaparia por entre dedos desajeitados. Devemos deixá-lo ir agora para a cabana do Padre Blanchard. Lá, nós o cercaremos e o capturaremos.

— Os homens entendem isso, cidadão, e sabem também que, assim que um estranho alto for avistado, ele deve ser seguido, enquanto um homem deve voltar imediatamente e reportar-se ao senhor.

— Isso mesmo — disse Chauvelin, esfregando as mãos, muito satisfeito.

— Tenho mais novidades, cidadão.

— O que é?

— Um inglês alto teve uma longa conversa há cerca de três quartos de hora com um judeu, de nome Reuben, que mora a menos de dez passos daqui.

— Sim, e? — perguntou Chauvelin, impacientemente.

— A conversa girou em torno de um cavalo e uma carroça, que o inglês desejava alugar e que deveria estar pronta para ele às 11h.

— Já passou disso. Onde mora esse Reuben?

— A poucos minutos a pé desta porta.

— Envie um dos homens para descobrir se o estranho partiu na carroça de Reuben.

— Sim, cidadão.

Desgas foi dar as ordens necessárias a um dos homens. Nem uma palavra dessa conversa entre ele e Chauvelin escapou de Marguerite, e cada palavra que eles disseram parecia atingir seu coração, com terrível desesperança e um sombrio pressentimento.

Ela tinha percorrido todo aquele caminho, com grandes esperanças e firme determinação para ajudar o marido e, até agora, não tinha conseguido fazer nada, a não ser observar, com o coração partido de angústia, as malhas da rede mortal fechando-se em torno do ousado Pimpinela Escarlate.

Ele não poderia agora avançar muitos passos, sem olhos espiões para rastreá-lo e denunciá-lo. Seu próprio desamparo a atingiu com uma terrível sensação de total decepção. A possibilidade de ser de alguma utilidade para o marido tornara-se quase nula, e sua única esperança era poder partilhar seu destino, fosse ele qual fosse.

No momento, até mesmo a chance de ver o homem que amava novamente se tornara remota. Ainda assim, ela estava determinada a manter uma estreita vigilância sobre seu inimigo, e uma vaga esperança encheu seu coração de que, embora mantivesse Chauvelin à vista, o destino de Percy ainda poderia estar em jogo.

Desgas deixara Chauvelin andando de um lado para outro na sala, enquanto ele próprio esperava do lado de fora o retorno do homem que enviara em busca de Reuben. Assim, passaram vários minutos. Chauvelin estava, obviamente, sendo devorado pela impaciência. Aparentemente, ele não confiava em ninguém: esta última peça pregada pelo ousado Pimpinela Escarlata fez com que ele subitamente duvidasse do sucesso, a menos que ele próprio estivesse lá para assistir, dirigir e supervisionar a captura do inglês insolente.

Cerca de cinco minutos depois, Desgas voltou, seguido por um judeu idoso, vestindo uma gabardine<sup>[148]</sup> suja e surrada, engordurada nos ombros. Seu cabelo ruivo, que ele usava à moda dos judeus poloneses, com cachos em forma de saca-rolhas em cada lado do rosto, estava

abundantemente salpicado de cinza - uma camada geral de fuligem, em torno de suas bochechas e do queixo, dava-lhe uma aparência especialmente repugnante. Ele tinha o andar curvado comum daqueles de sua raça, afetada com falsa humildade nos séculos passados, antes do alvorecer da igualdade e da liberdade em questões de fé, e caminhava atrás de Desgas com o peculiar andar arrastado, que permaneceu como a característica do comerciante judeu na Europa continental até hoje.

Chauvelin, que tinha todo o preconceito do francês contra a raça desprezada, sinalizou para que o homem mantivesse uma distância respeitosa. O grupo dos três homens estava parado logo abaixo da lamparina pendurada e Marguerite tinha uma visão clara de todos eles.

— É este o homem? — perguntou Chauvelin.

— Não, cidadão — respondeu Desgas —, Reuben não foi encontrado, então provavelmente sua carroça foi com o estranho, mas este homem aqui parece saber de algo que está disposto a dizer por uma certa quantia.

— Ah! — disse Chauvelin, afastando-se com desgosto do repulsivo espécime de humanidade diante dele.

O judeu, com a paciência característica, mantinha-se humildemente de lado, apoiado em um bastão grosso e nodoso, seu chapéu gorduroso de abas largas lançando uma sombra profunda sobre seu rosto encardido,

esperando que a nobre Excelência se dignasse a fazer-lhe algumas perguntas.

— O cidadão me disse — disse-lhe Chauvelin peremptoriamente — que você sabe algo sobre meu amigo, o inglês alto, que desejo conhecer... Morbleu! Mantenha a distância, homem — acrescentou ele apressadamente, enquanto o judeu dava um passo rápido e ansioso à frente.

— Sim, Excelência — respondeu o judeu, que falava a língua com aquele ceceio peculiar, denotando uma origem oriental —, eu e Reuben Goldstein encontramos um inglês alto, na estrada, aqui perto, esta noite.

— Você falou com ele?

— Ele falou conosco, Excelência. Queria saber se poderia alugar um cavalo e uma carroça para descer pela Estrada de São Martinho, até um lugar que ele queria chegar esta noite.

— E o que você disse?

— Eu não disse nada — falou o judeu em tom ofendido. — Reuben Goldstein, o maldito traidor, o filho de Belial<sup>[149]</sup>...

— Pare com isso, homem — interrompeu Chauvelin, rudemente —, e continue com sua história.

— Ele tirou as palavras da minha boca, Excelência; quando eu estava prestes a oferecer ao rico inglês meu cavalo e minha carroça para levá-lo onde quisesse, Reuben já havia falado e oferecido seu cavalo meio faminto e sua carroça quebrada.

— E o que o inglês fez?

— Ele ouviu Reuben Goldstein, Excelência, e colocou a mão no bolso ali mesmo, tirou um punhado de ouro, que mostrou àquele descendente de Belzebu, <sup>[150]</sup> dizendo-lhe que tudo aquilo seria dele, se o cavalo e a carroça estivessem prontos para ele às 11h.

— E o cavalo e a carroça estavam prontos?

— Estavam prontos de certa forma, por assim dizer, Excelência. A égua de Reuben é coxa, se recusava a se mexer no começo. Foi só depois de algum tempo e com muitos chutes que ela finalmente conseguiu se mover — disse o judeu com uma risada maliciosa.

— E então eles foram embora?

— Sim, há cerca de cinco minutos. Fiquei enojado com a loucura daquele estranho. Um inglês! Tinha de saber que a égua de Reuben não estava apta para ir.

— Mas e se ele não tivesse escolha?

— Sem escolha, Excelência? — protestou o judeu, com voz rouca. — Eu repeti para ele, uma dúzia de vezes, que meu cavalo e minha carroça o levariam mais rápido e mais confortavelmente do que o saco de ossos de Reuben. Ele não quis ouvir. Reuben é um mentiroso e tem modos insinuantes. O estranho foi enganado. Se ele estivesse com pressa, faria seu dinheiro valer mais pegando minha carroça.

— Então, você também tem um cavalo e uma carroça?  
— perguntou Chauvelin, peremptoriamente.

— Tenho, sim, Excelência, e se Vossa Excelência quiser conduzi-la...

— Você sabe para que lado meu amigo foi na carroça de Reuben Goldstein?

O judeu esfregou o queixo sujo, pensativo. O coração de Marguerite estava quase explodindo. Tinha ouvido a pergunta categórica e olhava ansiosamente para o judeu, mas não conseguia ler seu rosto sob a sombra do chapéu de abas largas. Sentia-se como se ele segurasse o destino de Percy em suas mãos compridas e imundas.

Houve uma longa pausa, enquanto Chauvelin franzia a testa, impaciente, para a figura curvada à sua frente. Por fim, o judeu colocou lentamente a mão no bolso do peito e tirou das suas amplas profundezas uma série de moedas de prata. Ele olhou para eles pensativamente e depois comentou, em um tom de voz calmo:

— Isso foi o que o estranho alto me deu, quando foi embora com Reuben, para que eu segurasse minha língua sobre ele e suas ações.

Chauvelin encolheu os ombros com impaciência.

— Quanto há aí? — ele perguntou.

— Vinte francos, Excelência — respondeu o judeu —, e fui um homem honesto durante toda a minha vida.

Chauvelin, sem mais comentários, tirou algumas moedas de ouro do bolso e, mantendo-as na palma da mão, deixou-as tilintar enquanto as estendia ao judeu.

— Quantas moedas de ouro há na palma da minha mão? — ele perguntou baixinho.

Evidentemente, ele não desejava aterrorizar o homem, mas, sim, cativá-lo para seus próprios propósitos, pois seus modos eram agradáveis e suaves. Sem dúvida, ele temia que as ameaças da guilhotina e vários outros métodos persuasivos desse tipo pudessem confundir o cérebro do velho, e que ele teria mais probabilidade de ser útil pela ganância do que pelo terror da morte. Os olhos do judeu lançaram um olhar rápido e penetrante para o ouro na mão do seu interlocutor.

— Pelo menos, cinco, devo dizer, Excelência — respondeu ele obsequiosamente.

— O suficiente, você acha, para soltar essa sua língua honesta?

— O que Vossa Excelência deseja saber?

— Será que seu cavalo e sua carroça podem me levar até onde posso encontrar meu amigo, o estranho alto, que partiu na carroça de Reuben Goldstein?

— Meu cavalo e minha carroça podem levar Vossa Excelência até lá, onde quiser.

— Para um lugar chamado cabana do Padre Blanchard?

— Como o senhor adivinhou? — disse o judeu, surpreso.

— Conhece o lugar?

— Sim, Excelência.

— Qual o caminho para lá?

— A estrada St. Martin, senhor, depois uma trilha a pé de lá até os penhascos.

— Conhece a estrada? — repetiu Chauvelin, grosseiramente.

— Cada pedra e cada folha de grama, senhor — respondeu o judeu calmamente.

Chauvelin, sem dizer mais nada, jogou as cinco moedas de ouro, uma por uma, diante do judeu, que se ajoelhou e, de joelhos, lutou para coletá-las. Uma delas rolou e ele teve dificuldade para pegá-la, pois ficou alojada embaixo da cômoda. Chauvelin esperou calmamente enquanto o velho se mexia no chão para encontrar a moeda de ouro. Quando o judeu se levantou novamente, Chauvelin disse:

— Quando seu cavalo e sua carroça estarão prontos?

— Já estão, senhor.

— Onde?

— A menos de dez metros desta porta. Vossa Excelência gostaria de vê-la?

— Não me importa. Até onde pode me levar nela?

— Até a cabana do Padre Blanchard, senhor, e mais longe do que o cavalo de Reuben levou seu amigo. Tenho certeza de que, a menos de duas léguas daqui, encontraremos o astuto Reuben, sua égua, sua carroça e o estranho alto, todos amontoados no meio da estrada.

— A que distância fica a aldeia mais próxima daqui?

— Na estrada que o inglês tomou, Miquelon é a aldeia mais próxima, a menos de duas léguas daqui.

— Lá, ele poderia conseguir um novo meio de transporte, se quisesse ir mais longe?

— Ele poderia... Caso conseguisse chegar tão longe.

— E você pode?

— Vossa Excelência tem a intenção de fazer isso? — perguntou o judeu simplesmente.

— Sim — disse Chauvelin muito calmamente —, mas lembre-se, se você estiver me enganando, vou mandar dois dos meus soldados mais fortes lhe darem uma surra tão grande que seu fôlego talvez abandone seu corpo feio para sempre. Mas se encontrarmos meu amigo, o inglês alto, na estrada ou na cabana do Padre Blanchard, teremos mais dez moedas de ouro para você. Aceita o acordo?

O judeu esfregou novamente o queixo, pensativo. Olhou para o dinheiro em sua mão, depois para seu severo interlocutor e para Desgas, que permanecera em silêncio atrás dele durante todo esse tempo. Depois de uma pausa, deliberou:

— Aceito.

— Então, vá e espere lá fora — disse Chauvelin —, e lembre-se de cumprir seu acordo, ou, pelos céus, cumprirei o meu.

Com uma reverência final, muito abjeta e submissa, o velho judeu saiu da sala. Chauvelin pareceu satisfeito com a conversa, pois esfregou as mãos, com aquele seu gesto habitual de satisfação maligna.

— Meu casaco e minhas botas — disse ele, finalmente, a Desgas.

Desgas foi até a porta e deu aparentemente as ordens necessárias, visto que logo entrou um soldado carregando o casaco, as botas e o chapéu de Chauvelin. Tirou a batina, por baixo da qual vestia calças justas e um colete de pano, e começou a trocar de roupa.

— Enquanto isso, você, cidadão — disse ele a Desgas —, volte ao capitão Jutley o mais rápido que puder e diga-lhe para deixá-lo levar mais uma dúzia de homens e trazê-los com você ao longo da estrada St. Martin, onde ouse dizer que, em breve, você ultrapassará a carroça dos judeus comigo nela. Haverá trabalho em breve, se não me engano, na cabana do Padre Blanchard. Garanto que encurralaremos nosso jogo aí, pois esse atrevido Pimpinela Escarlata teve a audácia - ou a estupidez, não sei dizer - de seguir seus planos originais. Foi ao encontro de Tournay, St. Just e de outros traidores, o que, por um momento, pensei que ele talvez não fizesse. Quando os encontrarmos, haverá um bando de homens desesperados à distância. Alguns de nossos homens serão, presumo, colocados hors de combat.<sup>[151]</sup> Esses monarquistas são bons espadachins, e o inglês é diabolicamente astuto e parece muito poderoso. Ainda assim, seremos, pelo menos, cinco contra um. Você pode seguir a carroça de perto com seus homens, ao longo de toda a estrada de São Martinho, passando por Miquelon. O inglês está à nossa frente e provavelmente não olhará para trás.

Enquanto dava essas ordens curtas e concisas, acabou de trocar de roupa. O traje de padre havia sido posto de lado e ele estava, mais uma vez, vestido com suas habituais roupas escuras e justas. Por fim, ele pegou o chapéu.

— Terei um prisioneiro interessante para entregar em suas mãos — disse ele com uma risada, enquanto, com uma familiaridade incomum, pegou o braço de Desgas e o conduziu em direção à porta. — Não vamos matá-lo imediatamente, não é, amigo Desgas? A cabana do Padre Blanchard é - se não me engano - um local solitário na praia e nossos homens desfrutarão de um esporte violento lá com a raposa ferida. Escolha bem seus homens, amigo Desgas... Do tipo que gostaria desse estilo de esporte, hein? Precisamos fazer com que Pimpinela Escarlata murche um pouco... Que ele encolha e trema, hein? Antes de finalmente... — fez um gesto expressivo, conforme ria, uma risada baixa e maligna, que encheu a alma de Marguerite com um horror doentio. — Escolha bem seus homens, cidadão Desgas — disse ele mais uma vez, finalmente conduzindo seu secretário para fora da sala.

## CAPÍTULO XXVII

### NA PISTA

Nem por um momento, Marguerite Blakeney hesitou. Os últimos sons fora da Chat Gris desapareceram na noite. Ela ouvira Desgas dar ordens aos seus homens e depois partir em direção ao forte para conseguir o reforço de mais uma dúzia de homens: seis não foram considerados suficientes para capturar o astuto inglês, cujo cérebro engenhoso era ainda mais perigoso do que o seu valor e a sua força.

Então, alguns minutos depois, ela ouviu novamente a voz rouca do judeu, evidentemente gritando para seu cavalo, depois o barulho de rodas e de uma carroça frágil sacolejando na estrada acidentada.

Dentro da pousada, tudo estava quieto. Brogard e sua esposa, aterrorizados por Chauvelin, não deram nenhum sinal de vida; esperavam ser esquecidos e permanecerem despercebidos, fosse como fosse: Marguerite não conseguia nem ouvir suas habituais rajadas de murmurados xingamentos.

Ela esperou mais um ou dois momentos, em seguida, desceu silenciosamente as escadas quebradas, envolveu-se firmemente em seu manto escuro e saiu da estalagem.

A noite estava bastante escura, pelo menos, o suficiente para ocultar de vista sua figura escura,

enquanto seus ouvidos aguçados atentavam para o som da carroça que avançava. Ela esperava, mantendo-se bem à sombra das valas que margeavam a estrada, não ser vista pelos homens de Desgas quando eles se aproximassem, ou pelas patrulhas, que ela pensava ainda estarem de serviço.

Assim, ela começou a fazer esta última etapa de sua cansativa jornada, sozinha, à noite e a pé. Eram quase 15 quilômetros até Miquelon, e depois até a cabana do Padre Blanchard, onde quer que fosse aquele fatídico local, provavelmente por estradas acidentadas, mas ela não se importava.

A égua do judeu não conseguia avançar muito rápido e, embora estivesse cansada de fadiga mental e tensão nervosa, sabia que conseguiria acompanhá-la facilmente, em uma estrada montanhosa, onde a pobre, que certamente estava meio faminta, teria que ter direito a descansos longos e frequentes. A estrada ficava a alguma distância do mar, ladeada de ambos os lados por arbustos e árvores raquíticas, escassamente cobertas de pouca folhagem, todas voltadas para o norte, com os seus ramos a parecerem na semiescuridão, como cabelos rígidos e fantasmagóricos, soprados pelo vento perpétuo.

Felizmente, a lua não demonstrou nenhum desejo de espiar entre as nuvens, e Marguerite, abraçada à beira da estrada e mantendo-se perto da linha baixa de arbustos, estava bastante protegida da vista. Tudo ao seu

redor estava tão quieto: apenas de longe, muito longe, vinha, como um gemido longo e suave, o som do mar.

O ar estava fresco e cheio de salmoura; depois daquele período forçado de inatividade, dentro da malcheirosa e esquálida pousada, Marguerite poderia desfrutar do doce perfume daquela noite outonal e do distante e melancólico estrondo das ondas; ela teria se deleitado com a calma e a quietude daquele local solitário, uma calma interrompida apenas em intervalos pelo grito estridente e triste de alguma gaivota distante e pelo ranger das rodas, em algum lugar mais adiante na estrada. Ela teria adorado a atmosfera fresca, a imensidão pacífica da natureza, nesta parte solitária da costa, mas o seu coração estava demasiado cheio de pressentimentos cruéis, de uma grande dor e de saudade de um ser que se tornara infinitamente querido para ela.

Seus pés escorregaram na margem gramada, pois ela achou seguro não andar perto do centro da estrada, e achou difícil manter um ritmo acelerado ao longo da encosta lamacenta. Até achou melhor não ficar muito perto da carroça; tudo estava tão quieto que o barulho das rodas não podia deixar de ser um guia seguro.

A solidão era absoluta. As poucas e fracas luzes de Calais já estavam muito atrás, e nesta estrada não havia sinal de habitação humana, nem mesmo a cabana de um pescador ou de um lenhador por perto; ao longe, à sua direita, ficava o penhasco, abaixo dele, a praia agitada, contra a qual a maré batia com seu murmúrio constante

e distante. E, à frente, o estrondo das rodas, servindo de um inimigo implacável ao seu triunfo.

Marguerite se perguntou em que lugar específico, naquela costa solitária, Percy poderia estar naquele momento. Não muito longe, certamente, pois ele tinha menos de um quarto de hora de vantagem sobre Chauvelin. Ela se perguntou também se ele sabia que, naquele pedaço fresco e com cheiro de oceano da França, havia muitos espiões, todos ansiosos para avistar sua figura alta, para caçá-lo até onde seus amigos desavisados esperavam por ele, e então, para fechar a rede sobre ele e eles.

Chauvelin, à frente, sacudido e empurrado no veículo do judeu, nutria pensamentos confortáveis. Esfregava as mãos, satisfeito, ao pensar na teia que havia tecido e através da qual aquele inglês onipresente e ousado não tinha esperança de escapar. À medida que o tempo passava e o velho judeu a conduzia calmamente, mas com segurança, pela estrada escura, sentia-se cada vez mais ansioso pelo grand finale<sup>[152]</sup> daquela emocionante perseguição ao misterioso Pimpinela Escarlate.

A captura do audacioso conspirador seria a melhor folha da coroa de glórias do cidadão Chauvelin. Apanhado, em flagrante, no local, no próprio ato de ajudar e ser cúmplice dos traidores da República da França, o inglês não poderia reivindicar qualquer proteção de seu próprio país. De qualquer jeito,

Chauvelin estava plenamente convencido de que qualquer intervenção chegaria tarde demais.

Nem por um momento o menor remorso entrou em seu coração pela terrível posição em que colocara a infeliz esposa, que inconscientemente traía o marido. Na verdade, Chauvelin sequer pensava nela, que havia sido uma ferramenta útil, só isso.

O cavalo magro do judeu fez pouco mais do que andar. Andava em um trote lento e seu motorista teve que fazer paradas longas e frequentes.

— Ainda estamos muito longe de Miquelon? — perguntava Chauvelin de vez em quando.

— Não muito, Excelência — era a resposta uniforme e plácida.

— Ainda não encontramos o seu amigo e o meu, caídos na estrada — dizia Chauvelin, sarcástico.

— Paciência, nobre Excelência — respondeu o filho de Moisés<sup>[153]</sup> —, eles estão à nossa frente. Posso ver a marca das rodas da carroça conduzida por aquele traidor, aquele filho dos amalequitas<sup>[154]</sup>.

— Você tem certeza da estrada?

— Tão certo quanto da presença daquelas dez moedas de ouro nos bolsos da nobre Excelência, que acredito serem minhas em breve.

— Assim que eu apertar a mão do meu amigo, o estranho alto, elas certamente serão suas.

— Escute, o que foi isso? — disse o judeu de repente.

Através da quietude, que antes era absoluta, podia-se agora ouvir distintamente o som dos cascos dos cavalos na estrada lamacenta.

— São soldados — acrescentou ele em um sussurro admirado.

— Pare um momento, quero ouvir — disse Chauvelin.

Marguerite também ouvira o som de cascos galopando, vindo em direção à carroça e em sua direção também. Há algum tempo, ela estava alerta, pensando que Desgas e seu esquadrão logo os alcançariam, mas estes vieram da direção oposta, provavelmente de Miquelon. A escuridão emprestava cobertura suficiente. Ela percebeu que a carroça havia parado e, com extrema cautela, caminhando silenciosamente pela estrada macia, aproximou-se um pouco mais.

Seu coração batia rápido, ela tremia em todos os membros; já havia adivinhado quais notícias esses homens montados trariam. “Todo estranho nestas estradas ou na praia deve ser perseguido, especialmente se for alto ou se estiver curvado como se quisesse disfarçar sua altura; quando avistado, um mensageiro montado deve imediatamente voltar e relatar”. Essas haviam sido as ordens de Chauvelin. Será que então o alto estranho fora avistado e seria este o mensageiro, que viera trazer a grande notícia de que a lebre caçada finalmente enfiara a cabeça no laço?

Marguerite, percebendo que a carroça havia parado, conseguiu aproximar-se dela na escuridão, esperando

ouvir o que o mensageiro tinha a dizer.

Ela ouviu as rápidas palavras: “Liberté, Fraternité, Egalité!”, depois a consulta rápida de Chauvelin:

— Quais são as novidades?

Dois homens a cavalo pararam ao lado do veículo. Marguerite podia vê-los recortados contra o céu da meia-noite. Podia ouvir suas vozes e o bufar de seus cavalos, e agora, atrás dela, a alguma distância, o passo regular e medido de um grupo de homens avançando: Desgas e seus soldados.

Houve uma longa pausa, durante a qual, sem dúvida, Chauvelin satisfez os homens quanto à sua identidade, pois, naquele momento, perguntas e respostas se sucediam em rápida sucessão.

— Você viu o estranho? — perguntou Chauvelin, ansiosamente.

— Não, cidadão, não vimos nenhum estranho alto; chegamos à beira do penhasco.

— E então?

— A menos de um quilômetro e meio depois de Miquelon, deparámo-nos com uma tosca construção de madeira, que parecia a cabana de um pescador, onde podiam estar guardadas suas ferramentas e suas redes. Quando a avistamos pela primeira vez, parecia estar vazia, e, a princípio, pensamos que não havia nada de suspeito nisso, até que vimos alguma fumaça saindo por uma abertura lateral. Desmontei e me aproximei dela. Estava vazia naquela hora, mas em um canto da cabana

havia um fogo de carvão e alguns bancos também estavam na cabana. Consultei meus camaradas e decidimos que eles deveriam se proteger com os cavalos, bem fora de vista, e que eu deveria permanecer vigilante, o que fiz.

— Certo! E você viu alguma coisa?

— Cerca de meia hora depois, ouvi vozes, cidadão, e logo dois homens chegaram à beira do penhasco; pareciam-me ter vindo da estrada de Lille. Um era jovem, o outro, bastante velho. Conversavam em sussurros, um com o outro, e eu não consegui ouvir o que diziam.

Um era jovem, o outro, bastante velho. O coração dolorido de Marguerite quase parou de bater enquanto ela ouvia: seria o jovem Armand? Seu irmão? E o velho, Tournay? Seriam eles os dois fugitivos que, inconscientemente, foram usados como chamariz para prender o nobre e corajoso libertador?

— Os dois homens entraram na cabana — continuou o soldado, enquanto os nervos doloridos de Marguerite pareciam captar o som da risada triunfante de Chauvelin — e então me aproximei dela. A cabana é de construção muito tosca, e ouvi trechos da conversa deles.

— Sim? Rápido! O que você ouviu?

— O velho perguntou ao jovem se ele tinha certeza de que aquele era o lugar certo. “Oh, sim”, respondeu ele, “este é o lugar com certeza”, e, à luz do fogo de carvão, ele mostrou ao seu companheiro um papel, que ele carregava. “Aqui está o plano”, disse ele, “que ele me

deu antes de eu deixar Londres. Devíamos aderir estritamente a esse plano, a menos que eu tivesse ordens contrárias, e não tenho nenhuma. Aqui está o caminho que seguimos, veja... Aqui, cortamos a Estrada de São Martinho... E aqui está a trilha que nos levou à beira do penhasco”. Devo ter feito um leve barulho, pois o jovem chegou à porta da cabana e olhou ansiosamente ao seu redor. Quando ele se juntou novamente ao seu companheiro, sussurraram tão baixo que eu não conseguia mais os ouvir.

— Bem, e? — perguntou Chauvelin, impacientemente.

— Éramos seis ao todo, patrulhando aquela parte da praia, então nos consultamos e achamos melhor que quatro permanecessem para trás e mantivessem a cabana à vista, e eu e meu camarada voltaríamos imediatamente para relatar o que tínhamos visto.

— Você não viu nada do estranho alto?

— Nada, cidadão.

— Se seus camaradas o vissem, o que fariam?

— Não o perderiam de vista nem por um momento, e se ele desse sinais de fuga, ou algum barco aparecesse, eles o cercariam e, se necessário, atirariam: o tiroteio traria o resto da patrulha para o local. De qualquer forma, eles não deixariam o estranho ir.

— Sim! Mas eu não queria que o estranho se machucasse, não agora — murmurou Chauvelin, selvagememente —, mas, pronto, você fez o seu melhor.

Que o destino conceda que eu não chegue tarde demais...

— Encontramos meia dúzia de homens que estão patrulhando esta estrada há várias horas.

— E?

— Eles também não viram nenhum estranho.

— No entanto, ele está na frente, em algum lugar, em uma carroça ou algo assim... Vamos! Não há um momento a perder. A que distância daqui fica essa cabana?

— Cerca de alguns quilômetros, cidadão.

— Você consegue encontrá-la de novo? Imediatamente? Sem hesitação?

— Não tenho absolutamente nenhuma dúvida, cidadão.

— E a trilha até a beira do penhasco? Mesmo no escuro?

— Não é uma noite escura, cidadão, e sei que posso encontrar o caminho — repetiu o soldado com firmeza.

— Fique para trás, então. Deixe seu camarada levar seus cavalos de volta para Calais. Você não vai querê-los. Mantenha-se ao lado da carroça e oriente o judeu a seguir em frente; então, detenha-o a um quilômetro e meio da trilha; faça com que ele siga pelo caminho mais direto.

Enquanto Chauvelin falava, Desgas e seus homens se aproximavam rapidamente, e Marguerite podia ouvir seus passos a 100 metros atrás dela. Achou inseguro

ficar onde estava, e agora desnecessário, pois já tinha ouvido o suficiente. Parecia, de repente, ter perdido todas as habilidades, até mesmo para o sofrimento: seu coração, seus nervos e seu cérebro pareciam ter ficado dormentes depois de todas essas horas de angústia incessante, culminando nesse terrível desespero.

Por enquanto, não havia absolutamente a menor esperança. A dez quilômetros deste local, os fugitivos esperavam pelo seu corajoso libertador. Ele estava a caminho, em algum lugar daquela estrada solitária, e logo se juntaria a eles; então, a perfeita armadilha se fecharia; duas dúzias de homens, liderados por alguém cujo ódio era tão mortal quanto sua astúcia era maliciosa, cercariam o pequeno bando de fugitivos e seu ousado líder. Todos seriam capturados. Armand, de acordo com a palavra prometida de Chauvelin, seria devolvido a ela, mas seu marido, Percy, a quem a cada respiração ela parecia amar e adorar cada vez mais, cairia nas mãos de um inimigo implacável, que não tinha pena de um coração valente, nenhuma admiração pela coragem de uma alma nobre, que não demonstraria nada além de ódio pelo astuto antagonista, que o enganara por tanto tempo.

Ela ouviu o soldado dar algumas breves instruções ao judeu, depois afastou-se rapidamente para a beira da estrada e escondeu-se atrás de alguns arbustos baixos, enquanto Desgas e seus homens subiam.

Todos seguiram silenciosamente atrás da carroça e lentamente começaram a descer a estrada escura. Marguerite esperou até perceber que eles estavam bem fora do alcance da voz, então, ela também, na escuridão, que, do nada, parecia ter se tornado mais intensa, arrastou-se, calada.

## CAPÍTULO XXVIII

### A CABANA DO PADRE BLANCHARD

Como em um sonho, Marguerite seguiu em frente; a cada momento, a teia se apertava cada vez mais em torno daquela vida que ela amava, que se tornara mais cara do que tudo. Ver o marido mais uma vez, contar-lhe o quanto ela havia sofrido, o quanto havia errado e o quão pouco o entendia, tornara-se agora seu único objetivo. Havia abandonado toda a esperança de salvá-lo: via-o cercado por todos os lados e, em desespero, olhava ao seu redor para a escuridão e se perguntava quando ele cairia na armadilha mortal que seu inimigo implacável havia preparado para ele.

O rugido distante das ondas a fez estremecer; o ocasional grito sombrio de uma coruja ou gaivota a enchia de um horror indescritível. Pensou nas feras vorazes – em forma humana – que esperavam por suas presas e as destruíam, tão impiedosamente quanto qualquer lobo faminto, para a satisfação do apetite de seu ódio. Marguerite não tinha medo da escuridão, temia apenas aquele homem, à frente, sentado em uma tosca carroça de madeira, nutrindo pensamentos de vingança, que teriam feito demônios rirem de alegria.

Seus pés estavam doloridos. Seus joelhos tremiam de pura fadiga corporal. Já fazia dias que ela vivia em um turbilhão de excitação; não descansava tranquilamente

há três noites e, agora, caminhara por uma estrada escorregadia por quase duas horas e, ainda assim, sua determinação não mudara nem por um momento. Ela veria o marido, contar-lhe-ia tudo e, se ele estivesse disposto a perdoar o crime que ela cometera em sua cega ignorância, ainda teria a felicidade de morrer ao seu lado.

Deve ter caminhado quase em transe, apenas o instinto mantendo-a em pé e guiando-a na esteira do inimigo, quando, de repente, seus ouvidos, atentos ao menor som, por esse mesmo instinto cego, lhe disseram que a carroça havia parado e os soldados também. Haviam chegado ao seu destino. Sem dúvida, à direita, em algum lugar à frente, ficava a trilha que levava à beira do penhasco e à cabana.

Indiferente a quaisquer riscos, aproximou-se bastante de onde Chauvelin estava, rodeado por sua pequena tropa. Ele havia descido da carroça e dava algumas ordens aos homens. Isso ela queria ouvir: as poucas chances que ainda tinha de ser útil para Percy consistiam em ouvir absolutamente cada palavra dos planos de seu inimigo.

O local onde todo o grupo havia parado devia ficar a uns 800 metros da costa; o som do mar surgia apenas muito fraco, como se viesse de longe. Chauvelin e Desgas, seguidos pelos soldados, viraram bruscamente à direita na estrada, aparentemente para o caminho que

conduzia às falésias. O judeu permaneceu na estrada, com sua carroça e seu cavalo.

Marguerite, com infinita cautela, e literalmente rastejando sobre as mãos e os joelhos, também havia virado para a direita: para conseguir isso, teve de rastejar por entre os arbustos baixos e ásperos, tentando fazer o mínimo de barulho possível enquanto avançava, rasgando o rosto e as mãos contra os galhos secos, com a intenção apenas de ouvir sem ser vista ou ouvida. Felizmente – como é habitual nesta parte da França –, o caminho era ladeado por uma sebe baixa e áspera, além da qual havia um fosso seco, cheio de erva também áspera, onde Marguerite conseguiu encontrar abrigo. Estava bastante escondida da vista e conseguiu chegar a três metros de onde Chauvelin estava, dando ordens aos seus homens.

— Bem, e agora? — ele falava em um sussurro baixo e peremptório. — Onde fica a Cabana do Padre Blanchard?

— A cerca de 800 metros daqui, ao longo do caminho — disse o soldado que liderava o grupo — e a meio caminho da falésia.

— Muito bom. Você deve nos comandar. Antes de começarmos a descer o penhasco, deve rastejar até a cabana, tão silenciosamente quanto possível, e certificar-se de que os monarquistas traidores estarão lá, entendeu?

— Entendi, cidadão.

— Agora, ouçam com muita atenção, todos vocês — continuou Chauvelin, de forma impressionante, e dirigindo-se aos soldados coletivamente —, pois, depois disso, talvez não possamos trocar mais uma palavra, então, lembrem-se de cada sílaba que eu proferir, como se suas próprias vidas dependessem de suas memórias. Talvez dependam mesmo — acrescentou ele secamente.

— Estamos ouvindo, cidadão — disse Desgas —, um soldado da República nunca esquece uma ordem.

— Você, que se arrastará até a cabana, tente espiar lá dentro. Se um inglês estiver lá com esses traidores, um homem com uma altura acima da média, ou que se curva como se quisesse disfarçar sua altura, dê um assobio agudo e rápido como sinal aos seus camaradas. Todos vocês — acrescentou ele, mais uma vez falando coletivamente aos soldados — rapidamente cercarão e correrão para dentro da cabana e dominarão cada um dos 16 homens que estarão lá, antes que tenham tempo de sacar suas armas de fogo. Se algum deles lutar, atire em suas pernas ou braços, mas em hipótese alguma, mate o homem alto. Estão entendendo?

— Sim, cidadão.

— O homem que tem uma altura acima da média provavelmente também tem uma força acima da média; serão necessários, pelo menos, quatro ou cinco de vocês para dominá-lo.

Houve uma pequena pausa e, então, Chauvelin continuou:

— Se os traidores monarquistas ainda estiverem sozinhos, o que é mais do que provável, então, avise seus camaradas que estão à espreita lá, e todos vocês rastejarão e se esconderão atrás das rochas e pedras ao redor da cabana, e esperarão lá, em silêncio mortal, até a chegada do inglês alto; só corra para a cabana quando ele estiver em segurança dentro de suas portas. Lembrem-se de que vocês devem ser tão silenciosos quanto lobos à noite. Não desejo que esses monarquistas estejam em alerta - o disparo de uma pistola, um grito ou um chamado da parte deles seria suficiente, talvez, para alertar o personagem alto para se manter afastado dos penhascos e da cabana, e — ele acrescentou enfaticamente — é o inglês alto que vocês devem capturar esta noite.

— O senhor será obedecido cegamente, cidadão.

— Então, prossiga o mais silenciosamente possível e eu irei segui-lo.

— E o judeu, cidadão? — perguntou Desgas, enquanto, tão silenciosamente como sombras, um por um, os soldados começaram a rastejar ao longo da trilha estreita e acidentada.

— Ah, sim. Eu esqueci-me do judeu — disse Chauvelin, e, voltando-se para o judeu, chamou-o incisivamente. — Ei, você... Aarão, Moisés, Abraão, ou qualquer que seja o seu maldito nome — disse ele ao velho, que ficara quieto ao lado de seu cavalo magro, o mais longe possível dos soldados.

— Benjamin Rosenbaum, por favor, Excelência — respondeu ele humildemente.

— Não me agrada ouvir sua voz, mas me agrada dar-lhe certas ordens que achará sensato obedecer.

— Sim, se o agrada, Excelência...

— Segure sua língua confusa. Você deve ficar aqui, ouviu? Com sua égua e carroça até nosso retorno. Não deve, de forma alguma, emitir o som mais fraco, ou mesmo respirar mais alto do que pode evitar; nem você, sob qualquer consideração, deve deixar seu posto, até que eu lhe dê ordens para fazê-lo. Você entende?

— Mas, Meritíssimo... — protestou o judeu, lamentavelmente.

— Não se trata de “mas” ou de qualquer argumento — disse Chauvelin, em um tom que fez o tímido velho tremer da cabeça aos pés. — Se, quando eu voltar, não o encontrar aqui, garanto-lhe solenemente que, onde quer que tente se esconder, poderei encontrá-lo, e que o castigo rápido, seguro e terrível, mais cedo ou mais tarde, irá alcançá-lo. Está me ouvindo?

— Mas, Vossa Excelência...

— Eu disse: “você está me ouvindo?”.

Todos os soldados haviam se afastado; os três homens ficaram sozinhos na estrada escura e solitária, com Marguerite ali, atrás da cerca-viva, ouvindo as ordens de Chauvelin, como faria com sua própria sentença de morte.

— Eu ouvi Vossa Excelência — garantiu o judeu novamente, enquanto tentava se aproximar de Chauvelin —, juro por Abraão, Isaac e Jacó que obedecerei absolutamente a Vossa Excelência e que não sairei deste lugar até que o senhor mais uma vez digne-se a iluminar o seu semblante sobre o seu humilde servo; mas lembre-se, Excelência, de que sou um pobre velho; meus nervos não são tão fortes quanto os de um jovem soldado. Se saqueadores da meia-noite rondarem esta estrada solitária, eu poderei gritar ou correr de medo! E minha vida será perdida, algum castigo terrível cairá sobre minha pobre e velha cabeça por algo que não posso evitar?

O judeu parecia realmente angustiado; tremia da cabeça aos pés. Claramente, não era o homem que ficaria sozinho naquela estrada solitária. Falava a verdade; ele poderia involuntariamente, por puro terror, emitir um grito que serviria de aviso ao astuto Pimpinela Escarlata. Chauvelin refletiu por um momento.

— Acha que seu cavalo e sua carroça estarão seguros sozinhos aqui? — ele perguntou asperamente.

— Imagino, cidadão — aqui interpôs Desgas — que eles estarão mais seguros sem aquele judeu sujo e covarde do que com ele. Parece não haver dúvida de que, se ele ficar com medo, dará um pulo ou gritará até morrer.

— Mas o que devo fazer com o cavalo? Vai mandá-lo de volta para Calais, cidadão?

— Não, pois queremos que ele traga os feridos imediatamente — disse Chauvelin, com um significado sombrio.

Houve novamente uma pausa, com Desgas, esperando a decisão de seu chefe e o velho judeu choramingando ao lado de seu cavalo.

— Bem, seu velho covarde, preguiçoso e desajeitado — disse Chauvelin finalmente —, é melhor você nos seguir. Aqui, cidadão Desgas, amarre bem este lenço em volta da boca do sujeito.

Chauvelin entregou um lenço a Desgas, que solenemente começou a enrolá-lo na boca do judeu. Docilmente, Benjamin Rosenbaum permitiu ser amordaçado; ele, obviamente, preferia esse estado desconfortável ao de ser deixado sozinho, na escura St. Martin Road. Então, os três homens entraram na fila.

— Rápido! — disse Chauvelin, impacientemente. — Já perdemos muito tempo valioso.

E os passos firmes de Chauvelin e Desgas, o andar arrastado do velho judeu, logo desapareceram ao longo da trilha.

Marguerite não perdeu nenhuma das palavras de comando de Chauvelin. Todos os seus nervos estavam tensos para primeiro compreender completamente a situação, depois para fazer um apelo final àquela inteligência que tantas vezes tinha sido chamada de a mais perspicaz da Europa e a única que poderia ser útil agora.

Certamente, a situação era bastante desesperadora; um pequeno grupo de homens desavisados, aguardando silenciosamente a chegada de seu salvador, que estava igualmente inconsciente da armadilha preparada para todos eles. Parecia tão horrível aquela rede, desenhada em círculo, na calada da noite, em uma praia deserta, em torno de alguns homens indefesos, indefesos porque foram enganados e desavisados; destes, um era o marido que ela idolatrava, outro, o irmão que ela amava. Perguntou-se vagamente quem eram os outros que também esperavam calmamente pelo Pimpinela Escarlate, enquanto a morte espreitava atrás de cada pedra dos penhascos.

No momento, não podia fazer nada além de seguir os soldados e Chauvelin. Temia se perder, ou teria corrido e encontrado aquela cabana de madeira, e talvez ainda tivesse chegado a tempo de avisar os fugitivos e seu corajoso libertador.

Por um segundo, passou pela sua mente o pensamento de emitir os gritos agudos, que Chauvelin parecia temer, como um possível aviso ao Pimpinela Escarlate e seus amigos - na esperança selvagem de que eles ouviriam e ainda teriam tempo de escapar antes que fosse tarde demais. Ela, no entanto, não sabia a que distância estava da beira do penhasco; não sabia se seus gritos chegariam aos ouvidos dos homens condenados. Seu esforço poderia ser prematuro e ela nunca teria permissão para fazer outro. Sua boca estaria bem

amordaçada, como a do judeu, e ela, uma prisioneira indefesa nas mãos dos homens de Chauvelin.

Como um fantasma, ela esvoaçou silenciosamente por trás daquela cerca-viva: havia tirado os sapatos e as meias já estavam arrancadas de seus pés. Não sentia dor nem cansaço. A vontade indomável de alcançar seu marido, apesar da oposição do destino e de um astuto inimigo, matou toda sensação de dor corporal dentro dela e tornou seus instintos duplamente aguçados.

Ela não ouviu nada, exceto os passos suaves e medidos dos inimigos de Percy na frente; ela não viu nada além - em sua mente - daquela cabana de madeira, e ele, seu marido, caminhando cegamente para sua perdição.

De repente, esses mesmos instintos aguçados dentro dela a fizeram parar em sua pressa louca e se encolher ainda mais na sombra da cerca-viva. A lua, que se mostrara amiga dela por permanecer escondida atrás de um banco de nuvens, emergia agora com toda a glória de uma noite de início de outono e, em um instante, inundou a paisagem estranha e solitária com uma onda de luz brilhante.

Ali, a menos de 200 metros à frente, ficava a beirada do penhasco, e abaixo, estendendo-se até a Inglaterra livre e feliz, o mar rolava suave e pacificamente. O olhar de Marguerite permaneceu por um instante nas águas prateadas e brilhantes; e enquanto olhava, seu coração, que estivera entorpecido de dor durante todas essas

horas, pareceu amolecer e distender, e seus olhos se encheram de lágrimas quentes: a menos de três milhas de distância, com velas brancas hasteadas, uma graciosa escuna estava à espreita.

Marguerite a havia imaginado, em vez de reconhecê-la. Era o Day Dream, o iate preferido de Percy, com o velho Briggs, o príncipe dos capitães, a bordo, e toda a sua tripulação de marinheiros britânicos: suas velas brancas, brilhando ao luar, pareciam transmitir a Marguerite uma mensagem de alegria e esperança, o que ela ainda temia que não pudesse mais acontecer. Esperava ali, no mar, por seu mestre, como um lindo pássaro branco pronto para levantar voo, e ele nunca mais a alcançaria, nunca mais veria seu convés liso, nunca mais olharia para os penhascos brancos da Inglaterra, a terra da liberdade e da esperança.

A visão da escuna parecia infundir na pobre e esgotada mulher a força sobre-humana do desespero. Ali estava à beira do penhasco, e um pouco mais abaixo ficava a cabana, onde, naquele momento, seu marido encontraria a morte. Mas a lua estava no céu. Ela podia ver o caminho agora! Veria a cabana à distância, correria até ela, acordaria todos, avisá-los-ia de algum jeito para estarem preparados e negociarem direito suas vidas, em vez de serem pegos como ratos em um buraco.

Ela tropeçou atrás da cerca-viva, na grama baixa e espessa da vala. Ela devia ter corrido muito rápido e se distanciado de Chauvelin e Desgas, pois logo chegou à

beira do penhasco e ouviu claramente passos atrás dela. Mas apenas a poucos metros de distância, e agora que o luar estava pleno sobre ela, sua figura devia ter sido distintamente recortada contra o fundo prateado do mar.

Só por um momento, porém; no momento seguinte, ela se encolheu, como um animal dobrado dentro de si. Espiou os grandes penhascos escarpados - a descida seria bastante fácil, já que não eram íngremes, e as grandes rochas proporcionavam bastante apoio para os pés. De repente, enquanto olhava, viu a alguma distância à sua esquerda, e a meio caminho dos penhascos, uma construção rústica de madeira, através das paredes da qual uma pequena luz vermelha brilhava como um farol. Seu próprio coração parecia parado, a ânsia de alegria era tão grande que se assemelhava a uma dor terrível.

Ela não conseguia avaliar a distância da cabana, mas, sem hesitar, começou a descida, rastejando de pedra em pedra, sem se importar com o inimigo que estava atrás, ou com os soldados, que obviamente já haviam se protegido, já que o alto inglês ainda não aparecera.

Continuou, esquecendo-se do inimigo mortal em seu caminho, correndo, tropeçando, com os pés doloridos, meio atordoada, mas sem parar... Quando, de repente, uma fenda, ou pedra, ou pedaço escorregadio de pedra, a jogou violentamente no chão. Lutou para ficar de pé novamente e começou a correr mais uma vez para dar-lhes aquele aviso oportuno, para implorar-lhes que fugissem antes que ele chegasse e para dizer-lhe para se

manter longe - longe desta armadilha mortal e daquela terrível condenação. Mas ela agora percebia que outros passos, mais rápidos do que os seus, já estavam logo atrás dela. No momento seguinte, uma mão puxou sua saia e ela caiu de joelhos novamente, enquanto algo era enrolado em sua boca para impedi-la de soltar um grito.

Perplexa, meio frenética com a amargura da decepção, ela olhou ao seu redor, impotente, e, curvando-se bem perto dela, viu através da névoa, que parecia reunir-se ao seu redor, um par de olhos penetrantes e maliciosos, que pareciam, para seu excitado cérebro, possuírem uma luz verde estranha e sobrenatural.

Ela estava deitada à sombra de uma grande rocha; Chauvelin não conseguiu ver suas feições, mas passou os dedos finos e brancos pelo rosto dela.

— Uma mulher! — ele sussurrou. — Por todos os santos do calendário!

— Não podemos deixá-la solta, isso é certo — ele murmurou para si mesmo. — Eu me pergunto agora...

De repente, fez uma pausa e, depois de alguns segundos de silêncio mortal, soltou uma risada longa, baixa e curiosa, enquanto, mais uma vez, Marguerite sentia, com um arrepio horrível, os dedos finos dele vagando por seu rosto.

— Ora, ora, ora! — ele sussurrou, com galanteria afetada. — Esta é realmente uma surpresa encantadora

— e Marguerite sentiu sua mão irresistível erguida para os lábios finos e zombeteiros de Chauvelin.

A situação era, de fato, grotesca, se não fosse, ao mesmo tempo, tão terrivelmente trágica: a pobre mulher, cansada, de espírito quebrantado e meio frenética com a amargura da sua desilusão, recebendo de joelhos as galanterias banais do seu inimigo mortal.

Seus sentidos a estavam abandonando; meio sufocada pelo aperto forte em volta da boca, não tinha forças para se mover ou emitir o mais leve som. A excitação que sempre mantivera seu corpo delicado pareceu ter diminuído imediatamente e a sensação de desespero total paralisou completamente seu cérebro e seus nervos.

Chauvelin deve ter dado algumas instruções, que ela estava atordoada demais para ouvir, pois se sentiu ser levantada. A bandagem em volta de sua boca ficou mais segura e um par de braços fortes carregou-a em direção àquela pequena luz vermelha, à frente, que ela considerava um farol e o último lampejo de esperança.

## CAPÍTULO XXIX

### ENCURRALADA

Ela não sabia por quanto tempo havia sido levada, perdera toda a noção de tempo e espaço, e, por alguns segundos, a natureza cansada, misericordiosamente, privou-a da consciência.

Quando mais uma vez percebeu seu estado, sentiu que estava colocada com certo conforto sobre um casaco de homem, com as costas apoiadas em um fragmento de rocha. A lua estava novamente escondida atrás de algumas nuvens e a escuridão parecia, em comparação, mais intensa. O mar rugia cerca de 60 metros abaixo dela e, ao olhar ao redor, não conseguia mais ver nenhum vestígio do minúsculo brilho da luz vermelha. Concluiu, pelo fato de ter ouvido perguntas rápidas e respostas sussurradas bem perto dela, que o fim da jornada havia sido alcançado.

— Tem quatro homens aí dentro, cidadão; estão sentados perto do fogo e parecem esperar em silêncio.

— A hora?

— Quase duas horas.

— A maré?

— Vindo rapidamente.

— A escuna?

— Obviamente inglesa, situada a cerca de três quilômetros de distância. Mas não podemos ver o barco

dela.

— Os homens se esconderam?

— Sim, cidadão.

— Não vão errar?

— Não se mexerão até que o inglês alto chegue, então, cercarão e dominarão os cinco homens.

— Certo. E a senhora?

— Ainda atordoada, imagino. Está perto do senhor, cidadão.

— E o judeu?

— Amordaçado e com as pernas amarradas. Não pode se mover ou gritar.

— Bom. Então, prepare sua arma, caso queira. Aproxime-se da cabana e deixe-me cuidar da senhora.

Desgas evidentemente obedeceu, pois Marguerite o ouviu rastejando ao longo do penhasco pedregoso, então ela sentiu que um par de mãos quentes, finas e semelhantes a garras, segurou as suas com força de aço. Chauvelin sussurrou perto de seu ouvido:

— Antes que esse lenço seja removido de sua linda boca, senhora, acho certo dar-lhe uma pequena palavra de advertência. O que me proporcionou a honra de ser seguido através do Canal por uma companheira tão encantadora, não posso, é claro, conceber, mas, se não me engano, o propósito desta atenção lisonjeira não é aquele que se recomendaria à minha vaidade, e acho que estou certo em supor que o primeiro som que seus lindos lábios emitiriam, assim que essa cruel mordaca

fosse removida, seria talvez um aviso para a raposa astuta, que eu rastreei, com tanto esforço, em seu covil.

Ele parou por um momento, apertando seu pulso com mais força. Depois, continuou no mesmo sussurro apressado:

— Dentro daquela cabana, se não me engano, espera seu irmão, Armand St. Just, com aquele traidor de Tournay e dois outros homens desconhecidos para você, pela chegada do misterioso salvador, cuja identidade há tanto tempo intriga nosso Comitê de Salvação Pública - o audacioso Pimpinela Escarlate. Sem dúvida, se você gritar, se houver uma briga aqui, se tiros forem disparados, é mais do que provável que as mesmas longas pernas que trouxeram esse enigma escarlate até aqui o levem com a mesma rapidez para algum lugar seguro. O propósito pelo qual viajei todas essas milhas permanecerá inalcançado. Por outro lado, resta apenas a você que seu irmão, Armand, esteja livre para partir com você esta noite, se quiser, para a Inglaterra ou para qualquer outro lugar seguro.

Marguerite não conseguia emitir nenhum som, pois o lenço estava enrolado com muita força em volta da boca, mas Chauvelin espiava através da escuridão bem de perto seu rosto; sem dúvida também, a mão dela fez um apelo receptivo à sua última sugestão, pois logo ele continuou:

— O que eu quero que faça para garantir a segurança de Armand é uma coisa muito simples, querida senhora...

— O quê? — a mão de Marguerite pareceu transmitir a sua, em resposta.

— Permanecer neste local, sem emitir nenhum som, até que eu lhe dê permissão para falar. Ah! Mas acho que você vai obedecer — acrescentou ele, com aquela risada engraçada e seca enquanto toda a figura de Marguerite parecia enrijecer, desafiando essa ordem —, pois me deixe dizer-lhe que se você gritar, se emitir um som ou tentar sair daqui, meus homens - há 30 deles por aí - capturarão St. Just, Tournay e seus dois amigos e atirarão neles aqui - por minhas ordens - bem diante de seus olhos.

Marguerite ouvira o discurso do seu implacável inimigo com um terror cada vez maior. Entorpecida pela dor física, ainda tinha vitalidade mental suficiente para perceber o horror total desse terrível “ou... ou” que ele mais uma vez colocava diante dela; um “ou... ou” dez mil vezes mais terrível e horrível do que aquele que ele sugerira a ela naquela fatal noite no baile.

Desta vez, significava que ela deveria ficar quieta e permitir que o marido que ela adorava caminhasse inconscientemente para a morte, ou que ela deveria, ao tentar dar-lhe uma palavra de advertência, que talvez até fosse inútil, realmente dar o sinal para a morte de seu próprio irmão e de três outros homens desavisados.

Ela não conseguia ver Chauvelin, mas quase podia sentir aqueles olhos claros e penetrantes dele fixados maliciosamente em sua forma indefesa, e suas palavras

apressadas e sussurradas chegaram a seus ouvidos, como a sentença de morte de sua última esperança fraca e persistente.

— Não, bela senhora — acrescentou ele educadamente —, não pode ter interesse em ninguém, exceto em St. Just, e tudo o que precisa fazer para a segurança dele é permanecer onde está e manter-se em silêncio. Meus homens têm ordens estritas de poupá-lo de todas as maneiras. Quanto ao enigmático Pimpinela Escarlata, o que ele é para a senhora? acredite em mim, nenhum aviso seu poderia salvá-lo. E agora, querida senhora, deixe-me remover essa coerção desagradável que foi colocada em sua linda boca. Veja, desejo que você seja perfeitamente livre na escolha que está prestes a fazer.

Com os pensamentos em turbilhão, as têmperas doloridas, os nervos paralisados, o corpo entorpecido de dor, Marguerite ficou ali sentada, na escuridão que a rodeava como se fosse um manto. De onde estava sentada, não conseguia ver o mar, mas ouvia o incessante murmúrio triste da maré que chegava, que falava das suas esperanças mortas, do seu amor perdido, do marido que ela traíra pelas próprias mãos e mandara para a morte.

Chauvelin tirou o lenço da boca. Ela certamente não gritou: naquele momento, não tinha forças para fazer nada, apenas para se manter de pé e para se forçar a pensar.

Oh! Pensar! Pensar! Pensar no que ela deveria fazer. Os minutos passaram; nessa terrível quietude, ela não sabia dizer com que rapidez ou com que lentidão; ela não ouviu nada, não viu nada; não sentiu o cheiro doce do ar outonal, perfumado com o odor salgado do mar, não ouviu mais o murmúrio das ondas, o barulho ocasional de uma pedra, enquanto rolava por alguma inclinação íngreme. A situação parecia cada vez mais irreal. Era impossível que ela, Marguerite Blakeney, a rainha da sociedade londrina, estivesse realmente sentada ali, naquele pedaço de costa solitária, no meio da noite, lado a lado com um inimigo ferrenho! E, ah! Não era possível que, em algum lugar, talvez a menos de 100 metros de distância de onde ela estava, o ser que uma vez desprezara, mas que agora, em cada momento desta vida estranha e onírica, se tornara cada vez mais querido – não era possível que ele estivesse inconscientemente, agora mesmo, caminhando para sua perdição, enquanto ela não fazia nada para salvá-lo.

Por que ela não lhe enviou um aviso para desistir, com gritos sobrenaturais, que ecoariam de uma ponta à outra da praia deserta? Um aviso para refazer seus passos, pois a morte espreitava aqui à medida que ele avançava? Uma ou duas vezes, os gritos subiram-lhe à garganta – como que por instinto, então, diante dos seus olhos, surgiu a terrível alternativa: o irmão e aqueles três homens fuzilados diante dos seus olhos, praticamente por ordem dela; ela, a assassina.

Oh! Aquele demônio em forma humana, ao lado dela, conhecia bem a natureza feminina. Ele lidou com os sentimentos dela como um músico habilidoso que toca um instrumento. Avaliou seus pensamentos com minúcia.

Ela não podia dar esse sinal, pois era fraca e era uma mulher. Como poderia deliberadamente ordenar que Armand fosse baleado diante de seus olhos, que tivesse seu querido sangue sobre sua cabeça, ele morrendo, talvez, com uma maldição sobre ela em seus lábios? E o pai da pequena Suzanne também! Ele, um homem velho; e os outros! Ah! Era tudo muito, muito horrível.

Espere! Espere! Espere! Por quanto tempo? As primeiras horas da manhã avançavam, mas ainda não amanhecia. O mar continuava com o seu incessante murmúrio triste, a brisa outonal suspirava suavemente na noite e a praia solitária estava silenciosa, tal como a sepultura.

De repente, de algum lugar, não muito longe, ouviu-se uma voz alegre e forte cantando “Deus salve o Rei!”.

## CAPÍTULO XXX

### A ESCUNA

O coração dolorido de Marguerite parou. Ela sentiu, mais do que ouviu, os homens se preparando para a luta. Seus sentidos lhe disseram que estavam todos agachados, com as espadas na mão, prontos para o ataque.

A voz chegava cada vez mais perto; na vasta imensidão daquelas solitárias falésias, com o forte barulho do mar lá embaixo, era impossível dizer quão perto ou quão longe, nem ainda de que direção vinha aquele alegre cantor, que pedia a Deus para salvar seu Rei, enquanto ele próprio estava em perigo mortal. Fraca a princípio, a voz foi ficando cada vez mais alta; de vez em quando, uma pequena pedra se destacava, aparentemente sob os passos firmes do cantor, e rolava pelas falésias rochosas até a praia abaixo.

Marguerite, ao ouvir isso, sentiu como se sua própria vida estivesse se esvaindo, como se quando aquela voz se aproximasse, quando aquele cantor ficasse encurralado... Ela ouviu claramente o clique da arma de Desgas perto dela...

Não! Não! Não! Não! Ah, Deus do céu! Isto não pode ser! Que o sangue de Armand recaia sobre sua própria cabeça! Deixe-a ser considerada sua assassina! Que até

mesmo aquele a quem ela amava a despreze e a odeie por isso, mas, Deus! Oh, Deus! Salve-o a qualquer custo!

Com um grito selvagem, ela se levantou e disparou ao redor da rocha contra a qual estava encolhida. Viu o pequeno brilho vermelho através das frestas da cabana, correu até ele e caiu contra as paredes de madeira, que começou a martelar com os punhos cerrados em um frenesi quase maníaco, enquanto gritava:

— Armand! Armand! Pelo amor de Deus, atire! Seu líder está próximo! Ele está vindo! Ele foi traído! Armand! Armand! Atire, em nome dos céus!

Ela foi agarrada e jogada no chão. Ficou ali, gemendo, machucada, sem se importar, mas ainda meio soluçando, meio gritando.

— Percy, meu marido, pelo amor de Deus, fuja! Armand! Armand! Por que você não atira?

— Um de vocês faça aquela mulher parar de gritar — sibilou Chauvelin, que tentava ao máximo se segurar para não bater nela.

Algo foi jogado em seu rosto; ela não conseguia respirar e ficou forçosamente em silêncio.

O ousado cantor também ficou em silêncio, sem dúvida avisado do perigo iminente pelos gritos frenéticos de Marguerite. Os homens tinham se levantado, já que não havia mais necessidade de silêncio de sua parte; os próprios penhascos ecoavam os gritos da pobre mulher com o coração partido.

Chauvelin, com um xingamento murmurado, o que não era um bom presságio para ela, que ousara perturbar seus planos mais acalentados, gritou apressadamente as palavras de comando:

— Entrem, meus homens, e não deixem ninguém escapar vivo daquela cabana!

A lua emergiu, mais uma vez, por entre as nuvens: a escuridão nas falésias desapareceu, dando lugar, novamente, à luz prateada e brilhante. Alguns dos soldados correram para a porta de madeira rústica da cabana, enquanto um deles vigiava Marguerite.

A porta estava parcialmente aberta; um dos soldados empurrou-a ainda mais, mas dentro tudo era escuridão, o fogo apenas iluminava com uma luz fraca e vermelha o canto mais distante da cabana. Os soldados pararam automaticamente à porta, como máquinas à espera de novas ordens.

Chauvelin, que estava preparado para um ataque violento vindo de dentro e para uma resistência vigorosa dos quatro fugitivos, sob o manto da escuridão, ficou por um momento paralisado de espanto quando viu os soldados ali, em posição de sentinela, como sentinelas de guarda, embora nenhum som procedesse da cabana.

Cheio de um pressentimento estranho e ansioso, ele também foi até a porta da cabana e, olhando para a escuridão, perguntou rapidamente:

— Qual o significado disso?

— Acho, cidadão, que não tem ninguém aí agora — respondeu um dos soldados, imperturbável.

— Você deixou esses quatro homens fugirem? — trovejou Chauvelin, ameaçadoramente. — Eu ordenei que você não deixasse nenhum homem escapar vivo! Rápido, atrás, todos vocês! Rápido, em todas as direções!

Os homens, obedientes como máquinas, precipitaram-se pela encosta rochosa em direção à praia, alguns indo para a direita e para a esquerda, tão depressa quanto os seus pés os conseguiam levar.

— Você e seus homens pagarão com a vida por esse erro, sargento cidadão — gritou Chauvelin cruelmente ao sargento que estava encarregado dos homens. — E você também, cidadão — acrescentou, virando-se com um grunhido para Desgas —, por desobedecer às minhas ordens.

— O senhor nos ordenou que esperássemos, cidadão, até que o inglês alto chegasse e se juntasse aos quatro homens na cabana. Ninguém apareceu — disse o sargento, carrancudo.

— Mas eu ordenei a você agora mesmo, quando a mulher gritou, que entrasse correndo e não deixasse ninguém escapar.

— Mas, cidadão, os quatro homens que estavam lá antes já se foram há algum tempo, eu acho...

— Você acha? Você... — disse Chauvelin, quase chocado de fúria. — E você os deixou ir?

— O senhor nos mandou esperar, cidadão — protestou o sargento —, e obedecer cegamente às suas ordens sob pena de morte. Nós esperamos. Ouvi os homens saírem da cabana, poucos minutos depois de nos protegermos, e muito antes de a mulher gritar — acrescentou ele, enquanto Chauvelin ainda parecia mudo de raiva.

— Ouça — disse Desgas, de repente.

Ao longe, ouviu-se o som de disparos repetidos. Chauvelin tentou espiar a praia abaixo, mas, por sorte, a lua instável, mais uma vez, escondeu sua luz atrás de algumas nuvens e ele não conseguiu ver nada.

— Um de vocês entre agora na cabana e acenda uma luz — ele gaguejou finalmente.

O sargento obedeceu impassivelmente: foi até o fogo de carvão e acendeu o pequeno lampião que trazia no cinto; era óbvio que a cabana estava vazia.

— Para que lado eles foram? — perguntou Chauvelin.

— Não sei dizer, cidadão — disse o sargento. — Eles desceram direto pelo penhasco primeiro e depois desapareceram atrás de algumas pedras.

— Silêncio! O que foi isso?

Todos os três homens ouviram atentamente. Ao longe, muito longe, podia-se ouvir, ecoando fracamente e já desaparecendo, o barulho rápido e agudo de meia dúzia de remos. Chauvelin tirou o lenço e enxugou o suor da testa.

— O barco da escuna — foi tudo o que ele conseguiu dizer.

Evidentemente, Armand St. Just e seus três companheiros conseguiram rastejar ao longo da encosta dos penhascos, enquanto os homens, como verdadeiros soldados do bem treinado exército republicano, com obediência cega e temendo por suas vidas, obedeceram implicitamente às ordens de Chauvelin: esperar pelo inglês alto, que era a captura importante.

Sem dúvida, tinham chegado a um dos riachos, estes que se projetam em intervalos distantes mar adentro nesta costa; por trás disso, o barco do Day Dream devia estar à espreita deles, e já estavam em segurança a bordo da escuna britânica.

Como que para confirmar esta última suposição, ouviu-se no mar o estrondo surdo de uma arma.

— A escuna, cidadão — disse Desgas, baixinho —, já se foi.

Foi necessária toda a coragem e presença de espírito de Chauvelin para não dar lugar a um acesso inútil e indigno de raiva. Não havia dúvida agora de que, mais uma vez, aquele maldito líder britânico o havia enganado completamente. A forma como conseguira chegar à cabana, sem ser visto por um dos trinta soldados que guardavam o local, era mais do que Chauvelin conseguia imaginar. Que ele tivesse feito isso antes de os trinta homens chegarem ao penhasco era, claro, bastante claro, mas como ele tinha vindo na carroça de Reuben Goldstein, desde Calais, sem ser avistado pelas várias patrulhas de plantão, era impossível de explicar.

Realmente parecia que algum destino poderoso vigiava aquele ousado Pimpinela Escarlata e seu astuto inimigo quase sentiu um arrepio supersticioso passar por ele, à medida que olhava em volta para os penhascos imponentes e para a solidão desta remota costa.

Era, porém, a realidade e o ano da graça de 1792: não havia fadas nem duendes por perto. Chauvelin e seus trinta homens ouviram com seus próprios ouvidos aquela voz maldita cantando “Deus salve o rei” vinte minutos depois de todos terem se protegido ao redor da cabana; a essa altura, os quatro fugitivos já deviam ter chegado ao riacho e entrado no barco e o riacho mais próximo ficava a mais de um quilômetro e meio da cabana.

Onde fora parar aquele ousado cantor? A menos que o próprio satanás tivesse emprestado suas asas, ele não poderia ter percorrido aquela distância em um penhasco rochoso no espaço de dois minutos; e apenas dois minutos se passaram entre sua canção e o som dos remos do barco no mar. Ele devia ter ficado para trás e agora estava escondido em algum lugar perto dos penhascos; as patrulhas ainda estavam próximas, ele ainda seria visto, sem dúvida. Chauvelin sentiu-se esperançoso mais uma vez.

Um ou dois dos homens que tinham corrido atrás dos fugitivos subiam agora lentamente o penhasco: um deles chegou ao lado de Chauvelin, no preciso momento em que esta esperança despertou no coração do astuto diplomata.

— Chegamos tarde, cidadão — disse o soldado —, chegamos à praia pouco antes de a lua ser escondida por aquelas nuvens. O barco, sem dúvida, estava de vigia atrás daquele primeiro riacho, a um quilômetro e meio de distância, mas já havia partido há algum tempo, quando chegamos à praia, e já estava a alguma distância no mar. Atiramos nela, mas é claro que não adiantou. Ele estava indo direto e rápido para a escuna. Nós o vimos claramente ao luar.

— Sim — disse Chauvelin, com grande impaciência —, ele havia partido há algum tempo, você disse, e o riacho mais próximo fica a um quilômetro e meio adiante.

— Sim, cidadão! Corri todo o caminho, direto para a praia, embora imaginasse que o barco teria esperado em algum lugar perto do riacho, pois a maré chegaria ali mais cedo. O barco deve ter partido alguns minutos antes de a mulher começar a gritar.

“Alguns minutos antes de a mulher começar a gritar!” Então, as esperanças de Chauvelin não o haviam enganado. O Pimpinela Escarlata pode ter conseguido enviar os fugitivos à frente de barco, mas ele mesmo não teve tempo de alcançá-lo; ainda estava em terra e todas as estradas estavam bem patrulhadas. De qualquer forma, nem tudo estava perdido, e não estaria, enquanto aquele atrevido britânico ainda estivesse em solo francês.

— Traga o lampião aqui — ele ordenou ansiosamente, enquanto entrava mais uma vez na cabana.

O sargento trouxe seu lampião e, juntos, os dois homens exploraram o pequeno lugar. Com um rápido olhar, Chauvelin notou seu conteúdo: o caldeirão colocado perto de uma abertura na parede, contendo as últimas brasas de carvão queimado, um par de bancos virados, como se estivessem na pressa de uma partida repentina, depois as ferramentas do pescador e as redes em um canto, e ao lado delas, algo pequeno e branco.

— Pegue isso — disse Chauvelin ao sargento, apontando para o objeto — e traga-o para mim.

Era um pedaço de papel amassado, evidentemente esquecido ali pelos fugitivos, na pressa de fugir. O sargento, muito impressionado com a óbvia raiva e impaciência do cidadão, pegou o papel e entregou-o respeitosamente a Chauvelin.

— Leia, sargento — disse este último secamente.

— É quase ilegível, cidadão... Uma confusão terrível...

— Eu ordenei que você lesse — repetiu Chauvelin, cruelmente.

O sargento, à luz do lampião, começou a decifrar as poucas palavras rabiscadas às pressas:

“Não consigo alcançá-los sem arriscar suas vidas e pôr em risco o sucesso de seu resgate. Ao receber isso, espere dois minutos, depois saiam da cabana um por um, virem bruscamente à esquerda e desçam cautelosamente o penhasco; mantenham-se à esquerda o tempo todo, até chegar à primeira pedra, que pode ser

vista projetando-se para o mar - atrás dela, no riacho, o barco está à sua procura, dê um assobio longo e agudo, ele virá. Suba nele, meus homens irão remar com vocês até a escuna e depois para a Inglaterra em segurança. Uma vez a bordo do Day Dream, mande o barco de volta para mim, diga aos meus homens que estarei no riacho, que fica em uma linha direta em frente à Chat Gris, perto de Calais. Eles sabem disso. Estarei lá o mais rápido possível; devem esperar por mim a uma distância segura no mar, até ouvirem o sinal de costume. Não demore - e obedeça a estas instruções cegamente”.

— Depois tem a assinatura, cidadão — acrescentou o sargento, ao devolver o papel a Chauvelin.

Mas este último não esperou nem um segundo. Uma frase daqueles rabiscos chamou sua atenção: “Estarei no riacho que fica em uma linha direta em frente à Chat Gris, perto de Calais”. Essa frase ainda poderia significar vitória para ele.

— Qual de vocês conhece bem esta costa? — ele gritou para seus homens que agora, um por um, haviam retornado de sua corrida infrutífera e estavam todos reunidos, mais uma vez, em volta da cabana.

— Eu conheço, cidadão — disse um deles. — Nasci em Calais e conheço cada pedra destas falésias.

— Existe um riacho em linha direta com a Chat Gris?

— Existe, cidadão. Conheço bem.

— O inglês espera chegar àquele riacho. Ele não conhece todas as pedras destas falésias, poderá ir até lá pelo caminho mais longo e, de qualquer forma, procederá com cautela por medo das patrulhas. De qualquer forma, ainda há uma chance de pegá-lo. Mil francos para cada homem que chegar àquele riacho antes daquele inglês de pernas compridas.

— Conheço um atalho para atravessar os penhascos — disse o soldado, e, com um grito entusiasmado, avançou, seguido de perto por seus camaradas.

Em poucos minutos, seus passos de corrida desapareceram ao longe. Chauvelin ouviu-os por um momento; a promessa da recompensa encorajou os soldados da República. O brilho do ódio e do triunfo antecipado ficou mais uma vez aparente em seu rosto.

Perto dele, Desgas ainda permanecia mudo e impassível, esperando novas ordens, enquanto dois soldados estavam ajoelhados ao lado da forma prostrada de Marguerite. Chauvelin lançou um olhar cruel ao secretário. Seu plano bem elaborado falhara, sua sequência fora problemática; ainda havia uma grande chance de que o Pimpinela Escarlata pudesse escapar, e Chauvelin, com aquela fúria irracional que às vezes assalta uma natureza forte, ansiava por descarregar sua raiva em alguém.

Os soldados mantinham Marguerite presa ao chão, embora ela, pobre alma, não estivesse fazendo o menor esforço. Sua exaustão havia finalmente se afirmado

peremptoriamente e ela estava ali deitada, desmaiada: os olhos circundados por linhas roxas profundas, que demonstravam noites longas e sem dormir, o cabelo emaranhado e úmido em volta da testa, os lábios entreabertos em uma curva acentuada, deixando clara a dor física.

A mulher mais inteligente da Europa, a elegante e moderna lady Blakeney, que deslumbrara a sociedade londrina com sua beleza, inteligência e extravagâncias, apresentava uma imagem patética de feminilidade cansada e sofredora, que teria agradado a qualquer um, exceto ao coração duro e vingativo de seu perplexo inimigo.

— Não adianta montar guarda sobre uma mulher que está meio morta — disse ele maldosamente aos soldados — quando vocês permitiram que cinco homens que estavam bem vivos escapassem.

Obedientemente, os soldados se levantaram.

— É melhor vocês tentarem encontrar aquela trilha novamente para mim e aquela carroça quebrada que deixamos na estrada.

Então, de repente, uma ideia brilhante pareceu lhe ocorrer.

— Ah! Onde está o judeu?

— Por aqui, cidadão — disse Desgas. — Eu o amordacei e amarrei suas pernas como o senhor ordenou.

Das imediações, um gemido lamentoso chegou aos ouvidos de Chauvelin. Ele seguiu seu secretário, que o conduziu até o outro lado da cabana, onde, caído em absoluto desânimo, com as pernas firmemente presas umas às outras e a boca amordaçada, jazia o infeliz descendente de Israel.

Seu rosto à luz prateada da lua parecia positivamente medonho de terror: seus olhos estavam bem abertos e quase vítreos e todo o seu corpo tremia, como se estivesse em agonia, enquanto um lamento escapava de seus lábios exangues. A corda que originalmente estava enrolada em seus ombros e braços havia evidentemente cedido, pois estava emaranhada em volta de seu corpo, mas ele parecia bastante inconsciente disso, pois não havia feito a menor tentativa de sair do lugar onde Desgas o colocara originalmente. Como uma galinha aterrorizada que olha para uma linha de giz branco, desenhada sobre uma mesa, como se fosse um barbante que paralisa seus movimentos.

— Traga o toско covarde aqui — ordenou Chauvelin.

Ele certamente se sentia extremamente cruel e, como não tinha motivos razoáveis para descarregar seu mau humor nos soldados que obedeceram pontualmente às suas ordens, sentiu que o filho da raça desprezada seria um excelente alvo. Com verdadeiro desprezo francês pelo judeu, que sobreviveu ao passar dos séculos até hoje, ele não se aproximou muito dele, mas disse com

sarcasmo mordaz, enquanto o velho miserável era trazido em plena luz da lua pelos dois soldados.

— Suponho que, sendo judeu, você tenha uma boa memória para acordos? Responda! — ele ordenou, enquanto o judeu com lábios trêmulos parecia assustado demais para falar.

— Sim, Excelência — gaguejou o pobre coitado.

— Você se lembra, então, daquele que você e eu fizemos juntos em Calais, quando você se propôs a ultrapassar Reuben Goldstein, seu cavalo e meu amigo, o estranho alto?

— Mas... Mas... Excelência...

— Não existe “mas”. Eu perguntei se você se lembra?!

— Si... Si... Sim, excelência!

— Qual foi o acordo?

Houve um silêncio mortal. O infeliz olhou em volta para os grandes penhascos, para a lua acima, para os rostos impassíveis dos soldados e até para a pobre mulher prostrada e inanimada que estava por perto, mas não disse nada.

— Vai falar? — trovejou Chauvelin, ameaçadoramente.

Ele tentou, pobre coitado, mas, obviamente, não conseguiu. Não havia dúvida, porém, de que ele sabia o que esperar do homem severo que estava diante dele.

— Excelência... — ele se aventurou, implorando.

— Já que seu terror parece ter paralisado sua língua — disse Chauvelin sarcasticamente —, preciso refrescar sua memória. Foi combinado entre nós que, se

alcançássemos meu amigo, o estranho alto, antes que ele chegasse a este lugar, você receberia dez moedas de ouro.

Um gemido baixo escapou dos lábios trêmulos do judeu.

— Mas — acrescentou Chauvelin, com ênfase lenta —, se você me enganasse com sua promessa, receberia uma boa surra, uma que o ensinaria a não contar mentiras.

— Eu não contei mentiras, Excelência. Juro por Abraão...

— E por todos os outros patriarcas, eu sei. Infelizmente, creio que eles ainda estão no Hades, [\[155\]](#) de acordo com o seu credo, e não podem ajudá-lo em seu problema atual. Você não cumpriu sua parte no trato, mas estou pronto para cumprir a minha. Aqui — acrescentou ele, voltando-se para os soldados —, usem a fivela de seus dois cintos neste maldito judeu.

Enquanto os soldados desafivelavam obedientemente os pesados cintos de couro, o judeu soltou um uivo que certamente teria sido suficiente para tirar todos os patriarcas do Hades e de outros lugares, para defender seu descendente da brutalidade daquele oficial francês.

— Acho que posso contar com vocês, cidadãos soldados — riu Chauvelin, maliciosamente —, para dar a esse velho mentiroso a melhor e mais sólida surra que ele já sofreu. Mas não o matem — acrescentou secamente.

— Obedeceremos, cidadão — responderam os soldados, tão imperturbáveis como sempre.

Ele não esperou para ver suas ordens cumpridas; sabia que poderia confiar nesses soldados, que ainda estavam sofrendo com sua repreensão, para não descuidar dos assuntos, quando tivessem carta branca para trabalhar com terceiros.

— Quando aquele covarde tiver sido punido — disse ele a Desgas —, os homens poderão nos guiar até a carroça e um deles poderá nos levar nela de volta a Calais. O judeu e a mulher podem cuidar um do outro — acrescentou, asperamente — até que possamos mandar alguém buscá-los pela manhã. Não podem fugir para muito longe em suas atuais condições e não podemos nos incomodar com eles agora.

Chauvelin não perdeu todas as esperanças. Seus homens, ele sabia, eram estimulados pela esperança da recompensa. Aquele enigmático e audacioso Pimpinela Escarlata, sozinho e com 30 homens em seus calcanhares, não poderia razoavelmente esperar que escapasse uma segunda vez.

Mas agora sentia-se menos seguro: a audácia do inglês já o enganara uma vez, enquanto a estupidez dos soldados e a interferência de uma mulher transformaram sua mão vitoriosa em uma perdedora. Se Marguerite não tivesse tomado seu tempo, se os soldados tivessem um mínimo de inteligência, se... Era um longo “se” e Chauvelin ficou imóvel por um momento e inscreveu 30

pessoas estranhas em um longo e avassalador anátema.

[156] A natureza – poética, silenciosa, amena –, a lua brilhante e o mar calmo e prateado sugeriam beleza e descanso, e Chauvelin amaldiçoou a natureza, o homem e a mulher e, acima de tudo, todos os enigmas britânicos intrometidos e de pernas longas.

Os uivos do judeu atrás dele, sofrendo seu castigo, foram como um bálsamo para seu coração, sobrecarregado como estava com malícia vingativa. Ele sorriu. Acalmava a sua mente pensar que, pelo menos, algum ser humano, como ele, não estava totalmente em paz com a humanidade.

Virou-se e deu uma última olhada no pedaço solitário da costa, onde ficava a cabana de madeira, agora banhada pelo luar, cenário do maior desconforto já experimentado por um importante membro do Comitê de Salvação Pública.

Encostada a uma rocha, sobre um duro leito de pedra, jazia a figura inconsciente de Marguerite Blakeney, enquanto alguns passos adiante, o infeliz judeu recebia nas costas largas os golpes de dois robustos cintos de couro, empunhados pelos braços impassíveis de dois, também robustos, soldados da República. Os uivos de Benjamin Rosenbaum serviriam para fazer os mortos ressuscitarem de seus túmulos. Devem ter acordado todas as gaivotas do sono e feito-as olhar com grande interesse para as façanhas dos senhores da criação.

— Isso bastará — ordenou Chauvelin, à medida que os gemidos do judeu se tornavam mais fracos e o pobre coitado parecia ter desmaiado —, não queremos matá-lo.

Obedientemente, os soldados afivelaram os cintos e um deles chutou violentamente o judeu para o lado.

— Deixe-o aí — disse Chauvelin — e vá agora rapidamente até a carroça. Eu vou segui-los.

Ele caminhou até onde Marguerite estava deitada e olhou para o rosto dela. Ela havia obviamente recuperado a consciência e estava fazendo débeis esforços para se levantar. Seus olhos, azuis e grandes, olhavam para a cena enluarada ao seu redor com um olhar assustado e aterrorizado. Permaneceram com uma mistura de horror e pena do judeu, cujo destino infeliz e uivos selvagens foram os primeiros sinais que a atingiram, com o retorno de seus sentidos; ela, então, avistou Chauvelin, com suas roupas escuras e bem-cuidadas, que pareciam quase nada amarrotadas depois dos acontecimentos agitados das últimas horas. Ele sorria sarcasticamente e seus olhos claros olhavam para ela com uma expressão de intensa malícia.

Com falsa galanteria, ele se inclinou e levou a mão gelada dela aos lábios dela, o que causou um arrepio de ódio indescritível no corpo cansado de Marguerite.

— Lamento muito, bela senhora — disse ele em seu tom mais suave —, que as circunstâncias, sobre as quais não tenho controle, me obriguem a deixá-la aqui por um momento. Mas vou embora, seguro de que não os deixo

desprotegidos. Nosso amigo Benjamin aqui, embora um pouco desgastado no momento, se mostrará um valente defensor de sua bela pessoa, não tenho dúvidas. Ao amanhecer, enviarei uma escolta para vocês; até lá, tenho certeza de que o achará devotado, embora talvez um pouco lento.

Marguerite só teve forças para virar a cabeça. Seu coração estava partido por uma angústia cruel. Um pensamento terrível retornou à sua mente, junto à tomada de consciência: “O que aconteceu com Percy?”, “O que aconteceu com Armand?”.

Ela não sabia de nada do que havia acontecido depois de ouvir a canção alegre, “Deus salve o rei”, que ela acreditava ser o sinal da morte.

— Eu mesmo — concluiu Chauvelin — devo agora, com muita relutância, deixá-la. Au revoir, bela senhora! Encontrar-nos-emos, espero, em breve, em Londres. Posso vê-la na festa no jardim do príncipe de Gales? Não? Ah, bem, au revoir! Mande lembranças minhas, eu peço, para Sir Percy Blakeney.

E, com um último sorriso irônico e uma reverência, beijou-lhe mais uma vez a mão e desapareceu pela trilha atrás dos soldados, seguido pelo imperturbável Desgas.

# CAPÍTULO XXXI

## A FUGA

Marguerite ouviu - meio atordoada como estava - os passos firmes e em rápida retirada dos quatro homens.

Toda a natureza estava tão quieta que ela, deitada com o ouvido próximo ao chão, podia distinguir distintamente o som de seus passos, quando finalmente viraram para a estrada, e, logo, o eco fraco das velhas rodas da carroça, o andar hesitante do cavalo magro dizia-lhe que seu inimigo estava a um quilômetro de distância. Quanto tempo ficou ali ela não sabia. Havia perdido a conta; como em um sonho, olhou para o céu enluarado e ouviu o movimento monótono das ondas.

O aroma revigorante do mar era néctar para seu corpo desgastado, a imensidão das falésias solitárias era silenciosa e onírica. Seu cérebro apenas permanecia consciente de sua incessante e intolerável tortura de incerteza.

Ela não sabia!

Não sabia se Percy estava agora, neste momento, nas mãos dos soldados da República, suportando - como ela mesma fizera - as zombarias de seu malicioso inimigo. Não sabia, por outro lado, se o corpo sem vida de Armand estava ali, na cabana, enquanto Percy havia fugido, apenas para ouvir que fora sua esposa que guiara

os cães de caça humanos para o assassinato de Armand e seus amigos.

A dor física do absoluto cansaço era tanta que ela esperava com confiança que seu corpo pudesse ficar ali para sempre, depois de todo o tumulto, intensidade e intrigas dos últimos dias – ali, sob aquele céu claro, ao som do mar e com a agradável brisa de outono sussurrando-lhe uma última canção de ninar. Tudo estava tão solitário, tão silencioso, como a terra dos sonhos. Até mesmo o último eco fraco da carroça distante já havia morrido há muito tempo, ao longe.

De repente, um som – sem dúvida, o mais estranho que estes penhascos solitários da França já tinham ouvido – quebrou a solenidade silenciosa da costa. Foi um som tão estranho que a brisa suave parou de murmurar e as pedrinhas pararam de rolar pela encosta íngreme! Tão estranho que Marguerite, exausta como estava, pensou que a benéfica inconsciência da aproximação da morte pregava, em seus sentidos meio adormecidos, uma peça estranha e evasiva.

Era o som de um “Maldição!” bom, sólido e absolutamente britânico.

As gaivotas em seus ninhos acordaram e olharam em volta, espantadas; uma coruja distante e solitária deu o apito da meia-noite, os altos penhascos franziram a testa majestosamente diante do sacrilégio inédito.

Marguerite não confiava nos seus ouvidos. Erguendo-se parcialmente sobre as mãos, ela estendeu todos os

sentidos para ver ou ouvir para saber o significado daquele som tão mundano.

Tudo ficou imóvel novamente por alguns segundos; o mesmo silêncio caiu mais uma vez sobre a grande e solitária vastidão.

Então, Marguerite, que tinha escutado como se estivesse em transe, e que sentiu que devia estar sonhando com aquele luar fresco e magnético no alto, ouviu novamente; e, desta vez, seu coração parou, seus olhos arregalados e dilatados, olhou ao redor, não ousando confiar em nenhum outro sentido.

— Que loucura! Gostaria que aqueles malditos camaradas não tivessem batido com tanta força!

Desta vez, foi bastante inconfundível, apenas um par específico de lábios essencialmente britânicos poderia ter pronunciado aquelas palavras, em tom sonolento, tenso e afetado.

— Maldição! — repetiu os mesmos lábios britânicos, enfaticamente. — Céus! Estou fraco como um rato!

Em um momento, Marguerite estava de pé. Será que estava sonhando? Seriam aqueles grandes penhascos pedregosos os portões do paraíso? O sopro perfumado da brisa foi repentinamente causado pelo bater das asas dos anjos, trazendo-lhe notícias de alegrias sobrenaturais, depois de todo o seu sofrimento, ou - fraca e doente - seria ela vítima de um delírio?

Ela escutou novamente, e mais uma vez ouviu os mesmos sons muito terrenos da boa e honesta língua

britânica, nem um pouco parecidos com os sussurros do paraíso ou com o bater das asas dos anjos.

Olhou ansiosamente ao seu redor, para os altos penhascos, para a cabana solitária, para a grande extensão de praia rochosa. Em algum lugar ali, acima ou abaixo dela, atrás de uma pedra ou dentro de uma fenda, mas ainda escondido de seus olhos saudosos e febris, deveria estar o dono daquela voz, que antes a irritava, mas que agora a fazia a mulher mais feliz na Europa, se ela pudesse localizá-lo.

— Percy! Percy! — ela gritou histericamente, torturada entre a dúvida e a esperança. — Estou aqui! Venha até mim! Onde você está? Percy! Percy!

— Está tudo bem me chamar, minha querida — disse a mesma voz sonolenta e arrastada —, mas não posso ir até você: aqueles malditos comedores de rãs me bateram como um ganso no espeto e estou tão fraco quanto um rato... Eu não consigo fugir.

E, ainda assim, Marguerite não entendia. Ela não percebeu por, pelo menos, mais dez segundos quando aquela voz veio, tão arrastada, tão querida, mas com um estranho sotaque de fraqueza e sofrimento. Não havia ninguém à vista... Exceto por aquela rocha... Bom Deus! O judeu! Estaria ela louca ou sonhando?

Suas costas estavam contra o pálido luar, ele estava meio agachado, tentando em vão se levantar com as pernas firmemente presas. Marguerite correu até ele e segurou sua cabeça com as duas mãos... E olhou

diretamente para um par de olhos azuis, bem-humorados, até um pouco divertidos, brilhando na máscara estranha e distorcida do judeu.

— Percy! Percy! Meu marido! — ela quase desmaiou com a plenitude de sua alegria. — Graças a Deus! Graças a Deus!

— Ah, minha querida! — ele respondeu bem-humorado. — Nós dois sairemos disso em breve; acha que pode me ajudar a afrouxar essas malditas cordas e me libertar de minha atitude deselegante? Minhas mãos estão em frangalhos, eles bateram nelas quando as levantei para me proteger das malditas chicotadas.

Ela não tinha faca, seus dedos estavam dormentes e fracos, mas ela trabalhava com os dentes, enquanto grandes lágrimas de boas-vindas escorriam de seus olhos sobre aqueles pobres pés imobilizados.

— Que vida estranha! — ele disse, quando finalmente, depois de esforços frenéticos da parte dela, as cordas pareciam estar finalmente cedendo. — Mas me pergunto se isso já aconteceu antes, um cavalheiro inglês se deixar bater por um suposto estrangeiro e não fazer nenhuma tentativa de responder.

Era óbvio que ele estava exausto de pura dor física e, quando finalmente a corda cedeu, caiu amontoado contra a rocha. Marguerite olhou ao seu redor, impotente.

— Oh! Por uma gota d'água desta praia horrível! — ela gritou em agonia, vendo que ele estava prestes a

desmaiar novamente.

— Não, minha querida — murmurou ele com seu sorriso bem-humorado —, pessoalmente, preferiria uma gota de bom conhaque francês! E se você mergulhar no bolso desta roupa velha e suja, encontrará meu frasco... Não consigo me mover.

Depois de beber um pouco de conhaque, obrigou Marguerite a fazer o mesmo.

— Ah! Está bem melhor agora, hein, mulherzinha? — ele disse, com um sinal de satisfação. — Ei, ei! Mas esta é uma armação estranha para o baronete, Sir Percy Blakeney, ser encontrado por sua senhora, sem dúvida. Muito bem! — acrescentou, passando a mão pelo queixo. — Faz quase 20 horas que não faço a barba; devo estar horrível! Quanto a esses cachos...

E, rindo, tirou a peruca e os cachos desfigurantes e esticou seus longos membros, que estavam doloridos por muitas horas curvados. Então, inclinou-se para a frente e olhou longa e atentamente para os olhos azuis de sua esposa.

— Percy — ela sussurrou, enquanto um rubor profundo impregnava suas delicadas bochechas e pescoço —, se você soubesse...

— Eu sei, querida... Sei de tudo — disse ele com infinita gentileza.

— E pode me perdoar?

— Não tenho nada a perdoar, querida; seu heroísmo, sua devoção, que eu tão pouco mereço, mais do que

repararam aquele episódio infeliz no baile.

— Então, você sabia? — ela sussurrou. — O tempo todo?

— Sim — ele respondeu ternamente —, eu sabia... O tempo todo... Pronto! Se eu soubesse que seu coração era nobre, minha Margot, eu teria confiado em você, como você merecia... e você não teria que passar pelos terríveis sofrimentos das últimas horas, correndo atrás de um marido que fez tanta coisa que precisa de seu perdão.

Eles estavam sentados lado a lado, encostados em uma pedra, e ele permaneceu com a cabeça apoiada no ombro dela. Ela certamente merecia agora o nome de “a mulher mais feliz da Europa”.

— É o caso de um cego guiando o coxo, querida, não é?<sup>[157]</sup> — ele disse com seu sorriso bem-humorado de antigamente. — No entanto, não sei o que está mais dolorido, se meus ombros ou seus pezinhos.

Ele se inclinou para beijá-los, pois eles apareciam através das meias rasgadas e davam um testemunho melancólico de sua resistência e devoção.

— Mas Armand... — ela disse, com repentino terror e remorso, enquanto, em meio à sua felicidade, a imagem do amado irmão, por quem ela havia pecado tão profundamente, surgia agora diante de sua mente.

— Oh! Não tema por Armand, querida — ele disse com ternura. — Não dei minha palavra de que ele estaria

seguro? Ele, o conde Tournay e os outros estão agora a bordo do Day Dream.

— Mas como? — ela ofegou. — Eu não entendo.

— No entanto, é bastante simples, minha querida — disse ele com aquela sua risada engraçada, meio tímida, meio fútil —, veja você! Quando descobri que aquele bruto do Chauvelin pretendia se agarrar a mim como uma sanguessuga, pensei que o melhor que podia fazer, já que não conseguia me livrar dele, era levá-lo comigo. Eu tinha que chegar até Armand e os outros de alguma forma, e todas as estradas estavam patrulhadas, e todos estavam atentos a este seu humilde servo. Eu sabia que, quando escapasse dos dedos de Chauvelin na Chat Gris, ele ficaria à minha espera aqui, qualquer que fosse o caminho que eu tomasse. Eu queria ficar de olho nele e em suas ações, e uma cabeça britânica é tão boa quanto uma francesa.

Na verdade, sua cabeça provou ser infinitamente melhor e o coração de Marguerite encheu-se de alegria e admiração, enquanto ele continuava a contar-lhe a maneira ousada como havia arrebatado os fugitivos, bem debaixo do nariz de Chauvelin.

— Vestido como o velho e sujo judeu — ele disse alegremente. — Eu sabia que não seria reconhecido. Conheci Reuben Goldstein em Calais, no início da noite. Por algumas moedas de ouro, ele me forneceu este equipamento e se comprometeu a sumir da vista de

todos, enquanto me emprestava sua carroça e seu cavalo.

— Mas e se Chauvelin tivesse descoberto você? — ela ofegou animadamente. — Seu disfarce era bom, mas ele é tão esperto.

— Ora bolas! — ele respondeu calmamente. — Certamente o jogo teria acabado. Eu apenas poderia correr o risco. Já conheço muito bem a natureza humana — acrescentou, com uma nota de tristeza na sua voz jovem e alegre — e conheço esses franceses por completo. Eles detestam tanto um judeu que nunca chegariam mais perto do que alguns metros dele e pronto! Imagino que consegui parecer um objeto tão repugnante quanto possível.

— Sim! E depois? — ela perguntou ansiosamente.

— Então, executei meu pequeno plano, isto é, a princípio, apenas decidi deixar tudo ao acaso, mas quando ouvi Chauvelin dando suas ordens aos soldados, pensei que o destino e eu íamos trabalhar, afinal, juntos. Contei com a obediência cega dos soldados. Chauvelin ordenou-lhes, sob pena de morte, que não se mexessem até que o alto inglês chegasse. Desgas me jogou no chão bem perto da cabana; os soldados não prestaram atenção ao judeu, que havia levado o cidadão Chauvelin para este local. Com os dentes, consegui libertar as mãos das cordas com que o bruto me amarrara. Sempre carrego lápis e papel comigo aonde quer que eu vá e rabisquei apressadamente algumas instruções em um

pedaço de papel; então, olhei ao meu redor. Rastejei até a cabana, bem debaixo do nariz dos soldados, que estavam escondidos sem se mexer, exatamente como Chauvelin havia ordenado que fizessem; depois, deixei meu pequeno bilhete na cabana, por uma fresta na parede, e esperei. Nesse bilhete, eu dizia aos fugitivos que saíssem silenciosamente da cabana, descessem as falésias, mantivessem-se à esquerda até chegarem ao primeiro riacho, para darem um sinal, quando o barco do Day Dream, que estava à espreita não muito longe do mar, iria buscá-los. Eles obedeceram cegamente, felizmente para eles e para mim. Os soldados que os viram obedeceram igualmente às ordens de Chauvelin. Não se mexeram! Esperei por quase meia hora; quando soube que os fugitivos estavam a salvo, dei o sinal, o que causou tanto alvoroço.

E essa foi toda a história. Parecia tão simples! E Marguerite só podia maravilhar-se com a incrível engenhosidade, a coragem e a audácia ilimitadas que ajudaram a levar a cabo tal plano ousado.

— Mas aqueles brutos atacaram você! — ela disse, horrorizada, com a mera lembrança da terrível indignidade.

— Bem! Isso não poderia ser evitado — ele disse gentilmente —, embora o destino de minha esposinha fosse tão incerto, eu tive que permanecer aqui ao lado dela. Que vida estranha, não? — ele acrescentou alegremente. — Não tenha medo! Chauvelin não perderá

nada esperando, eu garanto! Espere até eu levá-lo de volta para a Inglaterra! Ele pagará pela surra que me deu com juro compostos, eu prometo.

Marguerite riu. Era tão bom estar ao lado dele, ouvir sua voz alegre, observar aquele brilho bem-humorado em seus olhos azuis, enquanto ele estendia seus braços fortes, pensando naquele inimigo e na expectativa de seu merecido castigo.

De repente, porém, ela se assustou: o rubor de felicidade desapareceu de seu rosto, a luz de alegria desapareceu de seus olhos. Ela ouviu passos furtivos acima de sua cabeça e uma pedra rolou do topo dos penhascos até a praia abaixo.

— O que é isso? — ela sussurrou com horror e alarme.

— Oh! Nada, minha querida — ele murmurou com uma risada agradável —, apenas uma coisinha que você esqueceu... Meu amigo, Ffoulkes...

— Sir Andrew! — ela exclamou.

Era verdade! Ela havia esquecido completamente do amigo e companheiro dedicado, que confiara nela e estivera ao seu lado durante todas essas horas de ansiedade e sofrimento. Lembrou-se dele agora, tarde, e com uma pontada de remorso.

— Sim! Você o esqueceu, não foi, minha querida? — disse Sir Percy, alegremente. — Felizmente, eu o encontrei, não muito longe da Chat Gris, antes daquele jantar interessante, com meu amigo Chauvelin. Tenho, porém, contas a acertar com aquele jovem patife. Mas,

enquanto isso, contei-lhe sobre uma estrada muito longa e tortuosa, que o traria até aqui, da qual os homens de Chauvelin nunca suspeitariam. E ele chegou quase no momento em que estamos prontos para ele, não é, esposinha?

— E ele obedeceu? — perguntou Marguerite, completamente surpresa.

— Sem palavra ou pergunta. Veja, aí vem ele. Ele não estava no caminho quando eu não o queria e agora ele chega na hora certa. Ah! Ele será um marido muito admirável e metódico para a linda Suzanne!

Enquanto isso, Sir Andrew Ffoulkes descia cautelosamente os penhascos, parando uma ou duas vezes para ouvir as palavras sussurradas que o guiariam ao esconderijo de Blakeney.

— Blakeney! — ele se aventurou a dizer finalmente com cautela. — Blakeney! Você está aí?

No momento seguinte, ele contornou a rocha na qual Sir Percy e Marguerite estavam encostados e, vendo a estranha figura ainda vestida com o longo gabardine de judeu, fez uma pausa repentina de completa perplexidade. Mas Blakeney já estava lutando para se levantar.

— Aqui estou, amigo — disse ele com sua risada engraçada e fútil —, todos vivos! Embora eu pareça um espantalho com essas malditas coisas.

— Deus do céu! — exclamou Sir Andrew com espanto sem limites ao reconhecer seu líder. — De todos os...

O jovem tinha visto Marguerite e, felizmente, controlou a linguagem enérgica que subiu aos seus lábios, ao ver o requintado Sir Percy naquele traje estranho e sujo.

— Sim! — disse Blakeney, calmamente. — De todos os disfarces... Hum! Meu amigo! Ainda não tive tempo de lhe perguntar o que você estava fazendo na França, quando lhe ordenei que permanecesse em Londres? Insubordinação? O quê? Espere até que meus ombros e mãos fiquem menos doloridos e, por Deus, veja o castigo que receberá.

— Ora! Eu aguento — disse Sir Andrew, com uma risada alegre —, visto que você está vivo para aplicá-lo... Você teria me autorizado a deixar que lady Blakeney fizesse a viagem sozinha? Em nome de Deus, homem, onde você conseguiu essas roupas extraordinárias?

— Lud! Elas são um pouco estranhas, não são? — riu Sir Percy, jovialmente. — Mas que seja! — ele acrescentou com súbita seriedade e autoridade. — Agora que você está aqui, Ffoulkes, não devemos perder mais tempo: aquele bruto Chauvelin pode enviar alguém para cuidar de nós.

Marguerite estava tão feliz que poderia ter ficado ali para sempre, ouvindo a voz dele, fazendo centenas de perguntas. Mas, à menção do nome de Chauvelin, ela se assustou rapidamente, temendo pela vida que teria morrido para salvar.

— Mas como podemos voltar? — ela perguntou. — As estradas estão cheias de soldados entre aqui e Calais,

e...

— Não vamos voltar para Calais, querida — disse ele —, apenas para o outro lado de Gris-Nez, a menos de dois quilômetros daqui. O barco do Day Dream nos encontrará lá.

— O barco do Day Dream?

— Sim — ele disse, com uma risada alegre. — Outro pequeno truque meu. Eu deveria ter lhe contado antes que, quando coloquei aquele bilhete na cabana, também acrescentei outro para Armand, que ordenei que ele deixasse para trás, e que fez Chauvelin e seus homens correrem a todo vapor de volta à Chat Gris atrás de mim, mas a primeira nota continha minhas verdadeiras instruções, inclusive aquelas para o velho Briggs. Ele recebeu minhas ordens de ir mais longe no mar e depois em direção ao oeste. Quando estiver bem fora da vista de Calais, ele enviará a galera<sup>[158]</sup> para um pequeno riacho que ele e eu conhecemos, logo além de Gris-Nez. Os homens cuidarão de mim - temos um sinal previamente combinado e estaremos todos em segurança a bordo, enquanto Chauvelin e seus homens sentar-se-ão solenemente e observarão o riacho que fica logo em frente à Chat Gris.

— O outro lado de Gris-Nez? Mas eu... Não consigo andar, Percy — ela gemeu impotente enquanto, tentando lutar com os pés cansados, ela se viu incapaz até mesmo de ficar de pé.

— Eu carregarei você, querida — ele disse simplesmente. — O cego conduzindo o coxo, você sabe.

Sir Andrew também estava pronto para ajudar com o precioso fardo, mas Sir Percy não confiaria sua amada a nenhum braço que não fosse o seu.

— Quando você e ela estiverem em segurança a bordo do Day Dream — disse ele ao seu jovem camarada — e eu sentir que os olhos de mademoiselle Suzanne não me saudarão na Inglaterra com olhares de reprovação, então será minha vez de descansar.

E os seus braços, ainda vigorosos apesar do cansaço e do sofrimento, envolveram o pobre e cansado corpo de Marguerite e ergueram-na com tanta delicadeza como se ela fosse uma pena.

Então, enquanto Sir Andrew discretamente se mantinha fora do alcance da voz, muitas coisas foram ditas - ou melhor, sussurradas - que nem mesmo a brisa de outono capturou, pois havia parado.

Todo o seu cansaço foi esquecido; seus ombros deviam estar muito doloridos, pois os soldados haviam batido com força, mas os músculos do homem pareciam feitos de aço e sua energia era quase sobrenatural. Era uma caminhada longa e cansativa, percorrendo dois quilômetros ao longo da encosta pedregosa dos penhascos, mas nem por um momento sua coragem vacilou ou seus músculos cederam à fadiga. Ele seguiu em frente, com passos firmes, seus braços vigorosos envolvendo o precioso fardo, e, sem dúvida, enquanto

ela estava deitada, quieta e feliz, às vezes embalada até uma sonolência momentânea, outras vezes observando, através da luz da manhã que se aproximava lentamente, o rosto agradável com olhos azuis preguiçosos e caídos – sempre alegres, sempre iluminados por um olhar bem-humorado, sorrindo –, ela sussurrou muitas coisas, o que ajudou a encurtar a estrada cansativa e agiu como um bálsamo para seus músculos doloridos.

A luz multicolorida do amanhecer surgia no leste, quando finalmente chegaram ao riacho além de Gris-Nez. A galera estava à espreita: em resposta a um sinal de Sir Percy, ela se aproximou, e dois robustos marinheiros britânicos tiveram a honra de carregar a senhora para dentro do barco.

Meia hora depois, eles estavam a bordo do Day Dream. A tripulação, que, por necessidade, conhecia os segredos de seu mestre e que lhe era devotada de coração e alma, não ficou surpresa ao vê-lo chegar com um disfarce tão extraordinário.

Armand St. Just e os outros fugitivos aguardavam ansiosamente a chegada de seu corajoso salvador. Ele não quis ficar para ouvir as expressões de gratidão deles, mas dirigiu-se para sua cabine particular o mais rápido que pôde, deixando Marguerite bastante feliz nos braços do irmão.

Tudo a bordo do Day Dream estava equipado com aquele luxo requintado, tão caro ao coração de Sir Percy Blakeney, e quando todos desembarcaram em Dover, ele

encontrou tempo para vestir algumas das roupas suntuosas que ele adorava, e das quais ele sempre mantinha um suprimento a bordo de seu iate.

A dificuldade foi fornecer um par de sapatos para Marguerite e grande foi a alegria da pequena tripulante quando descobriu que poderia pisar na costa inglesa com seu melhor par.

O resto é silêncio! Silêncio e alegria para aqueles que suportaram tanto sofrimento, mas finalmente encontraram uma felicidade grande e duradoura.

Está, porém, registrado que, no brilhante casamento do baronete Sir Andrew Ffoulkes com mademoiselle Suzanne de Tournay de Basserive, uma cerimônia em que estiveram presentes Sua Alteza Real, o príncipe de Gales, e toda a elite da sociedade elegante, a mulher mais bonita era, sem dúvida, lady Blakeney, enquanto as roupas que Sir Percy Blakeney usava foram o assunto da jeunesse dorée de Londres por muitos dias.

É também um fato que monsieur Chauvelin, o agente credenciado do Governo Republicano Francês, não esteve presente naquela ou em qualquer outra função social em Londres, depois daquela noite memorável no baile de lorde Grenville.

## COLEÇÃO PIMPINELA ESCARLATE

- 1905 - O Pimpinela Escarlata (The Scarlet Pimpernel);
- 1906 - Eu Retribuirei (I Will Repay);
- 1908 - O Arisco Pimpinela (The Elusive Pimpernel);
- 1913 - Eldorado;
- 1917 - A Esposa de Lorde Tony (Lord Tony's Wife);
- 1919 - A Liga do Pimpinela Escarlata - (The League of the Scarlet Pimpernel) - Contos;
- 1922 - O Triunfo do Pimpinela Escarlata - (The Triumph of the Scarlet Pimpernel);
- 1927 - Sir Percy Contra-Ataca (Sir Percy Hits Back);
- 1929 - As Aventuras do Pimpinela Escarlata - (Adventures of the Scarlet Pimpernel) - Contos;
- 1932 - Um Filho da Revolução (A Child of the Revolution);
- 1933 - A Maneira do Pimpinela Escarlata - (The Way of the Scarlet Pimpernel);
- 1936 - Sir Percy Lidera o Grupo (Sir Percy Leads the Band);
- 1940 - Senhorita Guilhotina (Mam'zelle Guillotine);
- 1913 - O Cavaleiro Risonho (The Laughing Cavalier) - Sobre um ancestral do Pimpinela;
- 1920 - O Primeiro Sir Percy (The First Sir Percy) - Sobre um ancestral do Pimpinela;
- 1924 - Pimpinela e Rosemary (Pimpernel and Rosemary) - Sobre um descendente do Pimpinela;

1933 - O Pimpinela Escarlata Vê o Mundo - (The Scarlet Pimpernel Looks at the World) - Livro com a visão de Sir Percy sobre o mundo nos anos 30.

## ANEXO HISTÓRICO

A Revolução Francesa inventou o nacionalismo radical e o socialismo e lançou o primeiro genocídio moderno, dirigido aos cristãos.

O dia 14 de julho de 1789 - celebração da Queda da Bastilha - marca o início da maior perseguição organizada contra os cristãos desde a época do imperador Diocleciano. Esse dia, começo da Revolução Francesa, também plantou as sementes das ideologias assassinas do socialismo e do nacionalismo, que envenenariam os dois séculos seguintes, ceifando a vida de milhões de fiéis e outros civis inocentes. Nesse ínterim, os dois movimentos políticos acumularam um número expressivo de cadáveres. Em *Death by Government* (Morte pelo Governo), uma visão convincente dos horrores que ocorrem nas sociedades modernas, retratando como o democídio<sup>[159]</sup> tem feito parte da história humana (sem tradução para o português), o pesquisador Rudolph Joseph Rummel afirmou que: “durante os primeiros 88 anos deste século, quase 170 milhões de homens, mulheres e crianças foram baleados, espancados, torturados, esfaqueados, queimados, desnutridos, congelados, esmagados, forçados a trabalhar até a morte, enterrados vivos, afogados, enforcados, bombardeados ou mortos de inúmeros modos por governos que mataram cidadãos ou

estrangeiros desarmados e indefesos”. Mas o primeiro genocídio moderno desse tipo ocorreu na França, com início em 1793. Foi levado a cabo por apóstolos do Iluminismo, modernos e progressistas, e teve por alvo camponeses piedosos da região da Vendeia, na França. Quando chegou ao fim, cerca de 300 mil pessoas haviam sido mortas pelos exércitos da República.

Essa história é pouco debatida na França. Na verdade, um dedicado historiador, que leciona numa universidade francesa, me disse: “Não devemos mencionar a Vendeia. Qualquer um que fale sobre o que ocorreu lá não tem nenhuma perspectiva de carreira acadêmica. Portanto, ficamos em silêncio sobre o assunto”. É, sobretudo, na própria região da Vendeia que as lembranças são preservadas, o que possivelmente explica por que essa parte da França até hoje é mais religiosa e conservadora do que qualquer outra do país. Em 1993, no 200º aniversário dessas atrocidades, o governo local inaugurou um museu para lembrá-las, com direito a uma visita do escritor e historiador russo, Alexander Soljenítsin, que em seu eloquente discurso observou “que o assassinato em massa de cristãos na Rússia foi diretamente inspirado pelo que ocorrera na Vendeia. Os bolcheviques”, disse ele, “se espelharam nos revolucionários franceses, e o próprio Lênin considerava os massacres da Vendeia o modo correto de lidar com a resistência cristã”.

Foram fazendeiros comuns das regiões da Vendéia e da Bretanha que, em 1793, se insurgiram contra os radicais de classe média em Paris que controlavam o país. Os ideólogos da Revolução já haviam: executado o rei e a rainha e deixado seu jovem filho morrer doente na prisão; tomado a Catedral de Notre-Dame, removido seus símbolos cristãos e consagrado no altar uma prostituta como “Deusa da Razão”; declarado uma “guerra de libertação” revolucionária contra a maioria dos outros países na Europa; suspenso todas as celebrações protestantes, em honra ao culto estatal da Razão; confiscado todas as propriedades eclesiásticas dos católicos, expulsando milhares de monges, sacerdotes e freiras, abandonados aos próprios cuidados; depois, venderam a propriedade aos seus amigos a fim de angariar fundos para suas guerras; determinado que todo o clero jurasse lealdade ao governo, ao invés de à Igreja; e implementado o primeiro alistamento militar universal da história, recrutando pessoas comuns, em sua maioria, camponeses piedosos, mas confusos por causa dos slogans que imperavam em Paris, para lutar pela Revolução.

Quando os parisienses foram buscar os filhos dos vendeanos para levá-los ao exército, estes finalmente reagiram e lançaram uma contrarrevolução em nome de “Deus e do rei”. Ela se espalhou rapidamente pelo noroeste da França, restringindo a ação dos exércitos profissionais do governo, que combatiam grupos

destreinados de guerrilheiros, muitos deles armados apenas com mosquetes de caça.

“Aquele foi o primeiro genocídio moderno”, escreveu Sophie Masson, descendente dos rebeldes que combateram na resistência vendeana. “As atrocidades se multiplicaram, os extermínios eram sistemáticos; começaram do topo e eram executados com deleite na base. Ao menos 300 mil pessoas foram massacradas naquele período, e os intrusos que se negavam a fazer o serviço eram baleados ou completamente desacreditados. Mas, mesmo assim, o povo resistia. Ainda havia aqueles que se escondiam nas florestas e armavam emboscadas, que lutavam corajosamente como leões, mas eram abatidos como porcos quando capturados. Não havia misericórdia; todos os líderes eram fuzilados, decapitados ou enforcados. Muitos não podiam sequer descansar em paz: o corpo do último líder foi esquartejado e distribuído a cientistas; a cabeça dele foi conservada num pote, o cérebro foi examinado para verificar se a semente da rebelião se encontrava na mente de um selvagem.”

Ninguém podia ficar vivo. Essa fora a ordem. “As mulheres são sulcos reprodutores que devem ser arados. Só devem restar lobos para vagar naquela região. Fogo, sangue e morte são necessários para preservar a liberdade. Seus instrumentos de fanatismo e superstição devem ser esmagados.” Seus inofensivos cientistas sonharam com todos os tipos de novas ideias: o

envenenamento dos suprimentos de farinha, álcool e água; a construção de um curtume em Angers, que se especializaria no tratamento de pele humana; a investigação de métodos para queimar pessoas em grandes fornos a fim de que a gordura dos corpos pudesse ser retirada com maior facilidade. Carrier, um dos generais republicanos, escarneceu essa pesquisa: esses métodos 'modernos' demorariam demais. Seria melhor usar métodos de massacre mais tradicionais: afogamento em massa de homens, mulheres e crianças (todos nus), muitas vezes amarrados juntos, de acordo com o que ele chamava de 'matrimônios republicanos'; eles eram arremessados de barcos especialmente construídos, puxados até o meio do Loire e então eram afundados; perfuração em massa (com baionetas) de homens, mulheres e crianças; esmagamento das cabeças de bebês em paredes; massacre de prisioneiros com canhões; as torturas mais terríveis e hediondas; queima e pilhagem de vilas, cidades e igrejas.

A perseguição só terminou, de fato, quando Napoleão chegou ao poder, em 1799, e precisava de paz na França para que pudesse iniciar suas guerras de conquista. Ele arranhou às pressas um acordo com o Papa, e a Vendeia se acalmou.

Como a Revolução se tornou satânica?

Naturalmente, as coisas não deveriam sair dessa maneira. A Revolução começara com uma crise

financeira e prometera acabar com uma monarquia absolutista, talvez com tropas britânicas. Luís XVI era um rei bondoso, ainda que não fosse muito competente. Ele havia retirado as prolongadas e vergonhosas penalidades legais que pesavam sobre os protestantes e judeus, impostas por seus ancestrais durante uma época de maior intolerância. Ele levou o reino à falência depois de financiar a Revolução Americana. Por gratidão, o Congresso americano pendurou um retrato do monarca no Capitólio e deu o nome de Bourbon a um condado do sul. O uísque foi inventado lá. Os legisladores franceses, que se reuniram em 1789 pela primeira vez em mais de um século, queriam, a princípio, reformar o governo, e não o substituir.

Algumas reformas eram realmente necessárias, como observaria Alexis-Charles-Henri Clérel, visconde de Tocqueville, um pensador político, historiador e escritor francês, “a centralização imposta por Luís XIV e por Luís XV havia abalado a vida política na França, concentrando nas mãos de tecnocratas o poder sobre as vidas de cidadãos quase integralmente em Paris. Como era esperado, arruinaram as coisas.

Diferentemente do reino-irmão do outro lado do canal, a França não possuía um parlamento permanente e nenhuma lei comum que protegesse as pessoas de prisões arbitrárias; além disso, a economia era em grande medida dirigida pelo Estado, não por cidadãos livres. A Igreja na França, embora ainda estivesse em

comunhão com Roma, era em grande parte controlada pelos reis, que nomeavam bispos e determinavam políticas. Na verdade, os reis de França, Espanha e Portugal se organizaram para obter a supressão dos jesuítas, cuja lealdade a Roma e rejeição do direito divino dos reis punha-os sob suspeita, e cuja defesa dos direitos dos índios atrapalhava o 'progresso'. O vácuo educacional criado pela destruição da Companhia de Jesus foi rápida e ironicamente preenchido pelos filósofos do Iluminismo. A primeira geração que cresceu sem a influência dos jesuítas atingiu a maioria em 1789. Os abusos que viriam a marcar a Revolução - incluindo a execução em massa de sacerdotes e freiras - foram apoiados por intelectuais educados com os panfletos caluniadores de Diderot,<sup>[160]</sup> repletos de mentiras pornográficas sobre as 'vidas secretas' de monges e freiras."

Na verdade, há uma semelhança assustadora entre a literatura anticlerical, que preparou o público para a pilhagem de mosteiros, e as mentiras antisemitas espalhadas pelos nazistas. O eufemismo usado para descrever o roubo de propriedades eclesiásticas pelo Estado, "secularização", encontrou eco, na década de 1930, no termo que o governo alemão usou para se referir ao roubo de propriedades dos judeus: "arianização". Como os judeus são realmente um povo sacerdotal, não surpreende a existência de tais paralelos satânicos. Assim como os fascistas justificaram suas

atrocidades, ressaltando a proeminência dos judeus na economia e na imprensa, os esquerdistas ainda defendem a perseguição à Igreja, destacando sua influência política.

## BIBLIOGRAFIA DA INTRODUÇÃO

Staples, Katherine, “Emma Orczy,” em Dicionário de Biografia Literária, Volume 70. Escritores de Mistério Britânicos, 1860-1919, editado por Bernard Benstock, Gale, 1988.

Periódicos:

Times (Londres, Inglaterra), 6 de janeiro de 1905; 23 de agosto de 1935; 13 de novembro de 1947; 7 de julho de 2007.

[https://en.wikipedia.org/wiki/The\\_Scarlet\\_Pimpernel](https://en.wikipedia.org/wiki/The_Scarlet_Pimpernel)

[https://en.wikipedia.org/wiki/Baroness\\_Orczy](https://en.wikipedia.org/wiki/Baroness_Orczy)

<https://www.theguardian.com/books/2022/mar/09/batman-wonder-woman-black-widow-worlds-first-superhero-scarlet-pimpernel-orczy>

<https://comicbook.com/marvel/news/stan-lee-marvel-superhero-inspiration/>

<https://stream.org/solzhenitsyn-mourned-bastille-day/>

# PEDRAZUL EDITORA, UMA HISTÓRIA QUE SE MISTURA AOS CLÁSSICOS!

A Pedrazul Editora foi criada em 2012. A história de início tem tudo a ver com os clássicos ingleses. Sua sócia fundadora, Chirlei Wandekoken, conversando agradavelmente em frente a uma lareira com algumas amigas numa noite fria nas montanhas capixabas de Domingos Martins-ES, região em que está situada a Pedra Azul, ou Pedra do Lagarto, falavam sobre as obras da autora Charlotte Brontë, na ocasião não lançadas no Brasil. Especialmente sobre os livros *Villette* e *Shirley*, que ela queria ler em bom português. Uma das amigas, Andréa Pirajá, na ocasião editora do principal jornal da capital capixaba, desafiou-a a montar uma editora, para lançar não somente as obras das Brontës, mas os autores que influenciaram o estilo de Jane Austen e demais autores da Era Vitoriana, obras jamais lançadas no Brasil. Um mês depois, o publicitário Eduardo Barbarioli convidou Wandekoken para abrirem uma editora em que seriam sócios Chirlei Wandekoken, ele, Andréa Pirajá e a jornalista Renata Wells. A ideia dele era outro tipo de editora, mas C. Wandekoken, apaixonada pelos clássicos, levou a editora para a direção em que fora desafiada, uma editora, cujo nicho seria os clássicos, especialmente os ingleses, mas também canadenses, americanos e outros. Acabou que as demais jornalistas não prosseguiram no projeto, e a editora foi criada, em 2012,

com três sócios: Chirlei Wandekoken, Eduardo Barbarioli e Júlio Cesar Wandekoken. Atualmente, Amanda Wandekoken também faz parte do quadro societário.

O primeiro clássico publicado foi *Villette*, de Charlotte Brontë, em 2014, e hoje já está na terceira edição. Depois veio *Shirley*, também de Brontë. Em seguida os autores que influenciaram Jane Austen, *Evelina*, de Frances Burney; *Pamela*, de Samuel Richardson etc. De lá até os dias atuais, a Pedrazul se consagrou como a editora dos clássicos ingleses no Brasil, publicando centenas de clássicos inéditos.

#### ALGUMAS OBRAS JÁ LANÇADAS PELA PEDRAZUL EDITORA OU EM VIA DE LANÇAMENTO

01. O Professor, de Charlotte Brontë
02. O Moinho à Beira do Rio Floss, de George Eliot
03. A Pobre Senhorita Finch, de Wilkie Collins
04. O Pecado de Lady Isabel, de Mrs. Henry Wood
05. Verão, de Edith Wharton
06. Um Romance na Sicília, de Ann Radcliffe
07. As Confissões do Sr. Harrison, de Elizabeth Gaskell
08. Hester, de Margaret Oliphant
09. Ruth, de Elizabeth Gaskell
10. Noite e Dia, de Virginia Woolf
11. A Dama e a Lei, de Wilkie Collins
12. Os Amores de Silvia, de Elizabeth Gaskell
13. Leonora, de Maria Edgeworth
14. Castelo Rackrent, de Maria Edgeworth
15. O Castelo Azul, de Lucy Maud Montgomery
16. Sob a Árvore Verdejante, de Thomas Hardy
17. Emmeline, de Charlotte Smith

18. A Formação de uma Marquesa & Os Métodos de Lady Walderhurst, de Frances Hodgson Burnett
19. Minha Lady Ludlow, de Elizabeth Gaskell
20. Os Filhos da Abadia, de Regina Maria Roche. Lidopor José de Alencar.
21. O Arqueiro, de Charlotte Brontë
22. Anne Hereford, de Mrs. Henry Wood
23. Abadia de Barford, de Susannah Minifie Gunning
24. O Segredo de Lady Audley, Mary Elizabeth Braddon
25. Arabella, A Mulher Quixote, de Charlotte Lennox
26. O Dinheiro de Minha Senhora, de Wilkie Collins
27. Lorna Doone, de R. D. Blackmore
28. Lavanda e Renda Velha, de Myrtle Reed
29. O Herdeiro de Redclyffe, de Charlotte M. Yonge
30. Apenas Patty, Jean Webster.
31. Amor em Excesso ou O inquérito Fatal, de Eliza Haywood
32. *Senhorita Billy*, de Eleanor Porter
33. Querido Inimigo, de Jean Webster
34. Papai Pernilongo (Sempre sua, Judy), de Jean Webster
35. Apenas Patty, de Jean Webster
36. Quando Patty foi para a Faculdade, de Jean Webster
37. O Segredo de uma Vida, de Mrs. Henry Wood
38. Senhorita Marjoribanks, de Margaret Oliphant
39. A Decisão de Miss Billy, de Eleanor Porter
40. Um Romance na Floresta, Ann Radcliffe
41. O Retorno do Soldado, Rebecca West
42. De Lark Rise para Candleford, de Flora Thompson
42. O Executor, Margaret Oliphant
43. A História da Senhorita Betsy Thoughtless, de Eliza Haywood
44. O Reitor, de Margaret Oliphant
45. A Andarilha, Frances Burney
46. A Busca de Emily, de Lucy Maud Montgomery
47. A Casa da Alegria, de Edith Wharton
48. A Inquilina de Wildfell Hall, de Anne Brontë

49. A Intrusa, Júlia Lopes de Almeida
50. A Irmã mais Nova, *Iniciado por Jane Austen como “Os Watsons” e terminado por sua sobrinha*, Catherine Anne Austen Hubback
51. A Mão de Ethelberta, de Thomas Hardy
52. A Mulher de Branco, de Wilkie Collins
53. A Pedra da Lua, de Wilkie Collins
54. A Pequena Dorrit, Charles Dickens
55. A Trajetória de Emily, de Lucy Maud Montgomery
56. A Velha Mansão, Charlotte Smith
57. A Vida de Charlotte Brontë, biografia, por Elizabeth Gaskell
58. Adam Bede, George Eliot
59. Amor e Orgulho, de Georges Ohnet
60. Anna das Cinco Cidades, de Arnold Bennett
61. Anne de Green Gables, de Lucy Maud Montgomery
62. Anne de Avonlea, de Lucy Maud Montgomery
63. Anne da Ilha, de Lucy Maud Montgomery
64. Anne de Windy Poplars, de Lucy Maud Montgomery
65. Anne das Casas dos Sonhos, de Lucy Maud Montgomery
66. Anne de Ingleside, de Lucy Maud Montgomery
67. O Vale do Arco-íris, de Lucy Maud Montgomery
68. Rilla de Ingleside, de Lucy Maud Montgomery
69. As Meias Irmãs, de Geraldine Endors Jewsbury
70. Belinda, de Maria Edgeworth
71. Camilla, de Frances Burney
72. Cecília, de Frances Burney (originou o título de Orgulho e Preconceito, de Austen)
73. Evelina, de Frances Burney (inspiração para Mr. Darcy de Orgulho e Preconceito, de Austen)
74. Cranford, de Elizabeth Gaskell
75. Dentro do Labirinto, de Mrs. Henry Wood. Tolstoy, em uma carta de 9 de março de 1872 a seu irmão mais velho, Sergei, observou que estava “lendo o maravilhoso romance da Sra. Wood, Dentro da Labirinto”.

76. Diana Tempest, de Mary Cholmondeley
77. Emily de Lua Nova, Lucy Maud Montgomery
78. Esposas e Filhas, de Elizabeth Gaskell
79. Feira das Vaidades, de Thackeray
80. Glória da Manhã, Lavirle Spencer - contemporâneo
81. Os Doces Anos, Lavirle Spencer - contemporâneo
82. Guisado Rubro, de Mary Cholmondeley
83. Kurt Seyt & Shura, de Nermin Bezmen
84. Kurt Seyt & Murka, de Nermin Bezmen
85. Shura, de Nermin Bezmen
86. Lady Anna, de Anthony Trollope
87. Lady Susan, de Jane Austen
88. Orgulho e Preconceito, de Jane Austen
89. Leonora, de Maria Edgeworth
90. Longe Deste Insensato Mundo, de Thomas Hardy
91. Tess, de Thomas Hardy
92. Margaret Hale, de Elizabeth Gaskell
93. Marianela, de Benito Pérez Galdós
94. Middlemarch, de George Eliot
95. Marion Fay, de Anthony Trollope
96. Pioneiros, de Willa Carther
97. Minha Antonia, de Willa Carther
98. Senhorita Mackenzie, de Anthony Trollope
99. Nosso Amigo em Comum, Charles Dickens
100. O Desabrochar de Rose, Louisa May Alcott
101. Oito Primos, de Louisa May Alcott
102. O Monge, de Matthew Gregory Lewis
103. O Prefeito de Casterbridge, de Thomas Hardy
104. O Retorno do Nativo, Tomas Hardy
105. O Retorno dos Blythes, Lucy Maud Montgomery
106. Os Castelos de Athlin e Dunbayne, de Ann Radcliffe
107. Pamela, Samuel Richadson
108. Pimpinela Escarlata, de Baronesa Orczy
109. Prima Phillis, Elizabeth Gaskell
110. Seis para Dezesesseis, de Juliana Horatia Ewing
111. Shirley, Charlotte Brontë

112. Villette, Charlotte Brontë
113. Uma Noite Escura, Elizabeth Gaskell
114. Você Pode Perdoá-la?, Anthony Trollope
115. Sem Nome (No Name), de Wilkie Collins

O clube de clássicos por assinatura foi criado em 2019 para reunir os amantes desse tipo de literatura em um só lugar. De lá para cá, os leitores começaram a ter acesso, com exclusividade, a obras inéditas, em belíssimas edições, a cada dois meses. A editora entrega, numa caixa personalizada com nomes de países ou lugares, que têm ligação com o autor ou com a trama, não somente um clássico, porém, dois; pois no lugar do brinde literário e editora optou por mais um livro; além dos marcadores personalizados que acompanham os kits. O Clube de Leitores Pedrazul ajudou a consagrar a editora que nasceu por causa dos clássicos.

# FICHA CATALOGRÁFICA

Copyright © 2024 by Pedrazul Editora Ltda.  
Todos os direitos reservados à Pedrazul Editora.  
Texto adaptado à nova ortografia da Língua Portuguesa,  
Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008.

Direção geral: Chirlei Wandekoken

Subeditor: Júlio Cesar Wandekoken

Direção de arte: Eduardo Barbarioli

Tradução: Ricardo Maciel

Revisão: Karol Abreu

Pintura das capas: Thomas Lawrence e Carl Frederik

Pintura da folha de rosto: Turner Joseph Mallord William

Comissão de capa: Amanda Rinaldi, Ana Claudia Sato; Frank González Del Rio; Leonardo Romano Martins; Rafaelle Schütz Kronbauer Vieira.

Agradecimento à Comissão de Edição: Ana Claudia Sato; Jéssica Larissa; João Mendes; Franciele da Silva de Oliveira; Ramiro Michelin e Silvia Cristiane de Paiva.

O064p Orczy, Baronesa , 1865-1947.

O pimpinela escarlate / Baronesa Orczy . – Vitória, ES, Pedrazul Editora, 2024.

Título original: The Scarlet Pimpernel

1. Literatura inglesa. 2. Ficção. 3. Realismo. I. Título, II. Maciel, Ricardo.  
CDD - 823

Reservados todos os direitos desta tradução e produção. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa da Pedrazul Editora, conforme Lei nº 9610 de 19/02/1998.

PEDRAZUL EDITORA

[www.pedrazuleditora.com.br](http://www.pedrazuleditora.com.br)

[contato@pedrazuleditora.com.br](mailto:contato@pedrazuleditora.com.br)

---

[1]. Durante a Revolução Francesa, muitas barricadas cercavam a cidade para impedir que os aristocratas - em sua maioria escondidos - escapassem de Paris. (N.T.)

[2]. A agora chamada *Place de l'Hôtel-de-Ville*, antiga *Place de Grève*, fica situada às margens do Rio Sena. (N.T.)

[3]. As Cruzadas foram expedições tanto religiosas quanto militares, que ocorreram entre os séculos XI e XIII, cujo principal objetivo era resgatar a Terra Santa, sob o domínio islâmico, para os Cristãos. O termo “cruzada” se refere à cruz que os cavaleiros usavam em suas roupas quando estavam em marcha da Europa até o Oriente. (N.T.)

[4]. Em francês, no original, significa “nobreza”. (N.T.)

[5]. O Comitê de Salvação Pública era um grupo da Convenção Nacional (regime político que vigorou na França entre 20 de setembro de 1792 e 26 de outubro de 1795), que serviu de governo provisório e gabinete de guerra durante o Reinado do Terror, uma das fases mais violentas da Revolução Francesa. Sua missão era a de proteger a nova república de seus inimigos estrangeiros e internos. Entre os membros, o jacobino radical Maximilien de Robespierre (ver nota 13) era um dos mais conhecidos, mesmo que não tivesse poderes ou privilégios especiais. (N.T.)

[6]. O conceito de “cidadão-soldado” baseia-se na noção de que os cidadãos têm a obrigação de se armar para defender suas comunidades ou nações de invasores estrangeiros e de tiranos nacionais. Nesse sentido, todos se tornam soldados. (N.T.)

[7]. Na França pós-revolucionária, a nobreza *ci-devant* era composta pelos nobres que se recusavam a fazer parte da nova ordem social ou a aceitar qualquer uma das mudanças políticas, culturais e sociais trazidas ao país após a Revolução Francesa. (N.T.)

[8]. A Torre do Templo era uma antiga fortaleza medieval, situada no 3º *arrondissement* de Paris, demolida em 1808. Tendo sido construída pela Ordem dos Templários a partir de 1240, foi convertida em uma prisão durante o reinado do Rei Luís IX. Ficou bastante famosa, pois foi o cárcere de Luís XVI e sua família entre 1792 e 1793. (N.T.)

[9]. Em francês, no original, significa “senhora guilhotina” ou “madame guilhotina”. (N.T.)

[10]. Luís XV e sua esposa, Maria Antonieta, eram da Casa Real de Bourbon, uma família nobre e uma importante casa real germânica, descendente dos francos. (N.T.)

[11]. Durante a revolução francesa, a palavra cidadão ou cidadã servia de chamamento, uma substituição de senhor, senhora, senhorita. (N.T.)

[12]. Antoine Quentin Fouquier de Tinville (1746-1795), apelidado postumamente de “Provedor da Guilhotina” por seus muitos condenados,

foi um advogado francês e promotor público do Tribunal Revolucionário durante a Revolução Francesa e o Reinado do Terror. (N.T.)

[13]. Maximilien François Marie Isidore de Robespierre (1758–1794) foi um advogado e estadista francês que se tornou uma das figuras mais conhecidas, influentes e controversas da Revolução Francesa. (N.T.)

[14]. Georges Jacques Danton (1759–1794) foi um advogado francês e uma figura importante na Revolução Francesa. (N.T.)

[15]. Pimpinela Escarlata é o apelido da flor da planta *Anagallis arvensis*, flor essa muito pequena e desejosa de sol. (N.T.)

[16]. O franco é a moeda de muitos países, entre os quais estavam, antes da introdução do euro, a França e a Bélgica. (N.T.)

[17]. Palavrão antigo, contração por *Par la mort de Dieu!*, ou seja, “pela morte de Deus!” Como essa frase era uma blasfêmia, foi transformada em *Morbleu!* Algo como acontece no inglês com *God* e *Gosh* (este último sendo uma forma de não usar o nome de Deus em vão). (N.T.)

[18]. A Revolução Francesa tratou logo de iniciar um processo de descristianização da França, adotando uma série de políticas que prezasse a laicidade. O objetivo ia desde a apropriação dos grandes latifúndios pelo Estado e das grandes quantias em poder da Igreja Católica Romana até o fim da prática religiosa cristã e da religião em si, iniciando com ataques à corrupção da Igreja e à riqueza do alto clero. Durante o Reinado do Terror, os episódios de anticlericalismo tornaram-se mais violentos do que qualquer outro na história da Europa moderna: as novas autoridades revolucionárias suprimiram a Igreja, nacionalizaram suas propriedades, aboliram a monarquia católica, exilaram trinta mil padres, mataram centenas mais e mudaram até o calendário. Esta edição conta com um ANEXO HISTÓRICO sobre “o nacionalismo radical e o socialismo inventado pela Revolução Francesa, com a inauguração do primeiro genocídio moderno, dirigido aos cristãos”. (N.T.)

[19]. Um *tumbrel* é um carrinho ou vagão de duas rodas, normalmente projetado para ser rebocado por um único cavalo ou boi. Seu uso original era para o trabalho agrícola, geralmente o transporte de estrume. Seu uso mais infame foi levar prisioneiros para a guilhotina durante a Revolução Francesa. (N.T.)

[20]. O Terror foi um período da Revolução Francesa, marcado pela perseguição religiosa e política, por guerras civis e dezenas de execuções na guilhotina. O país, naquele momento, estava sendo liderado pelos jacobinos,

por muitos considerados os mais radicais entre os revolucionários, tendo em Robespierre sua principal figura. (N.T.)

[21]. Aqui, muito provavelmente, a senhora está falando do carrasco, que era o funcionário que manejava a guilhotina. (N.T.)

[22]. Em francês, no original, é uma interjeição, literalmente “santo trovão”, que não tem nenhum significado exato, a não ser a demonstração de surpresa ou irritação, nesse caso. (N.T.)

[23]. Cidade do Reino Unido localizada no sudeste da Inglaterra, no condado de Kent (ver nota 70). Atualmente é o maior porto britânico do Canal da Mancha (ver nota 30). Antigamente, era aonde se chegava da França, vindo da cidade na outra margem, Calais. (N.T.)

[24]. As *coffee-rooms* eram algo muito comum na Inglaterra dos séculos XVII e XVIII, locais populares que serviam para que as pessoas se encontrassem, conversassem sobre ciência, política e comércio, o que lhes gerou o apelido de *penny universities*, ou seja, era um lugar em que se podia aprender muito com pouco dinheiro. As pessoas conversavam, fofocavam e divertiam-se enquanto aproveitavam a última moda que era essa bebida vinda da Turquia – o café. Dizem que o sabor do café nessa época era muito ruim, mas a cafeína contida nele e o “zumbido” que proporcionava revelaram-se bastante viciantes. A primeira cafeteria da Inglaterra foi inaugurada em Oxford, em 1652. Ao contrário dos bares, não eram servidas bebidas alcoólicas e as mulheres eram excluídas. Cada cafeteria tinha uma clientela específica, geralmente definida por ocupação, interesse ou atitude, como conservadores e whigs, comerciantes e mercadores, poetas e autores, e homens da moda e do lazer; nem todas eram tão intelectuais, sendo redutos de criminosos e cafetões. Em 1739, havia mais de 550 cafeterias em Londres. Com a nova moda do chá, no fim do século XVIII, a cafeteria caiu em desuso. Revividos na era vitoriana e administrados pelo Movimento da Temperança (movimento social contra o consumo de bebidas alcoólicas), as cafeterias foram criadas como alternativas aos bares, onde as classes trabalhadoras podiam se reunir e socializar. No caso de nossa estalagem aqui, a *coffee-room*, que chamaremos de cafeteria, mas também se aproxima de um refeitório, é uma sala um pouco mais reservada, que será usada por diversos personagens ao longo do livro. (N.T.)

[25]. *Lud* é uma corruptela de *Lord*, que significa “Senhor”, “Deus”, também criada para evitar o nome de Deus em vão. (N.T.)

[26]. Muito provavelmente, a autora está fazendo uma alusão a Charles II (1630-1685), rei da Inglaterra, Escócia e Irlanda, de 1660 a 1685. É possível, mas não provável, que ela esteja falando de Charles I (1600-1649), pai de Charles II, que reinou de 1625 a 1649. (N.T.)

[27]. John Bull é um personagem criado no início do século XVIII, pelo Dr. John Arbuthnot (1667-1735), médico e satírico de Londres, usado como símbolo ou representação de todo o Reino Unido, não sendo bem-visto como representante da Escócia ou País de Gales, onde é encarado como inglês e não britânico. (N.T.)

[28]. No original temos *lord, yeoman or peasant*. Um *lord* é alguém com muitas terras, que faz parte da nobreza; um *yeoman* é um proprietário rural, geralmente agricultor, com um pequeno lote de terra; e um *peasant* era um camponês sem terra nenhuma. (N.T.)

[29]. Um *churchwarden* é um cachimbo de tabaco com uma haste longa, podendo chegar até três metros de comprimento. Eram assim chamados, supostamente, em homenagem aos zeladores das igrejas que costumavam colocar a longa haste de seus cachimbos para fora das janelas para que pudessem fumar enquanto rezavam. (N.T.)

[30]. O Canal da Mancha é um braço de mar que faz parte do oceano Atlântico e que separa a ilha da Grã-Bretanha do norte da França e une o mar do Norte ao Atlântico. (N.T.)

[31]. A *Grand Tour* era uma tradicional viagem pela Europa, principalmente para jovens da aristocracia e nobreza, que marca a origem histórica do turismo como o entendemos hoje. (N.T.)

[32]. A palavra *Lunnon* é uma corruptela de *London*, ou seja, Londres, capital da Inglaterra. (N.T.)

[33]. Mr. Hempseed faz alusão às pragas do Êxodo. Na tradição judaico-cristã, as dez pragas do Egito foram dez calamidades que, de acordo com o livro do Êxodo, o Deus de Israel infligiu ao Egito para convencer o faraó a libertar os hebreus (ou israelitas), maltratados pela escravidão. O faraó aceitou essas condições de libertação após a décima praga, provocando o êxodo do povo hebreu, que seguiu pelo deserto a caminho da terra de Canaã. A décima praga era a morte de todos os primogênitos, desde animais até os servos, inclusive o filho do próprio faraó, fazendo com que ele concordasse com a saída do povo, arrependendo-se depois, mas sem sucesso. (N.T.)

[34]. Mr. Hempseed fala incorretamente. Para facilitar a leitura, corrigimos. (N.E.)

[35]. William Pitt, o Jovem (1759-1806), foi um estadista britânico, o mais jovem e último primeiro-ministro da Grã-Bretanha de 1783 até os Atos de União de 1800 e depois o primeiro-ministro do Reino Unido a partir de janeiro de 1801. Ele deixou o cargo em março de 1801, mas serviu como

primeiro-ministro novamente de 1804 até sua morte em 1806. Ele também foi Chanceler do Tesouro durante todo o seu tempo como primeiro-ministro. Ele é conhecido como “Pitt, o Jovem” para distingui-lo de seu pai, William Pitt, primeiro conde de Chatham, que já havia servido como primeiro-ministro e é referido como “William Pitt, o Velho”. O mandato de Pitt como primeiro-ministro, que ocorreu durante o reinado do Rei George III, foi dominado por grandes eventos políticos na Europa, incluindo a Revolução Francesa e as Guerras Napoleônicas. (N.T.)

[36]. Charles James Fox (1749–1806) foi um proeminente estadista britânico, cuja carreira parlamentar durou 38 anos no final do século XVIII e início do século XIX. Era o arquirrival do político conservador William Pitt, o Jovem. (N.T.)

[37]. Edmund Burke (1729–1797) foi um estadista e filósofo anglo-irlandês que passou a maior parte de sua carreira na Grã-Bretanha, defensor da sustentação das virtudes com os costumes na sociedade e da importância das instituições religiosas para a estabilidade moral e o bem do Estado. (N.T.)

[38]. Antes do século XIX, a expressão “comedores de sapos” referia-se aos holandeses (já que eram estereotipados como habitantes de pântanos). Quando a França se tornou o principal inimigo da Grã-Bretanha, substituindo os holandeses, o epíteto foi transferido para eles, devido à tendência francesa de comer pernas de rã. (N.T.)

[39]. Mr. Hempseed faz uma releitura de I Coríntios 10:12 a 13: “Assim, aquele que considera estar de pé, cuide-se para que não caia! Não sobreveio a vocês tentação que não fosse comum aos homens. Mas Deus é fiel; ele não permitirá que vocês sejam tentados além do que podem suportar”. (N.T.)

[40]. Maria Luísa Teresa de Saboia, mais conhecida como princesa de Lamballe (1749–1792), foi amiga e confidente da rainha Maria Antonieta da França. Nascida como uma princesa italiana da Casa de Saboia, casou-se em 1767 com o francês Luís Alexandre de Bourbon, príncipe de Lamballe. (N.T.)

[41]. Exeter é a principal cidade do condado de Devonshire, que fica por volta de 400 quilômetros de Dover e 320 quilômetros de Londres. (N.T.)

[42]. George III (1738–1820) foi rei da Grã-Bretanha e da Irlanda de 1760 até sua morte em 1820. Os Atos de União de 1800 unificaram a Grã-Bretanha e a Irlanda no Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda, com George como rei. Ele foi simultaneamente duque e príncipe-eleitor de Hanôver, no Sacro Império Romano, antes de se tornar rei de Hanôver em 12 de outubro de

1814. Ele era um monarca da Casa de Hanôver que, ao contrário de seus dois antecessores, nasceu na Grã-Bretanha, falava inglês como sua primeira língua e nunca visitou Hanôver. (N.T.)

[43]. No original, temos *skipper*, que é um capitão (às vezes também servindo como timoneiro ou motorista), a pessoa que comanda um barco, embarcação ou rebocador. No mar, ou em lagos e rios, o capitão tem o comando de toda a tripulação, podendo ou não ser o proprietário do barco. (N.T.)

[44]. Em francês, no original, significa “senhores”. (N.T.)

[45]. Em francês, no original, significa “senhorita”. (N.T.)

[46]. “A qualidade” era a forma irônica como os mais pobres tratavam os mais ricos e, principalmente, os nobres. (N.T.)

[47]. Em francês, no original, significa “senhor”. (N.T.)

[48]. Em francês, no original, significa “o conde”. (N.T.)

[49]. O tribunal revolucionário/do terror/popular foi uma corte instituída em Paris pela Convenção Nacional durante a Revolução Francesa para os julgamentos de políticos infratores, tornando-se um dos mais potentes motores do Terror. (N.T.)

[50]. *Lanterne* é uma palavra francesa que designa uma lanterna ou poste de luz. O slogan *À la lanterne!* ganhou significado especial durante a fase inicial da Revolução Francesa, pois os postes serviam de instrumento para que multidões realizassem linchamentos e execuções improvisados nas ruas de Paris, quando, por vezes, o povo enforcava funcionários e aristocratas nesses mesmos postes. (N.T.)

[51]. A *Comédie-Française* ou *Théâtre-Français* é uma instituição cultural francesa fundada em 1680. (N.T.)

[52]. Em francês, no original, significa “sangue-frio”. (N.T.)

[53]. Em francês, no original, significa “suspeita”. (N.T.)

[54]. O arenque é conhecido como fonte alimentar desde 3000 a.C. Há diferentes modos de se servir esse peixe, além de uma infinidade de receitas regionais. (N.T.)

[55]. Em francês, no original, significa “Deus”. (N.T.)

[56]. Em francês, no original, significa “Por Deus”. (N.T.)

[57]. O fichu era uma espécie de abrigo, de tecido leve e formato triangular, com que as mulheres cobriam a cabeça, o pescoço, os ombros e o decote. (N.T.)

[58]. Em francês, no original, significa “estreia”. (N.T.)

[59]. A Rue de Richelieu, durante a primeira metade do século XIX, era uma das ruas mais elegantes da cidade. (N.T.)

[60]. Em francês, no original, significam “Noite de contrato” e “Jantar de noivado”. (N.T.)

[61]. A palavra “imbecil” é aqui usada como “aquela que tem nível mental levemente abaixo da idade cronológica a que pertence”. (N.T.)

[62]. Almack era o nome de um grupo de estabelecimentos e clubes sociais de Londres entre os séculos XVIII e XX. (N.T.)

[63]. Pall Mall é uma rua na área de St. James’s na Westminster, no centro de Londres. O nome da rua é derivado de pall-mall, jogo de bola ali praticado durante o século XVII, que, por sua vez, é derivado do italiano *pallamaglio*, literalmente “bola-marreta”. A área foi construída durante o reinado de Charles II com residências elegantes em Londres. É conhecida pelas lojas de alta classe do século XVIII até o presente e pelos clubes de cavalheiros do século XIX. (N.T.)

[64]. Em francês, no original, significa “festas”. (N.T.)

[65]. Richmond é uma cidade no sudoeste de Londres e fica às margens do rio Tâmesa, possuindo muitos parques e espaços abertos. (N.T.)

[66]. Em francês, no original, significa “boa natureza”. (N.T.)

[67]. Em francês, no original, significa “incrível” e era um estilo dândi do fim do século XVIII. (N.T.)

[68]. A renda *mechlin*, ou *Point de Malines*, é uma antiga renda de bilro, usada principalmente durante o verão, é fina e transparente. (N.T.)

[69]. No original, temos *Odd’s Fish*, que literalmente significa “peixe de Odd”, ou, talvez, “peixe estranho”. Novamente aqui se usa de contrações para evitar o nome de Deus em vão. Originalmente, essa expressão seria

*By God's face*, ou seja, “pelo rosto de Deus”. Como estamos vendo ao longo do livro, muitas dessas expressões eram comuns na época em que se passa a história, sendo algumas delas usadas até hoje. (N.T.)

[70]. Kent é um condado situado no sudeste da Inglaterra, próximo de Londres, com capital em Maidstone. (N.T.)

[71]. O Almirantado do Reino Unido era o departamento governamental responsável pela Marinha Real Britânica, que existiu até 1964. (N.T.)

[72]. Margot é um apelido carinhoso para Marguerite. (N.T.)

[73]. A Batalha de Bosworth Field foi a última e a mais importante batalha da Guerra das Rosas, a guerra civil entre a Casa de Lencastre e a Casa de Iorque, que se estendeu por toda a Inglaterra no final da segunda metade do século XV. Ocorrida no dia 22 de agosto de 1485, a batalha foi vencida pelos Lencastres. (N.T.)

[74]. A Casa de Stuart é uma família nobre, de origem bretã, com origem no século XI, que deteve o trono da Escócia e depois a coroa da Inglaterra, até 1714. (N.T.)

[75]. A Igreja Anglicana de São Roque fica na vila de Pendomer, no condado de Somerset, Inglaterra, e foi construída no século XIV. (N.T.)

[76]. Leopoldo II (1747–1792) foi o Imperador Romano-Germânico, Arquiduque da Áustria e Rei da Hungria, Croácia e Boêmia de 1790 até sua morte, além de Grão-Duque da Toscana, entre 1765 e 1790. Durante seu reinado, conseguiu com violência sufocar rebeliões nos territórios húngaros e belgas, firmou o Tratado de Sistova, em 1791, acordado com os turcos, e fez um acordo (Declaração de Pillnitz) com Frederico Guilherme II da Prússia, em uma aliança contra os franceses revolucionários, já que a Rainha Maria Antonieta era sua irmã. Casou-se com Maria Luísa da Espanha, filha de Carlos III da Espanha. (N.T.)

[77]. Em francês, no original, significa “estou entediada, meu amigo”. (N.T.)

[78]. O rapé é o tabaco em pó que serve para cheirar. É extraído das folhas de tabaco moídas e torradas. Cheirar rapé era um hábito um tanto contraditório, visto como chique, mas também como um vício. Era vendido em caixinhas feitas com diferentes materiais, por vezes nobres como prata, ouro ou parecidas com caixinhas de fósforo. (N.T.)

[79]. Em francês, no original, significa “emigrados”. (N.T.)

[80]. Jean-Paul Marat (1743–1793) foi um médico, filósofo, teorista político e cientista francês, muito conhecido como um jornalista radical e político da Revolução Francesa. Defendia a perseguição de grupos políticos mais moderados, acusando-os de conspiração contra a revolução, o que fez com que seu nome caísse nas graças do povo, tornando-o uma figura de destaque, junto a Danton e de Robespierre. É o responsável por cunhar a expressão “inimigo do povo”. (N.T.)

[81]. Calais é uma cidade do norte da França, localizada no departamento de *Pas-de-Calais*, por volta de 300 quilômetros de Paris. (N.T.)

[82]. O *Covent Garden* fica no *West End*, principal área de entretenimento e teatro de Londres. Lá, pode-se encontrar lojas de grife, artesanato e a Royal Opera House. (N.T.)

[83]. *Orfeo ed Euridice* é uma ópera composta por Christoph Willibald Ritter von Gluck (1714–1787), um compositor alemão do início do período clássico, baseada no mito de Orfeu e com libreto do poeta Ranieri de' Calzabigi (1714–1795). Pertence ao gênero da *azione teatrale*, ou seja, uma ópera sobre um tema mitológico com coros e danças. É a primeira vez que o autor tenta reformar as óperas, substituindo enredos obscuros e a música excessivamente complexa de outras produções por uma “nobre simplicidade”, tanto na música quanto no drama. É a mais popular das obras do autor e uma das mais influentes óperas alemãs. (N.T.)

[84]. Anna (or Ann) Selina Storace (1765–1817), conhecida profissionalmente como Nancy Storace, foi uma cantora de ópera inglesa. O papel de Susanna, de *A Noite de Fígaro*, do compositor austríaco (1756–1791), Wolfgang Amadeus Mozart, foi escrito para ela, sendo a primeira atriz a desempenhá-lo. (N.T.)

[85]. Uma ária, no sentido estrito, é qualquer composição musical escrita para um cantor solista, quase como uma canção. Geralmente (mas não necessariamente) usa-se o termo “ária” quando esta está contida em uma obra maior, ou seja, uma ópera, uma cantata ou um oratório, sendo a canção uma peça avulsa. (N.T.)

[86]. Charles Benjamin Incedon (1763–1826) foi um tenor inglês, um dos principais cantores de seu tempo, especialmente importante para o teatro musical e baladas. (N.T.)

[87]. Em francês, no original, significa “juventude dourada”. (N.T.)

[88]. *Che Farò (senza Euridice)* é a ária mais importante do terceiro ato de *Orfeo ed Euridice*. (N.T.)

[89]. Uma *prima donna* é a cantora encarregada do papel principal de uma ópera. (N.T.)

[90]. Pequeno chapéu de três pontas, usado por cavalheiros em roupa de gala no século XVIII, que podia ser dobrado e carregado debaixo do braço, como faz o personagem. (N.T.)

[91]. Em francês, no original, significa “adeus”. (N.T.)

[92]. Um jabô é um acessório de vestuário decorativo que consiste em uma renda ou outro tecido preso ao pescoço, suspenso ou preso a uma gola, ou colar. Sua forma atual evoluiu dos babados que decoravam a frente de uma camisa no século XVIII. Sua função é similar à de uma gravata. (N.T.)

[93]. Alegre dança de origem francesa, muito popular na corte de Luís XIV e depois pela Europa nos séculos XVII e XVIII. (N.T.)

[94]. *Monseigneur* é um título honorífico da Igreja Católica Romana. (N.T.)

[95]. No original, temos a palavra *doggerel*, que é uma poesia irregular no ritmo e na rima, muitas vezes, deliberadamente, para efeito burlesco ou cômico. Por vezes também pode significar versos que têm um ritmo monótono, rimas fáceis e significado barato ou trivial. (N.T.)

[96]. Tribos que habitavam (entre 1200 a.C. e 500 d.C.) em regiões que se estendiam da Península Ibérica e Ilhas Britânicas até a Ásia Menor. Eles mesmos não se chamavam de celtas, essa denominação veio depois. (N.T.)

[97]. Em francês, no original, significa uma “conversa particular entre duas pessoas, conversa íntima”. (N.T.)

[98]. Em francês, no original, significa “um lugar onde as mulheres se arrumavam e se trocavam”, “camarim”, “quarto”, um lugar íntimo. (N.T.)

[99]. A gavota é uma dança popular de origem francesa dos séculos XVII e XVIII. Esa dança parece ter se originado no Delfinado, uma das antigas províncias, cuja capital é a cidade de Grenoble. Era muito popular na corte dos reis Luís XV e Luís XVI. O ritmo da gavota se baseia em um compasso de quatro tempos bem-marcados, começando no terceiro tempo do compasso. (N.T.)

[100]. Em francês, no original, significa “permissão”, “autorização”. (N.T.)

[101]. Sheraton é um estilo de mobiliário inglês neoclássico do final do século XVIII, cunhado por colecionadores e revendedores do século XIX

para dar crédito ao designer de móveis Thomas Sheraton, cujos livros *The Cabinet Dictionary* (1803) sobre gravação de padrões e *The Cabinet Maker's & Upholsterer's Drawing Book* (1791) sobre padrões de móveis exemplificam esse estilo. (N.T.)

[102]. O *ormolu* é uma técnica de douramento, com a aplicação de um amálgama de ouro e mercúrio de alto quilate finamente moído com um objeto de bronze e para objetos com esse tipo de acabamento. O mercúrio é expelido no forno, deixando um revestimento de ouro. Usada para decoração de móveis, relógios, porcelanas e luminárias, essa técnica foi proibida em 1830 por razões de saúde, apesar de ter continuado até 1900. (N.T.)

[103]. A pessoa com transtorno de personalidade histriônica exige ser o centro das atenções, por vezes vestindo-se de maneira extravagante ou agindo fora dos conformes. (N.T.)

[104]. Em francês, no original, significa “carta de amor”. (N.T.)

[105]. No original, temos *water-party*, literalmente uma festa na água, um evento social em um barco com pausas para ver os jardins. Talvez a festa aquática mais famosa tenha sido quando George Frideric Handel foi contratado por George I para compor *Water Music* “para acompanhar uma vasta festa aquática organizada pela corte na noite de 17 e 18 de julho de 1717”. Segundo o jornal *Daily Courant*, o rio Tâmisa ficou praticamente coberto de barcos para este evento, tornando-o possivelmente a maior festa aquática de todas. As festas na água eram uma das muitas “atividades da alta sociedade”. (N.T.)

[106]. Em francês, no original, significa “nobreza”. (N.T.)

[107]. Em francês, no original, significa “culinária”. (N.T.)

[108]. Um Ministro de Gabinete, no Reino Unido, faz parte de um pequeno grupo das pessoas mais importantes no governo, que aconselham o primeiro-ministro e tomam decisões importantes. (N.T.)

[109]. Os anjos registradores aparecem no judaísmo, no cristianismo e no islamismo. São designados por Deus com a tarefa de registrar os eventos, ações e orações de cada ser humano, incluindo seus pecados graves e suas boas ações. (N.T.)

[110]. Em alemão, no original, significa “senhor”. (N.T.)

[111]. Em francês, no original, significa “gato cinza”. (N.T.)

[112]. Indivíduos que são bons apreciadores e entendedores de boas mesas, de bons vinhos e que se regalam com isso. (N.T.)

[113]. Em francês, no original, significa “apelido”. (N.T.)

[114]. Zibelina ou a Marta-Zibelina é a denominação comum dado aos mamíferos mustelídeos do gênero *Martes*. São carnívoros e têm o pelo muito apreciado para roupas e, exatamente por isso, hoje são consideradas raras de tanto que foram caçadas. (N.T.)

[115]. Em francês, no original, significa “despedidas”. (N.T.)

[116]. A Casa de Tudor foi uma casa real inglesa de origem galesa, descendente dos Tudor de Penmynydd, que é uma vila e comunidade em Anglesey, no País de Gales. Os monarcas Tudor governaram o Reino da Inglaterra e seus reinos, incluindo seu país de Gales ancestral e o senhorio da Irlanda (que viria a se tornar o Reino da Irlanda) de 1485 a 1603, com cinco monarcas naquele período: Henrique VII, Henrique VIII, Edward VI, Mary I e Elizabeth I. Os Tudors sucederam à Casa de Plantageneta como governantes do Reino da Inglaterra e foram sucedidos pela Casa de Stuart. (N.T.)

[117]. O período elisabetano é associado ao reinado da Rainha Elizabeth I, da Inglaterra, que foi de 1558 a 1603. (N.T.)

[118]. Cidade francesa por volta de 70 quilômetros de Paris. (N.T.)

[119]. Distrito na região de Londres, famoso por abrigar o Observatório Real de Greenwich, a partir do qual é definido o Meridiano de Greenwich. (N.T.)

[120]. Barba Azul é o personagem principal de um famoso conto infantil sobre um nobre violento e sua esposa curiosa. Escrito por Charles Perrault e publicado pela primeira vez em 1697, Barba Azul era um conde muito rico e também assustador, pois era muito feio e tinha uma horrível barba azul. Ele já se tinha casado seis vezes, sem que ninguém soubesse o que havia acontecido com as esposas, já que ninguém mais as havia visto. Quando o conde visitou um de seus vizinhos e pediu para se casar com uma de suas filhas, a família ficou apavorada, mas o conde acabou por convencer a filha caçula, que foi viver em seu castelo. Um tempo depois, Barba Azul avisou que iria viajar e entregou todas as chaves da casa para sua esposa, incluindo a de um pequeno quarto que ela estava proibida de entrar. No entanto, logo que ele se ausentou, a mulher começou a sofrer de grande curiosidade sobre o quarto proibido. Após alguns dias pensando no que havia lá, a mulher resolveu bisbilhotar e descobriu o macabro segredo do marido: o chão do quarto estava todo sujo de sangue e os corpos das ex-esposas pendurados em ganchos na parede. Apavorada, ela

trancou a porta, mas, antes disso, derrubou a chave no chão, manchando-a. Ela tentou remover a mancha de todos os jeitos, mas sem sucesso. Quando Barba Azul retornou, ele percebeu imediatamente o que sua esposa tinha feito. Cego de raiva, ele a ameaçou, mas ela conseguiu escapar e pedir ajuda pela janela. Seus irmãos e seu pai, que passavam por lá por coincidência, ouviram os gritos, derrubaram a porta do castelo, mataram o nobre enlouquecido e salvaram a irmã. Ela ficou com a fortuna do marido e, depois de dar uma parte para a família, guardou o dinheiro restante, até se casar com um cavaleiro que lhe fez esquecer do suplício que passara. (N.T.)

[121]. Área onde exercícios de equitação e corridas de cavalos ou de bigas são realizados. (N.T.)

[122]. François Boucher (1703–1770) foi um pintor francês, talvez o maior artista decorativo do chamado “setecento europeu”. Embora tenha vivido em um século dominado pelo Barroco, Boucher ia além desse estilo e identificava-se mais com o Rococó, estilo muitas vezes alvo de apreciações estéticas pejorativas. (N.T.)

[123]. Conhecida também pelos nomes “figueira-doida” ou “figueira-do-faraó”, o sicômoro é uma espécie de figueira de raízes profundas e ramos fortes, que produz figos de baixa qualidade, há muitos séculos cultivada no Oriente Médio e em partes da África. (N.T.)

[124]. Um sinete ou, nesse caso, um anel de sinete, é um utensílio que tem uma assinatura, monograma ou divisa gravada em alto ou baixo-relevo e que se usa para imprimir em lacre, cera, papel etc. O sinete apresenta uma decoração central incisa, gravada diretamente na moldura do anel ou em uma pedra preciosa plana. (N.T.)

[125]. Em francês, no original, significa “querida”. (N.T.)

[126]. Charing Cross é a junção de três ruas: Strand, Whitehall e Cockspur Street, em Westminster. É frequentemente considerada o verdadeiro centro de Londres e usada como marco referencial, a partir da qual todas as distâncias da cidade são medidas. (N.T.)

[127]. Cidade mercantil no condado de Kent, por volta de 80 quilômetros de Londres. (N.T.)

[128]. Tipo de transporte carregado por dois ou quatro homens, com a ajuda de correias de couro suspensas aos ombros, utilizando dois varais amovíveis, encaixados em suportes metálicos fixos lateralmente. (N. E.)

[129]. Cidade localizada no noroeste do condado de Kent, na margem sul do rio Tâmis, por volta de 45 quilômetros de Londres. (N.T.)

[130]. É o símbolo mais antigo e mais prolífico da Revolução Francesa, usado por aqueles que apoiavam a causa, feito com fitas azuis, vermelhas e brancas. (N.T.)

[131]. Em francês, no original, significa “malditos aristocratas”. (N.T.)

[132]. Em francês, no original, significa “malditos ingleses”. (N.T.)

[133]. Em francês, no original, significa “burgueses”. (N.T.)

[134]. O *Cap Gris-Nez* (que significa “cabo do nariz cinzento”) fica em *Côte d’Opale*, no departamento francês de *Pas-de-Calais*. É o ponto do território francês mais próximo da Grã-Bretanha, estando a 34 quilômetros em linha reta das falésias brancas de Dover. Servia (e ainda serve) de mirante para ver as centenas de navios que atravessavam o Canal da Mancha (ver nota 30). (N.T.)

[135]. Em francês, no original, significa “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, lema máximo da Revolução Francesa. (N.T.)

[136]. Em francês, no original, significa “papel”. (N.T.)

[137]. Em francês, no original, significa “vamos ver, seus aristocratas!”. (N.T.)

[138]. Em francês, no original, significa algo como “aí está” ou “é isso”, nesse caso, serviu para encerrar a conversa. (N.T.)

[139]. Em francês, no original, significa “maldito sultão”. (N.T.)

[140]. Em francês, no original, significa “padre”. (N.T.)

[141]. Indivíduo cuja função é ocupar-se de todos os afazeres de outro ou de outros. (N.T.)

[142]. Dante Alighieri (1265–1321) foi um escritor, poeta e político florentino, nascido no que hoje é a Itália. Conhecido por ser o maior poeta da língua italiana, é o criador do livro *A Divina Comédia*, livro em que a passagem a que a autora alude. (N.T.)

[143]. *God Save the King* é o hino nacional britânico, tendo função semelhante também nos países correspondentes aos Reinos da

Comunidade de Nações, além das dependências e territórios britânicos ultramarinos. Seu autor é desconhecido, mas cogita-se que ele tenha sido escrito pelo compositor, músico e organista inglês John Bull (1562-1628), em 1619. (N.T.)

[144]. Cidade no norte da França, a 226 quilômetros de Paris. (N.T.)

[145]. Em francês, no original, significa “abade”. Obviamente, Blakeney ironizava Chauvelin. (N.E.)

[146]. Piccadilly é uma das principais ruas do centro de Londres, indo do Hyde Park Corner até o Piccadilly Circus. (N.T.)

[147]. Em francês, no original, significa “afável”. (N.T.)

[148]. Uma *gabardine* é um vestido ou manto longo e solto com mangas largas, usado por homens no final da Idade Média e no século XVI. (N.T.)

[149]. Belial significa “inútil” ou “sem valor”, do hebraico *beliya'al*, transmitindo a ideia de algo maligno, indigno e imprestável, “sem proveito”. A palavra Belial é usada costumeiramente no Antigo Testamento para designar os ímpios, porém seu significado exato deve ser determinado com base no contexto em que aparece, podendo significar “doença maligna”, “morte”, “torrentes de destruição”, “ondas de perdição”, “iniquidade”, “homem perverso”, “homem mau” ou “homem iníquo”. (N.E.)

[150]. Belzebu é uma divindade nas mitologias filisteia e cananea, anteriormente adorado em Ekron, e, mais tarde, adotado por algumas religiões abraâmicas como um grande demônio. (N.T.)

[151]. *Hors de combat* é um termo francês usado nas leis da guerra para se referir a pessoas que são incapazes de desempenhar suas funções de combate durante as batalhas. (N.T.)

[152]. Em francês, no original, significa “grande final”. (N.T.)

[153]. Moisés, segundo a Bíblia, foi um descendente dos hebreus que, obediente a Deus, teria libertado seu povo do cativeiro no Egito e liderado uma longa peregrinação até a terra de Canaã. (N.E.)

[154]. Os amalequitas eram um povo que aparece frequentemente na Bíblia confrontando os israelitas. Habitavam o deserto ao sul de Canaã, mas viviam em um regime nômade. (N.T.)

[155]. O Reino de Hades era chamado de a “terra dos mortos” na mitologia grega, o local para onde a alma das pessoas ia após a morte. (N.T.)

[156]. Anátema era, na Grécia Antiga, uma oferenda posta no templo de uma deidade, constituída inicialmente por fruta ou animais e, posteriormente, por armas, estátuas etc. Seu objetivo era agradecer por uma vitória ou outro evento favorável. (N.T.)

[157]. *O Cego e o Coxo* é uma fábula que conta como dois indivíduos colaboram um com o outro para superar suas respectivas deficiências. (N.T.)

[158]. A palavra “galera”, ou “galé”, pode, em geral, designar qualquer tipo de navio movido a remos. Existem variações com mastros e velas para auxiliar a propulsão. (N.T.)

[159]. O conceito democídio foi cunhado por Rudolph Joseph Rummel, cientista político norte-americano. Definido no capítulo 2 do livro *Death by Government*, democídio é um assassinato perpetrado pelo governo, em atos de extermínio sistemáticos e comandados por oficiais agindo sob a autoridade de um governo central. (N.E.)

[160]. Denis Diderot (1713–1784) foi um filósofo e escritor francês notável durante o iluminismo. (N.E.)